VELHOS VERMELHOS

História e memória dos dirigentes comunistas no Paraná

Vice-Reitora em Exercício
Márcia Helena Mendonça

Diretora da Editora UFPR
Serlei Maria Fischer Ranzi

Conselho Editorial
Alexander Welker Biondo
Carlos Alberto Ubirajara Gontarski
Ida Chapaval Pimentel
José Borges Neto
Luiz Edson Fachin
Maria de Fatima Mantovani
Maria Rita de Assis Cesar
Mario Antonio Navarro da Silva
Quintino Dalmolin
Sergio Luiz Meister Berleze
Sylvio Fausto Gil Filho
Ulf Gregor Baranow

VELHOS VERMELHOS

História e memória dos dirigentes comunistas no Paraná

Adriano Codato e Marcio Kieller
(organizadores)

ENTREVISTAS

Chaim Israel Jugend
Espedito Oliveira da Rocha
Hermógenes Lazier
Hugo Mendonça Sant'ana
Iraci Soares de Oliveira
Izaurino Gomes Patriota
Milton Ivan Heller
Nelson Torres Galvão
Odílio Cunha Malheiros Jr.
Wilson Previde

Editora UFPR

© Adriano Codato e Marcio Kieller

VELHOS VERMELHOS

História e memória dos dirigentes comunistas no Paraná

Coordenação Editorial
Daniele Soares Carneiro

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Simone Rodrigues Mansilla

Revisão
Luciana Lübke de Jesus
Vanessa Carneiro Rodrigues
Maria Cristina Perigo

Capa
Milena Codato
Imagem da Capa: Fragmento de poster russo, 1920, autor desconhecido
(Museu Central Estatal da História Contemporânea Russa)

Série Pesquisa, n. 135
Ref. 508

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Central
Coordenação de Processos Técnicos
Ficha Catalográfica

Velhos vermelhos / Adriano Codato e Marcio Kieller (organizadores). –
Curitiba : Ed. UFPR, 2008.
299p.: il., retrs. - (Pesquisa; n. 135)

ISBN 9788573352146

Inclui notas bibliográficas
Entrevistas: Chaim Israel Jugend, Espedito Oliveira da Rocha, Hermógenes Lazier, Hugo Mendonça Sant'ana, Iraci Soares de Oliveira, Izaurino Gomes Patriota, Milton Ivan Heller, Nelson Torres Galvão, Odílio Cunha Malheiros Jr., Wilson Previde

1. Comunismo – Paraná. 2. Comunistas - Entrevistas. I. Codato, Adriano Nervo. II. Kieller, Marcio. III. Série.

CDD 320.532098162

Andrea Carolina Grohs CRB 9/1.384

ISBN 978-85-7335-214-6

Direitos desta edição Reservados à
Editora UFPR
Rua João Negrão, 280 - Centro
Caixa Postal: 17309
Tel (41) 3360-7489 / 3360-7486
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br
2008

A organização dos partidos repousa essencialmente em práticas e hábitos não-escritos; ela se conserva quase inteiramente costumeira. Os estatutos e os regimentos internos jamais descrevem mais que uma pequena parte da realidade, quando descrevem a realidade: porque eles são raramente aplicados de forma precisa. Por outro lado, a vida dos partidos cerca-se intencionalmente de mistério: não se pode obter facilmente deles os ensinamentos precisos, mesmo elementares. Encontramo-nos aqui num sistema jurídico primitivo, onde as leis e os rituais são secretos, onde os iniciados os escondem ferozmente da vista dos profanos. Apenas os velhos militantes do partido conhecem bem as convoluções de sua organização e as sutilezas das intrigas que aí se entrelaçam. Mas eles raramente possuem um espírito científico que lhes permita conservar a objetividade necessária; e eles não falam espontaneamente.

Maurice Duverger, Os partidos políticos (1951).

Mas não falemos dos fatos. Eles já não interessam a ninguém. São meros pontos de partida para a invenção e para o raciocínio.

Jorge Luis Borges, Utopia de um homem que está cansado (1975).

Sumário

Prefácio (João Quartim de Moraes).....9
Lista de siglas e abreviaturas.....13
Introdução: estudos de elites, uma nota metodológica.....15
Adriano Codato

Parte I

Capítulo 1: A elite dos comunistas e sua história no Paraná.....27
Márcio Kieller / Adriano Codato
Capítulo 2:
Mulheres comunistas no Paraná: experiências e militância nas décadas de 40 e 50.....61
Viviane Maria Zeni

Parte II

Entrevistas
1. **Milton Ivan Heller:** visão crítica sobre o partido.....87
2. **Espedito Oliveira da Rocha:** uma questão de classe.....111
3. **Wilson Previde:** engajamento sindical e história.....135
4. **Hermógenes Lazier:** o jornal do partido, a Tribuna do Povo.....157
5. **Odílio Cunha Malheiros Jr.:** a história da revolta do sudoeste.....177
6. **Iraci Soares de Oliveira:** romantismo e militância nos anos 1950.....189
7. **Chaim Israel Jugend:** a comunidade judaica e o PCB.....199
8. **Nelson Torres Galvão:** o mito do ouro de Moscou.....211
9. **Hugo Mendonça Santana:** o "cara do jornal".....223
10. **Izaurino Gomes Patriota:** o PCB e a mensagem de esperança.....233
Posfácio (Dainis Karepovs).....247

Cronologia Política
Paraná (1945-1965)....253
Brasil (1945-1964)....259
Mundo (1945-1964)....265
Álbum fotográfico:
Imagens do Fundo DOPS do Arquivo Público do Paraná....269
Roteiro: questões para os dirigentes do Partido Comunista do Brasil no Paraná....297

Prefácio

A despeito de faltar um estudo pormenorizado, sistematizado e abrangente da bibliografia sobre o comunismo no Brasil (o mais completo que conhecemos está em *The Brazilian Communist Party* de Ronald Chicote, que data de 1974), não é arriscado dizer que suas dimensões são bastante razoáveis. Se nela incluirmos, além de livros e artigos, as muitas teses defendidas pelo Brasil afora, chegaremos a um acervo considerável, mesmo se adotarmos um critério estrito de classificação, considerando tão somente as obras consagradas exclusiva ou principalmente ao tema.

Boa parte dessa bibliografia compõe-se de escritos produzidos pelos próprios comunistas. Nenhum outro movimento político confere maior importância aos fundamentos teóricos de sua ação. Já em agosto de 1924, pouco mais de dois anos depois da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), Octávio Brandão, escondendo-se da polícia de Artur Bernardes, havia composto o essencial de *Agrarismo e industrialismo*, primeira tentativa de explicação marxista da sociedade brasileira. O texto circulou em cópias datilografadas, servindo de subsídio para as teses que Astrojildo Pereira apresentou no II Congresso do PCB (maio de 1925). Em décadas posteriores, ampliando e aprofundando essa iniciativa pioneira, intelectuais comunistas de reconhecida estatura desenvolveram interpretações marxistas da evolução econômica e política brasileira que constituem marcos teóricos decisivos para a compreensão de nossa história.

Compreensivelmente, entretanto, tiveram maior impacto no grande público as obras biográficas e os relatos das muitas lutas que os comunistas travaram e dos trágicos episódios de que foram protagonistas. Décadas de perseguição policial (no mais das vezes acompanhadas das mais torpes e odiosas atrocidades) e de contínua intoxicação mental (há sempre um sicofanta de plantão para tripudiar, por exemplo, a respeito do que a direita chama a "Intentona" de 1935, repetindo mentiras grosseiras a respeito desse trágico episódio) não lograram turvar a imagem de abnegação e heroísmo associada à trajetória do PCB nos períodos mais sombrios de nossa história. Com o fim do "sufoco" ditatorial, eclodiu vasta produção literária, consagrada principalmente à luta contra a ditadura militar, mas evocando também combates de outras gerações: a vida curta, bela e trágica de Olga Benário inspirou um livro e depois um filme de muito sucesso. Até a muito manipulada televisão apresentou vários programas sobre a vida e as lutas de Luís Carlos Prestes.

Velhos vermelhos inscreve-se nessa longa, vasta e multiforme produção cultural apresentando dez entrevistas consagradas à história e à memória dos dirigentes comunistas no Paraná entre 1945 e 1964, conforme esclarece o subtítulo do livro. É de se esperar, dos depoimentos de participantes e protagonistas de um longo combate revolucionário, narrativas penetrantes e comentários esclarecedores. Essa expectativa é largamente satisfeita, mas o livro oferece mais. Os entrevistados são convidados a responder a um bloco de questões, das quais as básicas são retomadas em cada entrevista. Outras variam em função das características da trajetória política de cada qual. O recurso ao questionário, indispensável para aferir com objetividade os traços comuns e as singularidades diferenciais que caracterizam a *experiência* da militância, é feito com inteligência não somente na escolha e formulação das questões, mas também na liberdade deixada aos entrevistados de desenvolver espontaneamente as respostas. O resultado, enfatizado pelos títulos de capítulos que os editores colocaram no topo de cada entrevista, destacando-lhe pontos fortes, aspectos originais, episódios marcantes, é um documento histórico de qualidade que oferece retratos sem retoques do que significou ser comunista durante o regime instaurado pelo golpe militar que depôs Getúlio Vargas em 1945 e derrubado pela contra-revolução de 1964.

As entrevistas têm por cenário o Paraná, mas cumprem, em suas circunstâncias de tempo e lugar, o estupendo preceito dialético que Tolstoi formulou em seu próprio século e em sua Rússia natal: "se queres ser universal, pinta tua aldeia". As idéias gerais, em si mesmas, são vazias de conteúdo. Não são, pois, efetivamente universais. É indo ao fundo das próprias circunstâncias, embrenhando-se na espessa trama dos fatos, que podemos conferir uma dimensão universal ao aqui e agora. Tomemos o exemplo da corrupção, sempre atual entre nós. Enquanto idéia geral, ela é muito utilizada pela retórica moralista, que divide os cidadãos em honestos e corruptos, sem analisar as condições sociais que geram a imoralidade pública. Ater-se a essa generalidade, porém, banaliza a questão: são tantos os corruptos! Não é essa a atitude dos velhos vermelhos. Um deles mostra como se concretizou a abominável trapaça por meio da qual o então governador Moyses Lupion, por meio de uma fictícia "dação em pagamento", fez passar, para o nome de uma empresa de fachada da qual ele e um comparsa, um certo José Houp, eram sócios, as chamadas glebas do rio Piquiri, propriedade do estado do Paraná. Essas glebas eram, porém, habitadas e cultivadas há muito tempo por posseiros, que já se haviam mobilizado para obter sua titulação. Lupion fez como se eles não existissem. Criou um cartório a seu serviço e começou a vender títulos de participação. Quando os incautos compradores perceberam que o peculiar empreendimento só existia no papel, foram aconselhados a ressarcir-se "revendendo" aos posseiros as terras que esses, a justo título, consideravam suas. Alguns aceitaram pagar pelo que já era deles; outros resistiram e foram cruelmente atacados pelos jagunços a soldo de Lupion. Na defesa dos camponeses esbulhados, o PCB paranaense honrou seu compromisso com a causa do povo.

A importância decisiva que o movimento comunista, em escala internacional, sempre conferiu à função de organizador coletivo exercida pela imprensa partidária inspira-se no célebre *Que fazer?* de Lênin. Não se pode levar a sério um partido que pretenda mudar o mundo sem sequer dispor de meios próprios de propaganda (legais ou clandestinos). Formados na escola revolucionária do leninismo, praticamente todos os entrevistados enfatizaram o esforço para manter presente e atuante a palavra do Partido, através das dificuldades materiais (não por acaso o tema principal de uma das entrevistas é o mito do "ouro de Moscou") e da constante perseguição policial.

Vale enfatizar, enfim, que *Velhos vermelhos* oferece, num texto ágil, muito bem editado, que mantém aceso o interesse da leitura, não somente importantes subsídios para a história das lutas sociais e do combate revolucionário no Paraná, mas, principalmente, um auto-retrato verídico da militância comunista na singularidade de suas circunstâncias concretas e na universalidade de seu projeto político.

João Quartim de Moraes

Professor Titular de Filosofia Política da
Universidade Estadual de Campinas.

São Paulo, março de 2007.

Lista de siglas e abreviaturas

AI-2	Ato Institucional n. 2
AI-5	Ato Institucional n. 5
AP	Ação Popular
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BB	Banco do Brasil
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
CITLA	Clevelândia Industrial Territorial Ltda.
CMTC	Companhia Municipal de Transportes Coletivos
CNOP	Comitê Nacional de Organização Provisória
CONTAG	Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura
CONTEC	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito
COPEL	Companhia Paranaense de Energia Elétrica
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CTN	Companhia Telefônica Nacional
DANC	Diretório Acadêmico Nilo Cairo
DOPS/DEOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAPB	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
IBC	Instituto Brasileiro do Café
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPM	Inquérito Policial-Militar
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PCB	Partido Comunista Brasileiro

PCBR	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDC	Partido Democrata Cristão
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPS	Partido Popular Socialista
PRP	Partido da Representação Popular
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUA	Pacto de Unidade e Ação
RVPSC	Rede de Viação Paraná-Santa Catarina
SESI	Serviço Social da Indústria
SNI	Serviço Nacional de Informações
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UJC	União de Jovens Comunistas
UNE	União Nacional dos Estudantes
UPE	União Paranaense dos Estudantes
UPES	União Paranaense de Estudantes Secundaristas
URBS	Urbanização de Curitiba S/A
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Introdução:

estudos de elites, uma nota metodológica

Adriano Codato

> "De fato, todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como 'caso particular do possível', conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis".
>
> Pierre Bourdieu, Espaço social e espaço simbólico, 1989[1].

Por que estudar elites políticas, incluindo aí as elites partidárias?

Estudos de elites em geral (elites sociais, econômicas etc.) revelam certos aspectos da estratificação social e da dinâmica política de uma dada comunidade, associando o poder (sua posse, sua prática) às *propriedades socioprofissionais* (procedência de classe, formação ideológica, ocupação profissional, treinamento escolar, experiência política, especialidade técnica etc.) daqueles que estão autorizados a exercê-lo. É possível postular, ao menos como ponto de partida para sua demonstração, a existência de uma relação de mão dupla entre as características pessoais da elite e as características institucionais do sistema político – aí incluídos o Estado e seus aparelhos, o regime e suas regras e a própria fórmula política em vigor (a "ideologia dominante"). O mesmo vale para as conexões entre grupos de elite e organizações partidárias, um tópico clássico da Sociologia Política pelo menos desde o trabalho fundamental de Robert Michels (*Os partidos políticos*:

[1] BOURDIEU, P. *Razões práticas:* sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996. p. 15.

ensaio sobre as tendências oligárquicas das democracias, de 1914)[2]. Há uma afinidade importante entre o tipo de partido, sua posição no gradiente ideológico, o tipo de interesse que defende e a origem social dos seus dirigentes[3].

Mas o que o estudo de elites políticas pode *explicar*?

John Scott argumenta que pode explicar, em primeiro lugar, a própria elite que se dispôs a estudar. A insatisfação ou o ceticismo dos críticos diante dessa empreitada aparentemente trivial "mostra que se subestima a importância da abordagem descritiva nas ciências sociais". Mal comparando, da mesma maneira que a "descrição detalhada dos bichos em seu *habitat* natural fornece elementos pertinentes e preciosos, pré-requisitos indispensáveis à elaboração de teorias gerais sobre a evolução das espécies, a 'história natural' das elites traz também lições sobre as sociedades" nas quais estão inseridas. Essas informações e ensinamentos, que são, como se vê, um ganho em si mesmo, devem então, *num segundo momento*, "servir de base" para a preparação de ou a reflexão sobre "modelos gerais" de interpretação, que tanto podem esclarecer o andamento de diferentes processos de "desenvolvimento políticos e econômicos"[4] (isto é, processos históricos de transformação social), quanto cursos de ação específicos (opções institucionais, decisões políticas etc.). Esse é o argumento de José Murilo de Carvalho. Conforme sua suposição, a diferença essencial no processo de evolução política entre a América portuguesa e a América espanhola após as independências nacionais (unidade territorial no primeiro caso contra fragmentação no segundo; estabilidade contra instabilidade; monarquia contra república etc.) foi resultado de "decisões políticas, escolhas entre alternativas". Ele sugere que se "busque possível explicação no estudo daqueles que as tomaram, isto é, na elite política"[5].

O caminho oposto também é válido. Como observaram Bennett e George, a reconstituição de processos históricos bem particulares em Ciência Política – por exemplo, a estrutura, as funções políticas, as bases econômicas, o estilo de

---

[2] Cito o título em sua versão francesa. Ver MICHELS, Robert. *Les partis politiques*. Essai sur les tendances oligarchiques des démocraties. Paris: Flammarion, 1971. (Os interessados devem ler o imprescindível prefácio de René Rémond).

[3] Ver, no caso, RODRIGUES, Leôncio Martins. *Mudanças na classe política brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2006.

[4] SCOTT, John. Les élites dans la sociologie anglo-saxonne. In: SULEIMAN, Ezra; MENDRAS, Henri (Dirs.). *Le recrutement des élites en Europe*. Paris: La Découverte, 1997. p. 9. (grifos meus)

[5] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Relume-Dumará, 1997. p. 16.

vida e as atitudes e valores das elites políticas de Amsterdã e Veneza no século XVII[6] – deve "não apenas elucidar casos específicos, mas também testar e refinar teorias [sociais] para desenvolver novas teorias [sociais], e para produzir *conhecimento geral* a partir de um dado fenômeno"[7].

A relação entre classes dirigentes e processos históricos é bastante produtiva. Os contextos históricos desempenham um papel essencial não como "pano de fundo" para as análises de elite, mas como o meio no qual eventos, agentes e processos estão, de maneira inelutável, inseridos. A notificação dos fatos de um período determinado não é acessória, e tanto a *configuração* de uma determinada elite (seus perfis sociais, seus atributos políticos, seus padrões de carreira e seus tipos de recrutamento) quanto sua *transformação* e a transformação dessas mesmas variáveis ao longo do tempo permitem estimar a direção das mudanças sociais mais amplas, a natureza de determinado "desenvolvimento político" e o caráter das ideologias políticas subjacentes a elas. Um bom exemplo são os estudos comparados sobre processos de mudança política como as transições dos regimes ditatorial-militares para os regimes democrático-liberais na América Latina no fim do século XX ou as análises feitas a respeito da metamorfose social, política, econômica e ideológica dos países do Leste Europeu mais ou menos na mesma época. Como Robert D. Putnam indicou, estudos de elites funcionam "como uma espécie de sismógrafo para detectar mudanças políticas mais profundas"[8].

As fontes

As entrevistas biográficas que compõem este livro pretendem ser uma fonte particularmente útil para a sociografia das lideranças dos comunistas no Brasil no pós-Guerra. Visto que este não é um livro de homenagem nem de celebração, o que uma documentação como essa pode dizer de *sociologicamente* relevante?

Através da *história social pessoal* e do *itinerário político e profissional* dos dirigen-

[6] Como é o caso do livro de BURKE, Peter. *Venice and Amsterdam:* a Study of 17th Century Elites. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 1994.

[7] BENNETT, Andrew; GEORGE, Alexander L. Case Studies and Process Tracing in History and Political Science: Similar Strokes for Different Foci. In: COLIN, Elman; FENDIUS, Elman Miriam (Eds.). *Bridges and Boundaries:* Historians, Political Scientists, and the Study of International Relations. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 148. (grifos meus)

[8] PUTNAM, Robert D. *The Comparative Study of Political Elites.* Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976. p. 43.

tes partidários (ou desses dirigentes partidários, mais especificamente) é possível, por exemplo, acessar os *determinantes sociais* da carreira de militante político numa organização de esquerda; as *condições de entrada* no profissionalismo político num partido semiclandestino; as *regras de manutenção* da direção de uma organização política importante (e politicamente improvável nesse contexto histórico); a *lógica de ocupação* dos postos políticos; os *mecanismos de ajustamento* das disposições sociais e individuais às regras do universo comunista; os *processos de investimento* subjetivo na instituição e de investimento objetivo da instituição nos agentes; o *trabalho de manipulação* simbólica da identidade social desses políticos da revolução social; a *construção da imagem* de representante como um espelho fiel dos representados e assim por diante[9]. Da mesma maneira, é possível, ao deslocar o foco do indivíduo para o sistema de relações históricas no qual ele está inserido, tomar suas posições, decisões, explicações e avaliações como manifestação concreta de uma lógica social específica. Elas, aliás, podem fornecer uma base importante para o estudo de atitudes, valores e crenças políticas do grupo e da própria época. Marc Bloch não preveniu os historiadores que "o vocabulário dos documentos não é, a seu modo, nada mais que um testemunho"? Seja para o registro oral, seja para o registro escrito, "cada termo importante, cada figura de estilo característica, torna-se um verdadeiro instrumento de conhecimento, bastando ser confrontado uma única vez com seu ambiente"[10].

A inflação da história oral nos últimos anos, com todos os seus problemas de confiabilidade e método, é uma novidade positiva para a historiografia e para a sociologia, especialmente quando se trata de reconstruir a trajetória de movimentos sociais populares, a organização de partidos anti-sistema, o papel de líderes políticos *outsiders* etc. Freqüentemente, ou não existem registros escritos para várias das informações decisivas nesses terrenos, ou, se existem, podem ter sido produzidos a partir de um viés muito parcial (tome-se o caso dos registros da polícia política como exemplo); ou ainda, os registros escritos que há, podem não ser adequados para uma investigação que precise servir-se diretamente de relatos pessoais: por exemplo, estudos sobre visões sociais de mundo. Mesmo os *partis-pris*, os julgamentos explícitos ou a produção, através da narrativa, de uma imagem de si ou do grupo edificantes, como ocorre quando se ambiciona arru-

[9] Ver PUDAL, Bernard. Les dirigeants comunistes: du "fils du peuple" a "l'instituteur des masses". *Actes de la recherche em sciences sociales*, n. 71-72, p. 46-70, mars 1988.

[10] BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O oficio do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 142.

mar e ordenar os fatos e contá-los em causa própria, são evidências *em si* a serem levadas em conta pelo pesquisador.

Os depoimentos da cúpula do Partido Comunista do Paraná aqui reunidos contêm, cada um a seu modo, não apenas uma exposição íntima de si, mas uma *interpretação pessoal* sobre a história do PCB no Brasil e no estado entre os anos 1940 e 1960. Os entrevistados falam quase sempre do ponto de vista dos ativistas, mas possuem uma visão mais geral, que é a visão privilegiada do dirigente político. Graças a ela os testemunhos não perdem sua dimensão heróica (ou trágica) e ganham no "conhecimento da máquina", das suas lutas e oposições internas e externas, das eficiências e deficiências (ou impotências) da organização.

Possivelmente a maior dificuldade das reminiscências pessoais como fonte para a reconstituição histórica não seja nem a qualidade mágica do dado que acompanha uma "revelação", uma informação de primeira mão, uma notícia "secreta" transmitida como confidência, nem o engano simétrico, que vê no documento escrito e no arquivo oficial o *nec plus ultra* da atividade de pesquisa científica[11]. Nesse último caso, o que E. H. Carr definiu muito apropriadamente como o fetichismo pela documentação[12], a tentação de supervalorizar a "racionalidade e a transparência dos registros escritos" trai a fé que "os documentos encerram, em si próprios, toda a realidade. Essa idéia [...] pressupõe que a história já está toda feita, escondida ou esquecida nalgum porão em pilhas bem arrumadas. Ao pesquisador [...] cabe apenas descobri-la, ou melhor, reencontrá-la"[13]. A maior dificuldade deriva daquilo que Pierre Bourdieu chamou de "ilusão biográfica".

As autobiografias e os livros de memórias – gênero diferente de registro dos depoimentos de "participantes diretos", de "observadores privilegiados", mas que podem ser incluídos na mesma categoria de *história de vida* – padecem do mesmo defeito, aparentemente insuperável: supor que uma vida constitui um conjunto compacto e coerente, alinhavado por um projeto, pessoal ou político, e que é permitido, ao biógrafo ou ao biografado, firmar nexos causais, encontrar razões ocultas e desvendar as verdadeiras intenções de tais ou quais posturas,

---

[11] Fábio Wanderley Reis observa, não sem alguma maldade, que sempre se pode tropeçar no arquivo do IPES. Ver O tabelão e a lupa: teoria, método generalizante e idiografia no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 16, p. 29, jun. 1991.

[12] CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 51-53.

[13] ALENCASTRO, Luiz Felipe. "Não sabem dizer coisa certa". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 16, p. 64, jun. 1991.

imprimindo uma coerência artificial onde ela não pode existir senão *a posteriori*.

O "discurso sobre si" é, em geral, "produção de si", e *o antídoto* para a "apresentação oficial de si", e para a confiança nessa representação como história objetiva, *é a predisposição* do leitor ou do analista (historiógrafo, cientista social) *de levar em conta*, *necessariamente*, *a matriz das relações sociais objetivas e suas transformações históricas na qual uma vida* – suas propriedades e poderes, atributos e atribuições – *sempre está encerrada*[14]. Essa precaução é tão mais útil quando se prevê desde logo os julgamentos retrospectivos sobre "erros" e "acertos" que um observador, que tem o privilégio do tempo decorrido, só pode fazer *post festum*.

O LIVRO

Reunimos aqui depoimentos de dez dirigentes do PCB que ocuparam postos de responsabilidade política no Paraná entre 1945 e 1964. Dividimos o livro em duas partes, além dessa nota metodológica. A primeira contém dois capítulos para situar o leitor no universo político e ideológico que as entrevistas recriam. A segunda parte traz as entrevistas dos dirigentes da seção "sul" do Partido Comunista no Paraná. Um outro livro como este poderia ser realizado com os dirigentes do Partido no norte do estado. Havia dois comitês distritais do PCB (possivelmente um caso único no Brasil) que funcionavam independentemente um do outro. O comitê de Curitiba estava mais ligado aos comunistas de Santa Catarina e o comitê sediado em Londrina, ao Partido em São Paulo.

O primeiro capítulo ("A elite dos comunistas e sua história no Paraná") é um resumo bem escolar da história política do PCB dos anos 1920 aos anos 1960. O leitor razoavelmente informado sobre a esquerda brasileira pode saltá-lo sem nenhum prejuízo. Sua utilidade maior é informar como o Partido no Paraná acompanhou fielmente o andamento da dinâmica nacional, suas viradas ideológicas, sua força e fraqueza como organização. O segundo capítulo ("Mulheres comunistas no Paraná: experiências e militância nas décadas de 40 e 50") é um estudo mais analítico sobre a presença feminina na organização. Viviane Zeni centra sua atenção nos processos de construção de identidade, tema ainda pouco explorado pela Sociologia Política brasileira.

Foi acrescentado a cada depoimento um razoável aparato crítico. As notas

[14] BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas:* sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996. p. 80-82.

de rodapé servem para situar melhor o leitor não especialista na história e na política da IV República, explicar os nomes próprios mencionados e certos acontecimentos internacionais. Algumas notas estão repetidas (aquelas que contêm as informações contextuais mais importantes). Isso permite ler as entrevistas em qualquer ordem. Os títulos que estipulamos dão um resumo do assunto principal tratado pelo dirigente, sempre sob sua óptica.

Em cada entrevista há uma curta nota biográfica. Ela deve funcionar como um indicador mínimo da trajetória social, cultural e política do dirigente. Destacamos seis variáveis básicas e usualmente presentes em perfis de elites: local e data de nascimento; escolaridade; carreira profissional paralela à atividade no Partido; formação como militante e carreira sindical e partidária.

Não há aqui, entretanto, uma *interpretação* das informações trazidas pelas entrevistas, mas apenas algumas indicações mais evidentes das conexões entre opiniões pessoais e acontecimentos históricos. Deixamos a primeira tarefa a cargo do leitor. Este livro pode ser lido, assim, como um livro de consulta para a *formulação de hipóteses* ou como uma plataforma para a preparação de pesquisas futuras.

Os critérios

Para definir quem fazia parte da elite partidária no estado adotamos o critério "posicional", e não o critério "reputacional" (prestígio ou reconhecimento no meio político) ou o critério decisional (participação efetiva no processo decisório da organização)[15]. A base de constituição desse grupo está na razão direta dos recursos institucionais – *posições* – que seus membros controlam. Esse procedimento, simples, mas eficaz, consiste em identificar as posições formais de mando numa comunidade ou organização (cargos, postos, funções); em seguida, discriminar os ocupantes dessas posições – a "elite", enfim[16]. Essas posições envolvem aqui os seguintes cargos: o *Presidente do Partido* Comunista no estado,

[15] Sobre as três maneiras de definir quem faz parte da elite política, ver DAHL, Robert A. A Critique of the Ruling Elite Model. *American Political Science Review*, n. 52, p. 463-469, june 1958.

[16] Conforme a observação clássica de Wright Mills, "o poder não pertence a um homem. A riqueza não se centraliza na pessoa do rico. A celebridade não é inerente a qualquer personalidade. Ser célebre, ser rico, ter poder, exige o acesso às principais instituições, *pois as posições institucionais determinam em grande parte as oportunidades de ter e conservar essas experiências a que se atribui tanto valor*". MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 19. (grifos meus)

o Secretário-Geral ou *Secretário Político*, o *Secretário de Organização*, o *Secretário de Massas Eleitorais*, o *Secretário Sindical*, o *Secretário de Finanças* (ou Tesoureiro) e o *Secretário de Divulgação*, que são os postos políticos mais importantes da Comissão Executiva da Direção Estadual do PCB. Os depoimentos mostraram ainda que o cargo de Secretário de Divulgação (que posteriormente se chamaria Secretário de Agitação e Propaganda) geralmente era ocupado pelo diretor do jornal do Partido no estado, a *Tribuna do Povo*[17]. Incluímos ainda a função de *Dirigente de Célula* dado seu caráter estratégico na ligação entre a cúpula e as bases do Partido.

O MÉTODO

As entrevistas dos dirigentes comunistas do Paraná foram editadas. Conservaram-se, sem exceção, todas as informações relevantes que recolhemos, mas o depoimento perdeu um pouco de seu tom oral em certas passagens e o estilo excessivamente coloquial que caracterizaria uma conversa. Esse procedimento foi necessário por três razões.

Algumas inquirições foram executadas em duas sessões, algumas razoavelmente longas. Havia, portanto, muitas repetições e também muitas digressões: os entrevistados dificilmente se atinham somente às nossas questões. O entrevistador deveria perguntar sobre os pontos específicos que nos interessavam, mais particularmente *sua história no PCB/PC do B e a história do PCB/PC do B no Paraná nos anos 1940, 1950 e 1960*. Era apenas isso que desejávamos conhecer. Nem sempre a memória dos entrevistados era precisa e algumas vezes eles partiam do que fora perguntado para refletir sobre a política em geral e o comunismo em geral. As passagens pertinentes foram, todavia, mantidas. Por fim, muitos dirigentes (até pelo hábito e por interesse) fizeram questão de analisar a política brasileira contemporânea, a situação das organizações de esquerda e o quadro partidário atual, o que não era o assunto deste livro. Aqui também o que estava ligado direta ou indiretamente à pergunta inicial não foi suprimido, mas rearranjado. As entrevistas integrais podem ser consultadas nos arquivos do Núcleo de Pesquisa em Sociologia Política Brasileira da Universidade Federal do Paraná.

[17] O restante dos dirigentes que compunham a Direção Estadual do PCB no Paraná somente participava das reuniões quando eram chamados os "plenos ampliados" da Direção Estadual. Os "plenos" eram reuniões deliberativas do Comitê Estadual do Partido. Contavam com a participação dos dirigentes partidários que a Executiva estadual considerasse importantes.

Buscou-se também, num segundo momento, ordenar as respostas de acordo com o roteiro original e não segundo o andamento do encontro. A conversa continha muitas trocas de turno entre o entrevistado e o entrevistador, pedidos de esclarecimento ou solicitações para que ele se aprofundasse num tema que poderia ser mais rentável em função da posição ocupada no aparelho partidário. Esse recurso tornou o ritmo do livro um tanto repetitivo, mas a vantagem é que se pode comparar as visões e as posições individuais sobre um mesmo assunto. Dentro do possível e conforme os imprevistos de uma pesquisa real, procuramos ficar dentro dos parâmetros básicos que os guias de investigação social estipulam.

O questionário

Foi elaborado um questionário padrão não para ser apresentado aos dirigentes ("aplicado"), mas para orientar e estruturar a conversa conforme o método diretivo direto, o que garantiu uma razoável flexibilidade no tratamento do rol de assuntos definidos de antemão (ver o instrumento no final deste livro). Escolhemos fazer entrevistas semi-estruturadas com questões nem muito amplas, que dessem margem para que o respondente articulasse livremente suas recordações, nem totalmente fechadas.

Nossas razões para construir um instrumento de pesquisa assim são praticamente as mesmas alegadas por Joel Aberbach e Bert Rockman. Refletindo sobre seus próprios estudos a respeito de valores, atitudes e crenças da elite parlamentar e político-administrativa dos EUA e as decisões metodológicas que tomaram[18], eles projetaram um questionário aberto com base em três critérios: *i*) o grau de conhecimento prévio sobre o assunto (quanto mais informações, maior a chance de propor questões fechadas); *ii*) a possibilidade de dar ao entrevistado a chance de organizar as respostas conforme seus próprios padrões e percepções de sua atividade, posição, relações (o que aumenta a validez das respostas); e *iii*) a receptividade dos entrevistados: elites, eles notam, não gostam de ser encaixadas em categorias muito justas, já que preferem explicar porque pensam o que pensam[19].

[18] Ver ABERBACH, Joel D.; PUTNAM, Robert D.; ROCKMAN, Bert A. *Bureaucrats and Politicians in Western Democracies*. Cambridge: Harvard University Press, 1981; ABERBACH, Joel D.; ROCKMAN, Bert A. *In the Web of Politics*: Three Decades of the U.S. Federal Executive. Washington, DC: The Brooking Press, 2000.

[19] ABERBACH, Joel D.; ROCKMAN, Bert. Conducting and Coding Elite Interviews. *PS: Political Science & Politics*, v. 35, n. 4, dec. 2002.

O questionário estava dividido em dois grandes blocos: um sobre a elite partidária, outro sobre a instituição partidária. O primeiro diz respeito à *trajetória política dos dirigentes* do Partido Comunista no Paraná. O propósito das perguntas desse bloco era estabelecer o *cursus honorum* desses agentes na organização, seus itinerários políticos prévios, suas posições na burocracia partidária, o sentido da trajetória (ascendente, descendente), o tipo de recurso que controlavam, as facções às quais se aliaram depois da divisão política da grande organização etc.

O segundo bloco foi pensado como um meio para estudar *a estrutura e a ação da agremiação partidária* no Paraná. Sobre o PCB estadual interessava a nós três pontos: *i*) *a história do Partido* (origens históricas, eventos ligados à sua formação, os seus principais quadros desde o início até 1964); *ii*) *o Partido na História* local (suas plataformas específicas, sua relação com outras agremiações, suas estratégias de atuação; e *iii*) *a organização político-administrativa*, o modo de funcionamento e a atuação efetiva do Partido Comunista no Paraná (o papel de dirigentes, diretórios e militantes, os mecanismos de intervenção e controle do Comitê Central sobre a organização local, sua relação com sindicatos e movimentos sociais, o desempenho político dos eleitos e sua ação na clandestinidade, o financiamento da máquina e a imprensa partidária).

Como o conhecimento nessa área (elites políticas/partidárias) no Brasil não é extenso, sendo menos freqüente ainda um *corpus* de informações sobre dirigentes de partidos de esquerda e lideranças populares, as conversas foram essencialmente prospectivas. Não havia uma hipótese a refutar, um ponto de vista para confirmar (sobre o partido ou sobre seus dirigentes), nem se buscavam peças avulsas para completar um quebra-cabeça. As indagações sobre o PCB-PR e as possibilidades de comparação com outras seções regionais dos comunistas em outros contextos podem começar daqui.

* * *

O projeto original e o planejamento da pesquisa ficaram a meu critério. Meu colega Marcio Kieller realizou as entrevistas, Gabriela de Azevedo Leão Rego, Gustavo Lacerda, Viviane Zeni e eu mesmo fizemos a revisão e a edição dos depoimentos. O álbum fotográfico foi obra de Marcio Kieller e na redação de parte das notas históricas e biográficas fui auxiliado por Lucas Massimo. Walter Guandalini Jr. compilou a cronologia política.

Parte I

Capítulo 1:

A elite dos comunistas e sua história no Paraná

Márcio Kieller e Adriano Codato

Para Ferreira Gullar, não se pode contar a história da República sem falar do Partido Comunista Brasileiro[1]. Talvez porque o PCB foi uma das poucas agremiações, se não a única, que desenvolveu, com relativo sucesso, o modelo de *estrutura-nacional-com-direção-verticalizada*. Antes e depois de 1945 só existiram partidos tradicionais e que se limitavam a ser a expressão de forças políticas de regiões determinadas do País. Em contrapartida, essa verticalização do Partido Comunista – e, principalmente, a abrangência de suas bandeiras e o caráter *nacional* das suas lutas – pode ter colaborado para a pouca produção literária (estudos acadêmicos, memórias, relatos) sobre o PCB nos diversos estados brasileiros. As seções estaduais, de modo geral, eram vistas como coadjuvantes na atividade do Partido, apesar de terem cumprido tarefas específicas e ocupado espaço importante na vida política dos seus estados e de alguns municípios com a "redemocratização" no pós-1945.

O Partido Comunista tem uma trajetória conturbada. Desde 1922, ano de seu nascimento, até 1985, ano de sua legalização definitiva, ele não chegou a atuar nem quatro anos como uma organização reconhecida, lembrou Gildo M. Brandão. Na maior parte do tempo na clandestinidade, a perseguição a seus dirigentes foi intensa, principalmente entre 1935 (ano do Levante Comunista de novembro) e 1943 (após da Conferência da Mantiqueira), e entre 1964 (ano do golpe político-

[1] Veja o final do poema em homenagem ao PCB: "o PCB não se tornou o maior partido do Ocidente/ nem mesmo do Brasil/mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis/tem que falar dele/Ou estará mentindo".

militar) e 1985. Por outro lado, no grande período que vai de 1947 a 1964, o PCB manteve-se em uma "semiclandestinidade"[2], sem o direito à atuação legal e aberta, mas conservando, na prática, várias de suas estruturas (comitê central, comitês estaduais, células locais), seu parque gráfico, além de diversas publicações que foram ininterruptamente editadas até 31 de março de 1964.

Do nosso ponto de vista, é importante enfatizar, nesse contexto, a atuação partidária *estadual*, especialmente quando se considera que os dirigentes e militantes comunistas, mesmo seguindo uma política nacionalmente orientada (o "centralismo democrático"), sempre se encontraram envolvidos também com problemas locais. As questões políticas internas de um partido no nível regional é outro ponto relevante, já que seus quadros procuraram lidar com os grandes temas de seus estados, intervindo e participando ativamente da vida local. O Partido, regionalmente, possuía uma série de "estruturas intermediárias" que discutiam, e na maior parte do tempo seguiam estritamente, mas procuravam também dar uma cor peculiar aos temas deliberados pelo Comitê Central.

Este capítulo quer situar o leitor diante dos acontecimentos chave da política paranaense do pós-guerra e sublinhar a atuação do PCB-PR nas conjunturas críticas ao longo do período que se abre em 1945 e termina bruscamente em 1964.

A história da esquerda brasileira é particularmente complicada. Como agremiação nacional, o Partido conheceu várias mudanças de rumo e ritmo, traçou estratégias políticas diferentes, buscou aliados em muitos campos, rompeu posteriormente com eles e esgrimiu um vocabulário ideológico heterogêneo. Mencionamos neste capítulo essas idas e vindas a fim de esboçar o quadro mais amplo no interior do qual o PCB do Paraná atuava e frente ao qual devia posicionar-se e responder politicamente. Não é, note bem, uma história completa da agremiação no nível nacional/regional, nem pretende avançar nenhuma descoberta historiográfica. É um resumo didático da vida partidária, dos seus documentos e resoluções, das cisões internas e das suas opiniões frente aos governos "populistas". Na parte referente à história regional os fatos são menos conhecidos, assim como são pouco conhecidos os juízos dos dirigentes do PCB-PR sobre eles, suas

[2] O tema da semiclandestinidade ou semilegalidade do Partido Comunista foi desenvolvido por Gildo Marçal Brandão. Segundo ele, o PCB beneficiou-se dessa situação para usufruir de um *status* revolucionário, conforme as orientações do Comintern, principalmente a partir da década de 1950, quando a Guerra Fria ganhou contornos mais acentuados. Ver BRANDÃO, Gildo Marçal. *Esquerda positiva:* as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997.

convicções políticas e as ações práticas daí resultantes. Ordenamos os acontecimentos, recontamos sua história e destacamos as lutas sociais mais importantes nas quais se envolveram os dirigentes comunistas do Paraná. Julgamos que essa é a forma mais útil de localizar aqueles que não são especialistas em história regional ou na história da esquerda brasileira.

1. Atividades comunistas no Paraná: 1930-1945

O PCB se constituiu como Partido em 25 de março 1922 sob a sigla PC-SBIC (Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional Comunista) na esteira da luta dos líderes bolcheviques dos trabalhadores e dos camponeses que, ao alcançarem o poder na Rússia em 1917, difundiram um espírito de combate e transformação por todo o mundo. No Brasil, isso se traduziu inicialmente em uniões de comunistas que eram, ao todo, de apenas 73 pessoas de diversos estados. Essas uniões eram apoiadas pela III Internacional, sob a liderança de Lênin e da União Soviética.

Nos dias 25 e 26 de março de 1922, respectivamente em Niterói e na cidade do Rio de Janeiro, nove representantes de diversas organizações comunistas estaduais constituíram o Partido Comunista do Brasil (PCB), secção brasileira da Internacional Comunista. Como enfatizou José Carlos Rui, "aquele punhado de dirigentes operários fundou o primeiro partido político que rompeu com estreitos laços da política estadual, e teve âmbito nacional"[3]. Isso dava nova dimensão à estrutura dos grupos comunistas que atuavam de maneira isolada em diversos estados. Contudo, ainda que o Partido tenha sido criado para ser uma agremiação nacional, inicialmente suas atividades eram restritas a apenas alguns estados da federação. Interessa-nos aqui o caso do Paraná.

Relatos indicam que há notícia da existência de atividades dos comunistas no Paraná desde fins da década de 1920 ou inícios da década de 1930. Elas teriam ocorrido até 1937, quando foram desbaratadas pela ditadura que levou a maioria de seus dirigentes para a prisão, após a decretação do Estado Novo. Mesmo

[3] RUI, José Carlos. Partido Comunista do Brasil, 80 anos. As primeiras décadas. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 64, p. 22, 2002. Somente em 1924 o Partido seria reconhecido pela Internacional Comunista.

antes disso, o regime da Constituição de 1934 iniciara uma caça aos comunistas. "Em 1935 o governo de Vargas impôs a Lei de Segurança Nacional para reprimir o movimento democrático. Em janeiro de 1936, foi criada a Comissão [Nacional] de Repressão ao Comunismo e, em setembro, o Tribunal de Segurança Nacional"[4].

Os primeiros documentos sobre o Partido Comunista no Paraná só apareceriam por volta de 1945, quando se criou o Tribunal Regional Eleitoral do estado. Todavia, os arquivos dos aparelhos de repressão do Estado Novo no Paraná, guardados no Fundo DOPS no Arquivo Público, indicam que existiam militantes comunistas e atividades comunistas no estado já desde os anos trinta. Nesse relato, utilizamos bastante os papéis fabricados pela Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS como fonte de informação. Sabemos, naturalmente, que se trata de uma documentação complicada, para dizer o mínimo. Além de parcial – afinal, é a versão policial sobre os atores e os acontecimentos – o material é fragmentário, os relatórios cheios de lacunas, há imprecisões históricas e muitos estereótipos. Reproduzimos as informações factuais que julgamos mais exatas, e não interpretamos ou corrigimos nenhuma "interpretação" dos agentes da polícia política.

As ações comunistas no Paraná na década de 1930 são confirmadas pelo historiador e dirigente do Partido Hermógenes Lazier[5]. Segundo ele, um dos principais nomes da organização no período foi Waldemar Reikdhal. Lazier destaca a atuação de Reikdhal como um dos primeiros fundadores do Partido no estado e deputado classista na Constituinte de 1934[6]. Além de ter sido o primeiro Presidente Regional do Partido, Reikdhal, um funileiro, líder sindical da categoria dos metalúrgicos, era um dos operários que também ocupava lugar de destaque na direção do movimento dos ferroviários. A ascensão de operários às direções intermediárias do Partido era fruto da estratégia do PCB, que no início dos anos 1930 optou pela "proletarização" dos seus quadros, ou seja, a cooptação para

[4] "Esta institucionalização da repressão era a contrapartida de perseguição policial implacável aos dirigentes comunistas e aos democratas em geral". RUI, José Carlos. Partido Comunista do Brasil, 80 anos. As primeiras décadas. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 64 , p. 64, 2002.

[5] Hermógenes Lazier foi Secretário de Agitação e Propaganda, Secretário Político, Secretário Sindical, Secretário de Organização, Secretário de Finanças e diretor do jornal *Tribuna do Povo*. Ver sua entrevista neste volume.

[6] Reikdhal foi eleito como deputado classista. Ele era "deputado classista trabalhista", como se dizia à época, representante dos sindicatos de trabalhadores. Ele também pertencia ao Partido Reivindicador Proletário do Paraná. Cf. O *Estado do Paraná*, 21 fev. 1999.

a chefia administrativa do Partido de novos membros, de extração social mais baixa. Essa estratégia estava ligada a uma política de radicalização do movimento comunista internacional. Buscava-se afastar os "intelectuais" da direção, excluindo assim setores da "burguesia", e, com isso, abrir espaço para a aliança entre operários e camponeses. Essa orientação política levou ao afastamento de diversos líderes do comando nacional no Brasil – inclusive um de seus principais fundadores, Astrojildo Pereira.

Da primeira geração de líderes comunistas paranaenses, podemos designar alguns nomes oriundos das categorias dos ferroviários, estivadores e trabalhadores manuais.

Walfrido Soares de Oliveira e os irmãos Arpad Prinz e Dário Prinz figuravam entre os primeiros dirigentes comunistas na década de 1930. Eram funcionários da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina e atuaram por mais de uma década no Partido Comunista. Na segunda metade da década de 1940, mais precisamente em 1945, eles tornaram-se referências políticas: Walfrido e Dário assumiram a direção estadual e Arpad, a direção do Partido na capital, Curitiba.

A distribuição geográfica da ação dos comunistas nas diversas cidades do estado seguia o caminho da malha ferroviária. Por isso o Partido contava com um número significativo de funcionários da rede Paraná-Santa Catarina. A presença dos comunistas era mais saliente também nas cidades portuárias, como Paranaguá e Antonina, onde a quantidade de estivadores simpatizantes não era, segundo informações que dispomos, pequena[7]. Nesse caso em especial, a atividade comunista pode ser entendida como um efeito do contato constante entre os estivadores e os ferroviários e os estrangeiros que chegavam nos navios de carga de diversos países da Europa. Com as mercadorias, eles traziam também as novidades sobre o sucesso e a consolidação da revolução comunista na Rússia e notícias das lutas contra o nazismo na Alemanha e na Itália. Como lembra Ferreira, na década de 1930 muitos desses estivadores e ferroviários justificavam sua preferência pelo comunismo em função do ambiente radicalizado da época,

[7] Do ponto de vista geográfico, a estrutura sociopolítica do Paraná, nas décadas de 1930 e 1940, girava em torno de algumas cidades-pólo e de cidades intermediárias, um tanto quanto esparsas. O eixo principal estava em torno dos portos de Paranaguá e Antonina e ao longo das ferrovias que ligavam as principais cidades aos portos. Havia duas regiões bem diferentes: o Norte do Paraná (cuja principal cidade era Londrina) e o que se convencionou chamar o "Paraná Tradicional", cujas três principais cidades eram: Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá.

particularmente pela luta contra antifascista[8]. Esse foi um elemento importante para atrair um número grande de pessoas para as fileiras do Partido Comunista também aqui no Paraná.

O regime de exceção implementado por Getúlio Vargas em 1937 aboliu as organizações políticas estaduais, os clubes, as associações e as frentes políticas, além dos próprios partidos, aprofundando a violenta repressão política aos movimentos de esquerda que vinha desde 1935-1936 e que durou quase uma década. Praticamente todos os dirigentes comunistas tiveram passagem pelo Departamento de Ordem Política e Social, órgão que teve papel destacado enquanto vigeu o Estado Novo.

Durante a ditadura a perseguição aos comunistas brasileiros foi intensa e os pecebistas no Paraná não fugiram à regra. Os aparelhos da repressão caçavam os membros do Partido, como foi o caso do dirigente comunista Arpad Prinz, que, ainda muito jovem, aos dezessete anos, ficou quase um ano preso somente por distribuir panfletos comunistas[9].

O Estado Novo começou a acabar com o episódio do afundamento de navios mercantes brasileiros pelos alemães[10]. Esse episódio, mais a pressão da oposição interna, que queria o governo brasileiro ao lado das Forças Aliadas contra o nazismo, fez com que Vargas e seus ministros decidissem tomar uma posição no conflito. O Brasil rompeu relações com a Alemanha por pressão dos norte-americanos e de parte da opinião pública, mobilizada inclusive (e, para alguns, principalmente) com o apoio dos comunistas. Assim, em 31 de agosto de 1942 o País declarou guerra ao Eixo Alemanha, Itália e Japão. A nova conjuntura interna que se formou favoreceu o avanço das forças liberalizantes[11]. Ela seria responsável, ainda que indiretamente, pela tolerância para com o Partido a partir de 1945.

---

[8] FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF, 2002. p. 62.

[9] Segundo o relatório burocrático de um espião do regime de Vargas, "o fichado ainda muito moço ingressou em organizações comunistas, nas quais foi aproveitado para trabalhos práticos. Assim, foi preso aos dezessete anos de idade, quando distribuía clandestinamente boletins comunistas pela cidade, sendo recolhido em 1936 à penitenciária, de onde saiu em 1937 por conclusão de pena". Arquivo Público/Fundo DOPS. Ficha n. 4 784/33 161 – Arpad Prinz.

[10] Cf. KONDER, Victor Márcio. *Militância*. São Paulo: Ed. ARX/Instituto Tancredo Neves, 2002. p. 47.

[11] Cf. ROEDEL, H.; AQUINO, R. S. L.; VIEIRA, F. A. C.; NEAGELI, L. B.; MARTINS, L. *PCB*. Oitenta anos de luta. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2002. p. 31.

Esse novo panorama nas relações internacionais levou Getúlio Vargas a promover, a partir de 1942, um processo lento e gradual de distensão política, até a abertura total, em 1945. Isso permitiu uma flexibilização na vigilância sobre a atuação dos setores democráticos e populares que estavam totalmente bloqueados desde 1937. Ainda em 1943, o Partido Comunista convocou a "Conferência da Mantiqueira". Essa reunião – a II Conferência Nacional do PCB – foi o palco de acalorada discussão sobre qual deveria ser a nova postura do Partido Comunista diante da mudança de posição do governo. Aí também se elegeu uma Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), dirigida por Amaurílio Vasconcelos e Maurício Grabois e ligada a Luís Carlos Prestes. A Comissão foi muito importante para o processo de reorganização do PCB nos estados. Com a desarticulação do Comitê Central, suas principais lideranças presas e sua estrutura arrasada, praticamente em cada estado havia comitês regionais com linhas de atuação independentes. Além disso, a ação da CNOP elevou Luís Carlos Prestes aos quadros da Direção Executiva e definiu, em meio a incontáveis conflitos, a "linha justa" diante do governo de Getúlio Vargas.

A posição vitoriosa saída da Conferência era a defendida pelo núcleo de comunistas da Bahia e pela CNOP, e compreendia o apoio a Vargas como um esforço de guerra da parte dos comunistas. Da mesma maneira, nenhuma crítica deveria ser feita ao governo, para que não se desviasse a atenção principal da luta contra o fascismo. A defesa dessa postura é feita com base no argumento de que a derrota dos inimigos na Europa traria de volta a democracia, uma tese sustentada inclusive por Prestes, ainda preso. A aliança de Prestes com Vargas contribuiu ainda mais para o fortalecimento da imagem de grande líder popular que o primeiro ostentava desde os tempos da Coluna Miguel Costa-Prestes[12].

Os comunistas do Paraná enviaram Walfrido Soares de Oliveira como representante para a Conferência da Mantiqueira. Walfrido foi em seguida um dos responsáveis pela reestruturação do Partido no Paraná.

---

[12] Em resumo, a Coluna Miguel Costa-Prestes foi um movimento de levante das Forças Armadas que cruzou parte do país, constituído por setores derrotados na Revolução Paulista de 1924. Era composta por um Estado-Maior em que estavam Miguel Costa, Luís Carlos Prestes e Juarez Távora. "[...] Após a derrota da Coluna, Prestes se refugia na Bolívia, no Uruguai e na União Soviética, voltando ao Brasil em 1935, já filiado ao comunismo". SODRÉ, Nelson Werneck. *O tenentismo.* São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p. 185. Um resumo do movimento pode ser lido em: MORAES, João Quartim de. *A esquerda militar no Brasil:* da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 156-165.

Em 1945, o governo Vargas foi obrigado a convocar eleições para Presidente da República e para uma Assembléia Nacional Constituinte, eleita em dezembro. Tendo ficado apenas um ano e meio na legalidade (no período que vai de julho de 1922 até meados de 1945), o Partido, mal saído da clandestinidade, atingiu, em um curto espaço de tempo, a marca de centenas de milhares de filiados. Houve um rápido crescimento do PCB nos meios intelectuais, inclusive no Paraná. A assunção de Prestes à direção da organização trazia simpatizantes de todo o Brasil para o Partido Comunista "legal"[13]. Dois fatos ainda contribuíram para esse salto: a campanha que a agremiação organizou a favor da entrada do Brasil na II Guerra contra as ditaduras do Eixo e o firme posicionamento de Prestes na defesa do governo de Getúlio Vargas no momento em que ele decidira aproximar-se dos Aliados.

Nas eleições de 1945 o PCB elegeu um senador e quinze deputados constituintes. Esse sucesso levou a agremiação a se reorganizar, fundando, agora legalmente, inúmeros diretórios regionais que, na prática, bem ou mal já existiam na maioria dos estados brasileiros. Quando foi legalizado, em 1945, o PCB já possuía um contingente expressivo de comunistas no Paraná.

2. Os primeiros passos de um PCB legal

Tomando a data da legalização do Partido como o marco zero, Nelson Torres Galvão, dirigente do PCB-PR, rememora o contexto da sua fundação oficial no Paraná nos anos 1940:

> Com o fim da guerra, em 1945, o ditador Getúlio Vargas, que vinha desde a Revolução de 1930, foi deposto e veio a liberação dos partidos. O Partido Comunista tornou-se legal rapidamente, e quando anunciou que seríamos instalados no Paraná procuramos o CNOP – Comitê Nacional de Reorganização Provisória [...]. Nesse final de guerra houve uma certa liberação de presos políticos e o CNOP destacou elementos locais para fazer uma organização regional dos principais estados da época. Eu participei das primeiras reuniões oficiais, assinei ata de fundação e tive um cargo na direção estadual no Paraná[14].

[13] Conforme CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II.

[14] Ver a entrevista com Nelson Torres Galvão neste volume. Nelson Galvão nasceu em Ourinhos (SP), em 24 de janeiro de 1923, e faleceu em Curitiba (PR), em 8 de outubro de 2004. Ligado ao sindicato dos bancários, foi Secretário de Organização, Tesoureiro e Secretário Político do Comitê Regional Norte (em Londrina).

A ata de constituição do Partido no Paraná é de 14 de julho de 1945. Sua criação oficial aconteceu primeiramente em Curitiba, com a realização da reunião do Comitê Estadual para a instituição do Comitê Municipal do PCB-PR composto por dez membros efetivos e dois suplentes[15]. O Partido foi registrado no TRE-PR após uma semana, tendo como Primeiro Secretário Político na capital o ferroviário Arpad Prinz. A ata da 16ª sessão extraordinária do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná é a certidão de nascimento do PCB no estado[16].

Sua primeira Diretoria Executiva na capital contava, além de Prinz, com os seguintes membros: Claudemiro Batista, *Secretário de Organização*; João Solieri, *Secretário Sindical*; Scarpin Sobrinho, *Tesoureiro*, e Antônio Moacir Arcoverde, *Secretário de Divulgação e Propaganda*[17].

Somente após a fundação do Partido em Curitiba é que seu Diretório Estadual foi criado legalmente. Seu registro foi aceito no TRE-PR em novembro de 1945, dias antes das eleições gerais previstas para o início de dezembro. Segundo a ata da 3ª sessão extraordinária do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, o processo 807, classe D, de Curitiba, cujo interessado era o Partido Comunista do Brasil, foi relatado por Ernani Cartaxo. "[...] Aos dezessete dias do mês de novembro do ano de hum mil novecentos e quarenta e cinco [...] o Tribunal mandou proceder ao registro da Direção Estadual"[18].

A Comissão Executiva já havia sido constituída em setembro, em uma reunião em Curitiba no antigo Cine Vitória. Caravanas de diversas cidades do estado representaram os recém-criados diretórios municipais. Nesse lançamento legal, o Partido Comunista do Brasil, seção Paraná, homologou a composição do primeiro Secretariado, formada pelos seguintes membros:

> *Secretário Político* – Walfrido Soares de Oliveira, ferroviário; *Secretário de Organização e Finanças* – Vilário Frederico Muller, trabalhador manual; *Secretário de Massas Eleitoral* – Elias Neves Miranda, ferroviário; *Secretário Sindical* – Bernardo Burda Filho; *Secretários de Divulgação e Propaganda* – Flávio Ribeiro, Hortêncio Batista, Aureliano Matos Moura e Waldemar Reikdhal[19].

---

[15] *Gazeta do Povo*, 7 jul. 1945.

[16] Livro-Ata das 15ª e 16ª Sessões do TRE-PR de 14 jul. 1945.

[17] Arquivo Público/Fundo DOPS. Ficha n. 264, caixa 47 – Comitê Municipal do PCB.

[18] Livro Ata das Sessões do Egrégio Tribunal Regional Eleitoral, n. 1, p. 154.

[19] Recorte do jornal *Diário da Tarde*, 19 set. 1995. (grifos nossos). Arquivo Público/Fundo DOPS. Ficha n. 1.468A, caixa 173 – Partido Comunista Brasileiro. "O PCB no Paraná".

Como reconhecimento pelos serviços prestados, o militante Walfrido Soares de Oliveira assumiu a tarefa de responder pelo PCB no Paraná. Aliás, ele já estava à frente do Partido durante a ilegalidade, conforme observado em diversos depoimentos e em sua ficha no arquivo do DOPS:

> Em 1940, quando apreendida no Rio, no Arquivo do PCB, uma relação dos seus filiados, foi constada uma anotação de seu nome. É funcionário ferroviário e na classe destes, dos mais sinceros e ativos elementos do Partido. Reorganizado o PCB foi eleito, em junho de 1945, secretário do respectivo comitê. Em julho foi designado para a comissão de divulgação da palavra de Luís Carlos Prestes[20].

A legalização do Partido Comunista ocorreu em um período turbulento. O governo determinara a realização de eleições presidenciais e a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, que promulgaria uma nova Carta em 1946. Aliada a outras tarefas e questões internas do Comitê Central, essas eleições incentivariam ainda mais a intensa movimentação do Partido nesses primeiros anos de legalidade no Paraná.

O Partido, agora estabelecido nas principais cidades do estado, seguiu estritamente as orientações do seu Comitê Central. A direção do PCB promoveu uma intensa campanha de organização, capitalizando os esforços clandestinos feitos no início da década de 1940. A tarefa principal era consolidar-se como estrutura partidária e o objetivo era reaproximar o Partido das camadas médias e da intelectualidade. Foi nesse período que o PCB ampliou-se como instituição, chegando a contar com aproximadamente 200 mil inscritos. Como registra J. A. Segatto, "o PCB, nos anos que vão de 1942 a 1945, terá um rápido desenvolvimento. De cem militantes na ativa em 1942, passou a quase três mil em 1942-1943, indo para cinqüenta mil em 1945 e quase duzentos mil no ano seguinte"[21].

Após 1946, o PCB constituiu um importante capital patrimonial, aumentando substancialmente seu potencial como organização e, conseqüentemente, suas finanças, que sempre foram estratégicas para firmar o Partido e seu ideário junto às classes operária e "camponesa". Ao mesmo tempo, estruturou a imprensa comunista, que, no período posterior ao Estado Novo, passou a contar com um considerável parque gráfico. Edgard Carone confirma que

---

[20] Arquivo Público/Fundo DOPS. Ficha n. 29 931 – Walfrido Soares de Oliveira, Departamento de Arquivo Público – DEAP.

[21] SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981. p. 48.

> O PCB cresceu de maneira excepcional com a legalidade de 1945 [...]. Era vasta a quantidade de jornais e revistas sob sua chancela, publicados em todos os estados e no Distrito Federal; são inúmeras as editoras e há toda uma orientação, não só na publicação de material próprio do Partido, como nas edições de romances e clássicos do marxismo[22].

A campanha pela imprensa popular pretendia vender assinaturas e arrecadar dinheiro nos meios operários a fim de viabilizar a divulgação e a propaganda dos ideais comunistas junto à própria classe operária. A conjuntura política do país ainda sofria o efeito da vitória contra o Eixo. O cenário internacional passava por um momento de calmaria entre os dois blocos vencedores da Guerra – o ocidental, liderado pelos Estados Unidos, e o comunista, capitaneado pela União Soviética. Essa distensão perduraria só até meados de 1947, quando se iniciou a Guerra Fria. Com a nova distribuição geopolítica do planeta, os dois grandes blocos passaram a disputar o espaço político e geográfico. A nova configuração política internacional colocaria outra vez o Partido na ilegalidade. Antes disso, o PCB do Paraná também conseguiu aproveitar o momento político favorável do pós-Guerra e elegeu alguns poucos vereadores e um deputado estadual, José Rodrigues Vieira Netto (advogado e professor universitário). Hugo Santana lembra que "Vieira Netto era um homem de grande projeção no Partido, muito eloqüente", aliás. Para Chaim Jugend ele era "um tribuno fantástico". Milton Ivan Heller é mais preciso na evocação da figura de Vieira Netto:

> José Rodrigues Vieira Neto, [...] era um advogado muito bem-sucedido, tinha uma banca de advogado famosa, ele era muito considerado pela burguesia da época. Diziam que ele praticava tiro ao pombo, coisas desse tipo. Freqüentava os melhores clubes sociais da cidade, mas, ainda assim, um sujeito de grande cultura, que tinha um dote oratório pelo próprio fato de ser advogado, dizem. Eu não estava aqui na época, mas diz o pessoal que vinha gente de Joinville [SC], Ponta Grossa, de todos os lugares para ver os discursos do Vieira Neto[23].

Em muitos municípios do Paraná já existiam militantes e simpatizantes do Partido. Bem antes do processo de legalização, o PCB atuava na vida política do estado, ainda que limitado aos bolsões operários ou, mais especificamente, às categorias com grande número de trabalhadores e sindicatos organizados (basicamente portuários e ferroviários). A abertura política permitiu que o Partido

---

[22] CARONE, Edgard. *O PCB (*1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 5.

[23] Ver suas entrevistas adiante.

criasse ou controlasse diversos sindicatos a partir da segunda metade da década de 1940.

Naquele período, o PCB foi um dos únicos partidos, senão o único, possuidor de uma máquina partidária nacional. Com base nela e em sua organização e ideologia, o Partido pôde desempenhar um papel relevante nos diversos momentos da história política do Paraná, em particular como grande incentivador do surgimento de inúmeras organizações sindicais e agrárias no pós-1945. Para se ter uma idéia disso, Espedito Oliveira da Rocha recorda que

> Na década de sessenta, nós já possuíamos quarenta por cento dos sindicatos do estado. No interior, os melhores sindicatos eram nossos. Possuíamos o mecânico de Ponta Grossa e o mecânico de Londrina. Vários sindicatos dos portos estavam nas mãos do Partido. O sindicato dos bancários em Paranaguá e a quase totalidade [dos bancários] no estado. Até a Federação dos Bancários esteve nas mãos da gente, como também a Federação da Construção Civil, que foi fundada por nós. Para contrabalançar nós fundamos aqui a Federação da Construção Civil, dividindo a Federação da Indústria. Nós tiramos dela a construção civil... Já nos anos 1960 fundamos a Federação dos Trabalhadores Rurais. Fundamos com quadros nossos mesmo e com pessoal nosso. E dirigimos essa coisa até o golpe de 1964[24].

Esse momento favorável ao crescimento do movimento sindical, contudo, durou pouco. As relações com o sindicalismo oficial, que não eram as melhores do mundo, como se deve imaginar, se deterioraram com a polarização "capitalismo *versus* comunismo" a partir do início da Guerra Fria. O governo Dutra, aliado dos norte-americanos, dando continuidade à linha político-sindical de Vargas, afastou sumariamente os comunistas dos organismos sindicais. Seu banimento foi feito por meio de intervenções e pelo encerramento puro e simples de alguns dos principais sindicatos e de diversas entidades. O governo do general Eurico Gaspar Dutra considerou o Partido inimigo do Estado. Fechou a Confederação Geral dos Trabalhadores e 143 sindicatos trabalhistas sofreram intervenção, tendo sido acusados de organizadores de agitação.

A intervenção nos sindicatos e a repressão ao Partido Comunista, com o fechamento de sua sede e a prisão de seus dirigentes, marcaram o início de um processo que reconduziu o PCB à clandestinidade. Segundo Augusto Buonicore

> Estavam em curso manobras e provocações no sentido de colocar na ilegalidade o Partido Comunista do Brasil. Um dos principais pretextos para a cassação do

[24] Espedito foi Presidente do Partido Comunista no estado do Paraná. Veja seu depoimento neste livro.

> registro do Partido Comunista foi uma declaração de Prestes realizada em uma associação de funcionários no plenário da Assembléia Constituinte [...]. Essa declaração fez que se levantasse uma onda de protestos de todos os setores conservadores da sociedade brasileira. Para eles seria uma prova definitiva que o Partido Comunista não seria um partido nacional e sim um satélite soviético e que precisava ser fechado e reprimido[25].

Em maio de 1947, dois deputados do também recém fundado Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Barreto Pinto e Himalaia Virgulino, apresentaram o pedido de cassação do registro do Partido Comunista do Brasil ao Tribunal Superior Eleitoral, argumentando que ele seria um braço do "comunismo internacional". A base para isso era a tal declaração de Prestes, segundo a qual, se houvesse uma guerra entre o Brasil e a União Soviética, o PCB ficaria ao lado da União Soviética[26].

Assim, em 7 de maio de 1947, após menos de dois anos na legalidade, o PCB teve seu registro anulado. Seus parlamentares tiveram posteriormente seus mandatos invalidados e foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional em janeiro de 1948. Com 179 votos a favor da cassação e 74 contrários, o PCB voltou novamente à clandestinidade. Esse fato repercutiu nas diversas seções estaduais do Partido, principalmente com o encerramento das sedes regionais e de seus órgãos de imprensa.

3. 1947: o PCB de volta à ilegalidade

A nova fase do PCB foi *sui generis*. Diferentemente da situação vivida durante o Estado Novo, em que ser comunista era crime de violação da Lei de Segurança Nacional, em 1947 o Partido teve seu registro extinto, mas seus militantes e dirigentes não perderam seus direitos políticos, nem foram banidos da vida política nacional. Assim, nada impedia que esses últimos utilizassem outras legendas para concorrer às eleições, ou mesmo que criassem outros partidos para abrigar seus membros mais atuantes e destacados.

Quanto aos sindicatos, apenas aqueles de orientação comunista tiveram seus líderes substituídos por outros, vinculados ao sindicalismo de Estado. Do

[25] BOUNICORE, Augusto C. *Sindicalismo vermelho:* a política sindical do PCB entre 1948 e 1952. Cadernos AEL. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 65.

[26] Cf. a Resolução n. 1.841 do TSE, de 7 de maio de 1947, sobre o cancelamento do registro do PCB.

ponto de vista da organização sindical, eram duas as opções para os membros do PCB: ou tentavam fazer política nesses sindicatos, enquadrados pelas regras do sindicalismo oficial, ou eram obrigados a cair no ostracismo político.

De fato, também os dirigentes sindicais se mantiveram numa espécie de "semiclandestinidade" que os impedia de participar normalmente da vida política nacional, mas não os impossibilitava de tomar parte nas discussões sobre o futuro do país. No entanto, os comunistas tornaram-se figuras coadjuvantes desse processo, uma vez que suas lideranças eram sistematicamente perseguidas pelo governo Dutra. Assim, quando o Partido foi tornado ilegal e diversos intelectuais que integravam a organização foram afastados, seu projeto político perdeu o apoio que vinha sendo construído junto à sociedade. Nesse mesmo período a Esquerda Democrática[27] transformou-se em Partido Socialista Brasileiro e atraiu inúmeros quadros, que abandonaram o PCB.

O cenário internacional foi outro fator agravante para a política do Partido no Brasil. As deliberações do bloco comunista internacional radicalizaram a linha política para os partidos filiados. A intenção era avançar o processo revolucionário apoiado pelo bloco soviético na disputa geopolítica do mundo. Pretendia-se reforçar o campo comunista, em contraposição à política anterior de construção de frentes democráticas adotada pela URSS durante a II Guerra e no imediato pós-Guerra. A nova orientação voltava-se para a questão da terra, do imperialismo norte-americano e da preparação para a revolução proletária. Em outras palavras, o PCB precisou adotar uma estratégia de enfrentamento com o governo Dutra e com o capitalismo. Assim, o Partido começou a preparar uma série de "lutas camponesas" responsáveis por embates importantes durante as décadas de 1950 e 1960. A organização de diversos levantes operários e agrários – que, como veremos adiante, iriam ocorrer também (e principalmente) no Paraná – será um fator decisivo na história da organização.

O *Manifesto de Agosto* de 1950 cristalizava essa virada na orientação do PCB. O Partido assumiria, para efeitos práticos e retóricos, uma posição bem mais

[27] Anteriormente à sua fundação, em 1947, o Partido Socialista Brasileiro era um movimento chamado "Esquerda Democrática" (ED). Ele pretendia conciliar as "liberdades" civis e políticas. Diferenciava-se assim dos udenistas, que defendiam o liberalismo econômico, e dos comunistas, adeptos do stalinismo. Estavam entre os seus fundadores: Bruno Mendonça Lima, João Mangabeira, Domingo Velasco, Hermes Lima, Antônio Cândido, Paulo Emílio Sales Gomes, João da Costa Pimenta e Osório Borba. Em 1947, a Esquerda Democrática transformou-se no PSB, com o mesmo programa aprovado na I Convenção da ED, em 1946.

radical. O documento trouxe à tona as discussões sobre as "etapas" da revolução brasileira, deliberou sobre algumas alterações no estatuto e elegeu uma nova Comissão Executiva nacional. A nova política determinava que todas as forças partidárias se voltassem para o combate contra o imperialismo norte-americano, apontava a necessidade da luta por uma reforma agrária radical e previa a formação de uma frente democrática nacional visando a construção de um governo democrático e de libertação nacional. Do ponto de vista organizacional, a orientação agora era adotar o estilo não de um "partido de massas", mas de um "partido de quadros", a partir da designação leninista do termo. A tônica era respeitar os organismos do Partido, mas segundo a nova orientação. A democracia seria "vertical" e haveria maior preocupação em preservar a integridade de seus membros de mais destaque. Daí que as grandes ações que buscavam transformar o PCB em um partido popular estavam descartadas por hora. Nesse período, como conta Hermógenes Lazier, o PCB do Paraná realizava as reuniões da Executiva Estadual nos lugares mais inusitados, durante falsas pescarias, dentro de lanchas, ou mesmo dentro dos carros dos dirigentes: várias reuniões ocorreram dentro do automóvel do médico Jorge Karam, por exemplo.

A figura de Prestes passou a ser escondida das massas (e também da polícia). Para os militantes, filiados e simpatizantes do Partido chegavam apenas, por meio dos responsáveis por sua segurança, manifestos, escritos e cartas supostamente assinadas por ele. Leoncio Basbaum lembra que muitas dessas cartas não passavam de simples depoimentos, mas "esses depoimentos valiam mais que dez estudos teóricos, pois lidavam com fatos [...]". Contudo, "todos admitiam, eu inclusive, que [Prestes], no seu esconderijo, ignorava a maior parte dos fatos citados"[28].

Essas cartas e manifestos continham orientações para o PCB posicionar-se sobre a política nacional e internacional e sobre questões internas de sua organização. Um dos resultados do reforço da segurança da vida de Prestes foi o aumento do culto à sua já lendária personalidade[29]. Muitos dos textos atribuídos

[28] BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos* – uma visão da história Brasileira dos últimos quarenta anos. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p. 236.

[29] O culto à personalidade de Prestes no interior do PCB sofreu um abalo após a repercussão nas hostes partidárias do relatório de Kruschev ao XX Congresso do PCURSS, de 1956, que denunciava justamente o culto à personalidade de Stálin como um dos grandes entraves para o desenvolvimento do socialismo na URSS. Isso se refletiu no Brasil, com um enfraquecimento das posições prestistas na segunda metade da década de 1950, e iniciou as discussões que levaram ao racha do Partido ocorrido no início dos anos 1960.

a ele, elaborando a política do Partido, eram, de fato, da lavra de Maurício Grabóis, Diógenes Arruda e João Amazonas.

A ilegalidade do PCB fez das lideranças sindicais seus principais quadros, diminuindo a importância das suas lideranças políticas. Acrescente-se a isso o fato de que, nas eleições das quais o Partido participou mesmo depois de cassado, ou os dirigentes políticos apoiavam determinados candidatos relativamente comprometidos com a causa comunista, ou eles mesmos tinham de apresentar-se por outras legendas políticas.

4. O PCB e as eleições de 1945 a 1963

Por mais que procurasse assumir uma fisionomia revolucionária, o PCB sempre buscou participar das disputas eleitorais, apresentando-se como uma alternativa real de poder. A radicalização de sua linha política só se intensificou nos momentos em que se encontrava na clandestinidade ou completamente bloqueado. Essa condição conduzia o Partido a abandonar as "alianças com a pequena-burguesia", conforme a expressão da época, em favor de alianças com setores operários e camponeses. Esse movimento aconteceu no início dos anos 1950, com a formação de uma Frente de Libertação Nacional, fruto das novas orientações soviéticas que buscavam aprofundar o enfrentamento com o regime capitalista para demarcar espaço geopolítico[30].

Afora esse período de radicalização, do início da década de 1950 até 1955, o Partido buscou construir ligações mais amplas, com as camadas médias ou com a "burguesia nacional". Isso comprova o que diversos autores constataram: as alianças do Partido tendiam ao centro, excluindo prioritariamente operários e trabalhadores. Gildo Marçal Brandão enfatiza que, já na segunda metade da década de 1930, a organização cedeu um espaço significativo aos setores médios do Exército. Isso teria acontecido em virtude da entrada de Luís Carlos Prestes no Partido. De todo modo, sua composição social indica que a maioria dos seus quadros eram angariados junto às camadas médias e às classes "altas":

> O PC, partido eminentemente urbano, recrutou a maior parte de seus dirigentes entre a intelectualidade (professores universitários, jornalistas, estudantes), as forças

[30] CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 108-109.

> armadas (Exército, média oficialidade) e o proletariado. [...] Do ponto de vista étnico, os principais dirigentes do PCB são, majoritariamente, homens, brancos, brasileiros de família há muito radicadas no País (em vários casos originários de troncos oligárquicos nordestinos decadentes) e, secundariamente, judeus e italianos, mulatos e mestiços[31].

A composição social do Partido ajuda a compreender sua identificação com o ideário "etapista" a partir dos anos 1950. Alguns autores marxistas sugeriam explicitamente que o Brasil precisava tornar-se capitalista, para depois construir o socialismo[32]. Não seria possível, segundo o etapismo, pular um estágio, avançar do "regime feudal" para um Estado socialista. Também havia os defensores da idéia de que o Brasil guardava ainda forte presença de uma sociedade agrária, baseada no latifúndio. Assim, os documentos do Partido Comunista sempre orientaram seus quadros para que buscassem alianças com a pequena burguesia em detrimento do proletariado/campesinato. Essa discussão indica como, com raras exceções, os intelectuais oriundos das camadas médias e da classe alta tiveram papel de destaque na formulação das linhas de ação dos militantes comunistas: "Apesar da precariedade orgânica do partido, este constituía então um espaço para a participação política de intelectuais que partilhavam uma postura crítica com relação às estruturas básicas da sociedade brasileira"[33].

Apesar de estarem presentes desde a fundação do Partido, os intelectuais passaram a ter uma presença mais saliente a partir da ditadura do Estado Novo e, sobretudo, após a abertura política de 1945. A partir desse período, inúmeros intelectuais tomaram contato com a organização, muitos fazendo parte dos seus quadros de direção[34]. Havia nas direções maior contingente de quadros com instrução superior, enquanto que as funções intermediárias e de base eram desempenhadas por dirigentes com menor grau de instrução escolar. Criou-se, assim, um contra-senso nas estruturas do "partido do proletariado", porque entre os quadros dirigentes só ascendiam aqueles com maior grau de escolaridade formal, deixando que se cristalizasse no topo da direção do Partido uma elite política oriunda das classes "privilegiadas".

---

[31] BRANDÃO, Gildo Marçal. *Esquerda positiva:* as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 145.

[32] É o caso de Octávio Brandão, em *Agrarismo e industrialismo*. Ver a reedição do livro: São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 2006.

[33] CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões*: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986. p. 95.

[34] Pela expressão "intelectuais", queremos dar a entender aqui as pessoas que atingiram o nível superior de instrução, principalmente nas áreas das Ciências Sociais e Ciências Humanas (professores universitários, jornalistas e advogados), além de alguns oriundos da área da saúde, como médicos e dentistas.

No período que vai de 1945 a 1962, o PCB participou legalmente de apenas uma eleição com candidato próprio à Presidência da República. Em dezembro de 1945, Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente, mas os comunistas tiveram um bom desempenho e elegeram um senador, Luís Carlos Prestes, e 15 deputados federais, dentre eles o escritor Jorge Amado[35]. Além disso, seu candidato a presidente, Iedo Fiúza, recebeu 10% dos votos válidos na eleição geral, ficando, no Paraná, em terceiro lugar, com 6 811 votos. Um fato peculiar: na eleição de 1945 os candidatos podiam concorrer a diferentes cargos em vários estados, tendo apenas que optar por um deles, caso eleitos para mais de um. Essa foi a situação de Prestes, candidato a senador e a deputado federal constituinte em diversos estados, sendo que em alguns foi simultaneamente candidato a ambas as funções. No Paraná, por exemplo, ele concorreu a senador e a deputado, tal como Otávio da Silveira, que concorreu aos mesmos cargos. Nenhum dos dois foi eleito no estado, e seus totais de votos foram respectivamente 6 870 votos para o Senado e 658 para o Congresso, e 6 279 para o Senado e 964 para o Congresso[36].

Nessas eleições foram apresentados pelo PCB do Paraná diversos candidatos a deputado federal, mas nenhum deles se elegeu. Os resultados foram os seguintes: "Dr. José Rodrigues Vieira Netto, 1 469 votos; Dr. Newton Leopoldo Câmara, 1 173 votos; Otávio da Silveira, 964 votos; Luís Carlos Prestes, 658 votos; Dr. Francisco Osvaldo Castelutti, 587 votos; José Bezerra de Vasconcelos, 443 votos; Claudemiro Batista, 344 votos; dr. Flávio Ribeiro, 333 votos, Walfrido Soares de Oliveira, 114 votos"[37]. Além dos votos individuais, o Partido recebeu 6 570 votos de legenda. Na segunda eleição, que aconteceu em janeiro de 1947, elegeu-se deputado estadual o advogado José Rodrigues Vieira Netto, tendo diversos outros candidatos do Partido fracassado.

Além dessas votações, o PCB esteve presente nos demais processos eleitorais até 1962, mas por meio da apresentação de seus candidatos por outras le-

[35] A bancada do PCB era a seguinte: senador: Luís Carlos Prestes (pela cidade do Rio de Janeiro, à época Distrito Federal); deputados federais: Carlos Marighella (Bahia), Batista Neto (Distrito Federal), João Amazonas (Distrito Federal), Maurício Grabois (Distrito Federal), Agostinho de Oliveira (Pernambuco), Alcedo Coutinho (Pernambuco), Gregório Bezerra (Pernambuco), Abílio Fernandes (Rio Grande do Sul), Trifino Corrêa (Rio Grande do Sul), Alcides Rodrigues Sabença (Rio de Janeiro), Claudino José da Silva (Rio de Janeiro), Milton Cayres de Brito (São Paulo), Jorge Amado (São Paulo), José Maria Crispin (São Paulo) e Osvaldo Pacheco da Silva (São Paulo). Cf. BRAGA, Sérgio Soares. *Quem foi quem na Constituinte de 1946*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1998. v. I. p. 103.

[36] Ata da eleição de dezembro de 1945, redigida pelo Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, em 5 jan. 1946. *Resultados Eleitorais* – Paraná – 1945/1982. Curitiba: Ipardes Fundação Edson Vieira, 1989. p. 3-5.

[37] *Idem.*

gendas, ou com o apoio a outras siglas partidárias que continuaram legais depois de 1947. Tanto na legalidade como na clandestinidade, o PCB do Paraná teve no jornal Tribuna do Povo um importante instrumento de informação para seus militantes e divulgação para seus simpatizantes. Nesse periódico, os candidatos do Partido, ou aqueles que eram apoiados pelo PCB, tinham espaço para a divulgação de seus currículos e plataformas políticas.

Nas disputas municipais de 1947, o PCB elegeu vereadores lançados por outras legendas, inclusive em Curitiba. O sucesso político do Partido nessas disputas municipais no Paraná não foi, todavia, significativo. Foram eleitos apenas cinco vereadores no estado inteiro. Em outros estados, como no Rio de Janeiro, do total de vereadores da Câmara Municipal, o PCB fez a maioria, com 15 eleitos.

Na capital venceram Maria Olímpia Carneiro e o estudante Hedel Jorge Ázar[38] pela sigla do Partido Social Trabalhista (PST); em Morretes elegeu-se Adão Toledo Aghar do Nascimento pela União Democrática Nacional (UDN) e, em Londrina, Manuel Jacinto Corrêa e Newton Leopoldo Câmara, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em Paranaguá diversos candidatos foram lançados: Ângelo Maria Patitucci, João Batista Teixeira, Eustáquio Quadros e Felipe Chede pelo Partido Libertador (PL) e, em Ponta Grossa, João Manuel dos Santos Ribas pelo Partido Republicano (PR), mas não obtiveram sucesso.

Durante outros processos eleitorais entre 1950 e início de 1960, a posição política do Partido oscilou. Ora ele pregaria a preparação da revolução, ora a aliança com setores da burguesia nacional. Ora a via eleitoral (dita "pacífica"), ora a via insurrecional. Essa oscilação era provocada em grande medida pelas reorientações no panorama político internacional.

> Nesse sentido, mesmo quando opta pela "via pacífica da revolução", está longe de considerar o caminho eleitoral um método eficaz de luta pelo poder – ao contrário, insiste sempre que o poder real está situado em outro lugar. O processo eleitoral serve, é claro, para fazer propaganda, melhorar o trabalho de organização e, sobretudo, fazer finanças, mas a assumida doutrina da "acumulação de forças" não chega a considerá-lo um momento da auto-organização da sociedade e das forças democráticas, sendo propício, sim, para fazer o partido crescer, tendo em vista o assalto ao poder. Dito de outra forma, o que interessa é o avanço da organização, mesmo porque a solução dos problemas da sociedade quem tem é o partido, e ele a colocará na mesa em outro momento[39].

[38] Hedel Jorge Ázar ficou como suplente, mas no decorrer da legislatura assumiu o cargo.

[39] BRANDÃO, Gildo Marçal. *Esquerda positiva:* as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 188-189.

Nas eleições de 1950, ao mesmo tempo em que adotara uma posição ultra-esquerdista, resultado da influência do movimento comunista internacional e das resoluções do *Manifesto de Agosto*, a organização soube aproveitar a "semiclandestinidade", com uma atuação política, mas não legal.

Assim, apesar da retórica incendiária, foram apresentados os candidatos de Luis Carlos Prestes e do programa da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN). No Paraná, a deputado estadual, Joaquim Rodrigues Mochel, que era o Secretário Político do Partido em Curitiba, e Manuel Jacinto Corrêa, que era vereador em Londrina[40]. Seus programas políticos eram baseados na FDLN. Esse programa continha nove itens: governo democrático e popular; paz e condenação da guerra imperialista; imediata libertação do Brasil do jugo imperialista; entrega de terras a quem trabalha; desenvolvimento independente da economia nacional; liberdades democráticas para o povo; imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras; instrução e cultura para o povo; exército popular de libertação nacional[41].

O jornal partidário *Tribuna do Povo* transcreveu o apoio de Prestes aos candidatos no Paraná.

> Povo paranaense, os candidatos populares ao pleito de 3 de outubro próximo são os seguintes, e que merecem a minha confiança e pelos quais solicito os seus sufrágios conscientes e esclarecidos. Para deputados estaduais – Joaquim Rodrigues Mochel e Manuel Jacinto Corrêa. Votos por pão, terra, paz e liberdade, fazendo vitoriosos os candidatos do povo. Saudações, Luís Carlos Prestes[42]

O jornal enfatizava, contudo, que a eleição naquele momento não era um objetivo central na estratégia do Partido, mas sim a divulgação de suas novas orientações, a saber, de radicalização e enfrentamento com a "burguesia nacional".

> Com o surgimento dos candidatos de Prestes a situação modificou-se. Eles vão ao Povo, não para caçar votos, mas para convocá-lo à luta em torno de seus problemas e na base dos nove pontos apresentados por Prestes mostram à classe operária e ao Povo que de nada adianta substituir um Dutra por outro Dutra, tenha o nome que tiver, ou de substituir um Lupion por um Ângelo ou Bento [Munhoz da Rocha],

---

[40] Manuel Jacinto não havia sido cassado porque fora eleito por outra legenda, apesar de ser monitorado pelos órgãos de inteligência da repressão desde os tempos da Revolta de Porecatu, em 1948.

[41] CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 108-112.

[42] *Tribuna do Povo*, 30 set. 1950, 1ª. página. O original desse bilhete de Prestes é uma das poucas coisas que Izaurino Gomes Patriota, editor da *Tribuna do Povo*, diz ter conseguido guardar desse período. Ver seu depoimento neste livro, mais adiante.

> pois são todos da mesma classe, de exploradores do povo, responsáveis pelo atraso e pela ignorância em que vegeta o nosso povo[43].

As eleições serviam então para divulgar suas idéias e arrecadar fundos. De qualquer forma, a lista de candidatos de Prestes – que tinha algo como 30 candidatos a deputado estadual – foi impugnada, não sendo considerada uma chapa legal[44]. Nenhum deles foi eleito no Paraná.

A situação clandestina do PCB (do ponto de vista jurídico) fazia com que seus candidatos se apresentassem politicamente como "anticandidatos". Eles deveriam, antes de tudo, denunciar a submissão da burguesia nacional ao imperialismo norte-americano. Para os cargos majoritários (presidente, governador), o PCB orientava o voto em branco, buscando antes legitimar o programa ultra-radical da FDLN.

O início da década de 1950 foi palco de um conjunto de bandeiras nacionalistas que começavam a ganhar corpo na sociedade brasileira: a luta pelo monopólio do petróleo; os grandes atos e manifestos da Campanha da Paz; a busca de Getúlio Vargas por consolidar um parque industrial no Brasil. O Partido esteve à frente da luta pela paz e contra a ameaça de uma guerra nuclear, organizando manifestações em todo o país, em 1950, e o Congresso dos Partidários da Paz, em 1951. Atuou na mobilização contra a participação do Brasil na Guerra da Coréia, em 1951, e na luta contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos de 1952[45]. Essas bandeiras, lançadas e apoiadas pelo trabalhismo getulista, repercutiam em amplos setores, inclusive nos setores populares, que sofriam forte influência dos comunistas.

No Paraná, esses movimentos tiveram grande relevância. Muitos comitês foram formados em diversas cidades do estado. Os veículos de comunicação do Partido foram colocados a serviço dessas empreitadas, especialmente para aquelas ligadas à questão da paz.

---

[43] *Tribuna do Povo*, 30 set. 1950, n. 88, p. 2.

[44] Não se tem notícias oficiais sobre que partidos lançaram esses candidatos. Seus materiais de campanha, e o próprio jornal do Partido no estado, apenas os apresentavam como "candidatos de Prestes", sem legenda. Porém, consta do livro de Gildo Marçal Brandão uma lista de 30 candidatos a deputado estadual, em 1950, apoiados por Prestes e inscritos pelo Partido Republicano Trabalhista, PRT. Cf. BRANDÃO, Gildo Marçal. *Esquerda positiva:* as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 186.

[45] Cf. RUI, José Carlos. Partido Comunista do Brasil, 80 anos. As primeiras décadas. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 64, p. 28-29, 2002.

Nas eleições de 1955, o Partido manteve sua linha esquerdista, agora reforçada pelo seu IV Congresso realizado meses depois do suicídio de Vargas, em 1954. O Congresso reafirmou a linha do documento apresentado pelo Comitê Central em agosto de 1950, embora com uma mudança estratégica em relação ao trabalhismo. Até então, o trabalhismo e o próprio Vargas eram considerados pelo PCB como os principais inimigos dos comunistas, equiparados com o capitalismo imperialista. O apoio popular a Getúlio no 24 de agosto foi o maior responsável por essa virada:

> A reação do povo surpreendeu seus oponentes. Uma onda de simpatia por Getúlio envolveu o país [...]. Em meio à confusão geral, os comunistas perplexos [...] foram obrigados a sair às ruas recolhendo os seus jornais das bancas, e depois irem a reboque da massa nas manifestações[46].

Houve uma aproximação entre os comunistas e os trabalhistas, tanto no campo eleitoral como no sindical. Como demonstrou Edgard Carone, ao transcrever o informe de Luís Carlos Prestes ao IV Congresso, o líder comunista mudou o discurso a respeito da "burguesia nacional", buscando uma aproximação com essa classe e preferencialmente uma aproximação com os setores das camadas médias[47]. O Partido consideraria essa inflexão tática importante para consolidar uma das "etapas" da revolução brasileira:

> No que concerne às relações com a burguesia nacional, o programa do Partido não só não ameaçou seus interesses como defendeu suas reivindicações de caráter progressista, em particular o desenvolvimento da indústria nacional. Essa posição acertada decorreu de uma justa compreensão do caráter da revolução brasileira em sua primeira etapa, quando das necessidades já maduras do desenvolvimento da sociedade brasileira, que exigiam solução imediata, são exclusivamente as de caráter antiimperialista e antifeudal. A burguesia nacional não é, portanto, inimiga; por determinado período de tempo pode até apoiar o movimento revolucionário contra o imperialismo e contra o latifúndio e os restos feudais[48].

Esse programa foi reforçado pela eleição de Juscelino Kubitschek a presidente da República, pois ganhou força o projeto nacional-desenvol-

---

[46] SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981. p. 70.

[47] Milton Ivan Heller tem uma avaliação retrospectiva muito lúcida dessa política: "O Partido dizia que era necessária uma política de união nacional contra o imperialismo e de aliança com a burguesia. Mas a burguesia estava no poder e não precisava fazer aliança com ninguém e, ainda que precisasse, não faria aliança com o Partido Comunista. Isso é uma coisa lógica. Só os comunistas é que não enxergavam isso". Ver sua entrevista neste volume.

[48] CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 132.

vimentista iniciado no final do primeiro governo Vargas. Esse reforço se expressou na eleição de João Goulart, Ministro do Trabalho de Getúlio, à vice-presidência na chapa de JK[49]. O governo Juscelino seria uma vitória da política populista de Getúlio Vargas, como afirmou o dirigente paranaense Milton Ivan Heller[50].

Diferentemente das eleições de 1950, na qual o Partido tinha uma postura mais à esquerda, em 1955 ele apoiou, informalmente, graças à sua estrutura nacional, Juscelino Kubitschek e João Goulart, em consonância com os novos ditames do comunismo internacional. Posteriormente à morte de Stálin, em 1953, o comunismo internacional voltou a acenar para uma possível coexistência pacífica com o bloco capitalista, sugerindo a disputa por espaços políticos dentro de "processos democráticos". O PCB adotou, então, uma conduta voltada para a reconquista da legalidade. Durante os primeiros anos da década de 1950, essa luta foi menos intensa, porque o Partido gozava da semiclandestinidade consentida e ao mesmo tempo usufruía o *status* simbólico de "partido revolucionário".

As novidades vindas de Moscou mudaram essa postura e, no final da década, a "legalização" se tornou umas das principais bandeiras do PCB. Essa nova postura se intensificou ainda mais com a cisão sofrida pelo PCB em 1960, devido à saída do grupo que discordava da mudança de nome do partido e das alterações feitas em seus estatutos. Essas alterações foram fruto das discussões sobre a *Declaração de Março* de 1958, ditada pelo Comitê Central do PCB[51].

Para confirmar a sua participação no jogo eleitoral, em 1960 o Partido se posicionou a favor da candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott, que teve como candidato a vice-presidente João Goulart. Esse apoio foi seguido no âmbito regional. Jango foi novamente eleito vice-presidente, porém com o presidente (Jânio Quadros) tendo sido eleito por outra coligação. Nesse processo, o Partido novamente deu demonstrações de sua aproximação com o trabalhismo getulista.

---

[49] Nas eleições majoritárias do período 1945-1960, havia votações separadas para presidente e vice-presidente da República. Em 1955, os resultados no Paraná foram os seguintes: o candidato a vice na coligação PSD-PTB teve, segundo dados do TRE-PR, 181.462 votos, ao passo que o presidente eleito pela mesma coligação obteve 108.998 votos, perdendo no cômputo geral para o candidato a presidente do PSP, Adhemar de Barros, que obteve uma votação de 127.433; o candidato a vice de Ademar de Barros, do mesmo PSP, Danton Coelho, teve apenas 45.492 votos.

[50] HELLER, Milton Ivan. *Resistência democrática:* a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[51] Cf. Declaração sobre a política do PCB, publicada no jornal *Voz Operária* de 22 de março de 1958 e transcrita em CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II.

Nas eleições para o governo do Paraná, o PCB declarou apoio, informal, ao candidato lançado pelo PTB, Nelson Maculan, derrotado por Ney Braga, da aliança PDC-PL[52].

Depois da renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, a Campanha da Legalidade confirmou Jango no Palácio do Planalto, embora com poderes limitados. O Partido Comunista apoiou e foi um dos principais defensores da legalidade da posse do presidente João Goulart[53]. Dada a possibilidade de Jango consolidar um governo com a face mais populista (e popular) do PTB, setores do Exército estabeleceram, com a aprovação do Congresso Nacional, o parlamentarismo no Brasil, enfraquecendo os poderes do presidente. "João Goulart foi isolado de quase toda a classe dirigente nacional e, como último recurso, tentou aproximar-se do povo", propondo então as chamadas reformas de base no capitalismo nacional[54]. O PCB estava confiante de que, com Jango, seria novamente um partido legal. Essa crença se pautava no fato de que o Partido era um dos principais entusiastas das propostas de reforma de base de Goulart. Além disso, os comunistas forneciam "a base de sustentação sindical para o governo. Foi no setor operário, atuando no interior dos sindicatos oficiais, que os comunistas obtiveram seus maiores êxitos [...] o PCB obteve o controle dos principais sindicatos, federações e confederações"[55].

Porém, apesar de defender o governo João Goulart, o PCB sabia que nem todas as concessões aos capitalistas foram excluídas no processo de reformas. Por isso, mesmo apoiando Jango, a organização considerava seu governo em disputa, e demandava a Jango maior firmeza em suas posições políticas.

As eleições de 1962, além de serem as últimas antes do golpe militar de 1964, seriam apenas para cargos proporcionais e para o Senado Federal. Nessas

---

[52] O apoio à candidatura de Nelson Maculan é constatado na ficha do DOPS do Secretário Político do Partido, o capitão Agliberto Vieira de Azevedo, que fora deslocado para o Paraná no final dos anos cinqüenta para assumir a direção do PCB no estado: "Em 27/09/1960 o fichado assinou um manifesto em companhia de outros elementos comunistas, [sic] no qual apóia a Nelson Maculan, [candidato] ao Governo do estado". Ficha n. 2.874 – Agliberto Vieira de Azevedo.

[53] A resistência foi encabeçada pelos governadores Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, e Mauro Borges, de Goiás, no intuito de garantir a posse de João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961. A resistência contou com uma cadeia de rádio que possuía 104 filiadas que reproduziam os sinais a partir do entrincheirado Palácio Piratini, do governo do Rio Grande do Sul.

[54] HELLER, Milton Ivan. *Resistência democrática:* a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 200.

[55] *Ibid.*, p. 264.

eleições, o PCB do Paraná decidiu lançar candidatos por outras legendas – a maioria deles pelo PTB –, embora sem êxito.

5. A organização e as lutas dos comunistas no Paraná

No final dos anos 1940, em função da distância geográfica e das dificuldades de comunicação entre as regiões do estado, os comunistas paranaenses tinham construído duas estruturas de direção intermediárias, além de outra estadual centralizada. As estruturas intermediárias eram o Comitê Distrital 1 e 2 (CD1 e CD2), uma responsável pelas atividades comunistas no Norte do estado, a partir de Londrina, e a outra no Sul, a partir de Curitiba. Isso causava problemas operacionais para a organização, porque o contato da direção do Norte se dava mais freqüentemente com São Paulo do que com o Diretório Regional do Partido[56]. Além dessas estruturas intermediábrias, havia também uma boa organização nos municípios.

O controle político que a direção do PCB exercia sobre seus militantes era forte e centralizador, principalmente devido à herança do Estado Novo. Assim, a forma política de organização mais utilizada pelos comunistas era a célula, ou organismos de base, ordenadas por locais de trabalho ou estudo, e mantida com o reforço da clandestinidade. As células viriam novamente a ter na ditadura militar (1964-1985) grande importância. Nelas geralmente estavam presentes alguns membros de direção intermediária do Partido, seguindo uma característica internacional de partidos com estrutura de organização vertical:

> Em vez de agrupá-los [os militantes] segundo seu domicílio, eles agrupam-nos segundo seu local de trabalho: aos comitês e seções locais sucedem-se assim as células de fábrica, de loja, de ateliês, de escolas etc. [...]. Faz-se que cada membro do Partido sinta concretamente a importância e o significado de sua adesão[57].

---

[56] Ver sobre os dois partidos comunistas no Paraná a entrevista de Hermógenes Lazier neste livro. Espedito Rocha lista os partidários de que se recorda no Norte do Paraná: "Manuel Jacinto, que foi vereador em Londrina, João Saldanha, que foi do futebol, um cidadão que se chamava Pedrão, outro de nome Aliro, que chegou a ser vereador em Paranavaí, Bonifácio, esse também foi vereador em Maringá, Zé Rodrigues, Antônio Mendonça Gomes. Todos eleitos pela legenda de outros partidos, o que era normal no Brasil inteiro, pois estava todo mundo na ilegalidade".

[57] Cf. DUVERGER, Maurice. *Sociologia política*. Rio de Janeiro: Forense, 1968. p. 365. Duverger destaca que a organização comunista é a melhor forma de organização para um partido político porque mantém uma unidade de ação e uma disciplina não encontrada em nenhuma outra forma de organização partidária (p. 366).

No Paraná não foi diferente. A organização se dava por células de empresas, depois sindicatos e associações. Acima estavam os diretórios municipais, depois um dos dois comitês distritais do Norte ou do Sul e, por último, o Diretório Regional. Em todas essas instâncias eram eleitos secretariados que cumpriam as mesmas funções desenvolvidas pela Executiva partidária, ou seja, eram os órgãos centralizadores e executores das deliberações do coletivo, isto é, da direção. As instâncias de deliberações partidárias eram as reuniões de bases (por local de trabalho ou de estudo), plenárias, plenos municipais e estaduais e, ainda, os ativos setoriais[58]. Outro modelo importante de organização foi a União da Juventude Comunista (UJC). Esse órgão funcionava com relativa autonomia diante da estrutura do Partido sem, no entanto, deixar de seguir a linha política de seu Diretório Regional. Os jovens que quisessem militar na organização deveriam fazê-lo por meio do engajamento na UJC[59], a partir das entidades gerais de representação ou onde existisse núcleo ou fração por local de trabalho[60]. Wilson Previde chegou ao partido pela Juventude Comunista[61].

Em fins dos anos cinqüenta, o número de filiados ao PCB deu novamente um grande salto em todo o Brasil, o que possibilitou seu funcionamento como um Partido nacional de fato, bem enraizado nos estados. Esse crescimento fez com que se adotassem estratégias profissionais de funcionamento que, aqui no Paraná, perdurariam até o fim da ditadura militar.

Muitos dos que compunham a direção estadual eram profissionais liberais (advogados, médicos) ou funcionários públicos e, portanto, sua disponibilidade e atuação eram limitadas. Assim, o Partido retirou alguns dirigentes de seus empregos, como os jornalistas Hermógenes Lazier e Izaurino Gomes Patriota, que foram profissionalizados para cuidarem apenas do jornal do PCB. Havia também uma profissionalização voltada para as atividades e resoluções determinadas

---

[58] Os "ativos setoriais" são encontros que reúnem categorias e setores específicos inteiros da sociedade, como, por exemplo, os congressos de estudantes. O Partido sempre utilizou esse tipo de instrumento de organização.

[59] Segundo Leôncio Martins Rodrigues, a Juventude Comunista, quando foi fundada, era composta basicamente por operários. Em 1946, porém, sua composição já era totalmente formada por estudantes. Cf. RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: dirigentes e organização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira.* Tomo III: O Brasil Republicano. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 385.

[60] Entenda-se por fração a reunião apenas dos comunistas que exercem funções de direções em determinadas entidades; por isso se reuniam com um dirigente municipal, estadual ou nacional do Partido, conforme a importância e a abrangência da entidade, e traçavam as políticas para essa entidade (por exemplo: membros da direção de um sindicato ou de uma entidade estudantil que têm comunistas na sua direção). Entretanto, essa forma de organização ocorre mais nos dias de hoje. Cf. *Programa e estatutos do PC do B*, out. 1990, p. 38.

[61] Ver sua entrevista mais adiante neste livro.

pelos plenos do Comitê Regional, ou pela própria Executiva do Partido. Esses militantes eram conhecidos como "desligados da produção". Recebiam ajuda de custo para se manterem, tendo muitas vezes que dormir e fazer as refeições alternadamente na casa de dirigentes e simpatizantes. Em determinados momentos, o Diretório Regional chegou a profissionalizar mais de dez dirigentes no Paraná[62].

Izaurino Patriota evoca esse tempo como uma época de muita dedicação, muitas privações e também muita solidariedade:

> [...] O Partido precisava de pessoas que estivessem à disposição 24 horas por dia, que pudessem viajar para qualquer lugar e lá ficar até que pudesse findar a tarefa para a qual estava incumbido. Havia então esses políticos digamos "profissionais", que eram funcionários do Partido. Eles recebiam uma ajuda de custo e faziam as refeições na casa de algum militante, algum amigo. A casa do Nelson [Torres Galvão] vivia cheia. Sempre havia pessoas que iam lá almoçar, jantar, e até dormir[63].

Os documentos guardados no DOPS mostram que a atividade comunista no Paraná era, de fato, intensa. No período posterior a 1950, além de dirigir a maioria dos sindicatos estaduais e locais, o PCB estava presente nas cidades mais importantes do estado, como Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Curitiba, Ibiporã, União da Vitória, Rio Negro, Cornélio Procópio, Cambé, Sertanópolis, Antonina, Paranaguá, Marrecas (depois Francisco Beltrão), Jaguapitã, Morretes e Curiúva.

Todos os militantes estavam sujeitos à disciplina política e a uma organização muito rígidas. Mesmo que ocupassem cargos de direção intermediária, municipal ou estadual, deveriam fazer parte de uma organização de base. Se tomadas como exemplos as cidades de Curitiba e Paranaguá, locais onde o Partido tinha muitos militantes, é possível observar quão importante foi essa organização. Segundo dados encontrados na documentação do DOPS, após a abertura política de 1945 essas duas cidades contavam com seis das maiores células do PCB-PR, que no total chegavam a 22 no estado inteiro. Eram elas: "célula Leocádia Prestes, em Curitiba, com 130 membros; célula Estiva – Paranaguá, 90 militantes; célula Centro Curitiba, 46 membros; célula Olga Benário – Curitiba, 41 membros; célula 1º de maio – Curitiba, 40 membros – e célula Niazetto – Curitiba, 30 membros"[64]. Esses números, contudo, variaram bastante entre os períodos de legalidade e semilegalidade do Partido.

[62] Cf. a entrevista de Hermógenes Lazier.
[63] Ver a entrevista mais adiante neste volume.
[64] Arquivo Público/Fundo DOPS. Pasta n. 1.468a, caixa 173 – Partido Comunista Brasileiro. Geral.

Além da forte organização e disciplina, outros dois temas eram importantes para o funcionamento interno do PCB-PR: as finanças e a imprensa.

Havia controle das obrigações financeiras de cada militante a partir de um acordo feito entre os dirigentes e os quadros de base. Todos tinham sua ficha, centralizadas nas mãos do Tesoureiro[65] e do Secretário de Organização. Essas fichas continham informações gerais sobre o militante, sua profissão, data de início da militância, em que entidade atuava, em que base estava inscrito etc. Para complementar as arrecadações, eram feitas muitas atividades festivas, como bailes, piqueniques e churrascos, para arrecadar fundos para o Partido, conforme informou Iraci Soares de Oliveira[66].

Havia ainda a venda de materiais do Partido, principalmente os jornais de circulação nacional e de edição local (*Tribuna do Povo*, conhecido como "Jornal do Povo"), um semanário sustentado pelos militantes e pelos dirigentes[67].

6. Os comunistas e a questão da terra no Paraná

As bandeiras e as reivindicações levantadas pelo Partido no Paraná decorriam de interpretação, no limite do possível, das resoluções nacionais e eram "aplicadas" às condições regionais por seus organismos intermediários. Isso resultava da organização vertical e hierarquizada da agremiação, que possuía um núcleo centralizado que comandava as demais estruturas políticas rigidamente.

Os anos cinqüenta foram os mais atribulados para o Partido, levando em conta as particularidades de sua trajetória, as crises políticas internas, as disputas ideológicas e as mudanças internacionais[68]. Essas mudanças refletiram-se nas transformações de sua postura política, que seria o princípio do processo que o levaria à maior cisão já sofrida pela agremiação, ocorrida no início dos anos 1960.

A semiclandestinidade a que estava submetido o PCB permitiu que entre os anos 1947 e 1964 ele não ficasse excluído nem se excluísse da vida política

[65] O Tesoureiro do Partido que ficou mais tempo no exercício do cargo foi Jorge Karam.

[66] Iraci foi Dirigente de Célula, Secretária de Massas da Executiva do Diretório Municipal de Curitiba. Ver seu depoimento neste livro.

[67] Hugo Santana confirma que "A *Tribuna do Povo* [...] era bancada pelo Setor de Finanças. Não sei se vinha alguma contribuição do Comitê Central, mas mensalidades eram arrecadadas entre os militantes que tinham empregos ou eram empresários". Ver sua entrevista neste livro.

[68] Ver Edgard Carone, O PCB, *op. cit.*, p. 175, 315, 320. Cf. Resolução do Comitê nacional do PCB sobre a expulsão de José Maria Crispim (1952); Resolução do Comitê Central do PCB sobre a atividade antipartidária de Agildo Barata (agosto de 1957) e a Declaração sobre a Política do PCB de março de 1958.

do país, como já vimos. A despeito dessa condição, o Partido tomou posições, implementou resoluções e orientações, tanto nacionais como internacionais, diferentemente de outros períodos de ilegalidade, nos quais era preciso remontar toda a estrutura partidária para fazer o partido funcionar, como no caso do Estado Novo.

Entre 1945-1964 o Partido esteve envolvido em três grandes movimentos no Paraná: a Campanha pela Paz, a luta pela imprensa popular e os conflitos de terra no Norte do estado, em 1948 e 1952, e no Sudoeste, em 1957, dois grandes levantes camponeses. Como houve oscilações em torno das orientações e posturas políticas do Comitê Central, ocorridas devido a mudanças internacionais, também no nível local a atuação do Partido variava em intensidade e conforme os objetivos estabelecidos conjunturalmente. O PCB-PR orientava-se, como é óbvio, pelas grandes diretrizes do *Manifesto de Agosto* de 1950 (que instituiu a Frente Democrática de Libertação Nacional), ou da *Declaração de Março* de 1958 (que mudou a postura do PCB influenciado pelo XX Congresso do PCURSS), passando, no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, pela luta pela legalização do Partido. Mas também encampava bandeiras nacionalistas de coloração local, como a da criação da companhia de eletricidade do estado, a COPEL[69].

No Paraná, o efeito do relatório Kruschev, apesar da polêmica que suscitou e da divisão do Partido em duas alas, foi pouco sentido, como Wilson Previde destaca:

> Foi divulgado internacionalmente e repercutiu aqui também, e gerou muitas discussões, muitas coisas. E muita substituição de dirigentes, "vem para cá, vai para lá". Acirrou muito a luta interna. Aqui no Paraná poucos elementos saíram do Partido. Um deles foi o Odílio [Cunha Malheiros Jr.]. Quanto ao racha que houve, a gente sempre tomava partido nas brigas e nas discussões internas. Tivemos aqui no Paraná o grupo que foi para o PC do B, que foi muito pequeno, muito pequeno mesmo. Não houve um movimento muito grande que fosse preponderante, que fosse um deus-nos-acuda. O que houve foi essa saída de alguns para o PC do B, e os que ficaram no PCB[70].

Os movimentos agrários que se destacaram no cenário político da época no Paraná foram os levantes camponeses na região de Porecatu, que contaram com a participação e a organização dos comunistas, e o Levante do Sudoeste

[69] Cf. HELLER, Milton Ivan; DUARTE, Maria de Los Angeles Gonzáles. *Memórias de 1964 no Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

[70] Ver sua entrevista mais adiante.

(onde se localizava antigamente a cidade de Marrecas, atual município de Francisco Beltrão). Nesses, observa-se a linha política do IV Congresso do Partido, ou seja, uma postura radical de enfrentamento com os setores burgueses[71].

O objetivo do levante de Porecatu era formar uma frente contra os "latifundiários", inclusive com o apoio da burguesia nacional, a favor de uma reforma agrária radical. Nesse episódio o PCB teve uma atuação direta, destacando-se Manuel Jacinto Corrêa e Flávio Ribeiro como organizadores[72]. Inúmeros personagens da Direção Nacional do PCB foram ao local do conflito devido à sua repercussão, como Gregório Bezerra[73] e João Saldanha[74]. Segundo Izaurino Patriota, o episódio só "não teve divulgação maior, porque a censura não permitiu".

Como reflexo do levante camponês que aconteceu no Norte do Paraná, surgiram inúmeras uniões de trabalhadores. O fim do conflito de Porecatu criou condições para que, sob a liderança do Partido, que ao mesmo tempo em que se estruturou aumentou enormemente sua influência, fossem organizadas as Uniões Gerais dos Trabalhadores (UGT). Esse seria "um aspecto específico da organização dos comunistas paranaenses, pois não se teria observado fenômeno igual no resto do país"[75].

Em 1957, ocorreu o Levante do Sudoeste, com características diferentes da revolta de Porecatu. Como o governador tinha interesse nas terras da região, criou uma companhia chamada CITLA (Clevelândia Industrial e Territorial Ltda.) para regulamentar a venda de terras, retirar os posseiros e loteá-las conforme interesses econômicos. Essa ação gerou um conflito armado entre posseiros e o governo, que contou também com a atuação mais discreta dos comunistas, se comparada à sua participação no evento de Porecatu. Conforme o dirigente Odílio Cunha Malheiros Jr., que fora designado pelo jornal *Tribuna do Povo* para acompanhar os acontecimentos na região, coisas terríveis foram praticadas pe-

[71] CARONE, Edgard. *O PCB* (1943-1964) São Paulo: Difel, 1982. v. II.

[72] Manuel Jacinto Corrêa foi considerado pelo DOPS como um dos chefes do Partido Comunista em Londrina, onde também foi vereador, conforme ficha do DOPS n. 1.470. Sua liderança na região do Norte do Paraná é confirmada também por diversas entrevistas realizadas com dirigentes comunistas da época. Flávio Ribeiro foi militante do Partido desde sua época de estudante de Direito e continuou sua atuação pelo menos até o final da década de 1970.

[73] Gregório Bezerra era da direção nacional do Partido e foi deputado constituinte na Assembléia Nacional de 1946, por Pernambuco. É considerado um dos grandes líderes comunista do período.

[74] João Saldanha ficou conhecido posteriormente como repórter e cronista esportivo. Foi técnico da seleção brasileira de futebol.

[75] SILVA, Osvaldo Heller da. O nascimento dos sindicatos rurais e o sindicalismo comunista no Paraná. In: VILALOBOS, Jorge Ulisses Guerra (Org.). *Revista de Geografia social e agricultura.* Maringá: UEM, 2000. p. 68.

los jagunços contratados pela empresa CITLA[76]. Essa empresa tentava vender títulos de terras aos posseiros, que já os haviam comprado da empresa CANGO (criada durante o governo Dutra), gerando o conflito. Como muitos possuíam o título, não aceitaram pagar novamente pelas terras que lhes pertenciam.

Essas duas revoltas "camponesas" foram responsáveis pela hegemonia do PCB no meio sindical agrícola paranaense durante a década de 1950 e o início dos anos sessenta[77]. O Partido teve participação decisiva na criação de diversos sindicatos de trabalhadores rurais e de uma federação dos sindicatos rurais.

7. Os comunistas e a Campanha dos Partidários da Paz

A Campanha pela Paz resultou da reunião que aconteceu na capital da Suécia em 1950, de onde saiu o *Apelo de Estocolmo*, que passaria a orientar as ações contra os conflitos armados em diversos países do mundo. Para os comunistas, ela foi inspirada na decantada frase de Stálin. Em 1949 foi declarada a "luta pela paz" pelo Kominform.

O movimento pela paz teve grande relevância para o PCB no Paraná. Diversos entrevistados destacaram sua importância, dentre eles Hermógenes Lazier:

> Quando eu entrei no Partido, em 1950, a principal bandeira de luta era pela paz. Naquela época, no mundo inteiro assinaturas eram coletadas para o Apelo de Estocolmo, de casa em casa, contra a guerra e pela paz. Essa foi uma das lutas que mais empolgava, havia o perigo de guerra no mundo, a luta era decisiva para o Paraná e até para a humanidade, devido ao perigo de uma nova hecatombe[78].

O movimento pela paz foi criado no pós II Guerra Mundial, depois das explosões das bombas atômicas sobre o Japão. Foi um movimento de massa, durante o qual diversos países formaram o Conselho Mundial da Paz, que foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas. Pablo Picasso foi um de seus fundadores e Jorge Amado e Cândido Portinari foram os primeiros brasileiros

---

[76] Para mais detalhes, ver o depoimento de Odílio neste livro.

[77] SILVA, Osvaldo Heller da. O nascimento dos sindicatos rurais e o sindicalismo comunista no Paraná. In: VILALOBOS, Jorge Ulisses Guerra (Org.). *Revista de Geografia social e agricultura.* Maringá: UEM, 2000.

[78] Do depoimento de Hermógenes Lazier.

que, juntamente com outras personalidades, fundaram o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Esse movimento foi encabeçado pelo PCB e filiado ao Conselho Mundial da Paz. O PCB assumiu para si a tarefa de lutar pela paz com uma campanha que mobilizou o país inteiro. Uma das principais tarefas dessa campanha era colaborar com a organização do I Congresso Continental Americano, que aconteceria no México. Nesse intuito, a campanha ganhou ramificações estaduais, realizou dezenas de encontros, campanhas de rua e coletas de assinaturas[79].

No Paraná, em 1949, esse movimento intitulado Conselho Pró-Paz e Cultura fundou diversos comitês municipais de partidários da paz. Os veículos de comunicação do Partido foram colocados a serviço dessa campanha.

A diretoria estadual do Conselho era composta assim: Presidente: Dr. Otávio da Silveira, médico; 1º Vice Presidente: Felipe Chede, comerciante; 2º Vice-Presidente: Joel Kuri, jornalista; Secretário-Geral: Dr. Jorge Karan, médico; 1º Secretário: José Eduardo, universitário; 2º Secretário: Dr. Vitor Barbosa, farmacêutico; 1º Tesoureiro: Dr. Antenor Pupo, médico; 1º Orador: Dalton Trevisan, advogado e escritor; 2º Orador: Vieira Netto, advogado; Diretor de Publicidade: Arnaldo R. Pinto, escritor[80].

Da diretoria descrita acima, pelo menos três pessoas (Otávio da Silveira, Jorge Karan e Vieira Netto) eram dirigentes estaduais do Partido; outros poderiam ser filiados, ou dirigentes intermediários. Essa informação, no entanto, não pôde ser confirmada.

A coordenação do movimento convocou para o mês de agosto de 1949 o I Congresso Estadual em Defesa da Paz e da Cultura, que seria realizado em Londrina, cidade que contava com dois vereadores comunistas. Também se indicaria aí os representantes para o Congresso Nacional Pró-Paz que aconteceria no Rio de Janeiro e que, por sua vez, nomearia os representantes para o Congresso Internacional Pró-Paz em Paris. A chamada do encontro paranaense destacava que importantes setores da sociedade participavam da sua organização e qual seria sua finalidade:

> Amantes da paz e da liberdade, pelas tradições de nossa vida nacional e da

[79] *A classe operária,* n. 222, mar. 2003.

[80] Arquivo Público/Fundo DOPS. Pasta n. 0326, caixa n. 38 – Congresso Paranaense dos Partidários da Paz.

> orientação que sempre norteou a nossa política externa, é mister que todos compreendamos a importância suprema da defesa da Paz e do entendimento entre os povos, no momento em que as força desesperadas dos fabricantes de canhões e dos provocadores da guerra, pretendem arrastar-nos para outra hecatombe mais terrível, mais sangrenta e mais destruidora que as anteriores, como todo o seu cortejo de fome, de sangue, de mortos e mutilados e inválidos, sem falar no sacrifício, na humilhação e no luto de mulheres e crianças, pois a guerra moderna não poupa as populações civis. Conforme já tivemos oportunidade de noticiar. Essas finalidades e justa e democrática com que convocamos o Povo de nosso estado para a realização do Congresso Pró-Paz em Londrina [...] como preliminar da Convenção Nacional a 15 de agosto em Porto Alegre e do Congresso Continental da Paz a instalar-se no México no dia 5 de setembro deste ano[81].

José Rodrigues Vieira Netto, um dos líderes organizadores, tentou articular politicamente a viabilização do Congresso Pró-Paz em Londrina, conversando, dias antes, com o governador e com autoridades políticas:

> O declarante procurou as autoridades estaduais, primeiramente o senhor governador do estado e após o chefe de polícia, inteirando-se por esta de que efetivamente se encontravam proibidas todas e quaisquer manifestações em torno dos denominados 'Congressos Pró-Paz e Cultura' em virtude de ter sido constatado o caráter subversivo, digo, em virtude de ter sido constatado o caráter ilícito dos mesmos[82].

O ato foi considerado ilegal e a maioria dos organizadores e participantes foi presa quando da chegada da polícia, que interrompeu o seu andamento. Como o movimento pela paz não contou com o apoio dos Estados Unidos, o governo Dutra, que desenvolvia uma política de aproximação com os norte-americanos, decretou a ilegalidade do movimento.

O movimento paranaense dos partidários da paz continuaria existindo por mais alguns anos. Realizou congressos estaduais pelo menos até 1953, e participou dos encontros nacionais que tiraram os delegados para os encontros internacionais. Apesar de atuar também a favor de outras reivindicações, o PCB fazia questão de estar presente no movimento pela paz porque isso lhe dava mais visibilidade e tinha maior apelo junto à sociedade brasileira.

---

[81] Trecho do folheto de convocação do congresso. Arquivo Público/Fundo DOPS. Pasta n. 0326, caixa 38 – Congresso Paranaense dos Partidários da Paz.

[82] Ficha da prisão de Vieira Netto. Arquivo Público/Fundo DOPS. Pasta n. 0326, caixa n. 38 – Congresso Paranaense dos Partidários da Paz.

Capítulo 2:

Mulheres comunistas no Paraná: experiências e militância nas décadas de 40 e 50[1]

Viviane Maria Zeni

Ao longo de oitenta e quatro anos, o Partido Comunista do Brasil (PCB), mesmo reduzido a uma pequena legenda eleitoral, instigou muitos estudiosos à leitura, escrita e reescrita de sua história. A busca de conhecimento e a reavaliação crítica da trajetória do PCB está intimamente ligada tanto à sua cultura política como à memória histórica do comunismo, por muito tempo resguardada, silenciada e condenada ao segredo e à censura.

Este capítulo pretende apresentar algumas reflexões sobre o *imaginário comunista* no Brasil através da análise da participação das mulheres no PCB entre os anos de 1945 e 1958. Serão priorizadas aqui as militantes do Partido no Paraná, com o objetivo de demonstrar como elas, embora vivessem em um contexto regional muito específico, criaram a sua identidade enquanto *mulheres e comunistas*, contribuindo para manter o PCB ligado à realidade brasileira, apesar do sectarismo, centralismo e subjetivismo que marcaram a trajetória política da organização[2].

---

[1] Este ensaio faz parte de um trabalho mais amplo apresentado como Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em setembro de 2003 com o título: *Momento Feminino:* mulheres e o imaginário comunista. Uma nova história; uma história nova (1945-1956).

[2] Nos registros sobre o PCB da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS), sob os cuidados do Departamento de Arquivo Público do Paraná (DEAP), foram identificadas 224 mulheres que atuaram no Paraná. Elas estavam divididas nos seguintes Comitês Municipais: 55 em Curitiba, 52 em Londrina, 47 em Paranaguá, 21 em Antonina e 49 em outras cidades do interior, compreendendo, segundo a lógica da polícia política, os municípios de Apucarana, Ponta Grossa, Ibiporã, entre algumas situadas na Zona Norte e Sul do estado. Dessas militantes, 152 possuíam fichas ou dossiês individuais. Somente 68 continham dados mais específicos. Duas militantes foram localizadas e concederam depoimentos sobre sua experiência e trajetória na organização.

A escolha dessa periodização não é aleatória. A partir de 1945 o PCB oscilou entre uma *política de quadros* e uma *política de massas*, abrindo-se, ao fim desse intervalo de tempo, "para a sociedade", fator relevante para a ampliação dos quadros femininos, consolidação dos laços de solidariedade entre o grupo e delineamento de uma nova *modalidade de ser comunista*, que só se modificaria após o impacto das denúncias do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. As revelações de Nikita Kruschev abalaram o movimento comunista internacional e afetaram o PCB, que, por sua vez, adotou uma nova postura política expressa na *Declaração de Março* de 1958. Esse documento é considerado por muitos estudiosos como o atestado oficial de *renascimento* do partido.

Esse tempo histórico abrange também os primeiros movimentos do *estado* da Guerra Fria, que possibilitou aos comunistas criarem novas representações sociais, que repercutiram nos costumes, na moral, na vida partidária, enfim, nas "estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser 'apreendido' constitutivo de sua identidade"[3].

As fontes primárias selecionadas abrangem os documentos existentes no arquivo da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) do Paraná e no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Universidade Estadual de Campinas. São também utilizados depoimentos prestados por quatro militantes (duas mulheres) e periódicos da imprensa partidária e da *imprensa de referência*[4]. O confronto do conteúdo explícito e implícito do discurso dos depoentes com os documentos estabeleceu um diálogo de outra ordem, possibilitando recriar a trajetória política e cultural dos comunistas no Paraná, além de identificar como as militantes, ao expressarem as representações coletivas em uma determinada linguagem, reproduziram um imaginário que encontrou no comunismo o projeto de sua identidade social.

---

[3] CHARTIER, Roger. *A história cultural.* Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985. p. 43.

[4] A expressão "imprensa de referência" está apoiada nos estudos de Gérard Imbert, que a define como aquela que "contribui na representação/conformação da opinião pública, tanto no plano nacional quanto internacional". Por conseguinte, a *imprensa de referência* possui como função social e política a emissão e mediatização de opiniões, porque representa uma forma de poder simbólico uma vez que (in)forma o poder. Ver MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa:* os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

1. O PCB e o imaginário comunista

Curitiba, Paraná, dezembro de 1951.

A Conferência de Mulheres, promovida pela vereadora comunista Maria Olímpia Carneiro, que pretendia discutir a paz mundial e protestar contra a bomba atômica, gerou indignação generalizada na "sociedade paranaense" devido à negligência da polícia política, que nada teria feito para impedir uma reunião tida como "subversiva".

Embora o protesto se dirigisse ao descaso com que a Delegacia de Ordem Política e Social tratou o assunto, o foco (implícito) das discussões era a ação desembaraçada da líder comunista que, incumbida de organizar o movimento pacifista, não mediu esforços para que ele se concretizasse. Maria Olímpia, por exemplo, exigiu da diretoria de alguns jornais locais o cumprimento da lei no que dizia respeito à divulgação de qualquer evento de caráter social, visitando insistentemente a redação do jornal *O Dia*, que se negava a dar publicidade ao acontecimento.

Contrariado, *O Dia* assim se pronunciou:

> Ainda que a sagacidade da polícia política não tivesse sido alertada pelas indicações que nós, perfeitamente alheios ao assunto, encontramos nos folhetos de propaganda da Conferência, não poderia passar despercebida a natureza da reunião. [...] A vereadora Maria Olímpia, em sua triste aventura comunista, desde a primeira vez que nos visitou, acompanhada de numerosas damas, ingênuas ou realmente solidárias com suas idéias, insiste em fazer-nos ameaças [...] e exigir, de acordo com a lei, a publicação [do anúncio] de tal Conferência. [...] Recusamos a fazer [...] e a dama prometeu tomar providências[5].

E, de fato, a *vereadora de Prestes* (como muitos jornais se referiam a Maria Olímpia), juntamente com as demais inúmeras "damas ingênuas", tomou as medidas necessárias para divulgar a Conferência de Mulheres através do jornal comunista *Tribuna do Povo* ou por intermédio de panfletos encaminhados a várias associações femininas, fábricas, lojas comerciais e escolas. Nesses panfletos, as representantes da Federação de Mulheres do Paraná apelavam para que as paranaenses prestigiassem a Conferência com sua presença e colaboração, e indicavam os temas a serem discutidos, baseados na defesa da infância, bolsa-

[5] A Conferência das Mulheres. *O Dia.* Curitiba, 16 dez. 1951, s/p. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Dossiê n. 0984. Topografia 119. p. 7.

consumidor e preservação da paz[6].

A publicidade promovida por Maria Olímpia, cujo objetivo era angariar um apoio maior ao trabalho feminino que a Federação já estava realizando, gerou indignação da *imprensa de referência*, que por sua vez pressionou Jack B. Fawcett, secretário-executivo do Centro Interamericano, local onde seria realizada a reunião, para interceder contra o encontro. Atendendo à solicitação, Fawcett cancelou a licença concedida à vereadora e enviou ao delegado do DEOPS o seguinte ofício:

> Conforme entendimento verbal, solicito de Vossa Excelência se digne mandar destacar um guarda civil para ficar de plantão na sede deste Centro Cultural das 19 às 22 horas nos dias 14 e 16 do corrente a fim de que seja impedida a realização da Conferência da Federação de Mulheres do Paraná[7].

O Congresso foi realizado, porém, nas dependências da Editora Lítero-Técnica, e a perplexidade diante dessa afronta à ordem traduziu-se em artigo publicado por *O Dia*, que alertava os leitores paranaenses para o perigo das ações subversivas em todo o estado e ironizava a participação das mulheres que se empenhavam nessas atividades, apresentando-as novamente como ingênuas, uma vez que estariam "fazendo o jogo da demagogia comunista e procurando com isto uma série interminável de futuros aborrecimentos"[8].

A Conferência, contudo, teve o êxito esperado pela organização e contou com a participação de representantes estudantis e das fábricas de Curitiba, delegadas das Associações Femininas e Comissões de Mulheres de Londrina, Maringá, Bandeirantes do Sul, Paranaguá, Piraquara, Ponta Grossa, Campo Largo e Antonina[9].

O Comitê Central enviou, para prestigiar as paranaenses, Elisa Branco, militante operária de destaque que havia mobilizado a população brasileira na luta pela paz. Estiveram presentes também o deputado Júlio Rocha Xavier, Presidente de Honra do Movimento Paranaense dos Partidários da Paz e vice-governador do estado, José Rodrigues Vieira Neto, deputado estadual pelo PCB, Izaurino Gomes Patriota, diretor da *Tribuna do Povo*, Orlando Ceccon, proprietário da Lí-

---

[6] A Conferência das Mulheres. O Dia. Curitiba, 16 dez. 1951, s/p. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Dossiê n. 0984. Topografia 119. p. 3, 7, 8 e 10.

[7] *Ibid.*, p. 141.

[8] A Conferência das Mulheres, O Dia. *Op. cit.*

[9] Conferência Estadual de Mulheres. Informe. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses. Ibid.*, p. 8.

tero-Técnica, além de Joaquim Rodrigues Mochel e do Dr. Jorge Karam, entre outros militantes e simpatizantes que auxiliavam o movimento de mulheres[10].

O apoio dos camaradas combinava com as instruções do PCB para que a luta feminina se desenvolvesse intensamente a fim de instaurar um "governo democrático e popular". A responsabilidade de todos os membros do grupo consistia em compreender a relevância do trabalho feminino e conceder-lhe toda atenção necessária. Isso significava, segundo *A Classe Operária*,

> [...] que todos devem ser designados para ajudar o trabalho feminino, os melhores quadros de cada organismo, que não devemos desviar na medida do possível as camaradas do trabalho específico feminino, que devemos reforçar e dar vida política às células femininas e controlar melhor o seu trabalho, que devemos ajudar as companheiras a elevar o seu nível político e ideológico[11].

Com o apoio de muitos militantes e dirigentes paranaenses, houve, durante a Conferência das Mulheres, calorosos debates nos quais os participantes trocaram experiências a fim de encontrarem a solução para os problemas que afligiam a população.

Contudo, para os agentes do DEOPS, a Conferência de 1951,

> [...] não resta a menor dúvida, [tratava-se] de propaganda subversiva, promovida por elementos do P.C.B., cujas atividades foram postas fora de lei, e que se valem de subterfúgios como os de agora para fazerem a difusão de seus ideais anti-cristãos e anti-democráticos, bem como a angariação de fundos destinados a sustentarem a referida propaganda[12].

Para as polícias do Estado, a difusão oral de qualquer debate assume grande importância, pois essas reuniões convertem as pessoas menos esclarecidas e atraem as indecisas, transformando-as em divulgadoras dos ideais *subversivos,* ou mais prudente seria dizer: reprodutoras de uma nova cultura falada, que sob a ótica oficial deveria ser impedida. Importa aqui considerar que, por intermédio do debate e aliciamento verbal, um imaginário vivo, eficaz e irredutível se difunde, envolvendo cada participante nos seus próprios instrumentos culturais, permitindo-lhes dessa forma a sua afirmação pessoal no interior do grupo[13].

---

[10] Os nomes mencionados foram retirados do relatório enviado pelo agente Fausto Thomaz ao Delegado do DEOPS. Cf. DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses.* Curitiba, 21 dez. 1951. p. 37-38.

[11] As mulheres brasileiras na luta pela paz, contra a carestia e em defesa da infância. *A Classe Operária.* Ano XXVI. n. 401. Rio de Janeiro, 1 out. 1951. p. 2.

[12] Conforme relatório de Fausto Thomaz. DEAP. DEOPS. *Federação de Mulheres Paranaenses. Ibid.*, p. 32.

[13] ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 111.

As menções do jornal *O Dia* permitem perceber o peso do discurso jornalístico da *imprensa de referência* sobre a sociedade brasileira, sociedade essa de forte tradição católica e cristã que preservava em seu imaginário as idéias propaladas pela propaganda anticomunista. As notícias veiculadas sobre as conquistas das mulheres na URSS, desde a Revolução de Outubro de 1917 e após o término da Segunda Grande Guerra, afligiam os brasileiros que temiam a possibilidade dos *agentes da Rússia vermelha* chegarem ao poder[14].

Logo, as mulheres que ingressavam no PCB, para praticarem ações completamente opostas às suas *reais* atribuições, deveriam também ser consideradas como o *mal absoluto*, pois influenciavam negativamente a sociedade, já que abandonavam Deus, a Família e a Pátria.

A opção dessas mulheres em aderir a um Partido, símbolo de ameaça à ordem estabelecida, estava embasada em imagens e códigos fortemente enraizados no imaginário do grupo comunista, fornecendo a elas a certeza quanto à sua opção e ação política. Em outras palavras, as militantes do PCB reproduziam as idéias, dogmas e representações políticas comuns aos comunistas. Esse sistema de referência lhes permitia interpretar a realidade social e agir de uma determinada maneira que se traduzia em uma linguagem coletiva, ou melhor, um imaginário.

Produto de um discurso que o torna inteligível por intermédio da reunião das representações coletivas em uma linguagem, o imaginário social assevera sua eficácia através do simbolismo na medida em que "suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum"[15]. Os símbolos introduzem informações, valores e normas e delineiam comportamentos individuais e coletivos indicando, dessa forma, possibilidades de êxito.

---

[14] Conforme indica Bethânia Mariani, no discurso jornalístico da *imprensa de referência*, as denominações atribuídas aos comunistas foram utilizadas para dar significado às relações de forças existentes em uma determinada formação social. Para os comunistas, entre os anos 1940 e 1950 a grande imprensa utilizava as seguintes denominações: bancada bolchevista, partidários do Sr. Carlos Prestes, agentes da Rússia vermelha, subversivos, bolchevistas, stalinistas, marxistas, entre outros. Já para denominar comunismo, a autora destaca: bolchevismo, utopia bolchevista, ideologia marxista, credo vermelho, doutrina alienígena, doutrina extremista e quinta-coluna. Ver MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa:* os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998. p. 119-131.

[15] BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Antropos-Homem.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 311.

Sendo assim, a vereadora Maria Olímpia, ao desafiar a direção do periódico citado, não duvidou da natureza revolucionária de sua ação. Aspirando a transformações, ela reproduzia um imaginário que assegurava ao grupo comunista uma identidade social alimentada por suas experiências socialmente demarcadas, tanto no passado como no presente. Cabe ressaltar igualmente que o sistema simbólico em que se assentava e operava o imaginário comunista não se construiu somente por intermédio das experiências dos militantes, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações[16].

Além disso, os mitos, assim como as ideologias e as utopias, também estão presentes e mesmo destacam-se na construção dos discursos que simbolizam os imaginários sociais. Importa salientar que, nos períodos críticos, o mito se impõe com veemência, exercendo com maior eficácia o seu poder de atração, pois, nas épocas de crise, intensifica-se a produção de imaginários sociais antagônicos, suscitando representações de nova legitimidade e de um futuro diferente, que se expressam *nas* e por intermédio *das* utopias [17].

Assim posto, além da *vereadora de Prestes,* muitas militantes do PCB, ao vivenciarem uma experiência radicalmente diversa, passaram a refletir sobre sua própria existência, concepção de mundo e relações que mantinham com a sociedade. Como Maria Olímpia, as militantes pecebistas do Paraná (e certamente de outros estados) se inseriram nesse campo denso e complexo e, ao introjetarem valores comuns a todos os membros ativos do PCB, construíram, enquanto mulheres e comunistas, sua própria identidade baseada em uma concepção de mundo bem específica: o mundo socialista. Por essa via, reproduziam o caráter dogmático da cultura política que o PCB difundia e conservava.

Isso ocorreu porque o Partido lhes possibilitava redescobrir uma nova identidade, sobre a qual redefiniram-se como diferentes. Essa singularidade, baseada no princípio da unidade entre todos os membros do grupo, fundamentou e assegurou a legitimidade do PCB, que se tornou o depositário de uma cultura política de caráter dogmático.

---

[16] Ver BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 311.

[17] Ver GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 180. Considera-se aqui utopia em seu novo espírito, ou seja, como "a expressão do imaginário coletivo, um profundo desejo de mudança, uma mudança que seja rápida e radical [que] se o presente não permite, o imaginário o faz". MUELLER, Helena. Uma utopia. As utopias. In: _____. *Flores aos rebeldes que falharam*. Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 7-48.

Cabe aqui sublinhar que não há entre os grupos sociais uma identidade *em si*. A identidade existe sempre *em relação* a uma outra, o que indica o caráter relacional entre identidade e alteridade. Portanto, a identificação junto ao grupo dos comunistas era acompanhada pelo processo de diferenciação diante da sociedade mais ampla. Em outras palavras, os homens e as mulheres do PCB, ao formarem um grupo que se unia pela diferença, justamente porque partilhavam um ponto em comum: a crítica à realidade social prevalecente, realidade essa que transformariam seguindo os caminhos do socialismo, viviam na verdade duas realidades (a presente e a futura) e encontraram no PCB uma proteção diante do mundo externo. O Partido, por sua vez, ao apresentar e defender uma alternativa de vida (mais justa) e de sociedade (menos desigual), proporcionava-lhes a segurança de pertencer a uma (nova) comunidade[18].

1.1 O papel da imprensa comunista

Para assegurar sua existência efetiva, recrutar novos militantes e manter um elo de ligação entre seus filiados, o PCB utilizou ativamente a sua imprensa, colocando em circulação bens simbólicos e impondo assim sua ideologia: a ideologia revolucionária. Em 1946, na seção intitulada *ABC do Partido,* o jornal *A Classe Operária* definiu que o marxismo-leninismo era a ideologia do Partido e da classe operária para a transformação revolucionária socialista da sociedade; por conseguinte, aos militantes cabia combater, através de uma firme luta ideológica, a influência da ideologia burguesa[19].

Partindo do pressuposto de que a visão ideológica elabora um intenso "trabalho de criação para integrar a diversidade em uma unidade e renovar as interpretações do cotidiano", percebe-se que o PCB não fugiu à regra, gerando um arcabouço cultural sobre o qual alicerçou a emissão de mensagens ideológicas, transmitindo conteúdos significativos, bem como modelos legítimos e exemplares de comportamento: enfim, *uma modalidade de ser.*[20] Além disso, a organização encontrou em sua imprensa um campo extremamente produtivo para transformar práticas dispersas em práticas orientadas, objetivando, através das instruções

[18] Ver CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais.* Bauru: EDUSC, 1999. CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões:* os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986.

[19] Ideologia. *A Classe Operária.* Ano I, n. 39. Rio de janeiro, 30 nov. 1946, p. 2.

[20] Ver ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 39-85.

e depoimentos publicados em seus periódicos, evitar os possíveis "desvios" de conduta e aumentar a força política do grupo.

Sendo assim, os comunistas passaram a incorporar uma série de normas e valores em prol dos interesses do proletariado e, para tanto, a abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia aos prazeres pequeno-burgueses e a devoção integral ao Partido deveriam constituir o cerne de suas vidas. Para Naíde Teodósio, militante comunista, as pessoas que participavam do PCB "eram dotadas de uma extrema capacidade de renúncia e sacrifício, o que as tornavam extraordinárias"[21].

Esse depoimento indica que a visão messiânica dos revolucionários brasileiros amparou a cultura pecebista desde os primórdios da criação do Partido, marcando inexoravelmente o processo de construção da *identidade comunista*, sobretudo entre os anos de 1945 a 1958, período no qual as imagens e representações do grupo foram evocadas mais fortemente, principalmente como resposta à propaganda anticomunista que se difundia pelo País. Dessa forma, os laços de solidariedade entre o grupo foram se ampliando, conduzindo os homens e as mulheres que militavam na organização a viverem o Partido como uma grande família, fundamentando nela sua identidade[22]. Identidade, aliás, plenamente compartilhada e reconhecida pelas mulheres comunistas, que nesse período despontaram para a vida política, emergindo da *condescendência de sua posteridade,* ao legitimar a cultura pecebista transformando o perfil da história do PCB[23].

2. As militantes e a fundamentação de sua identidade

Durante os primeiros movimentos do *estado* da Guerra Fria, diversos dispositivos simbólicos foram acionados para conduzir as mulheres ao seu devido lugar:

---

[21] Naíde Teodósio, Entrevista concedida a Dulce Pandolfi em 1991. In: PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros:* história e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995. p. 42.

[22] VICENT, Gerard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: _____. *História da vida privada.* Da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

[23] Uma das tarefas dos historiadores consiste em descobrir as vidas e pensamentos das pessoas comuns e resgatá-las daquilo que E. P. Thompson chamou de "enorme condescendência da posteridade". Nesse sentido, a análise sobre a participação das mulheres no PCB busca retirá-las do esquecimento para descobrir como foram moldadas por seu passado e presente, qual a racionalidade das suas crenças e ações e como elas modelaram o seu grupo e história.

o lar. A intensa campanha desencadeada na Europa e nos Estados Unidos pelos meios de comunicação, com o objetivo de recuperar o mercado de trabalho para os homens que retornavam dos campos de batalha, encontrou eco entre os brasileiros, que, por sua vez, assimilavam toda a influência cultural estadunidense[24].

Cabe lembrar que a sociedade brasileira, androcêntrica, consolidou desde o período colonial o mito da mulher submissa e dependente do homem, forjando imagens de feminilidade que persistiram mesmo durante o tempo de desordem nos anos 1920-1930, tempo esse da novidade que a metrópole representava, da multidão, da técnica e, acima de tudo, da ruptura com os esquemas tradicionais de representação social.

A ordem familiar constituía-se no alicerce do Estado e, através de um discurso ideológico baseado no Código Civil brasileiro de 1916, delineou-se de forma mais efetiva a oposição entre *homem/público/provedor* e *mulher/privado/responsável pela moral familiar*. Esses pares de oposição disseminaram-se no imaginário brasileiro por décadas, e a campanha ocidental após o final da Segunda Guerra, no que tange à *nova* condição feminina, encontrou um terreno extremamente fértil para a sua consolidação por aqui.

No Paraná, as mudanças no comportamento das mulheres, que ingressaram no mercado de trabalho durante o conflito mundial, suscitaram inúmeras discussões sobre o seu *verdadeiro* papel social. Tomando exemplares do jornal curitibano *O Estado do Paraná* na década de 1950, Léa Archanjo demonstra que as novas funções assumidas pelas mulheres tornaram necessárias a (re)afirmação do lar como seu verdadeiro lugar. Conforme as representações de gênero difundidas pelo periódico,

> [...] A mulher era responsável pela vida doméstica, poupando o homem dos problemas presentes no cotidiano familiar. E o homem, com a vida voltada para os negócios e para a realização profissional, deveria proteger a mulher dos complicados *problemas do mundo fora de casa* para que ela pudesse ter melhor desempenho em seu trabalho no lar[25].

Nessa perspectiva, somente quando a família passava por dificuldades financeiras justificava-se a presença das mulheres casadas nos espaços extradomés-

---

[24] Maria Lúcia Rocha-Coutinho. Citada por ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50. Representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. C.; MARTINS, Ana P. V. (Orgs). *Mulheres na história.* Paraná séculos 19 e 20. Curitiba: Ed. UFPR, 1997. p. 168.

[25] *Ibid.*, p. 165.

ticos. Essa transformação econômica e social preocupava determinados setores da sociedade brasileira, que, por sua vez, passaram a incentivar as mulheres a desenvolverem a domesticidade inerente à sua condição. Daí que as características "naturalmente femininas" como a maternidade, a abnegação, a dedicação e a docilidade deveriam ser estimuladas a fim de evitar a *masculinização* das mulheres. Em outras palavras, no imaginário da época as mulheres que se pretendiam femininas realizavam-se através do lar e aquelas que insistiam em se tornar independentes, seguindo uma carreira profissional e, principalmente, tornando-se militantes políticas, eram rotuladas pejorativamente como *mulheres de mente masculinizada*[26].

Nesse mosaico de representações, as militantes do PCB, para o espanto de muitos, não desenvolveram a domesticidade esperada e, por essa razão, sofreram toda sorte de preconceitos. Essas crenças, socialmente difundidas, realimentavam-se do discurso anticomunista para forjar imagens deturpadas dessas mulheres. Mais prudente seria dizer que o discurso anticomunista, utilizando formas arbitrárias, desenvolveu códigos e signos redutores e empobrecedores sobre a opção das comunistas quando, elas buscavam uma alternativa de sociedade e de vida.

De acordo com Wilson Previdi, os preconceitos e estereótipos que recaíam sobre as mulheres que aderiram ao projeto comunista resultavam de uma deturpação proposital:

> Sempre nos acusaram de várias coisas. Que a mulher do comunista era a mulher de todo mundo. MAS É UMA TREMENDA MENTIRA! As forças reacionárias jogaram na sociedade para que ninguém fosse comunista [...]. E a Igreja tinha grande responsabilidade nisso. A Igreja propagava isso: "Que a mulher comunista é de todo mundo". O que nós propúnhamos era a socialização dos meios de produção, e a mulher nunca foi um meio de produção, conforme eles buscaram divulgar[27].

Quando se ouve sua companheira de Partido, que em 1946 havia sido a Secretária de Finanças do Comitê Municipal, tem-se a real dimensão do significado e da atuação das comunistas. Ao recordar sua atuação em Curitiba, Iraci Soares de Oliveira declarou o seguinte:

---

[26] *Ibid.*, p. 163.

[27] Wilson Previdi, Entrevista concedida à autora. Curitiba, 23 ago. 1999. As palavras em caixa-alta indicam a ênfase dada pelo militante no depoimento.

> Quando entrei no Partido eu era uma operária, trabalhava no Café Alvorada. Trabalhei doze anos lá. Então [...] a gente já tinha uma consciência política das coisas que eram erradas. A gente precisava lutar [pelo] o horário [de trabalho], as oito horas, né? Todas essas coisas já existiam. [...] Quanto foi a luta da gente... Era por coisas sérias. Você lutava por coisas sérias. [...] Era para o Brasil crescer, né? Quanto mais indústrias, mais trabalhadores. O povo tinha mais trabalho... mais gente trabalhando[28].

A opção das comunistas em aderirem a um partido estigmatizado como o *mal absoluto* (em termos políticos e morais), enfrentando uma sociedade conservadora e hierárquica, era significativa. Vivendo experiências novas, sob o jugo de um governo autoritário e sua polícia política que perseguiam o Partido, e diante da ameaça de eclosão de uma Terceira Guerra, as militantes, ao ingressarem no PCB, adquiriam os conhecimentos necessários para a transformação social. Essas novas experiências, conjugadas aos saberes conquistados no interior da organização, fizeram com que elas se redescobrissem, aceitando-se como diferentes das demais, mas sem abrir mão da condição feminina. Como enfatizou Iraci: "A mulher comunista era uma mulher comum, só com idéias diferentes das outras, que eram acomodadas em casa"[29]. Afirmação, aliás, que reflete a relação dialética entre identidade e alteridade, pois a construção da identidade ocorre no interior de contextos sociais, estabelecendo a posição dos agentes, orientando as suas representações e as suas escolhas. A identidade torna-se um instrumento de articulação entre o psicológico e o social, uma vez que revela as mais variadas interações entre o indivíduo e seu meio social. Portanto, "a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social [e] permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente"[30].

Contudo, cabe lembrar que a identidade não é um apanágio dos indivíduos em si, pois todos os grupos são dotados de uma identidade social. A identidade social dos militantes do PCB era forjada por duas vias: ao mesmo tempo em que se identificavam com os demais grupos sociais por estarem todos vinculados a uma mesma nação, vivendo realidades semelhantes, distinguiam-se desses mesmos grupos devido à sua forma *diferente* de conceber o mundo. Nessa perspecti-

[28] Iraci Soares de Oliveira, Entrevista concedida à autora. Curitiba, 13 ago. 1997, p. 1-10. Cabe aqui informar que Iraci Silva adotou o sobrenome do seu esposo, Walfrido Soares de Oliveira, sendo que a documentação existente no DEOPS está registrada com o seu primeiro nome. Ver neste volume o depoimento de Iraci.

[29] Iraci Soares de Oliveira, Entrevista, p. 10.

[30] CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 177-183.

va, a identidade cultural entra em cena como uma forma de distinção do "nós", os comunistas, contra "eles", os capitalistas, fundamentada na diferença cultural conforme se pode observar na obra de caráter doutrinário intitulada *A formação da moral comunista*:

> A concepção comunista do mundo não só explica o mundo cientificamente, mas também convida à sua transformação revolucionária. [...] Estabelece contato com a realidade atuando ativamente sobre a mesma. Agindo sobre o mundo que o cerca, o homem [...] modifica-o e ao mesmo tempo se modifica a si próprio. A moral comunista é uma moral que prega a luta ativa. Não se limita a negar o velho e a reconhecer o novo, mas exige ações concretas em nome da criação do novo[31].

Os partidários do comunismo, tal como eles mesmos acreditavam, eram diferentes dos (e certamente superiores aos) demais, pois seu horizonte não estava limitado a combater e destruir a velha sociedade exploradora: eles participavam ativamente do projeto construtor de um mundo novo, baseado na ética do comunismo. Por essa razão, as mulheres comunistas eram incentivadas a participar da vida política, o que definitivamente representava uma novidade para a época. E, para tanto, tornava-se necessário ajudá-las a libertarem-se da opressão social, afirmando-se assim como mulheres e também como cidadãs.

3. As Uniões Femininas das comunistas

Os desgastes políticos e econômicos após a Segunda Grande Guerra conduziram muitas mulheres paranaenses, independentemente de suas posições políticas, a se empenharem na luta pela paz e contra a carestia de vida. Por sua vez, o PCB, por intermédio de seus jornais, incentivava as comunistas a organizarem associações nos bairros e empresas, orientando-as no combate às causas mais sentidas pelos brasileiros. A partir de 1946 foram criadas, em todo o país, Uniões Femininas com o objetivo de auxiliar o trabalho do Partido Comunista na construção de um mundo novo. Ganhar as amplas massas de mulheres para a Revolução constituiu-se então em uma das tarefas fundamentais dos militantes.

[31] BOLDYRIEW, N. I. *A formação da moral comunista.* Rio de Janeiro: Vitória, 1952. p. 21.

Todavia, essa ação não foi tão simples e suscitou uma polêmica interna, pois

> Quando foram organizadas as células femininas, houve bastante incompreensão no Partido a esse respeito. Alguns companheiros sectários afirmavam que isso prejudicaria o trabalho de organização nas fábricas, que não havia razões para se fazer essa divisão por sexo dentro do Partido. É evidente que não se tratava de fazer uma divisão por sexos dentro do partido. Tratava-se é de encontrar uma forma de organização capaz de estimular a organização das mulheres. E os resultados se revelaram positivos em todos os lugares onde a orientação foi bem aplicada[32].

Se por um lado havia certa resistência por parte dos homens em recrutar mulheres para o Partido, dadas as representações de gênero difundidas na época, há de se considerar que as militantes mais antigas do PCB também resistiram em obedecer às tarefas propostas pela organização.

O que importa por hora considerar é que, após superar os primeiros obstáculos, as Uniões Femininas organizaram-se e, em muitos casos, suas reivindicações foram atendidas, conquistando certo respeito por parte das autoridades. No Paraná, entre inúmeras atividades, as Uniões Femininas combatiam a carestia de vida, promovendo debates sobre os problemas enfrentados pela população, principalmente no que dizia respeito à especulação dos preços de produtos de primeira necessidade. Também reivindicavam a solução para os problemas de infra-estrutura dos bairros e solicitavam a organização de feiras livres semanais e transporte público adequado. Nas fábricas, oficinas e escritórios, exigiam salário digno compatível com moradia, alimentação, saúde e educação. Já na área rural, traçavam planos de abastecimento para as localidades mais distantes e reivindicavam a construção de hospitais, maternidades e escolas.

À medida que partilhavam experiências, adquiriam novos conhecimentos e acatavam orientações do Partido no ativo trabalho nas Uniões Femininas, as mulheres do PCB foram paulatinamente criando, de um lado, sua identidade como comunistas e, de outro, enquadrando-se na disciplina imposta pela organização.

Cabe registrar que a emergência de novas formas de organização comunitária em oposição à organização global vigente é uma das conseqüências mais visíveis das manifestações do imaginário político, uma vez que reconstitui, nos corações e nas consciências, os equilíbrios rompidos, edificando assim novas certezas[33]. No

---

[32] As tarefas das células femininas. *A Classe Operária.* Ano XXVI, n. 406. Rio de Janeiro, 1 nov. 1951, p. 4.
[33] Ver GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 183-184.

artigo redigido por Maria Olímpia para o jornal *Tribuna do Povo* pode-se constatar essa indicação, pois a autora atesta, além do interesse em solucionar os problemas que afligiam os cidadãos brasileiros, como as comunistas, ao lutarem pela paz e por um governo democrático e popular, vivenciavam a mitologia política desenvolvida no imaginário pecebista:

> As mulheres paranaenses não se diferem das mulheres de outros estados ou países. Também elas desejam ardorosamente a paz [...] e começam a compreender que a guerra significa [...] desgraça, miséria, viuvez, orfandade, desamparo, destruição de lares, ódios, sangue e vingança. Nós, as mulheres do Brasil, temos grandes responsabilidades. O que nós queremos é a paz, o sossego e a felicidade de nossos lares; fartura, escola, brinquedos e saúde para nossos filhos; o desenvolvimento das artes e das ciências; da agricultura e da indústria para a felicidade geral do povo[34].

A certeza que o Partido oferecia às comunistas de subjugar um universo social desconhecido e ameaçador possibilitou a elas se aliarem a um presente reconquistado, firmando seus pés em um mundo que agora voltava a ser coerente e claramente inteligível, pois a *leitura imaginária* que cada mitologia política implica permitia ao grupo comunista devolver a história presente à sua inteligibilidade perdida[35].

No apelo lançado pela militante, marca indefectível do discurso da imprensa partidária, constata-se que em seu texto os significados vividos são ao mesmo tempo "exteriorizados na linguagem e interiorizados pelos atores como verdade"[36]. Imaginando um novo mundo, essas mulheres acreditavam serem detentoras de saberes únicos que somente o Partido podia lhes oferecer, não manifestando quaisquer dúvidas quanto às certezas de sua opção política. E, por essa razão, mobilizaram-se para a construção de um mundo idealizado, pois encontraram na organização o respaldo necessário para enfrentarem os olhares hostis da polícia política e, especialmente, os preconceitos da *imprensa de referência*, cujo melhor exemplo é o caso da *vereadora vermelha* em Curitiba.

Porém, aderir à cultura do PCB não significava somente indignar-se com a situação vigente, ou apenas participar politicamente de um Partido que se apresentava como a única opção lógica e racional. Para os militantes, ser comunista

---

[34] CARNEIRO, Maria O. As mulheres e a paz. *Tribuna do Povo.* Curitiba, nov. 1950. In: DEAP. DEOPS. *Imprensa Popular.* Dossiê n. 1.131. Topografia 135, p. 3.

[35] GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 182-183.

[36] ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 120.

> [...] implicava na alteração radical do próprio estatuto ontológico do indivíduo [...] Significava abandonar para sempre uma vida sem certezas, fragmentada, incoerente e conduzida passivamente pelos acontecimentos de uma realidade inteligível para ter o domínio absoluto sobre o seu próprio ser e libertar os povos da escravidão econômica, da opressão política e da miséria[37].

Reflexos dinâmicos de um imaginário intimamente ligado a antigas tradições nas quais se exaltam leis universais, levando os comunistas a compreenderem que sem luta não há vida e sem vida não há consciência, nem tampouco (r) evolução, o raciocínio militante só admitia uma conclusão: "Lutávamos, morríamos e achávamos que aquilo tudo era certo", definiu Odete Soares de Oliveira, em seu depoimento sobre a atuação das mulheres no PCB no Paraná[38].

Essa manifestação evidencia o culto ao mito político da Unidade, representado aqui pelo PCB. Esse mito permitiu aos seus componentes convergirem e unificarem seus olhares para uma mesma imagem, a

> [...] imagem de harmonia, de equilíbrio e de fusão: a de uma sociedade una, indivisível, homogênea, para sempre protegida das perturbações e das discórdias – bloco sem fissura, concedendo por isso mesmo a todos aqueles que o compõe a apaziguadora certeza de uma total reconciliação consigo mesmos[39].

Pode-se concluir que ao reconhecerem os símbolos, imagens, códigos e signos, característicos da cultura comunista, as mulheres pecebistas do Paraná reforçavam um imaginário que não se desprendeu de tradições antigas; elas participaram, com sua abnegação e trabalho cotidiano, do projeto utópico proposto pelo Partido.

4. As comunistas e as relações de poder na organização

A hierarquização no PCB não excluía as militantes que, como todos os demais membros, deveriam se submeter à disciplina imposta pelo partido, subordinando-se aos critérios estritos da organização. Nesse sentido, o exemplo de Iraci

---

[37] FERREIRA, Jorge L. *Prisioneiros do mito:* cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil. (1930-1956). Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, 1996, p. 70-71.

[38] Odete Soares de Oliveira, *Entrevista concedida à autora.* Curitiba, 13 ago. 1999. p. 10.

[39] GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 92-93.

Silva, Maria Olímpia Carneiro e Nair Bismayer é significativo para que se possa estabelecer algumas ponderações relativas a esse aspecto, marca inexorável do PCB, e relativas também à forma pela qual as mulheres participavam desse processo de ratificação da hierarquia em nome da convergência de princípios. Assim, para que se compreenda melhor esse ponto (e sua dinâmica), deve-se retroceder ao momento em que os militantes manifestavam seu interesse em aderir ao Partido.

Ao ingressarem na organização, os (as) futuros(as) comunistas eram obrigados(das) a prestar um juramento, comprometendo-se a obedecer irrestritamente os princípios partidários. O objetivo era manter a unidade e contribuir para o fortalecimento da organização. Ele dizia assim:

> Prometo a mais firme lealdade e completa dedicação aos sagrados interesses da classe operária e do povo. Prometo assim trabalhar ativamente pela defesa da democracia e da paz, pela derrota definitiva do fascismo, pelo desaparecimento de todas as formas de opressão nacional e de exploração do homem até o estabelecimento do socialismo. Com este objetivo, juro solenemente permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista do Brasil, lutar, dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo seu crescimento: trabalhar incansavelmente no cumprimento de seu programa"[40].

Concluído esse ritual, as pessoas passavam a ser reconhecidas pelo grupo como "militantes do PCB". Entretanto, não começavam por cima, devendo acima de tudo executar inúmeras tarefas e cumprir com perseverança os seus deveres a fim de escalar os degraus hierárquicos e deixar para trás sua condição de iniciados para se tornarem dignos comunistas e compartilharem assim dos saberes que a organização proporcionava.

O primeiro e mais destacado dever regido pelos estatutos pecebistas exigia desses homens e mulheres o despojamento de todas as suas antigas convicções, uma vez que deveriam operar transformações rápidas e radicais em suas existências ao "enquadrarem todos os atos de sua vida pública e privada dentro dos princípios e programas do Partido". Além disso, eram expressamente proibidos de "manter relações pessoais, familiares ou políticas com trotskistas, ou com outros inimigos reconhecidos da classe operária e do povo"[41].

---

[40] Cf. CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões:* os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986. p. 148.

[41] Conforme os *Estatutos do Partido Comunista do Brasil.* Capítulo III: dos direitos e deveres dos membros do partido, art. 13, p. 13. In: CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões:* os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986. p. 142.

A fidelidade ao Partido, a íntima ligação com as massas e o controle rápido e organizado de qualquer situação apresentavam-se como fortes requisitos àqueles destinados a ocuparem influentes cargos na organização e, portanto, aptos a desfrutarem de tantos outros conhecimentos. Esse foi o caso das três militantes. Iraci Silva foi eleita Encarregada do Departamento Feminino da Célula do Batel e, após, Secretária de Finanças do Comitê Municipal, além de ser indicada para representar o PCB nas eleições de 1946. Maria Olímpia Carneiro, também indicada para representar o Partido nesse pleito, foi eleita vereadora para a legislatura municipal de 1947 e exerceu o cargo de Secretária Política e de Finanças da Célula Juvevê. Já Nair Bismayer assumiu o comando do Departamento Feminino da Célula Cajuru e o cargo de Secretária Política da Célula Leocádia Prestes[42].

Em que pese a relevância desses cargos, pode-se inferir que se por um lado os militantes, ao ingressarem no PCB, entravam em contato com os saberes proporcionados pelo grupo, retendo informações que acreditavam conferir-lhes um determinado poder e elevando-os a uma posição superior aos não-comunistas, por outro lado o Partido detinha saberes ocultos e somente partilhados com aqueles que alcançavam um lugar de destaque em sua pirâmide hierárquica, independentemente do gênero: ao entrarem na organização os *iniciados* deixavam de ser simplesmente homens ou mulheres para se tornarem *novos homens e novas mulheres* indicados e reconhecidos como "comunistas".

> As pessoas que não eram comunistas a gente considerava burros, porque não sabiam que discutíamos coisas sérias [...] E talvez a gente não fizesse mais que os outros companheiros, por não se sentir capaz [...] com a mesma capacidade deles. Porque eles tinham muito mais conhecimento. Eles estudavam mais, liam mais, sabiam mais coisas sobre o Partido[43].

Essa declaração expressa, ao mesmo tempo, o sentimento de resignação gerado por uma tradição organizativa que possuía no segredo e na sensação de superioridade dos militantes sobre uma parcela da sociedade não identificada

[42] De acordo com o regimento interno do PCB, o Secretário-Político era responsável por todos os organismos, pela vigilância e pela aplicação da linha política do Partido. Tinha como atribuições: convocar e orientar as reuniões das Células, além de estar estreitamente ligado ao Comitê Municipal ou ao Distrital, a fim de preparar as reuniões, as ordens do dia, receber instruções, levar e trazer informes. Já o Secretário de Organização e Finanças era responsável pela preparação de reuniões, localização das Células, recebimento da contribuição dos membros do Partido, recrutamento e relação dos militantes das Células e fornecimento dos balancetes mensais, apresentando o estimativo para o próximo mês. Fora isso deveria planificar o trabalho de finanças, promover festivais, bailes, entre outras atividades. DEAP. DEOPS. PCB - *Documentos diversos*. Dossiê n. 1.468-c. Topografia n. 74.

[43] Odete Soares de Oliveira, Entrevista concedida à autora, p. 10A.

com o povo um dos fundamentos de sua estabilidade. Em outras palavras, se todos os homens e mulheres do PCB conhecessem os segredos do Partido, essa forma sutil de manutenção da ordem, baseada na resignação e na conformação, explodiria em pedaços.

Portanto, somente aos militantes destinados a manter a estabilidade da organização era concedido o acesso a informações; ou mais correto seria dizer a segredos, conferindo-lhes assim um poder maior reconhecido pelo grupo não em virtude de seus cargos, mas pelo seu significado, uma vez que esse poder era identificado como a realização dos justos objetivos e símbolo vivo da vontade comum[44].

Dessas considerações decorre que os comunistas reproduziam as práticas totalitárias veementemente apontadas pelos críticos da URSS. Embora estivessem unidos por princípios comuns, como a igualdade e a solidariedade, por exemplo, não deixavam de refletir uma dinâmica vinculada ao sistema totalitário soviético, dinâmica que se recusavam criticar. Não se trata aqui de discutir essa questão; todavia, o que importa ressaltar é que as práticas "totalitárias" desenvolvidas no PCB estabeleceram a internalização da disciplina imposta aos militantes, atribuindo-lhes um perfil que se consubstanciava na dedicação, no entusiasmo e na abnegação. A esses atributos acrescentavam-se o espírito de sacrifício, a noção de dever, disciplina e responsabilidade.

À medida que as mulheres da organização assimilavam a disciplina, enquadravam-se cada vez mais nos padrões comportamentais propostos, estabelecendo, se assim se pode dizer, um diálogo com essas práticas, exercendo-as enquanto comunistas e não como mulheres socialmente excluídas do universo em que viviam. Em outros termos, embora as militantes representassem uma pequena parcela da população pecebista, elas eram reconhecidas como importantes, uma vez que foram igualmente animadas a viverem as mesmas significações, legitimando dessa forma as relações de poder entre o grupo e contribuindo para a reprodução de um imaginário que reiterava as representações do Partido como uma organização sólida, homogênea e coesa.

---

[44] VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In: _____. *História da Vida Privada:* Da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 185; e ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 143.

Essas relações de poder e hierarquia justificam a relutância inicial das comunistas em recrutarem outras mulheres para o Partido, pois após o PCB adotar a linha da *política de massas* e esclarecer aos seus participantes sobre a relevância do ingresso de mulheres na organização, muitas militantes resistiram em aplicar a resolução proposta. Alegando não possuírem a disponibilidade necessária para tais fins devido às inúmeras tarefas que realizavam, essas mulheres temiam perder o trabalho de Partido e, sobretudo, a oportunidade de desfrutarem da posse de segredos caso se dedicassem a mais essa atividade, dificultando assim a organização do movimento feminino pecebista.

Pode-se sugerir, a título de hipótese, que algumas comunistas, conquistando certa experiência e capacidade de trabalho no Partido, e ao se recusarem a trabalhar com mulheres ideologicamente diferentes ou distantes, reproduziam a visão dominante que tanto combatiam, colocando elas próprias o trabalho feminino à margem da causa revolucionária.

O rigor da norma que orientava as práticas dos comunistas identificava as heresias que deveriam ser combatidas. Assim, para eliminar posições "incorretas", reveladoras de um grande atraso ideológico e político, (posições essas, diga-se, que se apresentavam como um obstáculo à extensão da influência pretendida entre as mulheres), o PCB passou a divulgar através de sua imprensa críticas contundentes, orientando todos os militantes que, após minuciosa leitura, discutissem nas Células e Comitês os problemas gerados pela resistência surda à aplicação de sua proposta.

Ao tomarem conhecimento das críticas, os homens e as mulheres do PCB que não concordavam com as diretrizes impostas pela organização compareceram perante seus Comitês para realizarem a sua autocrítica, comprometendo-se a lutarem para a conquista do maior número de mulheres para o *Partido de Prestes*. Assim posto, os comunistas, e sobretudo as mulheres do Partido, passaram a realizar o trabalho devido, auxiliando nas tarefas e controlando a sua execução. Nas fábricas, reuniam-se a fim de discutir com as operárias leis e dispositivos constitucionais que garantissem às mulheres salários iguais aos dos homens caso a obrigação fosse a mesma. Essa atitude angariou a simpatia de um elevado número de trabalhadoras urbanas, o que acabou se estendendo também para as donas de casa.

As mulheres comunistas sabiam das dificuldades para conciliar as atividades domésticas com o trabalho e a militância política e nas Células foram encon-

tradas as soluções para que as reuniões fossem realizadas. Assim, adaptavam seus horários marcando as reuniões no período da tarde, entre o almoço e o jantar, a fim de atender o maior número de donas de casa; ou então à noite, após o jantar, para conciliar o encontro com as operárias, quando impossibilitadas de se encontrarem nas empresas.

Contudo, o foco das atenções centrou-se prioritariamente na alfabetização das novas companheiras. No Paraná, o Comitê Democrático Popular Batel-Seminário designou três comissões para congregar os analfabetos adultos com o objetivo de iniciar as aulas, que seriam ministradas por uma normalista e um professor. Essa alfabetização era gratuita e oferecida a todos os interessados dos bairros[45].

Embora enfrentando o discurso anticomunista que alertava os paranaenses sobre a *catequização para o comunismo*, as militantes fiéis e leais ao juramento prestado continuaram essa atividade, mesmo após a ilegalidade do Partido. "Naquele tempo nós íamos falar com as pessoas de porta em porta para que não desistissem de aprender. Fazíamos tudo escondido... Quanto trabalho! Quanta conversa! Quanta palestra! Quanta luta! Eu choro só de lembrar", contou Odete Soares de Oliveira[46].

A determinação das comunistas para cumprir as tarefas a que haviam sido incumbidas de realizar não está isenta de significação. Acreditavam elas que sua dedicação no cumprimento de qualquer atividade contribuía substancialmente à causa revolucionária, o que terminava por legitimar suas ações e reafirmar sua fidelidade e lealdade para com os princípios expressos no juramento por todas prestado.

Entretanto, as inúmeras atividades exercidas pelas mulheres do PCB geravam uma extensa jornada de trabalho, estendendo-se ao âmbito do privado. Através da utilização de uma ideologia que as capacitava a identificar os seus problemas individuais e morais, ou melhor, a sua vida privada, à defesa de seus ideais,

---

[45] Comitês Democráticos Populares. *Jornal do Povo.* Curitiba, 23 set. 1946. s/p. In: ARQUIVO DEOPS. ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Curitiba. PCB - *documentos diversos.* Dossiê n. 1.468-b. Topografia 174. Participavam desse Comitê as seguintes mulheres: Lucy Broki, Nair Bismayer, Rosália Maria Cisz, Rosalina Alvarez, Tereza Contin, Ana Pereira, Ana Alves, Dirce Derenda, Hermínia Vieira, Loreta Previdi, Maria José Previdi, Lídia Previdi, Luíza Dobrowolski, Carmen Zandoná, Davina Ribeiro, Iraci Silva, Odete Soares de Oliveira, entre outras.

[46] Odete Soares de Oliveira, Entrevista concedida à autora, p. 6A.

logo à sua vida pública, eliminavam assim quaisquer particularidades e diferenças (principalmente de gênero) existentes no interior do grupo político. Essa interação fazia parte de um código ético significativamente complexo, que não será aqui abordado; no entanto, o que importa destacar é que, ao introjetarem um sistema próprio de valores, baseado na ética e política soviéticas, e fundirem valores internos e privados aos valores políticos e públicos, tornando esse amálgama a dimensão única de suas vidas, as mulheres do PCB geraram uma confiança recíproca, unindo a própria organização para transformá-la em uma grande família que possuía no segredo um dos pressupostos norteadores de sua estabilidade.

Nesse sentido, pode-se inferir que o PCB, comungando com os princípios éticos soviéticos, pôs em prática um modelo que fez de seus militantes uma *nova elite*. E, ao se reconhecerem como "novos homens e novas mulheres", construiriam uma nova realidade. Entretanto, nesse processo as exigências da organização relacionadas aos modelos de comportamento eram mais pesadas para as mulheres, dada a sua condição de gênero e inúmeros preconceitos sociais pelos quais passavam por optarem em buscar uma alternativa de sociedade e de vida. Tornando mais claro: a imposição de uma conduta exemplar foi mais contundente para as mulheres do que para os homens do PCB. Esse esforço supunha a máxima meticulosidade da vida cotidiana nas relações com a família, trabalho e amigos a fim de zelar pela sua reputação, embora implicitamente essa ação estivesse intimamente ligada ao desvelo "intransigente pela influência e unidade do Partido"[47].

Portanto, à medida que a racionalidade das suas crenças adquiridas *nas* e através *das* experiências compartilhadas com o grupo foram ganhando amplitude, as militantes lançaram-se à ação sabendo que sua vida cotidiana, tanto pública como privada, deveria submeter-se às exigências do Partido, pois encontravam nele uma nova *modalidade de ser*, possibilitando sua transformação em novas mulheres, posto que comunistas.

Conclusões

Em fevereiro de 1956, as revelações de Nikita Kruschev repercutiram

[47] ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Capítulo III. Artigo 10. Dos direitos e deveres dos membros do partido, p. 12. In: CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões:* os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986. p. 138.

drasticamente sobre o movimento comunista internacional, conduzindo milhares de militantes a "experimentarem a sensação de deslizar com a avalanche involuntária, mas irresistivelmente em direção ao despenhadeiro final"[48].

No Brasil, o PCB, apreensivo e dominado pelo constrangimento, optou pelo silêncio, incitando dúvidas e receios entre os militantes, envolvendo-os em uma teia de reflexões e questionamentos até então adormecidos. Esse encontro com a realidade, que se denominou desilusão, levou muitos a se revoltarem mudando radicalmente seus comportamentos: transformaram-se de defensores em acusadores do comunismo. Outros, porém, e as mulheres do PCB estavam maciçamente nesse grupo, silenciaram diante da dor de perder suas convicções. Optando em permanecer no Partido, experimentaram assim a dor de lutar para conservá-las. Afinal, foi *na* e através *da* convivência com o grupo que elas encontraram os subsídios necessários para realizar os seus desejos de transformação e fundamentar a sua identidade social.

O PCB, por sua vez, reconhecido e legitimado como a autoridade, manteve o poder sobre seus componentes. Ao transformar as representações da sociedade perfeita em uma forte engrenagem, garantiu a unidade e a estabilidade do grupo e, com isso, a reprodução de seu ideário. Disseminando por intermédio de seus órgãos de divulgação uma visão peculiar do social, a organização delineou, para os militantes, um perfil que se consubstanciava na abnegação, na disciplina e na responsabilidade, reiterando sobre essas qualidades sua auto-representação como um partido sólido, homogêneo e coeso.

Tomando o exemplo das comunistas no Paraná, pôde-se perceber que, ao desenvolverem as qualidades e práticas exigidas pela organização, as mulheres despontavam no Partido a partir de suas atividades políticas e não apenas devido à condição de gênero. Sentindo-se emancipadas e reconhecendo-se como militantes do *Partido de Prestes*, e não como um grupo desprovido de privilégios, as comunistas engajaram-se com determinação nas tarefas propostas e criaram um sistema de representações no qual se reconheciam como pessoas superiores às demais.

As relações de poder existentes entre o grupo, que possuía no segredo um dos fundamentos de sua estabilidade social, conduziram as militantes a criarem

[48] HOBSBAWM, Eric. *Tempos interessantes:* uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 231.

uma espécie de comunidade fora do círculo de iniciados e a participarem desse processo ilusório de poder, diminuindo zonas de incerteza e diluindo-se assim na vontade de poder do PCB. Ilusão? Certamente que sim, pois o considerável número de mulheres que formavam os quadros de base do Partido gradativamente diminuía conforme os degraus que aspiravam alcançar até atingirem o topo da pirâmide hierárquica da organização. Em outras palavras, o PCB dependia muito das mulheres, mas poucas vezes de suas decisões sobre a postura política que deveria adotar – e nunca de sua direção.

No entanto, as mulheres da *vanguarda do povo brasileiro*, mesmo não se encontrando no centro do poder na organização, continuaram a representar um grupo no Partido, cumprindo com disciplina as tarefas políticas, já que, é importante notar, não objetivavam conquistar o poder *dentro da organização* e sim, através dela, garantir a todos os grupos sociais o pleno exercício de seus direitos, assegurando, pelos caminhos da liberdade e igualdade, a consolidação da sociedade perfeita e infindável.

Olhando a trajetória política das militantes paranaenses, viu-se que as inúmeras atividades que lhes cabia acarretavam uma extensa jornada de trabalho, estendendo-se ao âmbito privado. A fluidez entre o público e o privado, aliás, apresentou-se como um forte fator na legitimação de sua identidade no interior do grupo; essa situação contribuiu também para legitimar para elas mesmas as imagens, códigos, símbolos e signos que marcaram a cultura comunista no Brasil.

Parte II

Depoimento 1:

visão crítica sobre o Partido

Milton Ivan Heller

MILTON IVAN HELLER nasceu em 20 de maio de 1931 em Curitiba, no Paraná. Filho de Jorge Herlein e Joana Herlein, militou no Partido entre 1948 e 1959 participando do Secretariado Político. É jornalista profissional, tendo sido eleito em 1963 para o Conselho Fiscal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Entrevista realizada em 1 e 7 de julho de 2001.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Desde poucos anos de idade me lembro que meu pai era do Partido Comunista, vivia sempre foragido da polícia na época do Estado Novo [1937-1945]. Por isso, a família se criou um pouco abandonada. Alguns familiares nossos ficaram com uma mágoa muito grande, porque achavam que ele não cumpria com as obrigações mínimas de todo pai de família, que são cuidar da mulher e dos filhos, dos problemas de doença e outras coisas mais. Mas quando eu fui crescendo, fui tomando ciência do que estava acontecendo e soube que meu pai era do Partido Comunista. Então eu automaticamente fiquei simpático [à causa]. Para surpresa minha, quando em 1945 passou aquela fase de repressão, ele reuniu a família toda no Rio de Janeiro, eu, minhas duas irmãs e minha mãe. Lá fiquei sabendo que o velho era do Comitê Nacional [Comitê Central], junto com o Prestes, Maurício Grabois, Pedro Pomar, com Lincoln Cordeiro Oest[1]

[1] Lincoln era irmão do deputado federal (suplente) pelo Rio de Janeiro Henrique Cordeiro Oest. Foi membro do Comitê Central do PC do B e participou da guerrilha do Araguaia (1972-1974). Cf. HENRIQUE CORDEIRO OEST. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

e Carlos Marighella. Lembro-me até de ter lido uma edição especial do jornal *Tribuna Popular*[2], uma espécie de apresentação dos dirigentes do Partido, que estava saindo da ilegalidade, com fotos de quatro colunas onde meu pai aparecia. Para mim, foi motivo de orgulho[3].

Como o Partido sempre teve a chamada "luta interna", que sempre foi muito ríspida, ele se desentendeu com o Marighella, com o Grabois e outros, e pediu desligamento do Comitê Nacional. Prestes e outros que gostavam muito dele fizeram um apelo para ele voltar, mas meu pai não quis. Continuou ligado ao Partido, participando até de reuniões de organização de base, vendendo jornal no meio da rua. Quando houve aquela eleição em que o Partido elegeu o Prestes senador[4], quinze deputados federais [na verdade, quatorze deputados] e a bancada majoritária da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro [nas eleições de 1947], ele não foi eleito porque era nascido em um lugar próximo da Sibéria, veio para o Brasil com quatro anos de idade e nunca cuidou da sua naturalização. Por isso não podia ser candidato a coisa alguma. Mas seria eleito se tivesse se naturalizado brasileiro, porque todos os membros do Comitê Central naquela época foram eleitos. Eu tive oportunidade até de assistir a conferências em organizações populares para as quais ele era muito solicitado, em Madureira, Bangu. Nessa época ele já tinha se desligado da Rede Ferroviária. As conferências eram organizações locais do Partido, mobilizações muito grandes, sempre com auditório lotado. Eu me lembro muito de uma pergunta que um sujeito fez certa vez. Quando meu pai falava de democracia socialista, o sujeito perguntou: "A democracia socialista é diferente da democracia burguesa?" Ele disse que não. A democracia burguesa não existe, é um regime que admite favela, que admite desemprego, que admite miséria. Não é democracia, a democracia é o regime em que o povo tem direitos mínimos. Aquilo ficou no meu subconsciente durante muito tempo. Mas logo depois veio a repressão, o Partido foi colocado na ilegalidade[5], meu pai voltou

---

[2] Jornal diário, criado em 22 de maio de 1945 no Rio de Janeiro, que circulou até dezembro de 1947. Não era exatamente um órgão oficial do PCB. Pretendia ser um jornal voltado para a opinião pública em geral. Cf. TRIBUNA POPULAR. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

[3] Durante a III Conferência Nacional do PCB (em julho de 1946), Jorge Herlein tornou-se membro efetivo do Comitê Central, fez parte da Comissão Executiva e foi o Secretário Sindical do Partido. Deixou o PCB em dezembro de 1946. Cf. PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

[4] Luís Carlos Prestes foi eleito senador pelo PCB do Distrito Federal em 2 de dezembro de 1945. Seu mandato foi cassado em janeiro de 1948, juntamente com os dos demais parlamentares comunistas.

[5] Em 7 de maio de 1947 o Tribunal Superior Eleitoral cancelou o registro do PCB. No dia 10, o Ministro da Justiça do governo Dutra determinou o encerramento das atividades do partido e iniciou uma intensa repressão aos comunistas, com muitas prisões e o fechamento de suas "células". Cf. PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

a desaparecer de circulação, a família voltou a entrar em parafuso... Então eu não pude acompanhar o desenvolvimento das atividades do meu pai no Partido nessa época. Eu sei que ele chegou a ser uma figura importante no Comitê Central. E o fato de ele ter divergido antes da repressão de 1964 até teve um lado bom, embora o Partido tenha se oposto a qualquer tipo de luta armada. Era besteira, era pura aventura, o Partido não tinha a menor chance. A repressão não quis saber, todos os elementos que tinham certa importância no Partido Comunista foram presos e muito maltratados. Pelo menos 14 dos 17 membros da Executiva do Comitê Central foram mortos nesse período, inclusive o Lincoln Cordeiro Oest, que tinha mais de 80 anos e foi metralhado. Ele morreu na famosa chacina da Lapa[6], onde também estava o Pedro Pomar. Alguém sob tortura acabou confessando a hora e o local [da reunião]. A polícia entrou e não fez pergunta, simplesmente matou todo mundo.

Meu pai saiu do Comitê Nacional, em seguida ficou ligado a algumas organizações de base no Rio do Janeiro e depois, quando eu voltei para Curitiba, casei-me e constitui família. Ele também acabou vindo, pois estava com um problema no estômago que tinha que operar. Chegou aqui, fez um tratamento na Santa Casa, onde ficou hospitalizado por algum tempo, mas não foi preciso operar e ele nunca mais se queixou. Ele ficou muitos anos aqui em Curitiba. Que eu saiba ele nunca voltou a ligar para o Partido. Não sei se por um certo desencanto, pois fora um dos primeiros comunistas do Paraná. Em 1945, quando comecei a entender alguma coisa, ele já era recebido no Palácio do governo pelo Interventor Manoel Ribas[7]. Era líder ferroviário, participava de reuniões, dava entrevistas à imprensa e era membro do Partido. Quer dizer: ele dedicou seguramente uns trinta anos ou mais de vida para o Partido. Acho que acabou se desencantando. Eu me criei com certa simpatia pelo comunismo e acabei entrando na Juventude Comunista no Rio de Janeiro por volta de 1955, onde militei com um dos filhos do Pedro Pomar, Wladimir Pomar – que recentemente até escreveu um livro sobre uma viagem que fez aos chamados países da "Cortina de Ferro", mas depois do esfacelamento do Leste Europeu[8].

---

[6] Em 16 de dezembro de 1976 agentes do Centro de Informações do Exército, com apoio logístico do II Exército, metralham uma casa em São Paulo no bairro da Lapa onde estavam reunidos dirigentes do PC do B. Pedro Pomar e Ângelo Arroyo morreram no local.

[7] Manoel Ribas foi Interventor Federal no Paraná entre 30 de janeiro de 1932 e 12 de janeiro de 1935. Depois foi governador no período de 1935 até 1937. Foi nomeado novamente Interventor por Getúlio Vargas e permaneceu no cargo de 10 de novembro de 1937 a 3 de novembro de 1945.

[8] Ver POMAR, Wladimir. *Rasgando a cortina*. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.

Como foi sua trajetória política no período 1945-1964?

Vim do Rio de Janeiro para cá em 1955. O Paraná ainda era um estado eminentemente agrícola, havia poucas [instalações] industriais. Havia pequenas indústrias em Ponta Grossa, na área de cervejaria, alguma coisa em Curitiba, indústrias de erva-mate, indústrias de confecções, pouca coisa. Havia algumas manchas com umas grandes indústrias de papel, como Monte Alegre, a maior da América Latina. Em torno da fábrica de papel uma série de outras atividades econômicas giravam, como satélites. O Partido não tinha estrutura nenhuma para atuar de maneira organizada nessas entidades, nessas indústrias e nessas atividades econômicas que existiam no estado do Paraná. É difícil – e eu não quero parecer muito derrotista –, mas me parece que no Brasil, por várias razões, o Partido sempre teve dificuldade de se comunicar com a sociedade e, conseqüentemente, de conseguir adesões. Na época da legalidade, de 1945 a 1947, o Partido chegou a colocar mesas em determinadas ruas do Rio de Janeiro para que quem quisesse entrar se inscrever. Houve certa abertura, vamos dizer assim, mas logo em seguida veio a repressão, o Partido foi colocado fora da legalidade e o que restou dele foi muito pouco. A maioria dos integrantes entrou por uma porta e saiu por outra[9].

Na época áurea do Partido na Rússia, na França havia maior facilidade de comunicação entre os revolucionários. Há um caso interessante: a Igreja, preocupada com o avanço do marxismo, criou a figura dos "padres operários". Os padres operários foram trabalhar, passaram a participar das reivindicações dos sindicatos e acabaram aderindo ao marxismo. Foi um fracasso a tentativa da Igreja! Na Itália, com Togliatti[10], havia um Partido Comunista fortíssimo, apesar de ser a sede do Vaticano e aquela coisa toda.

Em 1947 ou 1948, houve um novo fechamento, diversas cassações de mandatos, e o Partido foi colocado na ilegalidade. Nessa época eu não morava

---

[9] Leôncio Basbaum estima que em 1946 o Partido contava com 180 mil filiados. Cf. PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM. O volume de adesões foi certamente influenciado pelo surgimento, na conjuntura da democratização, de Comitês Populares Democráticos em 1945. Sobre a criação, o funcionamento interno e as atividades desses Comitês, v. CAVALCANTI, Wagner. Tribuna Popular, 21 jul. 1945, p. 59-65. In: CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II.

[10] Palmiro Togliatti (1893-1964) fez parte do grupo em torno do jornal *L'Ordine Nuovo* com Antonio Gramsci em Turim no começo do século XX. Foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano e dirigente do PCI ("Secretário") de 1927 a 1964.

em Curitiba, morava no Rio de Janeiro. Eu estava [envolvido] em uma militância muito brava lá no Rio, através da Juventude Comunista, na distribuição de material contra a Guerra da Coréia. Peguei várias cadeias seguidas, levando chutes e pontapés. Então achei que se voltasse para Curitiba ia ter um sossego – eu não andava bem de saúde também. Já no Paraná, o Partido me deixou de quarentena até se informar de quem eu era. Fui convidado para uma reunião e, para surpresa minha, fui eleito para o Comitê Estadual. Eu não sei se eu fui o Primeiro Secretário de Agitação e Propaganda ou [Secretário] Sindical, que foram os dois cargos que acabei desempenhando. Um pouco depois a gente ouviu uma discussão de que o Partido precisava ter algumas informações sobre Monte Alegre, porque lá existia a maior fábrica de papel da América do Sul e o Partido não tinha ninguém por lá. Como eu era solteiro na época dispus-me a ir para Monte Alegre com a intenção de fazer um apanhado das informações. Acabei ficando lá por dois anos e meio. Era um ambiente tipicamente proletário, não tinha classe média. Havia muita exploração. O pessoal que trabalhava na fábrica tinha mais ou menos os direitos trabalhistas garantidos. Entretanto, a maioria do pessoal trabalhava para as empreiteiras, e os empreiteiros só pagavam os dias trabalhados, havia muito desrespeito aos direitos dos trabalhadores. A insatisfação era muito grande. Levantamos então a bandeira da criação do sindicato e aquilo pegou como rastilho de pólvora. Em pouco tempo, o sindicato chegou a ter três mil filiados. Nós primeiro formamos a associação profissional e depois, para transformar em sindicato, nós tínhamos que ter um quórum muito alto. O pessoal do Ministério do Trabalho que foi para fiscalizar as eleições sugeriu que nós baixássemos o quórum para facilitar o processo, porque eles também não queriam voltar lá. Nós acabamos fazendo greve porque os patrões não pagavam os operários, [e além do mais] na época não havia décimo-terceiro [salário]. Contudo, o pessoal da Klabin pagava pontualmente os engenheiros, o pessoal de chefia, do escritório e os trabalhadores não ganhavam absolutamente nada! Acabei ficando lá dois anos e meio. Depois eu fui eleito Secretário do sindicato e quando terminou meu mandato eu não quis continuar justamente para evitar o peleguismo – "venceu, vamos mudar, vamos eleger uma nova diretoria". Daí ninguém queria me dar emprego, porque eu fui logo identificado como um elemento agitador, que andava sempre distribuindo coisas do sindicato.

Fui obrigado a voltar para cá [Curitiba] e integrar-me às atividades do Partido já numa idade em que precisava me casar. Aquele tempo que eu passei em

Monte Alegre foi um tempo em que eu refleti muito. Eu achava que o Partido andava muito voltado para dentro. Havia algumas exceções, como o caso dessa atividade de Monte Alegre, mas eram fatos isolados, o Partido como um todo era muito voltado para si, parecia uma seita. Aquilo não contribuía para nada. Os políticos tradicionais nem sabiam se o Partido existia ou não, além de sua influência nos acontecimentos do estado ser completamente nula. Daí eu resolvi me afastar. Não que tenha saído brigado ou coisa que o valha. Continuei tendo relações de amizade com o Espedito [Oliveira da Rocha], com o Otto Bacarense [da Costa], que faleceu há pouco tempo, com o Tristão Fernandes, com o próprio Agliberto [Vieira de Azevedo], que depois voltou para o Rio de Janeiro, com o doutor [Jorge] Karam. Mas era uma atividade muito burocrática, muito papel e não se via a atuação do Partido em nenhuma organização popular, mesmo nos sindicatos. Havia o Espedito, que era Presidente do Sindicato dos Químicos, e os bancários, que tinham uma atividade mais ou menos ativa, mas era muito pouco. Quer dizer, em relação ao universo dos trabalhadores, o que o Partido podia fazer era muito pouco. Eu acabei me afastando e fiquei assim com essas relações de amizade, [mas] nunca passei para a outra trincheira. Pelo contrário: depois [do golpe] de 1964, quando eu acabei sendo incluído em um processo junto com outro jornalista do *Última Hora*[11], passei a me interessar em recuperar documentos, para que aquela memória um dia pudesse ser contada. Acabei então escrevendo um livro, *Resistência democrática*[12], em que muitos companheiros do Partido estão retratados. Aí está o Espedito, o doutor Manoel Urquiza, o Vieira Neto, cuja filha deu uma entrevista com toda lealdade e honestidade possível. Apesar dos equívocos, ninguém pode negar ao Partido Comunista um grau de desprendimento, de honestidade, de credibilidade por acreditar naquilo como um ideal. Se bem que idealismo e marxismo são como água e vinho, não combinam. Escrevi esse livro porque me preocupei em evitar que essa memória de 1964, do golpe militar em geral, daquele período de repressão política, do pessoal que foi para o exílio, que foi torturado, enfim, evitar que ela toda se perdesse. Pois as pessoas vão envelhecendo, as pessoas vão morrendo, e infelizmente já tem gente por aí dizendo que na época dos militares era melhor. Gente que naturalmente não passou por certas coisas. O livro *Resistência democrática* começa falando da situação nacional e depois

[11] Jornal diário fundado no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer. Apoiava politicamente o Presidente Getúlio Vargas. Revolucionou as técnicas de imprensa no Brasil.

[12] Ver HELLER, Milton I. *Resistência democrática:* a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, 1988.

ele entra na situação do estado do Paraná, anterior ao golpe, do primeiro governo do Getúlio para cá. Tanto que eu digo lá pelas tantas que o golpe de 64 encerrou um ciclo de grande efervescência política no país, que foi o ciclo do "Petróleo é Nosso", da Guerra da Coréia, do Getúlio, da eleição do Jânio Quadros e de toda aquela coisa.

Parece-me que havia uma preocupação muito grande em aplicar o marxismo à realidade brasileira, quando me parece, pelo bom senso, que deveria ser o contrário: tentar aplicar a realidade brasileira aos ensinamentos e à doutrina do marxismo. O Partido Comunista nunca produziu um teórico marxista. Discordo completamente do Jacob Gorender, naquele [livro] *Combate nas trevas*[13], em que ele faz acusações pesadíssimas ao Prestes, em tom pessoal, querendo destruir a figura do Prestes, que é uma figura histórica. Daqui a mil anos, a dois mil, [ele] vai continuar presente e vivo na história do Brasil. Mas o Prestes era o quê? Um grande comandante militar, um grande estrategista, uma figura da classe média alta. O Partido Comunista é um Partido que em 1950 lançou o *Manifesto de agosto*[14], anunciando a revolução, pregando a revolução praticamente para o dia seguinte. Greves, parar todas as fábricas, criando um estado emocional. Aquilo evidentemente custou alguns anos de cadeia para muita gente, algumas borrachadas no lombo de outros, mas não levou a resultado algum. Daí o Partido caiu em um outro extremo, em um outro documento pregando a união nacional das forças democráticas, a união com a burguesia. A burguesia não precisava de acordo com o Partido[15]. O Manifesto

[13] Ver GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas:* a esquerda brasileira - das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

[14] O Manifesto de Agosto de 1950, que propunha a criação de uma "Frente Democrática de Liberação Nacional", representou uma virada radical na linha política do PCB. O documento ratificava a nova orientação segundo a qual os comunistas deveriam preparar a luta revolucionária de massa. "Avaliando o governo Dutra como de traição nacional, o PCB lançou em 1950 o Manifesto de Agosto, que definia o regime como uma ditadura feudal burguesa a serviço do imperialismo. Preconizava uma solução revolucionária que deveria ser articulada em torno de uma Frente Democrática de Libertação Nacional, sob a liderança do proletariado. Nessa época o PCB pregou o voto nulo, abandonou os sindicatos oficiais e, sem sucesso, tentou criar sindicatos paralelos". PANDOLFI, Dulce Chaves. O velho PTB: novas abordagens. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p. 8. Para ler a íntegra do documento, ver CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 108-112.

[15] O entrevistado refere-se à Declaração de Março de 1958, que fundamentaria a mudança programática do PCB no V Congresso, em 1960. "A tese essencial da Declaração de Março de 1958 era que a revolução no Brasil ainda não seria socialista, mas anti-imperialista e anti-feudal, nacional e democrática. Tal caracterização implicava a necessidade de formação de uma frente única nacionalista e democrática. Defendia ainda, o caminho pacífico da Revolução brasileira, pela pressão pacífica das massas populares e de todas as correntes nacionalistas no sentido de fortalecer e ampliar o setor nacionalista do governo de Juscelino Kubitschek. Tais orientações refletiam a orientação da nova política adotada no XX Congresso do PCUS (1956)". Texto disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/>. O texto integral, que foi publicado na Voz *Operária*, em 22 mar. 1958, sob o título "Declaração sobre a política do PCB", pode ser consultado em CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 179-196.

de Agosto teve uma vida efêmera, felizmente. Mas causou muitos estragos, mas estragos ao Partido, não aos outros. A burguesia estava no poder, não precisava de aliança com ninguém. Se precisasse fazer aliança não faria com o Partido Comunista. Dizia-se que o Exército, as Forças Armadas eram democráticas, porque era o "povo fardado". Veio [o golpe de] 1964 e ficou comprovado que aquilo tudo era uma balela. Podia ser que houvesse gente democrática dentro das Forças Armadas, mas foram utilizadas como instrumento de repressão, e serviram muito bem durante vinte e poucos anos.

Eu comecei a me desligar do Partido entre 1959 e 1960. Continuei, no entanto, encontrando os amigos, o Otto Bacarense, o Espedito [Oliveira da Rocha], o Juca, o Dante Leonelli, pessoas que eram da minha época, o doutor Jorge Karam, que quando lancei meu livro estava meio doente, mas mandou as duas filhas ou noras buscarem um exemplar. E, depois de ler, fez questão de dizer que estava satisfeito, pois eu o tinha entrevistado. Eu mantinha essas relações de amizade, mas fui me desligando dos problemas internos do Partido, das discussões.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Sobre os rachas da década de 1930, eu era muito garoto, não tenho condições de analisar. Também não existe literatura sobre isso. Ultimamente eu me interessei pelo anarquismo, andei comprando alguns livros, mas não tive tempo de ler. O trotskismo também desapareceu. Ele chegou a ter certa influência, principalmente em São Paulo, entre imigrantes italianos e espanhóis. Nesse período de 1954, que em nível nacional já se mostrava o quadro da formação de dois blocos no Partido, o Paraná mostrou resistência muito grande ao racha. Mais tarde, em 1959 ou 1958, houve uma dissidência de um pessoal que não aceitava a liderança do Agliberto, ou coisa que o valha, mas não chegou a caracterizar uma cisão, foi uma discussão de caráter pessoal. No Partido havia muitas reuniões, muitas discussões, porém [eram] duas ou três pessoas que falavam e um monte de gente que concordava. Não havia debate. Eles falavam em "centralismo democrático", mas é difícil conciliar as duas coisas. Dizia-se centralismo democrático, mas na verdade tirando dois ou três que apresentavam os informes, que transmitiam as orientações, o resto se limitava a ouvir.

Havia um chamado "culto à personalidade" do Stálin. Na minha época de militância ativa, eu li muito sobre o Stálin. Ele é a figura do trabalhador que chegou à direção superior do Partido porque era um sujeito "pau para toda obra", sujeito de grande valentia e tudo mais. O culto à personalidade começou na época da Segunda Grande Guerra. A Alemanha invadiu a URSS e chegou quase aos subúrbios de Moscou. A União Soviética teve que transferir fábricas de armamentos para outras regiões mais distantes, com toda a dificuldade de transportes da época, para que não caísse na mão do inimigo. Stálin usava o rádio, não em nome do Partido e nem do governo, mas em nome da Santa Madre Rússia. Ele sentiu que era necessário mobilizar todas as energias do povo russo. De outro lado, há um livro chamado *Decisões fatais*[16] que defende que, sendo invadida a Rússia, os russos aproveitariam para se livrar do regime soviético. Isso não aconteceu, talvez por causa desse comportamento do Stálin, que acabou contagiando o Partido em todos os setores, todas as províncias, em todos aqueles países aliados. A partir dali houve aquelas conferências de Potsdam, Yalta, não sei se com o Roosevelt, e o Stálin começou a se projetar como um grande estadista consagrado no mundo liderado pela União Soviética. Nos países periféricos, subdesenvolvidos como o Brasil, ele era uma espécie de guru. Para surpresa nossa, quando ele morreu começou aquela disputa interna pelo poder, até que veio o Kruschev e fez uma denúncia de que o Stálin era o diabo em pessoa[17]. A partir dali passou a haver uma série de dissidências, [de disputas entre] stalinistas e não-stalinistas. Mas, no caso do Brasil, isso não chegou a ter tanta repercussão. Se o Partido se esfacelou foi por suas próprias fraquezas. Deve ter repercutido no Partido Comunista Italiano, que era muito forte, com Togliatti, no Partido Comunista Francês, com Maurice Thorez. Aqui havia discussões acaloradas, mas não a ponto de gerar rupturas. Se as rupturas aconteceram foram devidas às fraquezas e incompreensões que já existiam dentro do Partido.

Eu não fiz nenhum inventário, mas acredito que depois de [19]64 saíram do Partido mais de seis pequenas facções. Aqui no Paraná aconteceram algumas, o PCBR, a Frente Popular, que depois virou Ação Popular (era um movimento da Igreja formado por um pessoal que não achava solução e acabou aderindo a uma linha maoísta, até à luta armada). Um desses elementos veio de Santa Catarina e

[16] KREIPE, Werner *et al. Decisões fatais.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.
[17] As denúncias de Kruschev foram feitas em 1956, durante o XX Congresso do PCUS.

acabou morto. Havia também a Polop[18], entre várias outras. O pior é que você não vê nenhuma autocrítica, nem do PCB pelas suas posições da época, nem do PC do B pelo Araguaia. Eu tenho a impressão de que o Partido aqui, após 1964, praticamente desapareceu, talvez porque eu também tenha me desvinculado e passado a lutar pela vida. Tive que arrumar emprego, perdia emprego, arrumava outro, filhos, aluguel de casa, enfim, acabei me desvinculando totalmente. Mas não sentia mais a presença do Partido. Houve um movimento de protesto contra a ditadura, organizado pelos estudantes [em 1968]. Eu não sei até que ponto houve ou não houve influência do Partido no meio estudantil. Eu tenho a impressão de que, se houve, foi muito pequena, porque era mais uma coisa espontânea da mocidade de lutar para que o país voltasse a ser um país democrático. Do Partido eu não me recordo de nenhuma publicação ou palavra de ordem que fosse passada para a sociedade no período posterior ao golpe de 1964.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro governo Vargas (1930-1945), o Levante Comunista (1935), o Estado Novo (1937-1945), o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

O Partido fazia muita oposição ao Getúlio Vargas. Lançaram aquele *Manifesto de Agosto*, que era de um sectarismo terrível, que pregava a revolução nas organizações de base, em uma fábrica. Tem que fazer uma greve, tem que parar a fábrica, para criar aquele clima de descontentamento. Mas isso era uma coisa inviável, porque o Partido não tinha força para fazer revolução nenhuma. O governo Vargas foi contraditório, porque foi subserviente ao capital americano, mas, ao mesmo tempo, criou a Petrobras [em 1953], que seria um instrumento de libertação nacional, criou a Cia. Siderúrgica Nacional [em 1941], em Volta Redonda, de onde saía o aço para a produção de equipamentos industriais. Nenhum país pode se desenvolver se não tiver o petróleo, energia elétrica e siderurgia. O Partido não viu esse caráter progressista do Getúlio ao qual se opunha. Getúlio cometeu pecados mortais como aquele negócio de entregar a Olga Benário[19] à Alemanha nazista. Mas se ele tomava uma

[18] Política Operária. Organização revolucionária criada em 1961, de inspiração "marxista", pretendia contestar a hegemonia do PCB. Cf. ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA MARXISTA – POLÍTICA OPERÁRIA (POLOP). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

[19] Olga Gutmann Benário nasceu em Munique, na Alemanha, em 1908. Ingressou no Partido Comunista alemão em 1926. Chegou ao Brasil em abril de 1935 e participou do Levante Comunista de novembro. Foi presa com Luís Carlos Prestes em março de 1936 e deportada para a Alemanha em setembro. Foi executada pelos nazistas em 1942. V. <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_olgabenario.htm>

atitude progressista como essa da Petrobras, de Volta Redonda, tentava estruturar a Eletrobrás [criada em 1961]. Naquele momento, pelo menos, o Partido não devia combatê-lo. Era uma coisa destinada a transformar o País em uma nação.

No golpe de 1964, o velho Prestes esteve aqui, em fevereiro, e foi recepcionado, se eu não me engano, na casa do Nelson [Torres] Galvão. Alguns deputados compareceram, eu me lembro até do deputado Leonardo Barcelos, que para mim foi uma surpresa, porque era um sujeito da alta burguesia, que andava de camisa de seda, mas estava na recepção do Prestes. Nessa [reunião] eu estive e o Prestes falava que o Presidente nos ouve – o Presidente era o Jango [João Goulart]. Prestes estava confiante de que "a reação", como o Partido dizia, não tinha a mínima chance de dar um golpe, que se tentasse seria arrasada. Havia até uma expressão do Prestes, que dizia que "se a reação botar a cabeça para fora será esmagada". Ela pôs a cabeça e não foi esmagada e quem saiu perdendo foi o outro lado. O Partido foi pego de surpresa porque achava que estava muito próximo do poder, visto que "o Presidente nos ouve". Quer dizer, o Jango era um sujeito democrata, dialogava tanto aqui, como ali ou lá, mas não quer dizer que ele tivesse simpatia pelos comunistas. O Jango era um latifundiário, dono de grandes extensões de terra, muito mais ligado à burguesia rural do que qualquer outro Presidente. E o Partido foi pego totalmente desprevenido, e é claro que refluiu. Se ficasse exposto seria todo mundo preso.

O Partido teve aquele bom senso de não aderir, isso eu fiquei sabendo não só através da literatura do Gorender, mas em conversas com companheiros do Partido, com o Hermógenes [Lazier] e outros – eu nunca me afastei desse pessoal, sempre a gente se encontra, ainda hoje estive conversando com o [Wilson] Previde. O PCB praticamente foi se recuperar na campanha das Diretas-Já [em 1984][20]. Começou a ter algumas bandeiras, deve ter tido um período de vida clandestina, com aquelas reuniões, aqueles aparelhos. A reação de vez em quando fazendo prisões e levando gente para tortura... Os Grabois morreram, pai e filho. Pomar também: morreu um filho do Pomar e o Pomar morreu metralhado. Tudo isso foi muito dolorido, não só para o Partido, mas para toda sociedade brasileira.

[20] Movimento político suprapartidário que defendia o restabelecimento de eleições diretas imediatamente para presidente da República no Brasil.

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

O Partido foi fundado em 1922. No entanto, no Paraná não tenho registro de quando ele chegou. Mas o meu pai, que era militante e que chegou a ser até do Comitê Nacional [Comitê Central] do Partido, quando eu tinha cinco anos já vivia mais tempo foragido, longe da família, do que em casa. Isso significa que o Partido deve ter chegado aqui entre 1922 e 1928. O que se sabe é que existia certo movimento anarquista. Esse movimento englobava anarquistas, comunistas, pessoas que não tinham ideologia muito definida, mas que eram contra o governo. Isso é uma questão que está me preocupando. Eu agora estou lendo a questão da Coluna Prestes, *A noite das grandes fogueiras*[21], do Meirelles. Os tenentes de 1922 ou 1924, queriam fazer uma revolução, porque eles achavam que o governo era corrupto, que o Exército não tinha equipamento, que os soldados estavam passando fome. Eu acho que isso é uma verdade, mas será que isso era motivo para fazer uma revolução? A revolução que eles queriam fazer era uma revolução sem fogo. Eram grupos militares descontentes que queriam derrubar o governo. Como o País tinha uma população pequena e muito dispersa, aquele que chegasse ao Palácio do Catete e conseguisse amarrar seu cavalo lá no obelisco derrubava o governo, assim como aconteceu com o Getúlio em 1930. Depois do tenentismo houve várias outras tentativas, mas nunca os comunistas, de uma forma geral, tiveram clareza.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Aqui na capital [Curitiba] os nomes de maior destaque eram o Espedito [Oliveira da Rocha], o Otto Bacarense da Costa, o Juca Lopes, o Dante Leonelli, que era advogado, o doutor Jorge Karam, que era médico e que era da direção partidária. E havia no interior a figura notável de Manuel Jacinto, que morava em Londrina e conhecia todo o Norte do Paraná como a palma da mão. Ele criou

[21] Ver MEIRELLES, Domingos. *A noite das grandes fogueiras:* uma história da Coluna Prestes. São Paulo: Record, 1996.

uma família fantástica, tinha nove, dez ou onze filhos, a maioria adotada. Todos foram criados segundo os princípios do Partido Comunista: nada de padre, nada de missa, nada disso e daquilo. Em várias fases da repressão, qualquer coisa [que acontecia] dizia-se: "Prende o Manuel Jacinto!". Prendiam, ficava um tempo lá e saía de novo. Como acontecia também com o doutor Jorge Karam, que no consultório médico tinha uma maleta com pijama, uma muda de roupa e pasta de dente. Volta e meia chegava uns tiras lá e ele dizia: "Espera aí". Ele pegava a pastinha e já sabia que ia ser preso. Ele pegou inúmeras cadeias sem motivo nenhum, porque era figura que não ameaçava ninguém – era o tesoureiro do Partido. Ele era muito bem relacionado na sociedade, tinha uma clínica médica muito concorrida. Muita gente acabava contribuindo com o Partido por causa do doutor Jorge, por ser uma pessoa seriíssima e muito estimada. Em Paranaguá existiam uns companheiros muito importantes. Com o tempo a gente acaba esquecendo o nome das pessoas, mas havia lá o companheiro Teixeira, Manuel Leandro, o Jair, que ficou em Paranaguá muito tempo, mas depois veio para Curitiba.

O Secretário-Geral [do Partido] na minha época era o capitão Agliberto Vieira de Azevedo, que é uma figura respeitável, pois era veterano de muitas batalhas. Ele participou em 1935 daquela tentativa que a burguesia classificou de "Intentona Comunista[22]" ("Lembrai-vos de 35!", diziam). Aquilo ajudou muito a indústria do anticomunismo, teve muita gente que sofreu na carne as conseqüências disso. O Agliberto acabou pegando dez ou doze anos de cadeia[23]. Ele era uma figura muito respeitada por causa dessa passagem. Era o tipo de sujeito "sargentão", cumpridor de ordens e disciplinado, que queria que todo mundo seguisse o mesmo ritmo, mas também não tinha luzes do ponto de vista da teoria marxista, de organização política. Ele era um sujeito honesto e respeitável.

Havia o Dante Leonelli, que era advogado e fazia parte da Executiva do comando estadual. Saiu daqui para São Paulo, onde abriu porta de advocacia tra-

[22] Movimento armado inspirado pela Aliança Nacional Libertadora (ALN), deflagrado a 23 de novembro de 1935 em Natal (RN) pelos sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. Os levantes ocorridos em Natal, Rio de Janeiro e na periferia de Recife (PE) foram contidos pelas tropas do Exército a 27 de novembro de 1935. Cf. REVOLTA COMUNISTA DE 1935. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM. Uma descrição do evento, a partir de reportagem internacional, deve ser lida em: CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 186-189.

[23] Agliberto participou, na madrugada de 27 de novembro de 1935, da invasão à Escola de Aviação Militar no Campo dos Afonsos no Rio de Janeiro. Preso, foi anistiado em abril de 1945. Cf. AZEVEDO, AGLIBERTO VIEIRA DE. In: ABREU, Alzira Alves de; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

balhista. Acho que esse mercado em Curitiba era meio limitado. Ele foi para onde estava o proletariado. Havia o José Brito Lopes, que eu não sei muito bem como classificar. Sei apenas que ele gostava de carnaval. Até organizamos um bloco de carnaval, em que até eu andei, apesar da minha cara de polaco – o "Sputinik na folia". Ainda tendo sido o primeiro e único desfile, nós ficamos em quarto lugar. Até hoje não entendi o porquê, pois não tinha tradição, não tinha nada. Um bloco muito pobre, fantasias muito pobres, bateria muito pobre, tudo muito pobre. Mas nós éramos um pessoal muito empolgado e o Sputinik era uma coisa que estava na ordem do dia. A União Soviética tinha lançado o primeiro foguete que saiu da estratosfera, talvez isso tenha influenciado, pois nós ficamos em quarto lugar em um concurso em que só entramos por brincadeira. O Brito parece que fazia alguma coisa relacionada com propaganda, eu não me lembro bem. Depois ele foi para São Paulo. Mais tarde voltou para cá e agora deve estar bem velhinho, metido em associações de bairro. O codinome de guerra era "Jucá". Dentro do Partido cada um tinha o nome diferente.

O Espedito era semi-analfabeto, mas de grande vivacidade e inteligência fora do comum. Era uma pessoa imprescindível, porque afinal de contas era um operário, um trabalhador. Era presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, tinha imunidade sindical. Ele participou de um conselho que foi criado na Prefeitura para estipular as tarifas de ônibus, pois o prefeito Ivo Arzua[24] havia cansado de levar paulada da imprensa: "Então, eu vou criar um conselho. E a tarifa que o conselho determinar eu decreto". O Espedito participou e andou criando uns problemas. O Manuel Jacinto Corrêa era do tipo do Espedito, mas acho que ele tinha mais instrução, ele deve ter tido oportunidade de estudar. Era meio simplório, mas inteligentíssimo. Se o Partido tivesse uns cinqüenta Manuel Jacinto era outra história. Facilidade de se comunicar, de fazer as coisas, de arrastar gente, de promover festas, reuniões. Ele era um cara fantástico. A filha dele hoje é vereadora, a Elza [Correa, deputada estadual pelo PMDB-PR]. Ela é uma figura fantástica também, e tem muita história para contar. Manuel Jacinto foi um dos líderes do movimento de Porecatu[25], onde teve uma participação importante.

[24] Ivo Arzua Pereira foi prefeito de Curitiba entre 15 de novembro de 1962 e 16 de novembro de 1966.

[25] Os conflitos de Porecatu ocorreram no Norte do Paraná em 1950 e 1951. Embora fosse um fenômeno mais isolado e com menor repercussão social e política, era semelhante às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do País com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

O Paraná teve duzentos, trezentos, milhares de levantes de posseiros, de disputas de terra e de gente que morreu estupidamente. Esse de Porecatu foi um levante em que o Partido achou que devia participar e intervir, devido às suas dimensões. Então mandou para cá um militante comunista, uma figura chamada João Saldanha[26]. Imagine João Saldanha em Porecatu, teorizando o marxismo e dando assistência aos companheiros sobre como deviam produzir o levante de Porecatu. O homem tinha cartório em Ipanema! Porecatu não passou de uma coisa aventureira, porque não tinha sentido nenhum: não era uma denúncia contra o governo, era uma denúncia contra o latifúndio. Aquela terra era toda como terra devoluta, só que uns mais vivaldinos avançaram, fizeram outras propriedades, outros fizeram menos. O Partido participou lá, houve tiroteio, houve muita grita. Muita agitação na imprensa. Mas acho que a agitação na imprensa era muito maior do que foi realmente a guerra dentro de Porecatu. O Jacinto, de qualquer maneira, esteve [lá].

Enfim, havia o Moacir, que morreu faz pouco tempo. Ele foi fundador dos sindicatos rurais na zona de Campo Mourão. Era contador e tinha um escritório perto da Praça Carlos Gomes, em Curitiba. O Moacir andou formando o primeiro sindicato de trabalhador rural em uma época em que esses não eram reconhecidos, eram tidos como coisa de comunistas. Ele criou vários sindicatos na região de Campo Mourão e Campina da Lagoa. Ele ia, falava, e o pessoal ficava todo extasiado. A impressão que tinham Moacir, Espedito, Manuel Jacinto, era de que o Partido era poderoso, que estava presente. Entretanto, grande parte disso era fantasia, essa influência do Partido só existia na nossa imaginação. Essa que é a verdade.

Existiam no movimento estudantil alguns comunistas: um deles era o Francisco, que era aparentado do Nelson Torres Galvão. O outro era o Moacir, um outro Moacir. Esse pessoal tinha atividade no meio estudantil, onde surgiu também ligado à UNE[27] e ao Centro Popular de Cultura uma certa atividade artística e teatral da qual fazia parte o Euclides de Souza, que é o Dadá, do teatrinho de bonecos. Havia o Assis Brasil que depois da "Revolução" [de 1964] mandou-se para Roraima, onde terminou presidente do Tribunal de Contas, uma figura importantíssima. Mas aqui ele era líder estudantil.

---

[26] João Saldanha nasceu em 1917 em Alegrete (RS). Jornalista, foi técnico da seleção brasileira de futebol até a fase preparatória para a Copa de 1970 no México. Faleceu em 1990.

[27] União Nacional dos Estudantes.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Que eu saiba não existiam. Como movimento de esquerda assim como o PCB não existiam. Só muito mais tarde é que surgiu o PT[28]. O PT teria um papel altamente contestador ao regime militar, que por sinal já estava em plena decadência. Mas entre 45 e 64 não recordo de nenhuma força que quisesse disputar coisa alguma com o Partido, aqui no Paraná e mesmo no Brasil.

Eu peguei um período de transição. Em 1955, Lupion[29] foi eleito governador pela segunda vez, mas logo começou uma violenta oposição contra ele. Acusaram de ladrão e tudo. Fizeram uma fofoca, uma denúncia vazia nos ouvidos do JK de que ele teria apoiado o Adhemar de Barros. Juscelino concorreu à Presidência contra o Juarez Távora, Adhemar de Barros e Plínio Salgado. No Paraná ele teve poucos votos, o mais votado aqui, por incrível que pareça, foi o Plínio Salgado[30]. Adhemar de Barros teve bastantes votos porque o Norte do Paraná e São Paulo são muito próximos e, por interesses comerciais, muita gente veio de São Paulo para o Norte do Paraná. O Juscelino ficou em terceiro e o último em votos foi o candidato da UDN[31], o Juarez Távora. O Juscelino cria que tinha sido traído. Não foi traído, não. O que acontecia na época é que o estado vivia do imposto de vendas e consignações, que mais tarde foi substituído pelo ICMS. Os repasses federais eram poucos, mas importantes, porque era o dinheiro com que o estado contava para fazer alguma obra, algum investimento. A arrecadação mal dava para pagar o funcionalismo. Juscelino, por sua vez, não passou um centavo para o Paraná, porque disseram para ele que o Lupion tinha apoiado o Adhemar de Barros. O Lupion ficou em dificuldades muito sérias, chegou a atrasar o salário do funcionalismo em seis meses, o que causou um desgaste político muito grande. Coincidiu também com a revolta dos posseiros em 1957, no Sudoeste.

---

[28] Partido dos Trabalhadores, criado em 10 de fevereiro de 1980, em São Paulo.

[29] Moysés Lupion (Moysés Wille Lupion de Troya) foi governador entre 12 de março de 1947 e 31 de janeiro de 1951. Depois foi eleito para o mandato de 31 de janeiro de 1956 a 1961.

[30] Plínio Salgado, do Partido de Representação Popular (PRP), foi o candidato mais votado à Presidência da República em 1955 em Curitiba, com 39,7% dos votos. No estado do Paraná Adhemar de Barros (do PSP) teve 28,1% dos votos contra 22,8% de Plínio. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais*, Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 20 (Tabela 11) e p. 9 (Tabela 1), respectivamente.

[31] União Democrática Nacional, fundada em 7 de abril de 1945. Foi extinta pelo Ato Institucional n. 2, de 27 de outubro de 1965.

Em 1955 houve uma grande geada, e o café representava um peso muito grande na economia do Paraná. Com aquela geada a produção de café foi reduzida e a arrecadação, pífia. Tudo isso levou a um desgaste político muito grande. Muita gente que fazia política à sombra do Lupion começou a abandonar o navio, e Lupion acabou sozinho.

Essa foi a fase de ascensão do PTB[32], mas aqui esse Partido sofria concorrência acirrada do PDC[33], que era o partido que mais crescia no Brasil inteiro. A UDN era um partido muito raivoso, porque vivia batendo nas portas dos quartéis para dar golpes de Estado. Quando perdia uma eleição, não se conformava, e batia nas portas dos quartéis. Os partidos que realmente estavam se transformando em partidos de massas eram o PTB e o PDC. O PDC aqui no Paraná era mais forte, mais organizado, com melhores quadros, mais do que o próprio PTB, porque esse, na ânsia de chegar ao poder, começou a admitir gente endinheirada, que não tinha afinidade nenhuma com o trabalhismo. O PTB admitiu aqui o Nelson Bufara, que tinha os armazéns de café do IBC e ganhava dinheiro a rodo. O Mirian Perihi [?] também tinha fazenda e armazéns de café no Norte do Paraná. Uma série de gente endinheirada, o próprio Luís Alberto Dalcanalle, que andava de camisa e gravata de seda, freqüentava altas rodas e não tinha nada a ver [com os trabalhistas]. Isso fez com que o PTB se desfigurasse, sem os chamados trabalhistas históricos, que é o caso do Léo de Almeida Neves[34], Iberê de Mattos[35].

Outra figura de que eu queria me lembrar do PTB histórico é o Jorge Mathias Júnior. Ele, o Iberê de Mattos, o Gaumariel Bueno Galvão, que chegou a ser deputado federal uma época, o Amauri Silva, que teve alguma expressão no Paraná por conta do Bento [Munhoz da Rocha Netto][36]. O Amauri era ligado ao Bento, mas ele acabou vindo para o PTB a convite do Souza Naves, que pretendia ser governador, só que não tinha dinheiro para fazer campanha. Então trouxe o Amauri, trouxe o Dalcanalle, Miguel e tantos outros. O Partido só não elegeu o Souza Naves governador porque veio o golpe de Estado de

[32] Partido Trabalhista Brasileiro, fundado no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1945 e extinto pelo Ato Institucional n. 2.

[33] Partido Democrata Cristão, fundado em 9 de julho de 1945 e extinto em outubro de 1965 em decorrência da implantação do bipartidarismo pelo Ato Institucional n. 2, de 27 de outubro de 1965.

[34] Léo de Almeida Neves foi eleito deputado pelo MDB-PR em 1966 e foi cassado pelo Ato Institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968.

[35] Iberê de Mattos foi prefeito de Curitiba entre 15 de novembro de 1958 e 1961.

[36] Governador do estado do Paraná de 31 de janeiro de 1951 a 3 de abril de 1955.

1964[37]. Nós tentamos, em uma época em que eu trabalhei no *Última Hora*, organizar um diretório municipal e um estadual do PSB. Até esse Amílcar Gigante[38] fazia parte dele, o Nilton Freire-Maia, grande geneticista. O Gigante candidato a deputado estadual e o Nilton a [deputado] federal. Havia o Jairo Ressi, que depois foi diretor da Editora Abril em São Paulo e que sempre teve bom nível intelectual. Mas foi aquela igrejinha, nunca passou disso.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

O Paraná durante muito tempo foi um estado eminentemente agrário. De repente, a sua população, que era pequena, começou a crescer de maneira explosiva[39]. O crescimento da população originava-se não só do avanço do café, mas também pelo êxodo rural de outros estados. Vinha gente do Rio Grande [do Sul], Santa Catarina, nordestinos que haviam ido para São Paulo e depois vieram para cá. Juntamente, surgiu a necessidade premente da industrialização, até mesmo para manter as demandas de fixação dessa população toda, como emprego, transporte e alimentação. Só que a energia elétrica no Paraná era praticamente monopólio da Companhia de Força e Luz, que era uma subsidiária da Bond Sherman, empresa de capitais americanos e canadenses. Atendia a uma parte do litoral, Curitiba, São José [dos Pinhais] e alguns municípios vizinhos. De uma forma muito precária, mas atendia. Em Ponta Grossa e em Reserva o pessoal fazia passeatas de velas acesas na mão. Isso não pela influência do Partido. Eram coisas espontâneas, que apareciam: o pessoal protestando porque não tinha energia elétrica. Eu acho que foi uma falha muito grande, pois o Partido podia ter tomado para si essa ansiedade de industrialização e de progresso e devia se colocar à frente, mas ele ficava à margem, com aquelas palavras de ordem contra o imperialismo. Não se fazia nada para modificar aquela realidade que estávamos vivendo. Fora do Partido surgiram algumas pessoas como o deputado Valdemar

[37] Souza Naves foi eleito senador pelo PTB-PR em 3 de outubro de 1958. Fez 291.200 votos. Sobre seu governo cf. GONÇALVES, José Henrique Rollo. A "mística do pioneirismo", antídoto contra o socialismo: Bento Munhoz da Rocha Neto, a reforma agrária e o Norte do Paraná dos anos 50 e 60. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa (PR), vol. 2, n. 1, verão 1997.

[38] Amílcar Gigante é referido no fundo DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) do Arquivo Público do Paraná como membro do Partido Comunista.

[39] A evolução da população do município de Curitiba no período é a seguinte: em 1940: 140.656 habitantes; em 1950: 180.575; e em 1960: 356.830 (fonte: IBGE).

Daros, que era um nacionalista convicto e fazia muita campanha contra a Força e Luz, porque era realmente um entrave, não investia na geração de energia. Quero dizer, investia muito precariamente no sistema que ela tinha conseguido e o Paraná não conseguia se desenvolver. Só passou a se desenvolver quando foi criada a Copel, já no final do governo Bento Munhoz da Rocha, mas como era um período de complicações posteriores ao suicídio do Getúlio, a Copel não conseguiu se desenvolver. Ela passou a crescer depois da primeira eleição do Ney Braga[40], quando o governo federal tinha lançado as bases do primeiro Plano Nacional de Eletrificação[41]. Daí para frente a Copel se transformou em uma grande empresa e começou a construir e eletrificar o Paraná inteiro. Entrementes, o Partido perdeu essa chance de se colocar como um elemento catalisador do progresso, de reivindicações.

Há um livreto, *A Copel é nossa,* que contém uma pequena história da Copel. Quando foi eleito o Moysés Lupion, em 1946, o governo dele elaborou o primeiro Plano Estadual de Eletrificação, Para construir mais algumas usinas térmicas, aumentar uma potência aqui, outra ali. No entanto, muita coisa ficou no papel. Foi um período muito conturbado, não havia recursos, mas pelo menos ele criou, despertou a atenção da sociedade para a necessidade que havia de produzir mais eletricidade. Dividiu o estado, programou aproveitamentos energéticos na região Sul, Norte e Oeste do Paraná. O Sudoeste não existia, era mata virgem. O programa contou com a ampliação de pequenas e obsoletas unidades existentes, a instalação de minúsculas usinas térmicas e a extensão sempre problemática das linhas de transmissão e distribuição. Toda essa parafernália de transformadores, distribuidores e fios, tudo isso tinha ser importado, pois o Brasil não produzia nada disso. Levar energia de um município para outro era um drama danando, uma dificuldade porque não tinha recurso, não tinha equipamento e não tinha

---

[40] Governador do estado do Paraná de 31 de janeiro de 1961 a 17 de novembro de 1965 e, posteriormente, de 15 de março de 1979 a 14 de maio de 1982.

[41] Após a suspensão dos trabalhos da comissão mista Brasil-Estados Unidos em dezembro de 1953, Getúlio Vargas intensificou o seu projeto desenvolvimentista. A partir disso a assessoria econômica da Presidência da República elaborou quatro projetos de lei que foram encaminhados ao Congresso e que formavam a política global para o setor de energia elétrica. O Plano Nacional de Eletrificação era o terceiro desses quatro projetos e acabou sendo abandonado após o suicídio de Vargas em 24 de agosto de 1954. Cf. ELETROBRÁS. In: ABREU, Alzira Alves de; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM. Sobre esse período, v. D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O segundo governo Vargas, 1951-1954:* Democracia, partidos e crise política. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Sobre a virada do governo, v. BOITO JR., Armando. *O golpe de 1954:* a burguesia contra o populismo. São Paulo: Brasiliense, 1980.

nem pessoal habilitado para fazer essas coisas. Daí veio o Bento Munhoz da Rocha [em 1950], que quis ampliar esse plano. Mas, também devido à situação reinante no país, ele não conseguiu. Ele só conseguiu colocar no papel. Mas obras mesmo só a partir da eleição do Ney. Em 1960 é que as coisas começam andar. Então não foi reivindicação das camadas progressistas e do Partido, foi uma necessidade dos governos da época, capengando aqui, caindo ali, até que conseguiram resolver.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

A III Internacional[42] e os esquemas exteriores chegavam aqui de uma maneira muito dispersa, como algo que vinha de um outro planeta, que não nos dizia respeito. Quanto ao Comitê Central sim, havia uma ligação mais ou menos regular com informações, com o pessoal que vinha dar assistência política. As discussões políticas sobre "frentes únicas", mudanças de táticas do Partido vinham através do Comitê Nacional, que depois virou Comitê Central. Entre a teoria e a prática existia um vazio, havia muita discussão de como se devia fazer, mas como não existia uma atividade prática, aquilo ficava [no ar] e acabava se diluindo. Mas o pior aconteceria depois: até 1964 o Partido dizia – eu próprio fui um agente para dizer isso – que as Forças Armadas eram democráticas, que o exército era "o povo fardado". Quando o golpe veio descobriu-se que não era nada disso. O Partido dizia que era necessária uma política de união nacional contra o imperialismo e de aliança com a burguesia. Mas a burguesia estava no poder e não precisava fazer aliança com ninguém e, ainda que precisasse, não faria aliança com o Partido Comunista. Isso é uma coisa lógica. Só os comunistas é que não enxergavam isso. Enfim, em 64 o Partido levou aquele tratamento de choque e viu que os militares não eram aquele povo fardado que ele imaginava. Viu que a tortura estava sendo institucionalizada, que as pessoas estavam sendo presas e levadas de madrugada para lugares incertos e não sabidos. Começou um

[42] "Em 1919, logo após a vitória dos comunistas na Revolução Russa, foi criada a III Internacional, ou Internacional Comunista, ou ainda Komintern. Seu principal objetivo era criar uma União Mundial de Repúblicas Socialistas Soviéticas. Dominada pelo Partido Comunista da União Soviética, a Internacional emitia diretrizes que deveriam ser seguidas por todos os seus filiados, inclusive o Partido Comunista do Brasil. Em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, a Internacional Comunista foi dissolvida com a finalidade de tranqüilizar os aliados ocidentais da União Soviética." Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos30-37/ev_radpol_ic.htm> A III Internacional realizou sete congressos: em 1919, 1920, 1921, 1922, 1924, 1928 e 1935.

processo de discussões internas, mas de uma forma tão acalorada que parecia que o inimigo não estava fora do Partido. O Partido, que já era pequeno, começou a se fragmentar.

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

Enfim, 1945 foi a época daquele pequeno período de legalidade do Partido. Em alguns estados houve realmente alguns avanços significativos, principalmente no Rio de Janeiro, devido à presença de Prestes, que tinha liderança expressiva. Também no Rio Grande do Sul, e um pouco em São Paulo. Aqui no Paraná o Partido conseguiu eleger a vereadora Maria Olímpia Carneiro [em 1947] pela Frente Única de Mobilização Popular, mas foi cassada no mesmo ano. E o deputado José Rodrigues Vieira Neto, que era um advogado muito bem-sucedido, tinha uma banca de advogado famosa, ele era muito considerado pela burguesia da época. Diziam que ele praticava tiro ao pombo, coisas desse tipo. Freqüentava os melhores clubes sociais da cidade, mas, ainda assim, um sujeito de grande cultura, que tinha um dote oratório pelo próprio fato de ser advogado, dizem. Eu não estava aqui na época, mas diz o pessoal que vinha gente de Joinville [SC], Ponta Grossa, de todos os lugares para ver os discursos do Vieira Neto. Ele foi eleito em 1945[43], e nunca mais conseguimos eleger um deputado.

Eu sei que no Rio de Janeiro o Partido elegeu um cidadão, que depois abandonou o PCB, candidatou-se à reeleição, teve uma votação inexpressiva e desapareceu totalmente do cenário político. As candidaturas apoiadas pelo Partido eram sistematicamente recusadas pela Justiça Eleitoral. Era difícil o Partido conseguir registrar alguém. Quando conseguia, geralmente era por pouco tempo e o Partido não tinha recursos para a campanha. As eleições eram difíceis, mas no Rio o Partido conseguiu eleger um cidadão chamado Íris Cruze [?]. Ele ficou todo importante porque foi eleito deputado federal, rompeu com o Partido e na outra eleição desapareceu. O PCB tinha eleito, em uma outra ocasião, Roberto Morena, mas ele não conseguiu registro para se candidatar novamente. Foi uma pena, porque era um grande companheiro, um grande orador, um sujeito muito fiel. Um companheiro que conhecia tudo de sindicalismo no Brasil, na América,

[43] Na realidade, em 1947.

no mundo, ele sabia tudo de cor e salteado. Aliás, eu não sei se alguém teve o cuidado de gravar com ele para que aquela memória não se perdesse. Em outros estados, nós não tínhamos ligações, mas aqui no Paraná com certeza, depois desse período de volta à ilegalidade, o Partido não conseguiu eleger mais ninguém.

Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

Os sindicatos que seguiam orientação política do PCB no Paraná eram: o Sindicato dos Químicos, que era [dirigido pelo] Espedito e o Sindicato dos Bancários. O Sindicato dos Jornalistas era indiretamente influenciado, isso eu posso dizer, porque eu militei nesse sindicato e fui até eleito para o [seu] Conselho Fiscal. Não havia muita atuação orgânica, mas havia muita simpatia. Havia em Paranaguá, na área do porto, ensacadores e diversas categorias onde o Partido tinha uma atuação bastante expressiva no meio sindical. O porto era um lugar cheio de contradições. Havia lá um sindicato dos bancários muito forte, cujo presidente era o Vitor Horácio da Costa. Lá se organizou um movimento chamado PUA, Pacto de Unidade e Ação[44], que unia todos os sindicatos num lugar só. Se houvesse repressão contra um sindicato, os outros se mobilizariam. Foi uma experiência interessante porque a solidariedade funcionava. Quando há necessidade, o trabalhador não mede conseqüências. Esse Vitor Horácio foi eleito presidente do PUA e graças a isso ficou muito manjado. Depois de 1964, teve graves problemas. Havia em Ponta Grossa um pessoal bom também. Eu me lembro de uma japonesinha, a Olga, que era casada com o Cardoso.

No interior houve aquela experiência em Monte Alegre, mas que não resultou em fundação de organização de bases, porque o pessoal achava que comunismo era uma coisa muito assustadora. Eu até andei distribuindo aquele livrinho do Monteiro Lobato, do Jeca Tatu, mas eles liam aquilo como um livrinho de histórias. No interior também houve alguma coisa na área dos ferroviários por meio do Miguel Pan, antigo companheiro de lutas, e de outros que eram bastante

[44] Organização intersindical de trabalhadores ferroviários, marítimos e portuários, não reconhecida pelo Ministério do Trabalho, e constituída formalmente no Rio de Janeiro em maio de 1961. Foi extinta em 1964. Cf. PACTO DE UNIDADE E AÇÃO. In: ABREU, Alzira Alves de; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

ativos. Resumidamente os sindicatos orientados eram: Sindicato dos Portuários de Paranaguá, Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Professores, Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Gráfica, Sindicato dos Condutores de Veículo, Sindicato dos Químicos, Sindicado dos Ferroviários, UPE e UPES[45].

Quando estamos do lado de fora, temos uma visão mais clara do que quando estamos do lado de dentro. E a conclusão a que se chega hoje é de que o Partido se divorciou da realidade. Tinha apenas aquelas palavras de ordem, algumas atividades ligadas ao movimento sindical e ao setor bancário. Professores eram muito poucos, eram mais bancários mesmo. Mas as posições do Partido não tinham importância nenhuma para o conjunto da sociedade. As forças políticas que se digladiavam não levavam em consideração as posições que o Partido tomava, se era a favor disso ou daquilo.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

Quando o Partido conseguia reunir cinco ou seis pessoas criava-se uma célula, que tinha geralmente um secretário, às vezes tinha um tesoureiro, mas eram organizações muito precárias. Aqui no Paraná as células eram pífias, havia certa dose de idealismo por parte de muitas pessoas, como a companheira Maria José, que era esposa de um militante do Partido também, Carlito Previde. A casa deles estava sempre aberta para os companheiros do Partido que estivessem em dificuldades, que precisassem almoçar ou precisassem dormir, ou estivessem sem dinheiro. Eles sempre estavam dispostos a atender. Mas como organização funcional, as bases do Partido nunca se definiram como alguma coisa com alguma eficiência. Sempre foram bastante precárias.

A imprensa existia desde antes de eu vir para cá em 1958. Já existia a *Tribuna do Povo*, que era um semanário. O Hermógenes [Lazier] aparecia como diretor e por isso ele se tornou muito visado pela repressão. Por qualquer pretexto ele era recolhido à famigerada Delegacia de Ordem Política e Social. Esse jornal era feito na gráfica do Orlando Ceccon. Era uma gráfica bastante aparelhada para a época, que imprimia dezenas de outros jornais para clubes e sindicatos, livros, algumas

[45] União Paranaense dos Estudantes e União Paranaense dos Estudantes Secundaristas.

revistas e essa coisa toda. O Ceccon era uma pessoa que tinha certa simpatia pelo Partido, eu não me lembro se teve alguma militância. Eu nunca tive curiosidade de saber, mas tenho certeza que o Partido nunca conseguiu pagar em dia o custo da impressão. Ele nunca deixou de editar o jornal, que circulava religiosamente toda semana: isso se deve à contribuição do Ceccon. A *Tribuna do Povo*, repetindo as palavras de ordem do Partido, também não era muito aceita pela sociedade, era um jornal meio marginal. Raramente atingia algumas pessoas. Era muito voltada para dentro do Partido, para o que acontecia [internamente], ao invés de ser voltada para fora. Quando se voltava para fora refletia o sectarismo que acontecia no Partido. Quer dizer, o Partido como seita, inexpressivo, sectário; adotava aquela agressividade verbal, todo mundo era amargo, tudo mundo era isso, tudo mundo era aquilo. Se o Partido fosse um pouquinho mais inteligente podia aproximar-se de certas figuras que tinham alguma representação política, como o caso do General Iberê de Mattos, democrático, o próprio Coronel Tourinho[46], que chegou a ser candidato a governador do Paraná.

Em finanças, nós tínhamos um verdadeiro mágico aqui, o doutor Jorge Karam. E, talvez por ser muito bem relacionado na sociedade, ele conseguia levantar sempre recursos para atender às necessidades do Partido. Se a pessoa precisasse viajar, ele sempre conseguia atender. Eu tenho a impressão de que sem ele, o Partido aqui seria muito, mas muito pobre.

[46] Luiz Carlos Tourinho, candidato a governador do Paraná nas eleições de 1955 pelo Partido Social Progressista (PSP), de Adhemar de Barros. Na eleição, vencida por Lupion, fez 10% dos votos no estado. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. Tabela 3, p. 11.

Depoimento 2:

uma questão de classe

Espedito Oliveira da Rocha

Espedito oliveira da rocha nasceu em 21 de janeiro de 1921 em Vila de Santa Clara, no estado de Pernambuco. Filho de Caetano Oliveira Rocha e Maria Oliveira, ingressou no Partido em 1938. Estudou até o quarto ano do antigo curso primário e foi torneiro mecânico. Secretário de Organização, foi também presidente do Partido Comunista no Paraná. É escultor e presidente de honra do PCB paranaense. Entrevista realizada em 7 e 13 de agosto de 2001.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Apareci no mundo político não só na década de 30, mas sim quando meu pai foi participar de uma eleição, quando eu era criança. Fiquei muito admirado com aquilo, pois cedo chegavam pessoas e perguntavam para ele: – "Caetaninho – chamavam ele de Caetaninho – vamos ou não vamos?" Ele respondia: – "Vamos!". Devem ter chegado 15 ou 20 amigos e parentes dele. Eram uns negrões, todos eles armados. Ele saiu a cavalo, com a história do "vamos". Eu não sabia o que era até que minhas irmãs acordaram e começaram a chorar. Eu perguntei: – "Por que vocês estão chorando?" Elas responderam: – "Ô negro, tu é um idiota! Nós estamos chorando porque o pai vai para a eleição e vai votar contra o governo, e quem vota contra o governo eles matam". Era a razão de todos estarem armados, iam até Buíque (PE), que era o município, para votar. Naquela época o voto era aberto e o cabra tinha que assinar o nome. Quem era contra o governo tinha essa empreitada. Fiquei o resto

do dia esperando desesperado, senti como se estivesse no tabuleiro político. Ele voltou. [...]

A influência política foi crescendo: em 1938 participei de um movimento grevista com os bancários em protesto contra o Estado Novo [1937-1945]. Parei dali a dois ou três meses para entrar no Partido Comunista, em Garanhuns (PE). Era muito jovem nessa época. Vim me estabelecer aqui [em Curitiba] em 1950. Quando chego, me encontro com o Partido... Num 1º de Maio, encontrei Adolfo Chinaglia, com quem trabalhei no Centro Cívico[1], o falecido Nascimento Pereira, que era do setor da construção civil, e Dante Leonelli, que era, na prática, o único advogado trabalhista que defendia operários aqui no estado. Todo trabalho que existe hoje foi feito com a colaboração de Edésio [Passos] e outros que quando jovens se juntaram ao grande advogado Dante Leonelli, um sujeito muito dinâmico. Depois do encontro, Adolfo se apressou em me convidar para uma reunião na casa dele, a qual me rendeu um cargo no Secretariado Sindical do "CD2"[2]. Em seguida, fui para o Comitê Municipal, onde ocupei a presidência por vários anos. Servi como Secretário Sindical e de Finanças além de, a partir de 1972, ter sido membro efetivo da Direção Nacional, da qual me afastei em 1992.

Quando cheguei ao Paraná já era comunista. Na época em que ingressei no Partido Comunista, em 1938, em Pernambuco – a sair nas aventuras normais dos nordestinos brasileiros à procura da sobrevivência –, desci por vezes a São Paulo, e com mais freqüência ao Paraná, que aparecia muito na mídia com o patrocínio do governo Lupion[3]. A propaganda abrangia o país inteiro e dizia que no Paraná se rastelava dinheiro, motivo pelo qual vim ao Sul, mais especificamente ao Norte do Paraná. Nessa região ajudei a abrir várias outras fatias de terra, mas não me encaixei no estilo que existia, o chamado fazendeiro "gato", que era uma espécie de explorador desumano. Por conta disso acabei indo para a cidade grande. Antes de desembarcar em Curitiba, trabalhei por 15 meses abrindo uma fazenda a 20 km de Guaratuba (PR). Cheguei a derrubar 15 alqueires de mato, tirei alguma safra de lavoura, mas o patrão não cumpriu o compromisso que tinha selado comigo.

---

[1] Espedito refere-se à construção de um conjunto de edifícios para abrigar o executivo estadual, o legislativo e o judiciário do Paraná, em Curitiba, durante o governo Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1955). Sobre esse período e sobre esse episódio ver DUDEQUE, Irã Taborda. *Espirais de madeira:* uma história da arquitetura de Curitiba: Studio Nobel/Fapesp, 2001.

[2] Divisão regional do Partido com sede em Curitiba. Ver explicação do entrevistado mais adiante.

[3] Moysés Lupion (Moysés Wille Lupion de Troya) foi governador do estado do Paraná entre 12 de março de 1947 e 31 de janeiro de 1951. Depois voltaria ao governo em 1956-1961.

Chegando a Curitiba – era uma cidade pacata naquele tempo –, qualquer cara com especialidade profissional tinha vaga garantida. Eu era mecânico, mas esse mercado ainda era muito pequeno. A indústria grande era a mira, o que se tornou um problema para o cara com família. Trabalhei de pedreiro, carpinteiro e tudo o que apareceu como oportunidade. Quando trabalhava de armador no Centro Cívico, onde fazia ferragens na construção civil, foi que encontro com os comunistas no Primeiro de maio de 1951 ou 52, não me recordo com exatidão. Havia comprado dois metros de pano para uma faixa em que escrevi de próprio punho: "O trabalhador do Paraná é contra o Decreto 9.070". Esse decreto regulamentava a greve segundo o Estado Novo, mas na prática ele a proibia[4]. Quem não tivesse certo esclarecimento, era a favor do Decreto. Eu levo a faixa para o campo Dorival de Brito. Mas quando chego lá não tenho com quem abrir, porque não tenho conhecidos. Fico segurando a tal faixa até que um italiano perguntou:

– "O que é isso aí?"

– "É uma faixa".

– "Por que não abre?"

– "Porque não tenho conhecido".

– "Então vamos abrir".

Ele tinha dois metros e eu um metro e sessenta. A faixa ficou toda torta, um troço desproporcional. Isso foi o bastante para o Ministério do Trabalho mandar fechar o pano. Sei que eles investiram para me tirar a tal da faixa. Eu resisti e os italianos que estavam ali ao meu redor me deram cobertura. Disse para os estrangeiros que eu tinha comprado a faixa com o meu dinheiro, que escrevi porque era contra, e eles me deram cobertura. Por fim, fiz um discurso explicando o que era o Decreto 9.070, mas junto com o Ministério do Trabalho veio também comunista que era a favor porque não sabia o que era. Não tinha operário em Curitiba. Esse era um processo que eu já vinha conhecendo porque tinha participado do movimento em Recife, uma cidade mais velha, com o segundo maior porto do Brasil naquela época. Foram lá as primeiras passagens e encontros que tive com os comunistas.

[4] Na verdade, o decreto-lei 9.070, que dispunha sobre "a suspensão ou abandono coletivo do trabalho" foi baixado em 15 de março de 1946. No governo Dutra, portanto.

Vim a saber que tinha comunista no tal Primeiro de maio de 1951 ou 52, porque as caras que tinham tentado me tirar a faixa reapareceram como quadros do Partido. Fui um dos últimos operários a ser mandado embora [da construção] do Centro Cívico. Depois de ser armador me enquadrei numa oficina como mecânico, onde encontrei um cidadão chamado Adolfo Chinaglia. Era um italiano vindo de São Paulo, que se estabeleceu aqui. Era o chefe da oficina. E o papo com esse cara era muito próximo do que eu pensava. Não demorou muito ele me forneceu um jornalzinho, que era a *Voz Operária*, de São Paulo[5]. Eu aceitei o jornal e ficamos batendo um papo sobre aquilo. Isso levou mais ou menos um mês ou dois, até que ele me convidou para uma reunião na casa dele. Quando eu cheguei lá, era uma reunião do Partido Comunista. Tão pobre era o Partido de quadros operários, que na primeira reunião me cooptaram e logo me elegeram para a direção. Naquela ocasião havia o "CD1" e o "CD2", uma divisão da cidade que cortava a Avenida Marechal Floriano Peixoto em dois [lados]: o lado direito era o CD1, e o esquerdo o CD2.

Eu hoje não sei dizer exatamente o que significavam as divisões da cidade, sei que eram duas organizações que não eram de base, mas intermediárias. Esses "CDs" é que organizavam as bases. No CD2 conheci Miguel Pan, [Júlio] Manfredini, [José Rodrigues] Vieira Netto, Jorge Karam, Marcílio Pereira Nascimento, [José] Mirelli. Conheci também um cidadão que morava na região do Abranches chamado Rogério. Ele e Nascimento Pereira eram um dos poucos operários que tinha. Cinco ou seis trabalhadores integravam o Partido em Curitiba, o resto era "intelectual". Uma dificuldade imensa para tratar com esse povo. Com freqüência entravam em choque com Vieira Netto, que era um dos mais ativos. Por ser advogado escorregava demais, e se chocava comigo no movimento sindical.

Como foi sua trajetória política no período 1945-1964?

Essa vida foi cada vez avançando mais, a ponto de me tirar da profissão com que trabalhava e me jogar no movimento sindical. Recebi certa vez uma

[5] O periódico *Voz Operária* na verdade era um jornal carioca, em princípio semanal e depois mensal, criado em fevereiro de 1949 pelo Partido Comunista Brasileiro e que circulou com regularidade até fevereiro de 1959. Em princípio era uma publicação voltada para os próprios militantes do PCB, mas progressivamente passou a trazer um noticiário mais amplo sobre as condições de vida dos trabalhadores e a necessidade de sua organização política. Cf. VOZ OPERÁRIA. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

tarefa de formar uma situação dos trabalhadores na indústria química. Eu não tenho nada a ver com química. Mas disseram: "Mas não tem operário, tem que fazer o sindicato e pronto. Você vai cuidar disso". Por conta dessa tarefa eu passo a me encontrar com um cidadão de nome Jorge Jácomo Brunetti, que era um operário especializado vindo de São Paulo, para trabalhar na Campos Hidalgo. Junto com ele fundamos uma Associação e transformamos a Associação em Sindicato dos Químicos, que é onde viria a ser cassado nos anos 60.

A essa altura dos acontecimentos – 1950 – eu já sou do Comitê Estadual do Partido, sou Secretário Sindical. Com a vinda do Agliberto [Vieira de Azevedo] eu fui eleito e subi de posição. Saí da base e fui para a proa do Partido. Eu tinha dificuldade, mas tinha obrigação de traduzir o Partido no movimento sindical. Eu levei ao Partido, numa reunião do Secretariado, essa dificuldade e fui mal compreendido por Agliberto. Ele achou que eu era contra a nova orientação e fui convocado pelo Prestes, intimado pelo Prestes a prestar contas. Chegando ao Rio de Janeiro (foi uma dificuldade grande de ir para lá, eles tiveram que pagar a passagem, porque o meu salário não dava) eu fiquei o sábado todo conversando com o Prestes e no domingo voltei, fui à casa dele, ou coisa que pareça. Naquele tempo já se pensava também em função da ilegalidade, havia esse espírito no Partido. Prestes disse para mim que eu era contra a *Declaração*, a famosa *Declaração de Março de 58* que dizia que o inimigo número um era o imperialismo[6]. E eu disse para ele que nunca havia dito isso. Ele então começou a falar. Falou uma hora e meia, e eu me cansei. E disse: – "Espera aí, camarada. Eu vim aqui para discutir um assunto, não para você me dar uma aula". Ele espantou-se, pois não era normal alguém dizer isso ao "capa-preta" do Partido. Expus a ele o que eu entendia: "eu sou a favor da *Declaração* e não tenho nada contra a orientação do Partido. Acontece que a pôr em prática no movimento sindical torna-se difícil. Foi isso que eu disse ao Agliberto e foi isso que eu disse na reunião do Secretariado". Ele disse em resposta: – "acho que cabe a vocês que estão na direção repensar e ver como é que vai se introduzir isso". Não demorou muito, ela veio abaixo, não

[6] A Declaração sobre a política do PCB, publicada em 22 março 1958 na *Voz operária*, mais tarde confirmada no V Congresso em 1960, enfatizava a luta por "'um governo nacionalista e democrático', recomendando à classe operária 'aliar-se à burguesia ligada aos interesses nacionais'. O caráter da revolução brasileira, dizia o documento, era antiimperialista e antifeudal, nacional e democrático. Adotava-se a via pacífica para o socialismo, através da formação de uma 'frente única nacionalista e democrática', integrada pelo proletariado, o campesinato, a pequena-burguesia e até setores de 'latifundiários em contradição com o imperialismo norte-americano'". MORAES, Dênis de; MARIGHELLA, Carlos. 90 anos: *Gramsci e o Brasil*. Diponível em: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv183.htm>. Acesso em: 26 jun. 2008.

houve dúvida nenhuma. Saber que o americano era nosso inimigo, todo mundo sabia, não tinha dúvida nenhuma, mas seria impossível estabelecer uma prática [antiimperialista].

Hoje sou Presidente de Honra do Partido. Na verdade, não deixei de militar. Acontece que para um homem de oitenta anos de idade é pesado continuar nesse meio. Em 1979, depois da abertura política e da anistia, eu tive a missão de dirigir o Partido no Paraná. Isso foi muito difícil, porque estava tudo dizimado. Eu saía de Curitiba e ia a Nova Esperança, a Cascavel, a Francisco Beltrão, para encontrar com comunista que eu conhecia de treze anos antes, para fazer um levantamento da situação e arrumar as estruturas partidárias. Por aí houve muitos detalhezinhos, muita coisa. O Partido finalmente se formou, abrindo uma nova fase. Nele eu vim até há cerca de dois anos – dois anos, dois anos e pouco, quando a saúde começou a cambalear. A prática de hoje é ser um partido "liberal" no bom sentido, mantendo uma couraça de 1950. Por exemplo, eu vejo a história do João Amazonas à frente do PC do B como algo nada benéfico. Ele que me desculpe, eu não tenho nada contra e até gosto do João[7]. Mas me parece que o PC do B tem outros quadros mais qualificados.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Quando chegou o racha de fato que dividiu o Partido em PCB e PC do B, [Diógenes] Arruda [Câmara], Apolônio [de Carvalho] e tantos outros quadros da direção nacional do Partido haviam ido à União Soviética ver de perto as denúncias de Kruschev. O princípio do racha se originou da denúncia do Kruschev[8], em que se criou uma nova orientação que dizia que o inimigo número 1 era o imperialismo norte-americano. Acontece que esse pessoal era stalinista e não assimilou. Talvez eles até tivessem razão, não vou aqui discutir a razão deles. Ao

[7] Em fevereiro de 1962, dissidentes da nova linha política adotada pelo PCB desde a Declaração de março criaram o Partido Comunista do Brasil (PC do B) contestando, entre outros pontos, a "coexistência pacífica" com os países capitalistas e se opondo, como tática revolucionária, à "transição pacífica" ao socialismo. João Amazonas foi eleito Secretário-Geral do PC do B. Cf. AMAZONAS, JOÃO. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

[8] Referência ao relatório de Nikita Kruschev, apresentado em fevereiro de 1956 durante o XX Congresso dos PCUS, no qual denunciava o culto à personalidade e outros crimes políticos de Josef Stálin.

chegar ao Brasil, cerca de quatro meses depois que foram para URSS, colocaram o problema e a Direção do Partido, que era uma mensageira da orientação soviética, aceitou. O que houve foi a rebelião deles contra a Direção e contra a nova orientação. Fundaram, assim, o Partido Comunista do Brasil. Não chegaram a ser expulsos do Partido, nada aconteceu, eles é que, por auto-recriação, tomaram essa decisão. Sobre isso chegou a ter uma discussão no Congresso, em que se sugeriu que eles aproveitaram a troca de nome do Partido, como pretexto. Votaram por nomear ao invés de PC do B, PCB. Essa questão, entretanto, está bem mais atrás, [está] naquele erro do Prestes, que eu considero um erro sectário. Hermes Lima era Senador na ocasião. Prestes não poderia responder à pergunta do [Juracy] Magalhães[9], pois juridicamente era um leigo, que nem eu. Esse problema era muito complicado. O indivíduo que não tinha formação jurídica dificilmente poderia responder um "sim" ou "não". Mas ele respondeu, e caiu na patota do Magalhães: o mandato de Prestes foi cassado e pedido o fechamento do Partido. A troca de nome servia para corrigir isso. Mais tarde foi provado que era uma sacanagem, que há um monte de partidos com "do", com "de", que não são filiais. Diziam que o Partido era um afiliado [do Partido Comunista da URSS] e por conta disso foi trocado o nome. Como eram stalinistas, aproveitaram esse pretexto. E eram de fato. Agüentar um [Diógenes] Arruda [Câmara] não era fácil. Qualquer metal é mais leve que o Arruda. E essa foi a razão de fundar-se o PC do B.

Aqui no Paraná não houve, pelo menos de meu conhecimento, alguém de importância que o seguiu. Não houve, na verdade, nenhum quadro velho, já maduro no Partido que bambeasse. Houve choque, muita discussão, mas o Partido se manteve unido. Poucas pessoas se esbagaçaram, e na discussão interna se conseguiu implantar a linha soviética, a linha pró-soviética. O PC do B entra aqui através da universidade, do movimento nacional que criou uma gurizada nova, mas os velhos não aderiram.

---

[9] Juracy Magalhães foi constituinte em 1946 e deputado federal pela Bahia entre 1946-1951. Havia sido interventor federal no estado (1931-1935) e depois governador (1935-1937). Teve uma extensa carreira política. Na sessão de 26 de março de 1946 perguntou a Prestes: "Se o Brasil entrasse em guerra contra a Rússia, Prestes e o PCB lutariam pelo País ou iniciariam uma guerra civil?" O próprio Juracy, ao recordar-se do episódio, declara contente que "felizmente prevaleceu a resolução legislativa [favorável à cassação dos mandatos], pois se raciocinarmos em termos de teoria política pura, a Câmara não teria o direito de lhes cassar o mandato. *Salus populi supreme lex est*". ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Juracy Magalhães:* minhas memórias provisórias. Depoimento prestado ao CPDOC. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 123.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro governo Vargas (1930-1945), o Levante Comunista (1935), o Estado Novo (1937-1945), o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

Apesar de em 1937 não estar ainda no Partido, acompanhei de perto o golpe do Estado Novo[10]. Foi lamentoso. O governo de Getúlio dizimou não só o Partido Comunista mas os seus opostos, os coronéis, que ficaram contra ele. Eu me lembro bem de conhecer valas de enterro comum com doze corpos que haviam sido fuzilados pela Polícia Federal, que Getúlio criou. Mandavam abrir as covas e enterravam nelas uma montoeira de pessoas. Se os coronéis, que tinham uma estrutura econômica boa, viveram um inferno, imagine os partidos. Foi muito duro. Antes da década de 30, a estrutura do Partido era muito séria e fechada, [era] garantido que ninguém desqualificado viesse a fazer parte dele. Havia que responder a uma série de quesitos e ter uma pessoa que o apresentasse para ser aceito no Partido. Além disso, a pessoa era submetida a uma sabatina com pessoas que nunca viu, para saber se podia ser integrado. A partir de 1945, no entanto, a entrada no Partido começou a ser efetivada com grande facilidade e pouca cautela. Em 1964, o desmonte foi muito sério, mesmo porque a orientação partidária não acreditava no golpe. Eu fui dos dirigentes sindicais do Paraná que foi ao comício do dia 13 de [março] no Rio de Janeiro[11]. Aqui do Paraná devem ter ido uns trinta ou quarenta.

Ao voltar para Curitiba peguei um táxi e fui direto ao Alto da Rua XV ver um cidadão de nome Antônio, um professor. Na casa dele estava se realizando um pequeno coquetel onde o Prestes, que estava na cidade, ia fazer uma espécie de palestra. Chegando lá, Prestes se dirigiu a mim e perguntou o que eu tinha achado do comício, respondi: – "Prestes, eu não servi o Exército, eu não fui militar, não entendo nada. Mas pelo aparato militar que vi exposto na rua, o governo está deposto". Ele deu de dedo no meu nariz. Foi tão ofensivo que um estudante muito meu amigo pôs a mão nele e deu um empurrão que ele quase caiu. Veja bem: empurrar o Prestes! O líder desse estudante era eu, não era o Prestes. Esse era um código que havia no Partido. Enfim, estavam todos tranqüilos, deitados

[10] Em 10 de novembro de 1937.

[11] Comício do dia 13 de março de 1964 na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, onde o presidente João Goulart anunciou as "reformas de base". Para ler o discurso veja CARONE, Edgard. *A Quarta República* (1945-1964). São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980. v. 1 (Documentos). p. 234.

ou sentados no sofá como quem estava no poder, veio o golpe e pegou todo mundo de calça curta, desprevenido. O único do Paraná que foi embora sem ser preso fui eu. Vim a ser pego em 1976 ou 1977, com outro nome no Mato Grosso. Não me vincularam à questão aqui. Mas os demais, todos foram presos, porque ninguém tinha espírito de vigilância nesse momento. Achavam que estávamos no poder, porque era a orientação nacional. Foi um deus-nos-acuda. Penso que ainda hoje não é bem contado o prejuízo que o Partido teve em [número de] quadros. No Norte do Paraná famílias inteiras tiveram que sumir, desaparecer. Pessoas do campo deixaram suas propriedades e sumiram porque participavam do movimento sindical de Londrina e Maringá. Isso nunca foi contabilizado. Sem falar dos caras que a Direção Nacional perdeu – perdeu muita gente. Outro dado para exemplificar: o Marighella era um dos quadros mais conseqüentes do Partido. Estava tão de bobeira que foi preso no cinema, depois do golpe. O patrimônio que havia, os militares confiscaram, agarraram tudo. A pesquisa da direita já vinha sendo feita. A milicada catou todos.

Agliberto, aqui do Paraná, foi preso sentado em um banco de praça em São Paulo. E eu me lembro bem de que era mais ou menos onze horas, meia-noite do dia 31 [de março], eu encontrei com ele e disse: "Agliberto, você está armado?" E ele disse: "não". Digo: "você quer uma arma?" Eu tinha um [*inaudível*] e uma pistola [calibre] 45. Dizia ele: "eu não quero". Estava tão convicto de que nada aconteceria que descuidou da defesa pessoal. É claro que um cara que foge para São Paulo ou para o Rio de Janeiro, naquela época, queria ser preso...

Outro ponto curioso: como fui eleito tesoureiro do movimento sindicalista, várias vezes fui escolhido para exercer essa função em organizações que vendiam alimentação, comissões encarregadas do transporte coletivo, a CMTC. Enfim, era sempre eu quem a pelegada elegia tesoureiro. Por ter sido eleito para tudo isso, acabei ficando muito exposto, a ponto de ter sido dado como morto no dia 1º de abril [de 1964]. O *Estado do Paraná* e a *Tribuna do Paraná* publicaram a fotografia de um cara que tinha sido atropelado por um caminhão e, como ficou desconhecido, colocaram o meu nome. Isso causou a maior confusão na família e entre os comunistas que me conheciam, pois eu estava na luta operária. Entretanto, no ano de 64 – não é o caso de me exibir –, mas graças a essa notícia no jornal fiquei com condições de fugir, porque ficou a dúvida: "o cara morreu ou não morreu?" A mídia organizada jogou com essa questão para criar confusão

em minha família e ver se descobria meu paradeiro. Eu estava com uma perseguição muito séria em cima de mim, mas consegui ir embora para a divisa do Paraná com o Mato Grosso, onde conhecia algumas pessoas.

Continuei militando discretamente, fazia parte da Direção Estadual. Naquele tempo já não havia mais dois comitês estaduais, só um[12]. Vinha para participar das reuniões. Lembro que participei de uma em Curitiba, para qual fui trazido por um camponês de jipe. Participei, também, da reunião de Mandaguari. Depois do golpe, foi reunida a direção em sua totalidade. Eu delirei com aquilo. O meu amigo e companheiro Manuel Jacinto fez a proposta de fuzilamento do Coronel Fernando de Carvalho. Eu morri de rir e fui contra. Não aceitava que se colocasse a proposta em pauta, mas fui voto vencido. Colocaram a tal proposta em pauta e nada aconteceu

Inicialmente, as reuniões aconteciam de seis em seis meses. Essas sugeriam oferecer resistência de arma em punho, por isso que aparecia proposta de fuzilamento. Nós chegamos até a juntar um bocado de armas e trabucos velhos e participar de treino de guerra de guerrilha, ali no Sudoeste, junto com aqueles posseiros. Mas depois chegou o Comitê Central e vetou a resistência armada: "Não é por aí o caminho, a luta é pacífica, temos que oferecer a resistência organizada, junto com o povo e os trabalhadores". Depois disso, as reuniões passaram a ser realizadas em intervalos de 60 a 90 dias, por questão de segurança.

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

Parece-me que aqui no Paraná o Partido foi fundado em 1927. Uns dos fundadores foram os [irmãos] Previde. Daí para frente houve, segundo contam, entrosamento muito grande com os anarquistas.

[12] Havia um Comitê em Londrina, no Norte do estado, e outro em Curitiba, no Sul. Provavelmente o único estado que contava com dois comitês estaduais.

O senhor poderia mencionar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Nesse quadro de dirigentes aparecia o velho Previde, que fazia o trabalho de contabilidade de uma empresa de construção civil. Era um dirigente sindical muito ativo, mas a gente tinha o pé atrás porque ele era "homem de escritório". Mas era um cara decente, ele nos ajudava muito, porque tinha muito mais condições de bater máquina e todos esses troços que nós tínhamos dificuldades. Miguel Pan era um quadro integrado, muito dedicado. Havia também o pessoal de Paranaguá. Hoje não me lembro dos nomes de muitos deles. Eram muito ativos, mas havia uma pobreza imensa por lá. Do movimento sindical, participávamos eu, o Nascimento e o Mirelli, e também o Adolfo, que era um quadro muito esclarecido, mas era um homem de muita idade e não participava mais do movimento sindical. Sua tendência era mais para anarquista do que para comunista. Ainda assim nos auxiliava muito, porque ele tinha participado do movimento sindical em São Paulo na década de trinta, em que teve grande atuação. Esse era o pessoal.

Quem saiu do Partido já no fim da vida, a partir de 1964, foi o Manuel Jacinto. Morreu no PC do B. Essa história eu conheço como a palma de minha mão. Manuel Jacinto foi um dos homens mais puros, segundo ele mesmo, no Partido. Era um "papa", não teve relações sexuais com outra mulher senão a dele. Eu me lembro de duas reuniões em que se discutiu sexo dentro do Partido. Alguém faltou com respeito com a filha de fulano e a mulher de beltrano, e nos dois casos Manuel Jacinto propôs o fuzilamento dos responsáveis por isso. Ele propôs fuzilamento, também, de um companheiro que era vereador em Paranavaí, chamado Arliro, que deu uma cantada na filha de um companheiro. Ele propôs o fuzilamento e, por incrível que pareça, apareceu executor. Era acabar de fazer a proposta e o falecido Pedrão falava: "eu executo". Mas nessa altura, por volta de 1964, Manuel [Jacinto] vacilou: teve um erro com a empregada deles, na casa. A menina ficou grávida e para ele foi um deus-nos-acuda. A família inteira criou problema e ele teve que abandonar a mulher e a família para ficar com a menina. Morreu com ela. Ele não queria prestar contas do que fez, essa a razão para ele não querer vir a uma reunião do Partido para a qual foi convocado. Depois disso, abandonou o Partido e foi para o PC do B. É um dos fracassos da história política do falecido Manuel.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

De 1950 para cá – só a partir daí posso informar **–,** a disputa que existia era representada pelos integralistas, pelo PTB e pelo Partido Católico Cristão[13]. Os integralistas participavam do movimento político, chegaram até a eleger um deputado por outra legenda, que assumia a carapuça do Partido. Fizeram uns blocos fortes, frontais, nos ferroviários, nos portuários, deixando em segundo [lugar] o PTB. Com muita força, o PTB representava os ratos de gabinete de governo, travestidos de um agrupamento maior. No campo de esquerda era o Partido e os integralistas que se confundiam. Na verdade, eles eram de direita, mas participavam palmo a palmo disputando a hegemonia do movimento conosco. Nos anos cinqüenta, os integralistas militavam conosco palmo a palmo. Mas foram legalizados antes de nós. Fomos cassados e eles ficaram legais. Pela legenda deles, Joaquim Távora chegou a ser deputado e Plínio Salgado foi o mais votado para Presidente da República em Curitiba [em 1955][14]. Eles tinham um excelente movimento aqui, e participavam do movimento sindical também.

Havia também o movimento católico cristão. Eles tinham a petulância de motivar quadros. Tinham católicos no movimento sindical e outras coisas. Aqui o movimento da Igreja era comandado pelo Ney Braga[15]. Houve até um que foi Ministro do Trabalho, o [Franco] Montoro. Havia o Plínio [de Arruda] Sampaio, que também foi ministro. Eles tinham um movimento cristão muito forte, até mesmo o movimento do campo eles controlavam. O Ney tinha uma participação muito grande nesse sentido. No primeiro ano de governo do Ney nós tínhamos aqui uma companheira chamada Alcina. Era uma mulher e nós tínhamos também o movimento de mulheres aqui, através do qual tínhamos atuação muito

[13] Na verdade, pelo PDC, Partido Democrata Cristão, fundado em 9 de julho de 1945 e extinto em outubro de 1965. Tinha no estado uma bancada (em aliança com a UDN e o PTN) de nove deputados federais em 1962. Era o partido do governador e contava com doze deputados estaduais.

[14] Plínio Salgado fez 22,8% dos votos no estado do Paraná nessas eleições, e ficou em terceiro lugar, perdendo para Juscelino Kubitschek (PSD-PTB), que ficou em segundo, com 24% dos votos e para Adhemar de Barros, do PSP (que fez 28,1% dos votos). Em Curitiba Plínio, do PRP, foi o candidato mais votado com 39,7% da preferência do eleitorado. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba: 1989, p. 9, 20.

[15] Ney Aminthas de Barros Braga foi governador do estado do Paraná entre 31 de janeiro de 1961 e 17 de novembro de 1965.

grande no meio popular[16]. Era uma espécie de movimento de favelados. Uma dos quadros desse movimento chamava-se Ivete, que foi em certa ocasião com Alcina a uma comissão com Alcides Simão, que era Secretário do Trabalho. Estão sendo atendidas quando o telefone chama. Não traziam o telefone à pessoa, você tinha que ir até ele atender. Ele se levantou e Alcina encontrou na mesa dele uma recomendação do Ney Braga, que dizia o seguinte: "Atenda qualquer coisa que o Espedito chegue lhe solicitando em nome dos trabalhadores rurais". Elas copiaram esse troço e trouxeram para nós.

Já o PSB[17] era um partido de elite sem nenhuma atuação. Tinham um pessoal que era chamado de "intelectual". Sua função era bloquear os comunistas, nacional e internacionalmente. Mas aqui no Paraná não tinha atuação, ainda que tivesse uns quadros bons, como o Amílcar Gigante, o Vieira Lins, o Walmor Marcelino, aquele jornalista nacional, Zé Ribeiro [José Augusto Ribeiro] que foi quem acompanhou Tancredo Neves. Enfim, tinham uma boa base intelectual aqui em Curitiba.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

O movimento de Porecatu[18] merece destaque. Foi o movimento de maior envergadura que o Partido teve. Tivemos também o movimento do Sudoeste[19], em Francisco Beltrão e toda aquela região, junto com uma turma de gaúchos que entraram naquela área de Cascavel até Francisco Beltrão criando um movimento de posseiros. O Partido comandou o levante de Porecatu. Chegaram a prender até o secretário de Segurança Pública. Aquele movimento tinha João Saldanha, o Siqueira, que era Secretário do Partido Comunista do Norte do estado. Junto

[16] V., a propósito, LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Momento feminino:* mulheres e o imaginário comunista. Uma nova história, uma história nova – 1945-1956. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 2003.

[17] Partido Socialista Brasileiro. Partido de âmbito nacional fundado em 6 de agosto de 1947. Foi extinto em outubro de 1965 em decorrência do Ato Institucional n. 2, como os demais partidos ativos à época.

[18] Os conflitos de Porecatu, ocorridos no norte do Paraná em 1950 e 1951, foram um movimento que, embora mais isolado e com menor repercussão social e política, era idêntico às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do País com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

[19] Revolta ocorrida em outubro de 1957 por seis mil colonos que invadiram a cidade de Francisco Beltrão (PR). Tinham como motivo principal a luta pela posse da terra. Após as promessas de regularização das terras os colonos se desmobilizaram. Alguns conflitos se estenderam até 1961.

com Gregório Bezerra, ele orientou o episódio do Sudoeste. Outro evento de relevância muito grande foi a participação do Partido Comunista na criação do sindicalismo rural. Sem dúvida esse mérito é do Partido. Em 1964, quando veio o golpe, nós já tínhamos 75 sindicatos e associações formadas. O primeiro sindicato em Londrina foi fundado pelo Zé Rodrigues, que era um membro da direção do Partido na fatia Norte do estado. Fundou em seguida outro em Maringá, onde se transformou em um dos grandes líderes camponeses da história do Brasil. Graças a esse movimento se dá a existência da Federação [dos Trabalhadores Rurais] do Estado do Paraná e da Confederação do Brasil – da qual o Zé Rodrigues chegou a ser Secretário-Geral[20].

Em 1961, ano da renúncia do Jânio[21], o Partido já vinha de uma atuação muito boa no movimento sindical, detínhamos 40% desse movimento. Sessenta por cento estava com o PTB[22] e o PSD[23] da época. Fizemos um movimento muito grande aqui em defesa da posse do Jango[24], em conexão com o Brizola e com cobertura oficial do General Iberê de Mattos, que era Prefeito de Curitiba. Chegamos a instalar na prefeitura o comando geral de resistência. Naquela época, em que eu era o presidente do Sindicato dos Químicos, o Partido estava todo na rua comandando o processo, pois o PTB não gostava de se expor. A Federação era a liderança. Criamos, então, o Comando Camponês, Operário e Estudantil. Foram reuniões famosas na sede da UPE[25], superlotadas não de trabalhadores, mas de estudantes. Foram movimentos de luta de grande envergadura esses.

Nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda eram a reforma agrária e a encampação[26] de grande parte das nossas ferrovias, da energia elétrica. As empresas fundamentais do nosso país eram estrangeiras, na maior parte americanas, inglesas, holandesas

---

[20] Sobre o tema, ver SILVA, Osvaldo Heller da. *A foice e a cruz:* comunistas e católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006.

[21] Em 25 de agosto de 1961, o presidente eleito Jânio Quadros (PDC-UDN) renunciou ao cargo após um curto mandato de sete meses.

[22] Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965).

[23] Partido Social Democrático (1945-1965).

[24] Na ocasião da renúncia de Jânio Quadros, o vice-presidente João Goulart (Jango) estava em viagem oficial à China. Após a renúncia, um movimento liderado por três ministros militares, contando com o apoio das Forças Armadas, impediu a posse do vice-presidente sob alegação que ela significaria grande ameaça à ordem e às instituições. A crise foi resolvida com a aprovação da Emenda Constitucional n. 4 que implantava no Brasil o regime parlamentarista e diminuía os poderes do Presidente da República.

[25] União Paranaense dos Estudantes.

[26] Através da "encampação", propriedades privadas passariam a pertencer ao patrimônio "nacional", isto é, ao Estado brasileiro.

etc. Essa era uma questão fundamental, de cunho nacionalista, que predominava dentro do Partido, então a gente debatia. Fico até arrepiado quando vejo o cara querendo entregar a COPEL[27] de volta para o setor privado, sob o argumento pífio de que essa é a solução ao sistema de energia elétrica. Eu lembro quando a Gratoeste era estrangeira e a Força e Luz do Paraná, americana. Naquela época já não tinha luz para ninguém, andávamos com uma vela na mão, e o Paraná não ia para lugar nenhum por falta de energia. Agora querem devolver a energia ao setor que a atrasou! Junto com as questões das privatizações, vinha o problema da defesa do trabalhador. Disso o Partido tratava como quando defendia a reforma agrária, como questão de princípios. Sábado e domingo a gente não parava, ia às vilas fazer reunião com donas de casa, com os trabalhadores para orientar quanto à defesa dos seus direitos.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

A influência nacional e internacional que sofria era total. O que acontecia no Leste Europeu[28] vinha como ordem para nós aplicarmos, e aí era questão de degrau: vinha tanto para o nacional, quanto para o municipal. A paz era um elo fundamental, e ainda hoje é para todo comunista do mundo. Naquele tempo, sem dúvida nenhuma, quem fez o Brasil entrar na guerra de 1945, a II Guerra Mundial, foi o Partido nas ruas junto com os progressistas e os nacionalistas – mas comandados pelos comunistas.

Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

O Juca, chamado de "Brito", veio de Santos, e por ser portuário fez algum trabalho em Paranaguá. Esses quadros eram funcionários do Partido, mas tinham dificuldade de conviver com o trabalhador. Eu entendia que para se fazer um

[27] Companhia Paranaense de Energia Elétrica.

[28] Termo mais político que geográfico que designa os países europeus que se alinhavam com a União Soviética no período da Guerra Fria.

trabalho dentro de uma categoria tem que estar integrado a ela. Caso contrário, escolhe-se um padre e manda fundar movimento sindical. Por isso já passamos e não deu certo. Eles tinham dificuldade e, por isso, a meia dúzia de gatos-pingados que nós tínhamos na época dentro do movimento sindical era quem arcava com tudo pesando nas costas. No movimento bancário tínhamos Otto Bacarense [da Costa], que era um grande quadro do Partido, o Fernando, o Tristão, o Laélio [Andrade], um cidadão chamado Araci Geba, que foi do pessoal do teatro, e tínhamos também um quadro mato-grossense muito importante que se chamava João Bosco, ou "Pé-de-boi". Eram eles que nos assessoravam com a mão de obra especializada, pois o resto do movimento sindical operário não tinha condições de enfrentar a federação dos trabalhadores na indústria, que era muito bem organizada, muito bem estruturada com o maquinário da época. Como naquela época o Partido estava na ilegalidade, não havia que usar o artifício da Presidência, o que havia era um primeiro-secretário.

Uma das primeiras pessoas que eu conheci aqui foi um cidadão chamado "Gustavo". Ele tinha sido eleito deputado estadual em 1947 em São Paulo[29]. Cassado, deixou o estado e foi para o Rio Grande do Sul[30]. E do Rio Grande do Sul, onde cometeu novos erros, em vez de ser punido foi mandado para outra cidade, dessa vez Curitiba. Veio destacado como primeiro-secretário. O cara não era eleito. O cargo era determinado pelo Comitê Central, e normalmente não

---

[29] "Gustavo" era o codinome de Mautílio Muraro, eleito pelo PCB à Assembléia Legislativa de São Paulo em 1947 com 10.041 votos. Cf. SÃO PAULO (Estado). Assembléia Legislativa. Legislativo Paulista: *Parlamentares*, 1835-1998. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998, p. 139. Muraro, nasceu no Rio Grande do Sul em 1923, filho de Honório Muraro e Elvira Muraro. Era torneiro mecânico. Ingressou no Partido Comunista em 1945 fazendo parte, logo em seguida, do comitê municipal do Partido em São Paulo. Foi orador no comício pró-constituinte, no vale do Anhangabaú, em 1945. Tornou-se membro efetivo do comitê nacional do PCB em julho de 1946, foi candidato e posteriormente eleito deputado estadual pelo Partido nas eleições de 19 de janeiro de 1947. "Como todos os deputados comunistas, continuou a ser vigiado pela polícia, mesmo no período de legalidade do Partido. Em outubro de 1947 depois de afastar-se da Assembléia para "tratamento de saúde", desapareceu, junto com a funcionária do Partido, Ruth Rapaport, abandonando a esposa e os dois filhos. Este seu desaparecimento foi muito explorado pelos meios de comunicação, principalmente pelos Diários Associados. O Diário da Noite, por exemplo, acusou-o de desfalque de 120.000 cruzeiros dos cofres do Partido, além de falta de responsabilidade em abandonar esposa e dois filhos menores. Sua vaga na Assembléia foi ocupada pelo suplente do PCB, Celestino dos Santos, ferroviário da Sorocabana". AFONSO, Eduardo José. *O PCB e o poder*: 1935 – o poder pela força; 1945 – o poder pelo voto (os comunistas na Assembléia Legislativa – 1947-1948). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004, p. 309.

[30] O metalúrgico Mautilio Muraro renunciou ao seu mandato de deputado em 8 de novembro de 1947. Portanto, tecnicamente ele não foi cassado, já que a decretação da extinção dos mandatos dos comunistas ocorreu no dia 12 de janeiro de 1948. As razões para a renúncia, segundo consta na dissertação de Eduardo José Afonso, referem-se ao fato de que ele teria se envolvido em questões financeiras obscuras dentro do PCB e o partido o forçou a abrir mão do mandato.

era uma pessoa do estado que o ocupava. Era conferido a alguém desconhecido que só dirigia em razão de segurança. Esse cidadão chegava de pára-quedas, não se ficava sabendo onde ele tinha nascido, qual a idade dele, nem sequer nome. Esse nome 'Gustavo' não sei se era o verdadeiro. Não vínhamos a saber onde ele morava, se era casado ou solteiro, não se conhecia nada da vida desse sujeito, mas ele era uma autoridade máxima e dava de dedo em você.

Por volta de 1957 ou 1958 Gustavo foi substituído pelo Agliberto Vieira de Azevedo. Passávamos por uma crise interna muito grande e para substituir esse rapaz foi criada uma comissão de sindicância, da qual participei junto com Miguel Pan e José Mirelli. Nós entrevistamos todo mundo da direção do Partido que estava envolvido na crise. Era uma espécie de CPI[31], tamanho o grau de infração a que o dirigente chegou. Eu me lembro muito bem de que o falecido [Jorge] Karam fez várias viagens ao Rio de Janeiro naquela época para levar denúncias contra o Gustavo. Por fim, Gustavo foi mandado embora, Agliberto o substituiu e o Partido continuou. Eu já havia tido a oportunidade de conhecer o Agliberto numa prisão em Pernambuco. Era um homem que estudava o marxismo, tinha domínio desse assunto, mas tinha dificuldade de reproduzir para o povo entender, para o trabalhador entender. Além disso, tinha a petulância de achar que só ele era defensor do Partido. Não há dúvida nenhuma que Agliberto ajudou muito no processo de organização do Partido no estado, era um homem de tempo integral, mas não era um elaborador de idéias, era um burocrata que dominava a questão marxista. Como ele era muito influente aqui, tivemos oportunidade de ampliar a distribuição do nosso jornal, *A Tribuna do Povo*. Além disso, foi com ele que nós tivemos em todas as cidades fundamentais uma organização partidária[32].

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

Visto que havia o "Partido do Sul" e o "Partido do Norte", cada qual possuía seu Comitê Estadual que abrangia toda a respectiva região. Eu estive duas ou três vezes em encontros entre esses dois comitês. Os integrantes do norte eram:

[31] Comissão Parlamentar de Inquérito.
[32] Agliberto Vieira de Azevedo havia participado do levante dos militares comunistas de 1935.

Manuel Jacinto, que foi vereador em Londrina, João Saldanha, que foi do futebol, um cidadão que se chamava Pedrão, outro de nome Aliro, que chegou a ser vereador em Paranavaí, Bonifácio, esse também foi vereador em Maringá, Zé Rodrigues, Antônio Mendonça Gomes. Todos eleitos pela legenda de outros partidos, o que era normal no Brasil inteiro, pois estava todo mundo na ilegalidade. Quem se elegeu comunista nessa época se elegeu por outras legendas. A preferência era pelo PTB. O choque maior do movimento sindical era exatamente com o PTB, que era uma corja de pelegos. Com raríssimas exceções, eram pelegos de quatro costados, patronal e do governo. Eles nos ofereciam uma resistência tão grande quanto o Ministério do Trabalho. O Ministério do Trabalho, na verdade, era deles. Eles faziam a dupla função.

Depois de 1947, o Partido continuou atuando politicamente através de mandatos exercidos pelos comunistas sob outras legendas. Quem foram esses parlamentares? Quais foram às posições políticas do Partido no Legislativo no exercício desses mandatos?

Nesse percurso, Agliberto foi candidato a deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro[33]. Nosso candidato a senador era o [Sebastião] Vieira Lins [do PSB][34]. Candidatos a deputado federal havia vários, dentre eles Vieira Netto, o falecido Gigante, Amílcar Gigante. Nas eleições seguintes – as eleições não eram "casadas" – vim a ser candidato a vereador pelo PTB, um ano depois da eleição de Jânio Quadros. Não era filiado ao PTB mas, pela minha participação no movimento sindical (eu era na minha época um dos operários de maior prestígio aqui no estado), fui lançado candidato. Eu resisti, não queria ser. Na verdade, minha posição não é e nunca foi de aceitação jurídica, nem parlamentar. Foi uma eleição em que funcionamos dois meses, tive quase 800 votos, fui o sétimo mais votado em Curitiba, fui primeiro-suplente do PTB. O PTB fez só seis vereadores em Curitiba, se fossem sete eu entrava. Na época, a Câmara dos Vereadores tinha 21 componentes, tendo 15 dos 21 entrado com menos votos do que eu. Há aí um detalhe interessante: quando vem o golpe de 64, eu fui cassado pela Câmara de

[33] Partido político de âmbito nacional fundado em 6 de agosto de 1947 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, durante a segunda Convenção Nacional da Esquerda Democrática. Como os demais partidos, foi extinto em 27 de outubro de 1965 pelo Ato Institucional n. 2.

[34] Concorreu ao senado pela legenda do Partido Socialista Brasileiro nas eleições de 3 de outubro de 1962 e teve 63.252 votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais*: Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989, p. 108. Tabela 98.

Vereadores, não fui cassado pelo Ato Institucional [n. 1]. À noite, Erundino, que era meu inimigo pessoal por conta da minha participação no movimento sindical, e [Donato] Gulin, também vereador, cassaram meu mandato de suplente. Em seguida, fui cassado pelo movimento sindical. Não sei não se não sou o primeiro a ter sido cassado no Brasil.

Eu me lembro – se não me falha a memória – que depois que o Partido foi para a ilegalidade, nacionalmente, o deputado que se elegeu foi Roberto Morena: um marceneiro muito estudioso, que tinha só o ginásio completo e que se dedicou muito à questão do petróleo[35]. Ele se elegeu deputado por dois mandatos pelo PTB. Em seguida vieram outros que foram se elegendo na Bahia, em Pernambuco, São Paulo, Rio Grande do Sul. Aqui no Paraná tivemos candidatos, mas não chegamos a eleger ninguém. Viemos a eleger um deputado por outra legenda em 1983, o Márcio Almeida, que era um homem da direção de Londrina e da direção estadual do Partido. Não chegou a ser um escândalo, mas ele fez uma besteira: eu lembro que num dia de sábado encontrei o Requião, que era deputado estadual, e ele me dizia: "É, então o deputado do Partido aceitou a proposta, o empréstimo da associação". Eu não ia discutir com Requião, porque sei que ele é escandaloso, e grita em qualquer canto. Eu era o assessor político do Márcio e, naturalmente, no início não acreditei nessa história. Telefonei, então, no mesmo dia para ele. Havia lá na Assembléia uma associação que cobrava 3% de juros, enquanto a inflação era de 70 e tantos por cento. Então o que fazia o deputado? Emprestava 20, 30, 40 milhões de cruzeiros e punha no banco. Isso dava um juro de 20, 30 ou 40%, e ele pagava só 3%. Era um verdadeiro escândalo, uma aberração. E o Márcio fez o tal empréstimo. No sábado, quando ele confirmou, eu não disse nada. Quando ele chegou, na segunda-feira, tinha uma reunião do Secretariado preparada. Ele confirmou a decisão. A primeira medida foi meu pedido de afastamento da assessoria. Em segundo lugar, exigimos que ele devolvesse o empréstimo. Mais tarde, ficamos sabendo que o chefe de gabinete era um parente dele. Era economista e tinha dado essa orientação. Ele dizia que era legal, mas no meu entendimento e no dos demais comunistas, era *imoral*. Mas Márcio teve muita dignidade. Tomou conhecimento disso e devolveu o empréstimo.

[35] Roberto Morena (1906-1978), conhecido líder sindical e presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores, elegeu-se deputado pelo Distrito Federal em 1950.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

Aqui no Paraná, além de Curitiba, o PCB estava organizado em Ponta Grossa, Paranaguá, Antonina, Londrina, Maringá, Mandaguari, Apucarana, Jandaia, Cascavel, Campo Mourão e Paranavaí.

Entenda: é nos anos 60 que se fundem os dois partidos, o do Norte e do Sul. Aqui nós tínhamos Jorge Karam, [José Rodrigues] Vieira Netto, [Júlio] Manfredini – vovô Manfredini –, Previde, Virgílio Previde, que era um quadro empregado do Partido, depois vinha o Nilo Previde, Pereira Nascimento, [José] Mirelli, Miguel Pan, que era do setor ferroviário, quadro importante de muita atividade sindical, o Dante Leonelli, e havia outros ferroviários, pessoal mais secundário. Os principais dirigentes municipais do estado eram: em Ponta Grossa, Olga e Jorge Severino, que funcionava no setor da construção civil, era pedreiro. Em Londrina, havia um quadro muito dinâmico que chamava Ernesto não sei de quê, Flávio Ribeiro, um advogado que cuidava do setor trabalhista, Manuel Jacinto, um sujeito muito ativo, Manuel Alberto, que era conhecido como "Pedrão" – era uma fábula esse cara. Fora da profissão, vivia para o Partido. Em Maringá, nós tivemos Zé Rodrigues, que trabalhava no setor do campo, Zé Nóquio da construção civil e que foi suplente de vereador, Bonifácio Martins, que chegou a ser vereador, se não me foge a memória, por uns três mandatos. Em Apucarana, nós tínhamos João Preto, que hoje se acha pela Bahia, Paulinho Vieira, que era um intelectual do setor de imprensa do Norte. Em Mandaguari nós tivemos um quadro muito firme, Antônio Mendonça Conde. Esse rapaz trabalhava no setor da construção civil e no campo. Em Paranavaí nós tivemos Tranqüilo Saragiotto e Antônio Saragiotto. Em Paranavaí, havia o Manuel Isaías, que foi o primeiro presidente do PT e morreu presidente do PT, e também havia o professor Hermógenes [Lazier], um quadro muito ativo. De Paranaguá, nominalmente eu não me recordo dos quadros.

O senhor se lembra de qual era a composição dos diretórios regionais quando o senhor fazia parte deles? E os que o sucederam?

Os diretórios regionais eram compostos pela Secretaria de Organização, Secretaria de Finanças, Secretaria de Propaganda e Agitação, e Secretaria Política. Quando fui para o CD2 o secretário político era o Adolfo Chinaglia e o Batista, que era um alfaiate com cargo de tesoureiro. Eram duas pessoas de idade avançada. Nessa época, o secretário-geral do Partido era aquele indivíduo de nome Muraro. Depois de Muraro ("Gustavo" e Muraro são a mesma pessoa[36]) veio Agliberto Vieira Azevedo. Nessa época foi que integrei a direção estadual. Fui levado a secretário sindical mais adiante. Esse cargo anteriormente era ocupado por Dante Leonelli, mas como ele ficava muito exposto por causa de sua atividade jurídica, era perigoso. Em seguida foram unificados o Norte e o Sul. Eu me mantive dentro dessa Secretaria. Grande parte do pessoal do Norte veio para cá: Manuel Jacinto, Paulinho Vieira, Mendonça, Flávio Ribeiro, todos da direção estadual. Aqui do Sul permaneceu o Hermógenes [Lazier], o falecido Laélio [Andrade] que era um dirigente sindical de destaque do setor bancário, Miguel Pan, Vieira Netto, Karam.

Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

No setor portuário de Antonina a Paranaguá, os sindicatos seguiam a orientação política do Partido. Nós tivemos vários indivíduos de proa. No setor bancário ocupamos até a presidência da Federação, delegada pelo IAPB[37], que era o instituto nacional, o INSS[38] do passado. Nós tínhamos influência também sobre os ferroviários, numa época em que a tendência era a participação localizada no que era fundamental: porto e ferrovia eram o setor de transporte, era o setor predominante. No setor camponês nossa participação e orientação foram totalmente partidárias. Disputávamos o pequeno setor com a Igreja Católica. Já o setor químico, desde a fundação de sua associação, foi tarefa do Partido. No setor metalúrgico nós atuávamos também. Na década de sessenta, nós já possuíamos quarenta por cento dos sindicatos do estado. No interior, os melhores sindicatos eram nossos. Possuíamos o mecânico de Ponta Grossa e o mecânico de

[36] Como já foi referido, "Gustavo" era o ex-deputado estadual pelo PCB de São Paulo, Mautílio Muraro.
[37] Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários.
[38] Instituto Nacional de Seguridade Social.

Londrina. Vários sindicatos dos portos estavam nas mãos do Partido. O sindicato dos bancários em Paranaguá e a quase totalidade [dos bancários] no estado. Até a Federação dos Bancários esteve nas mãos da gente, como também a Federação da Construção Civil, que foi fundada por nós. Para contrabalançar nós fundamos aqui a Federação da Construção Civil, dividindo a Federação da Indústria. Nós tiramos dela a construção civil. Já nos anos 1960 fundamos a Federação dos Trabalhadores Rurais. Fundamos com quadros nossos mesmo e com pessoal nosso. E dirigimos essa coisa até o golpe de 1964.

O PCB conseguiu empatar na cúpula com o PTB, pois eram seis federações: eles tinham três e nós a outra metade. Tínhamos a dos Bancários, a da Construção Civil e a dos camponeses, que não era aceita por eles. Havia uma tremenda discriminação pelo trabalhador do campo.

Eu mesmo tive a oportunidade de sair daqui nos anos 60 para fundar sindicato em Santa Helena. Lá havia dois tipos de posseiros: um cidadão chamado "posseiro" e o outro "enferrujado". O posseiro enferrujado era o que ficava na vanguarda, com arma em punho para garantir a posse da terra. Arma em punho! Eu cheguei a ver metralhadoras pesadas instaladas dentro daquela mata. Era um sacrifício tremendo a missão de fundar o sindicato lá em Santa Helena, pois para se chegar naquele lugar tinha que ser com carro de tração nas quatro rodas. No dia que nós chegamos, foi por volta das quatro horas da tarde. Quando foi ali por volta das seis horas da mesma tarde, chegou o comando da polícia, com vinte e poucos homens comandados por um tenente, para proibir a formação do sindicato. Nos chocamos logo de início e o tenente disse:

– "Mas você é camponês?" –

Ao que eu lhe digo:

– "Não sou". E ele:

– "Mas eu o conheço?"

– "É possível que o senhor me conheça. Eu sou de Curitiba".

– "Ah! Uma vez o conheci numa assembléia da construção".

(Ele fazia espionagem. E eu disse:)

– "É isso mesmo! Conheceu mesmo".

– "O que veio fazer aqui?"

– "Vim fundar o Sindicato dos Trabalhadores".

– "Mas é proibido. O governo não aceita!"

– "Nós não devemos homenagem nenhuma ao governo. Isso é um movimento que diz respeito à lei federal e nós não vamos obedecer".

E chegou a ponto de eu dizer para ele:

– "De mais a mais, se o senhor quer se sair bem, vá embora enquanto é tempo, porque amanhã cedo eu não sei se o senhor terá condições de ir embora por essas picadas. Nós vamos fundar o Sindicato de qualquer maneira. E eu não sei se depois do que acontecer aqui o senhor terá condições de sair".

Começaram, então, a aparecer os posseiros que estavam injustiçados. O tal tenente comeu alguma coisa e sumiu. No outro dia nós fundamos o Sindicato. O processo sindical custou muito suor. Foram extremamente difíceis essas lutas.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

O setor da imprensa era a menina dos olhos, era o setor que elaborava todo o material, convidava nossos intelectuais e que jogava [o material] para o operariado comunista divulgar na grande massa. Sem dúvida nenhuma, nós tínhamos como eixo central a questão da educação. Queira ou não queira, o Partido foi por longos anos a escola de formação intelectual e política do Brasil. Ainda hoje há muitos remanescentes, já velhinhos, que foram da nossa escola. O setor de organização das bases era o que tinha maior atenção do partido, se não existisse não funcionava. Para as reuniões marcadas próximas do "quilômetro dois" tínhamos os olhos vendados com um pano preto ou uma fita preta até chegar ao local marcado, tamanha a cautela nesse setor. O setor de organização, por fim, era uma Secretaria em que não se podia errar, pois qualquer erro era fatal. E o setor de finanças por outro lado foi o mais precário a vida inteira, ainda que tratado com disciplina. Todos tinham que pagar a mensalidade, não interessava quanto ganhava. E no dia correto o dinheiro tinha que entrar. Havia ainda as finanças que o Partido conseguia. Aquela escola, que citei, auxiliava o Partido. Penso que

a grande bobeira do Partido foi não ter se incluído no setor empresarial. A única empresa com que o Partido sabia lidar era a gráfica, que logo foi fechada pela polícia.

Entre 1945 e 1947 o PCB viveu um curto período de legalidade. De novo na clandestinidade, o Partido conseguiu manter diversos órgãos da imprensa comunista. Como esses órgãos de imprensa eram sustentados?

Essa história de se dizer como se manteve é muito difícil, porque nós zelávamos pela organização, zelávamos pela segurança. Eu não estava na altura de saber onde estava isso.

Os órgãos de imprensa que conseguimos manter eram a *Tribuna* e a *Voz operária* da qual, se não me falha a memória, saía a *Imprensa popular*, *Novos rumos* e *O operário*. Aqui no Paraná só foram banidos em 1964. Não tínhamos gráfica. Mas havia a gráfica do [Orlando] Ceccon. Ceccon era um quadro do Partido e, segundo consta – eu não tenho documento, não provo coisa alguma -, essa gráfica era um patrimônio do Partido que foi entregue ao Ceccon. Mas enfim, mesmo depois de 1946, a *Tribuna* continuou funcionando. Era um jornaleco de circulação mensal baseado em questões do capitalismo e do socialismo. Esse veículo era distribuído nas vilas todo domingo. Se a pessoa pudesse comprar, comprava, quando não podia, era de graça.

Depoimento 3:

ENGAJAMENTO SINDICAL E HISTÓRIA

Wilson Previde

Wilson Previde nasceu em 20 de dezembro de 1932 em Curitiba, no Paraná. Filho de Vergílio Previde e Lydia Gotschild Previde, tornou-se militante do Partido em inícios dos anos 1950. Foi secretário sindical e depois presidente do PCB-PR. Formou-se em administração de empresas e aposentou-se como bancário. Entrevista realizada em 27 de maio e 2 de junho de 2001.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Convivi com os comunistas desde a minha juventude, porque meu pai era membro do Partido Comunista aqui no Paraná desde 1928. Convivia com os ensinamentos, com a prática, e acompanhava as discussões. Mas eu aderi ao Partido – inicialmente aderi à Juventude Comunista, a UJC – na década de cinqüenta. Já participava com os jovens comunistas da época fazendo todo aquele trabalho que a juventude fazia de agitação e propaganda. Aos domingos, nós saíamos para vender o jornal *Tribuna do Povo*[1], que era o jornal do Partido aqui no estado.

[1] Jornal fundado por Izaurino Gomes Patriota em meados da década de 1950. Era o órgão de divulgação político-ideológica do PCB-PR. Para mais detalhes do periódico v. GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Elite vermelha:* um perfil sócio-econômico dos dirigentes estaduais do partido comunista brasileiro no Paraná (1945-1964). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

Até hoje sinto saudades dessas atividades. Nós aprendemos a fazer o lápis para pichamento de muros. Eu mesmo aprendi com o meu tio chamado Nilo, que era artista, pintor. Nós fazíamos o lápis de todas as grossuras. Hoje tem a facilidade do *spray*. Naquele tempo ou era a latinha de tinta de piche ou era o lápis. O lápis era muito mais prático, por isso quando eu fabricava os lápis já fazia uma quantidade grande, fazia um estoque. Sempre que tínhamos oportunidade nos juntávamos em três ou quatro jovens e saíamos pichando os muros de Curitiba. Eu me lembro que uma vez pichamos o muro do Tribunal de Justiça, que ficava onde hoje é a Sociedade Garibaldi, no tempo da Guerra. Por ser uma sociedade de origem italiana foi desapropriada e durante a Guerra, ocupada. Lá se instalou o Tribunal de Justiça. Era um muro muito bonito o que estava voltado para a avenida Manoel Ribas. E nós passamos numa ocasião ali e vimos: "que muro bonito! Vamos pichar!". Pichamos aquele muro de ponta a ponta. A técnica de pichar requeria planejamento. Havia quem ia escrever (dependendo do tipo da pichação, isso era feito por duas ou três pessoas) e havia os vigilantes, os seguranças, que ficavam nas esquinas olhando para ver se não vinha alguém ou a polícia. Qualquer coisa dava um assobio. Passados dois ou três dias, eu fui fazer uma visita ao escritório do presidente do Partido na época, que era o professor Vieira Netto. E o Vieira Netto perguntou-me: "Quem foi que andou pintando o muro do Tribunal de Justiça?". Aí eu, com muito orgulho, disse: "Fomos nós!". Ele ficou doido da vida com a gente. Deu um esbregue muito grande: "Vocês vão pichar o muro do Tribunal de Justiça, que é onde a gente muitas vezes tem que recorrer para defender os nossos camaradas que são presos? Agora vocês vão jogar toda a Justiça contra nós!" Deu-me um bruto de um esbregue.

Nós fazíamos também as bandeirolas, com as moças. As meninas, como nós chamávamos, faziam as bandeiras, compravam os panos – normalmente vermelhos – e fazíamos as bandeirolas, para jogar nos fios de luz. Tinha uma técnica toda especial para confeccionar as bandeiras com a foice e o martelo, e do tamanho que a gente queria. E nós, com um barbante e uma peça que denominávamos aranha, que ninguém mais sabe fazer... Hoje em dia só eu sei. Jogávamos o fio por cima, puxávamos do outro lado do fio de luz, dávamos um puxão, aquela aranha engatava no fio de luz, a gente puxava o fio de volta e ele vinha livre. A gente pendurava em vários bairros essas bandeirolas. E o trabalho de retirar as bandeiras era dos bombeiros, pois tinha que ter uma escada para retirar no dia seguinte. Eu lembro uma vez que na Vila Isabel, em Curitiba, havia um circo num

determinado lugar. Eu fui colocar na frente do circo essa bandeirola. Quer dizer, a nossa equipe foi lá colocar. E fui eu, pessoalmente, quem jogou o barbante enrolado numa batata, ou em um núcleo para enrolar o barbante (normalmente era uma batata). Jogávamos como se fosse uma pedra (às vezes, quando não havia batata, era uma pedra). Mas a gente jogava e na hora em que eu puxei, o fio da aranha não engatou imediatamente, eu puxei o fio, ele bateu, engatou no outro fio de luz, deu um curto-circuito e começou a sair faísca. Aquela faísca de alta-tensão. Apagou o bairro todinho. A gente saiu correndo, como era próprio dos jovens. Nós fizemos várias coisas. Uma vez penduramos uma bandeira na frente da casa de um comunista que se resguardava muito das opiniões comunistas que tinha. Fomos em frente à casa dele e colocamos uma bandeira. Ah!... quando ele abriu a janela de manhã cedo e viu aquela bandeira comunista em frente de casa, fechou a casa toda e não deixou ninguém sair naquele dia. E os jornais comentaram isso.

Nós nos reuníamos, fazíamos festinhas. Nós criamos entidades de jovens como a União Paranaense de Jovens. Todo sábado à tarde promovíamos palestras, com um coquetelzinho para a juventude, e sempre vinha bastante gente. Numa determinada época, nós organizamos um campeonato de futebol com clubes de vários bairros. O campeão iria para o Rio de Janeiro disputar um campeonato nacional, que foi a UJC que organizou. De cada estado iria o campeão, pelo menos teoricamente. O jogo nacional foi – até lembro que eu fui – no estádio de futebol lá em Niterói, no bairro do Saco de São Francisco.

Também na época da "Campanha da Paz". O Partido iniciou uma campanha nacional, de apelo mundial, chamada Apelo de Estocolmo[2], em que houve um apelo contra a bomba atômica e pelo desarmamento mundial. Nós coletávamos assinaturas nos fins de semana, sábados e domingos, com os membros do Partido para mandá-las para Estocolmo, que era a sede mundial da campanha.

De quais associações de classe o senhor participou nesse período (1946-1964)?

[2] "Os comunistas brasileiros, a exemplo dos comunistas de todo o mundo, iniciaram uma campanha pela paz, contra o envio de tropas à Coréia e a utilização de armas atômicas. Em março de 1950, o comitê permanente do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, reunido em Estocolmo, lançou um apelo pela proibição da bomba atômica numa campanha de assinaturas em sua defesa. Os comunistas brasileiros se destacaram nesse movimento e, segundo Diógenes Arruda, a campanha em defesa do Apelo de Estocolmo conseguiu mais de 4,2 milhões de assinaturas. Cf. ARRUDA, Diógenes. Nosso Partido, nossa tática e nossas tarefas atuais. *Problemas*, n. 33, abr/maio de 1951. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/diario/2003/0325/0325_declaracao.asp>

Como o meu pai tinha sido do Partido, eu com dez ou doze anos o ouvia falando com alguns elementos, tinha contato com outros, sabia quem eram os comunistas. Depois, quando eu tinha dezenove ou vinte anos, comecei a me aproximar da Juventude Comunista, tive uma militância e quando foi 1952 ou 1953, entrei para o Partido. Morei em Paranaguá, onde fiz militância; antes de Paranaguá estive um tempo em Ponta Grossa, como tarefa do Partido. Depois eu comecei a estudar para entrar para o Banco do Brasil, passei no concurso do banco e fui para o interior, para Assaí. Mas permaneci no Partido, continuando as lutas, criando o Sindicato dos Bancários. A primeira tarefa era organizar o sindicato, para depois, com base no sindicato, organizar o Partido. Em 1965 voltei para Curitiba onde estou até hoje. Logo que voltei, passei a fazer parte do Partido daqui, primeiro do [Comitê] Municipal. O Municipal na época era mais difícil, nós tínhamos a base dos bancários aqui. Depois de 1964 nós tivemos a tarefa da retomada do Sindicato dos Bancários, fizemos uma aliança com outras forças, outras correntes, e o retomamos. E aí por 1969 ou 1970, quando houve a Operação Marumbi[3], eu, como base dos bancários, estava presente na reunião de criação do Municipal, naquela conferência que foi para a criação do Comitê Estadual.

A maneira de atuar, a maneira de se postar diante dos problemas dependia da situação. Hoje continuo sendo comunista, continuo sendo membro do Partido, faço parte do Comitê Estadual do Partido e ainda faço o que nós chamamos de "trabalhos de massa". Como eu já estou aposentado, nós temos associações de aposentados com as quais trabalho. Faço meu trabalho político lá dentro, sempre procurando levar as orientações do Partido para as demais pessoas.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Existiam alguns trotskistas no Partido na década de quarenta, como o Dambiski. Deveriam existir outros, mas não me vêm à memória. Eu era amigo do filho dele, porque ele era comunista como o meu pai. E depois, num deter-

[3] No início da década de setenta, uma operação DOI-CODI prendeu 65 integrantes do PCB. Mais informações no Inquérito Policial-Militar n. 745. Sobre o assunto ver também: VIEIRA, Ildeu Manso. *Memórias torturadas (e alegres) de um preso político.* Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura, 1991.

minado momento, correu uma notícia dentro do Partido que o Dambiski era trotskista. Aí, ele se afastou do PCB.

O que causou um grande impacto foi o problema do relatório Kruschev, sobre o Stálin[4]. Foi divulgado internacionalmente e repercutiu aqui também, e gerou muitas discussões, muitas coisas. E muita substituição de dirigentes, "vem para cá, vai para lá", acirrou muito a luta interna. Aqui no Paraná poucos elementos saíram do Partido. Um deles foi o Odílio [Cunha Malheiros Jr.]. Quanto ao racha que houve, a gente sempre tomava partido nas brigas e nas discussões internas. Tivemos aqui no Paraná o grupo que foi para o PC do B, que foi muito pequeno, muito pequeno mesmo. Não houve um movimento muito grande que fosse preponderante, que fosse um deus-nos-acuda. O que houve foi essa saída de alguns para o PC do B, e os que ficaram no PCB. Eu me identificava mais com esse pessoal. Dizem que o Manuel Jacinto, em Londrina, acompanhou também a criação do PC do B. Não sei se é verdade. Talvez a Elza Correa [sua filha] possa dizer. [...]

Eu não concordo com a classificação do DOPS[5] que divide o Partido internamente como "o Conservador, o Moderado, e o Estudantil". Agora, como negar que o grupo dos estudantes sempre foi um conjunto, além de serem bem atuantes? Era um grupo que buscava novidades. Por exemplo, o PCBR[6] foi iniciado aqui no Paraná por pessoas da base dos bancários, Vitorio Sorotiuk, Sargento Alberino, do Rio Grande do Sul, mas eles logo partiram, pois agiam de uma maneira que nós achávamos que não estava dentro da linha do Partido, que era assaltar bancos. Estava junto com eles o José dos Reis Garcia, que é vivo e está

[4] Nomeado secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética em setembro de 1953, Nikita Kruschev (1894-1971) denunciou, no XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956, o "culto à personalidade de Stálin" e seus crimes. "O discurso foi pronunciado numa 'sessão secreta' do Congresso. Só os delegados presentes ao encontro puderam ver e ouvir, ao vivo, um relatório minucioso dos crimes cometidos por Stálin à frente do governo. O ex-dirigente foi acusado de ter 'violado a legalidade socialista' e desenvolvido a prática do 'culto à personalidade', contrário aos 'princípios leninistas'. Kruschev citou nominalmente as lideranças do PC que foram executadas nos famosos 'processos de Moscou', na década de 30, apontou as violências praticadas pela polícia política, os erros estratégicos de Stálin durante a guerra contra o nazismo e seu comportamento quase paranóico depois da guerra até sua morte, em março de 1953. Três meses depois, o relatório foi divulgado integralmente pelo jornal norte-americano *The New York Times*". Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/mundo_03nov1987.htm>. Trechos do pronunciamento de Kruschev podem ser lidos nesse endereço. No Brasil, o relatório foi parcialmente publicado em *O Estado de S. Paulo*. Para as repercussões sobre o PC brasileiro ver, entre muitos estudos, DIAS, Giocondo. *A vida de um revolucionário:* meio século de história política no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

[5] Delegacia de Ordem Política e Social. A DOPS foi criada pela Lei n. 177, de 5 março 1937. Funcionou até o início dos anos 1990.

[6] O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário foi criado em 1968 por Mario Alves, Manoel Jover Teles e Apolônio de Carvalho, dissidentes do PCB. O ponto fundamental do seu programa era a luta armada contra o regime ditatorial-militar de 1964.

em Santa Catarina, foi preso sob a acusação de tentar assaltar o Banco do Brasil em Telêmaco Borba. [...]

O impacto maior aqui no Paraná foi na década de noventa com o Roberto Freire. Aí nós tivemos um impacto maior. Uma ala bem relevante saiu do Partido para criar o PPS[7] junto com o Roberto Freire. Esse racha calou fundo, e houve uma participação grande nossa em 1992, que foi a criação do PPS com o Roberto Freire. No passado, a coisa foi mais tranqüila.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro Governo Vargas (1930-1945); a Intentona Comunista (1935); o Estado Novo (1937-1945); o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

Na década de trinta, o Getúlio Vargas conseguiu ganhar a imprensa nacional contra o coronelismo, contra aquela situação política que havia e conseguiu empolgar. Depois teve a revolução política de 32[8], que o Getúlio abafou. E em 1935 houve a tentativa dos comunistas de fazer uma frente ampla com os militares, pois o Prestes já era do Partido e tinha um prestígio muito grande no Exército. Foi uma tentativa de trazer o País para uma democracia mais branda, porque o Vargas já estava se acertando como um ditador. Vargas se consolidou com o golpe de 37, e aí os comunistas passaram a lutar contra. O maior ódio dos comunistas contra o Vargas, além do ódio político, era o ódio pessoal que tinham dele, porque ele tinha mandado a mulher, a Olga Benário, uma alemã que era mulher do Prestes, para os campos nazistas onde ela foi morta. Isso os comunistas não perdoaram. Mas a surpresa maior foi quando, em 1945, o Prestes foi candidato a senador e fez dobradinha com o Getúlio Vargas. Isso foi uma demonstração de compreensão política e de tática eleitoral[9].

Vargas foi reeleito presidente [em 1950] e em seu novo governo nós no-

---

[7] Partido Popular Socialista. Partido político criado em janeiro de 1992, durante o X Congresso do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que teve seu nome e sigla alterados. O deputado federal Roberto Freire (PCB-PE) tornou-se o presidente do PPS.

[8] Levante ocorrido a 9 de julho de 1932 em São Paulo, liderado por grupos da oligarquia cafeeira e das camadas médias paulistas que se rebelaram contra o governo provisório de Getúlio Vargas e a favor de uma nova Constituição. O movimento foi controlado pelas forças situacionistas no final de setembro daquele ano.

[9] No Paraná, nas eleições de dezembro de 1945, Prestes (PCB) conquistou apenas 6.870 votos e Vargas (PTB) 57.756 votos. Foram eleitos Flavio Guimarães e Roberto Glasser, ambos do PSD. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais*: Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 107. Tabela 98.

tamos que ele estava sendo perseguido assiduamente pelas forças retrógradas do país, pelos reacionários. Situação essa que culminou no seu suicídio [em 1954]. Até hoje não acreditamos que foi suicídio; não temos provas, não temos nada, mas temos uma opinião de que ele não se suicidou...

O benefício que Getulio Vargas trouxe ao País foi que ele aceitou a campanha do "Petróleo é nosso", criando a Petrobras. Até hoje as forças do capitalismo internacional não conseguiram acabar com ela. Conseguiram roer, debilitar, dividir muita coisa, mas a Petrobras ainda é uma estatal, que resiste e que está servindo um pouco aos interesses da soberania nacional. Nós apoiávamos cegamente a opinião do Monteiro Lobato na época, de que a energia é que determina a libertação de um povo. Monteiro Lobato escrevia muitos livros, e a gente lia e seguia[10]. Não sei se ele era membro do Partido; se não era, era um grande simpatizante.

O golpe de 64 foi um retrocesso enorme na vida política do País, quando se implantou a ditadura. E o maior retrocesso de todos os tempos é que essa ditadura facilitou – não só facilitou, como iniciou – um processo de deturpação do povo brasileiro. Ela conseguiu jogar, fazer com que o povo brasileiro aceitasse, praticasse e batesse palmas para aqueles que praticavam a corrupção. Quem corrompeu a mente, o pensamento, a maneira de ver, de enxergar, de sentir do povo brasileiro de uma forma complacente para com a corrupção, foi o regime militar[11]. Corrompeu, desfibrou o brasileiro em relação a esse assunto. O Rui Barbosa disse que chegaria a época em que o homem sentiria vergonha de ser honesto. É o que a ditadura militar conseguiu fazer que fosse aceito pelo povo, pela nação, que era normal ser corrupto. Foi introduzida na cultura do povo brasileiro a corrupção, a complacência. Isso foi causado pelo regime militar, se bem que antes também já tinha. No processo do Juscelino [Kubitschek], com a construção de Brasília, com a construção aqui do Centro Cívico do Paraná[12], também houve muita corrupção, muito desvio, muita coisa, mas a consolidação, a aceitação da corrupção como um fato normal na vida do brasileiro, foi feita pelo regime militar.

---

[10] V., a propósito, LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e do ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1936.

[11] O regime ditatorial-militar no Brasil durou de 1964 a 1985. Entre 1985 e 1990 houve um governo civil, de transição, do Presidente José Sarney, antigo membro do partido de sustentação parlamentar da ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

[12] Durante o governo Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1955).

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

O Partido Comunista no Paraná foi fundado na década de trinta. Quando houve o levante de 1935[13] várias pessoas foram presas. Na década seguinte também, inclusive o meu pai foi preso. Não bem em 35, mas logo depois. "Seu" Walfrido Soares de Oliveira também foi preso. Havia na época o [Júlio] Manfredini, o velho, os irmãos Batista [que foram presos]. Havia, além dos irmãos Batista, os Arpades, não me lembro do sobrenome deles, mas eram dois irmãos também. Na ferrovia também havia gente. E havia o [Valdemar] Reikdhal, o velho Reikdhal, que foi presidente do sindicato [dos ferroviários].

Nem todos eram comunistas, alguns eram anarquistas, mas em virtude da legalidade do PCB eles fundaram aqueles partidos e estavam "embutidos". Era um partido classista, de operários que chegaram até o Reikdhal, que foi eleito deputado, representante. Uma técnica que os comunistas sempre usaram quando sofriam perseguições ou eram considerados ilegais: embutir-se em outros partidos, como nós nos embutimos no MDB[14] depois de 64. Nós tínhamos uma corrente forte no MDB. E antes disso nós tínhamos alguns embutidos no PTB[15]. O Espedito [Oliveira da Rocha] foi candidato a vereador pelo PTB. Espedito era um dirigente sindical daqui de Curitiba. Essa tática nossa era antiga. Então, precisamente como organizações de Partido havia algumas bases, que naquele tempo chamavam "células" de bairros, que funcionavam e tinham vários nomes. O [Leão] Roxine era um, já falecido. Não sei de descendentes deles que possam falar qualquer coisa. Mas havia várias pessoas, que no momento eu tenho que fazer um pouco esforço de memória para me lembrar. O mais difícil é lembrar datas corretas. Não havia escritos. Havia a atuação das pessoas que a gente sabia...

---

[13] O entrevistado refere-se ao Levante Comunista (ou à "Intentona Comunista"), isto é, o movimento armado de novembro de 1935 em que militares ligados ao Partido Comunista invadiram instalações militares em Natal (RN), Recife (PE) e no Rio de Janeiro. O levante foi inspirado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) e se esperava, a partir daí, uma revolução popular no Brasil. Para uma visão oficial sobre o episódio, cf. o documento: DUTRA, Eurico Gaspar. Levante comunista de 27 de novembro, 11 dez. 1935. In: BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto (Org.) *Textos políticos da história do Brasil.* Brasília: Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996. v. 5.

[14] Movimento Democrático Brasileiro. O MDB era um partido político de âmbito nacional, de oposição ao governo ditatorial-militar, criado em 24 de março de 1966 dentro do sistema de bipartidarismo instaurado no País após a edição do Ato Institucional n. 2 (em 27 de outubro de 1965).

[15] Partido Trabalhista Brasileiro.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

O presidente [do Partido] no final dos anos 40 e inicio dos anos 50 era o Vieira Netto. Por motivos de segurança, não sabíamos o nome de todo mundo do Partido. Mas tinha o Vieira Netto, o doutor Jorge Karam – que, se não me engano, era o tesoureiro do Partido naquela época. Tinha o Dário Prinz, o vovô Manfredini. Havia também o [Joaquim Rodrigues] Mochel, na década de quarenta, um advogado esposo da Maria Olímpia. Ela foi a primeira vereadora que nós tivemos, eleita em 1947. E foi eleita pela legenda do Partido Comunista mesmo. Maria Olímpia era uma funcionária da Secretaria de Saúde, e foi eleita na época em que o Partido estava na legalidade, em 16 de novembro de 1946. Nasceu no dia 9 de janeiro de 1926. Era a primeira vereadora do Paraná. Depois ela se casou com o Mochel, que era dirigente do Partido. Quando o Dutra cassou o registro do Partido[16] – o Dutra era o presidente da República – Mochel e Olímpia já estavam casados. Para não continuarem sofrendo perseguições se mudaram para uma cidade do Nordeste. Eu, pessoalmente, não tive mais notícias deles. Não sei se eles são falecidos. Tudo indica que sim.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Sempre houve quem disputasse a hegemonia do movimento operário. Como citei, na década de trinta havia os anarquistas. E eu creio que os anarquistas, principalmente os italianos e alguns espanhóis também, desde que vieram para o Brasil com seus filhos atuaram no movimento sindical, tanto é que o movimento que deu em 1922, quando o Partido foi formado nacionalmente, sofreu uma influência dos anarquistas da época. Aqui houve a mesma história. Veja a Colônia Cecília[17], que

[16] O Partido Comunista teve seu registro cassado em 7 de maio de 1947 como conseqüência do processo aberto pelo deputado Edmundo Barreto Pinto (PTB) em que denunciava o PCB como um partido internacional. A denúncia foi feita a partir de declarações de Luís Carlos Prestes ao *Jornal do Comércio* e à *Tribuna do Povo,* segundo as quais apoiaria a União Soviética num eventual conflito militar com o Brasil.

[17] Comunidade anarquista estabelecida em Palmeira, no Paraná, em fins do século XIX. Sobre o tema, ver o livro clássico de SCHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília:* uma aventura anarquista na América (1889 a 1893). São Paulo: Anchieta, 1942.

era de anarquistas. E independentemente disso, havia uns elementos que não eram ligados a essa colônia, mas atuavam nos sindicatos e no movimento operário. Houve um recrudescimento das aspirações desses operários no fim da década de vinte, começo da de trinta. A própria Revolução de 30 tentou solucionar, foi engrossada pelas aspirações dos operários que queriam avanços sociais em nosso país. Eu teria que fazer um esforço muito grande de memória para lembrar nomes. Mesmo porque nessas lutas a gente sempre adotava pseudônimos, não conhecia a pessoa pelo nome corretamente. Eram nomes diferentes, nomes trocados para as pessoas não serem identificadas, visto que as próprias condições de ilegalidade obrigavam. Até na história mais recente, naqueles livros dos militares, da Operação Marumbi, há vários nomes que foram citados que não são nomes verdadeiros. São nomes que as pessoas usavam para não serem identificadas. Eu sou um daqueles que estão ali nas duas reuniões que são citadas. Tanto na municipal, como na estadual, eu estava presente, mas não estava com o meu nome. E com isso, eu não fui preso, porque os militares não conseguiram me identificar, senão eu teria sido. Eu estive presente a ambas reuniões, só que com um nome que nós chamamos de "nome de guerra", para não sermos identificados e, na hipótese de algum dos membros ser preso, não contar sob tortura. Normalmente são torturados para contar nomes. Mas ele conta só o que sabe, não conta o que não sabe. Foi o que aconteceu. Alguns que foram presos contavam o que sabiam, mas não contavam tudo, porque não sabiam tudo. E eu tive um pouco de sorte, porque aqueles que me conheciam, que sabiam meu nome verdadeiro, não sei se não foram torturados ou se não tiveram tempo de se lembrar. Para os militares, lá no documento do DOPS [sobre a Operação Marumbi] não foi possível a identificação de alguns, um deles é o meu[18].

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

[18] O papel de "inteligência" (espionagem) do DOPS na perseguição aos comunistas e às lideranças dos movimentos populares e sociais não pode ser subestimado. Angelo Priori ressalta, a propósito, que "as forças policiais militares intervieram na revolta camponesa conhecida como 'guerra de Porecatu' [...] somente a partir do momento que os agentes da DOPS tinham localizado, mapeado e identificado todos os revoltosos e puderam dar subsídios e informações detalhadas, não só sobre a revolta, mas também sobre a geografia da região e os ânimos dos camponeses revoltados (DOPS, pasta n. 427/188)". PRIORI, Ângelo. DOPS, repressão, violência e controle social. *Revista da ADUEM*, Maringá, ano 1, n. 1, p. 21-23, julho/dez. 1998, p. 2.

As bandeiras específicas no Paraná pronunciavam-se contra os grupos que nós chamávamos de "reacionários". As bandeiras eram as nacionais e internacionais que a gente sempre defendeu aqui. A bandeira nacional sempre foi contra o Getúlio Vargas, que era um ditador na década de trinta; [apoiávamos] a formação da Aliança Nacional Libertadora[19], que era um organismo que não era do Partido. O Partido estava embutido...

O Partido sempre lutou intensamente pelo problema da reforma agrária. Nós tivemos nessa época, na década de cinqüenta, a Revolta de Porecatu[20], em que o Partido atuou intensamente com participação de dirigentes nacionais, que vieram até para cá para ajudar. O João Saldanha participou não diretamente das guerrilhas, dos combates. Mas ele fazia parte desses dois comandos, um pouco de Porecatu e um pouco do Sudoeste. Eu não lembro o nome do rapaz, mas eu conheci um dos dirigentes de Porecatu, que também foi membro do Partido e trabalhou no jornal [*Tribuna do Povo*].

O Flávio Ribeiro era do comando de Porecatu. Participou o pai da Elza [Correia, deputada estadual no Paraná pelo PMDB], o Manuel Jacinto Corrêa, que fez parte do comando político de Porecatu, não do comando de briga. Em Porecatu, na época, houve uma reivindicação dos trabalhadores rurais. Houve uma grilagem de terra muito grande, e esses trabalhadores foram muito prejudicados. A companhia, a CITLA[21], era a sigla da Companhia Clevelândia Industrial Territorial Ltda. de Terra e Colonização do Norte do Paraná, parece-me que era um nome assim. Ela andou grilando terras, com a conveniência do Governador do estado, que era o Moysés Lupion na época [1956-1961]. E havia a Usina de Porecatu, que era do sogro do Paulo Pimentel[22]. Ali eu sei que houve uma briga

[19] A ANL foi fundada em março de 1935. Era uma frente ampla de várias correntes políticas progressistas que se opunham ao fascismo, ao imperialismo e ao latifúndio. Cf. ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA (ANL). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM. Pode-se consultar dois documentos a respeito: MANIFESTO DE FUNDAÇÃO da aliança Nacional Libertadora (30 março 1935). In: CARONE, Edgard. *A Segunda República* (1930-1937). São Paulo: Difel, 1978. p. 421-425; e PRESTES, Luís Carlos. Manifesto da Aliança Nacional Libertadora (5 julho 1935). In: CARONE, Edgard. *A Segunda República* (1930-1937). São Paulo: Difel, 1978. p. 430-440.

[20] Os conflitos de Porecatu ocorreram no Norte do Paraná em 1950 e 1951. Embora fosse um fenômeno mais isolado e com menor repercussão social e política, era semelhante às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do País e com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

[21] A Companhia Clevelândia, bem como a Companhia Comercial do Paraná e a Companhia Apucarana, representantes de interesses privados na ocupação das terras do Norte do Paraná, através de organizações paramilitares de jagunços contra os colonos, assassinaram várias de suas lideranças.

[22] Governador do estado do Paraná entre 31 de janeiro de 1966 e 15 de março de 1971.

pela posse da terra e o Partido apoiou os lavradores na revolta. Armaram-se, houve tiros, foi uma guerrilha mesmo. E houve muitos combates, muita gente morreu e claro que do lado da polícia matavam mais do que dos revoltosos. Os que se renderam acabaram até sufocando a revolta. Mas foi uma revolta de que o Partido participou ativamente, assim como da do Sudoeste, também. O Partido participou ativamente.

Em sua opinião, quais foram os fatos políticos e partidários mais relevantes que merecem destaque na história política do PCB no Paraná?

Cada época teve um fato de maior destaque na história política do PCB do Paraná. Por exemplo, na década de cinqüenta, quando havia a campanha do petróleo, a participação do Partido foi intensa. Na campanha do "O petróleo é nosso"[23] fazíamos comícios, fazíamos "comando", como a gente chamava a propaganda, os nossos jornais todos refletiam a nossa opinião, a nossa luta. Nós íamos para os bairros vender jornais, colher assinaturas e fazer a campanha. Houve uma outra campanha muito relevante para nós na década de quarenta, que foi pela Constituinte[24], que nós participamos ativamente. Fazíamos pichações, propagandas e em alguns casos até comícios, comícios-relâmpagos. Nós saíamos em grupos, pequenos grupos de cinco ou seis. Onde havia uma aglomeração nós fazíamos os chamados "comícios-relâmpago". Pedíamos a atenção para as pessoas e um orador falava rapidamente. Ainda havia repressão. Falava rapidamente, dava nossa mensagem, nossa palavra de ordem, e imediatamente nos dispersávamos. Já [ficava] marcado um ponto em outro local da cidade para a gente se encontrar para continuar. Na década de sessenta nós tivemos a campanha contra a ditadura militar. Depois de 64 a maioria do Partido foi presa. Mas não prenderam todos, não. Alguém sempre ficou de fora e conseguiu manter a organização funcionando.

---

[23] Movimento que reunia militares, estudantes, trabalhadores, parlamentares e intelectuais, surgido em decorrência das conferências do general Horta Barbosa no Clube Militar, no Rio de Janeiro em julho e agosto de 1947, em favor do monopólio estatal do petróleo.

[24] Poucos dias após a posse do general Dutra, instalou-se a Assembléia Nacional Constituinte, em fevereiro de 1946. Uma visão bastante detalhada de seus integrantes pode ser vista em: BRAGA, Sérgio. *Quem foi quem na Assembléia Constituinte de 1946:* um perfil socioeconômico e regional da Constituinte de 1946. Brasília: Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, 1998.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

A palavra de ordem aqui era no sentido da não-intervenção do capitalismo na União Soviética, porque havia um plano para isso, no nosso entendimento. Um plano para todos os países capitalistas se unirem para acabar com a União Soviética. Mas o problema que houve depois foi a divisão do mundo capitalista. A intenção do mundo capitalista era apoiar Hitler, para Hitler invadir a URSS. Mas o Hitler, muito ganancioso, em vez de invadir somente a União Soviética começou a querer invadir outros países capitalistas também, da Europa. Invadiu a Polônia, a França etc., e isso gerou a divisão. Então a nossa posição era no sentido de que o Brasil ia ser obrigado a entrar na guerra. A conjuntura internacional obrigava o Brasil a entrar. E a nossa análise era que se o Brasil entrasse tinha que entrar ao lado dos Aliados, ainda que Getúlio tivesse tendências e simpatia para que o país entrasse do lado do Eixo, do lado da Alemanha e da Itália. Mas tivemos vários movimentos que foram feitos de concentração, de passeatas e de comícios, que tiveram atuação no sentido de forçar o Getúlio a entrar na guerra ao lado dos Aliados. Aqui em Curitiba, foram feitas várias demonstrações por conta dos afundamentos dos navios brasileiros[25]. Sobre isso há uma teoria, que não sei se é verdadeira ou não, de que foram os serviços secretos americanos com os ingleses que num submarino pintaram a suástica e vieram afundar os navios brasileiros. Então a população de Curitiba saiu às ruas para protestar contra isso e para obrigar o governo brasileiro a entrar na guerra a favor dos aliados. Fizeram aqui na Praça Tiradentes uma grande concentração, quebraram casas de alemães, as Lojas Pernambucanas, que era do Arthur Ludwig. A Impressora Paranaense, que é do Schrappe, aqui na [rua] Comendador Araújo, também foi invadida, quebrada e arrebentada. Foi um levante de três dias[26]. E os comunistas estavam no meio. Eu não posso dizer em que grau estavam, mas sei que era como se fosse um protesto do povo em geral.

---

[25] O afundamento do navio Cairu em março, e de mais treze navios entre maio e agosto de 1942, por submarinos da Alemanha nazista foi motivo de manifestações e depredações de prédios de alemães em todo o País. Esses acontecimentos pressionaram o governo de Getúlio Vargas a declarar guerra contra o Eixo em agosto de 1942.

[26] Sobre o episódio, ver ZUCON, Otavio. Comunidade cindida: dissensão e conflito em Curitiba na II Guerra. *Revista de Sociologia e Política*, n. 9, p. 103-114, nov. 1997.

Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

No final da década de cinqüenta e início da década de sessenta, aqui para o Paraná foi destacado o militante comunista que era membro do Diretório Nacional do Partido, Agliberto Vieira de Azevedo. Mas antes dele tínhamos aqui no Partido o "Gustavo", que era do Rio Grande do Sul e estava dirigindo o Partido justamente na fase em que houve um choque de opiniões, porque o Partido teve o problema da Internacional [o XX Congresso do PCUS em 1956], e esse problema redundou na criação do PC do B também[27]. E o reflexo do Partido é que, nessa tendência de choque, o Comitê Central marcou uma reunião da Delegação Executiva para que levasse o Gustavo embora, que desse uma tarefa em um outro local e que mandasse para cá outra pessoa. O Comitê Central levou o Gustavo embora e trouxe outro[28]. Depois é que nós fomos ver que era o Agliberto. Ele veio com o nome de guerra. Nós tivemos um outro dirigente sindical que veio de Santa Catarina, das Minas de Cambuí, o Tasso, que hoje já é falecido. Inclusive foi na casa dele, numa chácara nos arredores de Curitiba, onde funcionava a escola do Partido, em que periodicamente eram oferecidos cursos para os quais vinham professores de fora.

A importância de sempre ter tido conosco uma pessoa de fora, uma pessoa diferente para ajudar na construção do Partido, é que essa pessoa vem precedida por uma propaganda, por uma confiança. "Vai vir um novo membro do Comitê Central aí, vamos corrigir alguns problemas, alguns defeitos que [a organização] têm". E realmente o Agliberto veio e ajudou a corrigir alguns problemas. Ele era um bom lutador e na condução do trabalho ele respeitava muito a disciplina partidária, o centralismo democrático, a democracia interna. E ele era muito respeitado pelo seu passado[29]. O trabalho dele ajudou muito a desenvolver o Partido, porque quando a pessoa, o dirigente, é acreditada, a turma confia e trabalha com mais vontade. Mas sempre existiu aqui no Paraná uma corrente de pensamento

[27] Maurício Grabois, Pedro Pomar, João Amazonas, Calil Chade e outros dirigentes deixam o PCB em fevereiro de 1962 e fundam o PC do B. Discordavam da linha política adotada pelo Partido desde as repercussões das críticas de Kruschev a Stálin no XX Congresso do PCUS, em 1956.

[28] "Gustavo" era o ex-deputado estadual pelo PCB de São Paulo, Mautílio Muraro.

[29] Agliberto Vieira de Azevedo havia participado do levante dos militares comunistas de 1935.

que era contra os "importados". Essa corrente achava que os problemas que existiam no Paraná tinham que ser revolvidos pelos próprios paranaenses, pelo pessoal daqui. E não pedir a ajuda dos colegas de fora. Foi depois da presença do Agliberto que se consolidou mais esse pensamento. Tanto é que depois disso nós sempre procuramos evitar os chamados os "importados". Importados em termos regionais, não importados do exterior, importados de São Paulo...

Agliberto foi um dos que continuou no PCB depois do racha. Continuou no Partido e acompanhou os prestistas quando esses saíram do Partido. O Prestes saiu do Partido, porque houve em termos nacionais uma eleição em que o Prestes não foi eleito, por problemas do Comitê Central que eu não acompanhei. Prestes não foi reeleito secretário-geral, e com o nome que tinha, a figura que era, não podia ficar num Partido numa posição secundária. Afastou-se do Partido[30]. E quando o Prestes saiu, Agliberto o acompanhou junto com esse pessoal que toca o *Inverta,* que é um jornal prestista.

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no Estado. Quem foram eles?

Vieira Netto foi eleito pela legenda do Partido, em 1947. Foi o Vieira Netto para [deputado] estadual, e a Maria Olímpia [Carneiro] para vereadora. Foram eleitos na mesma época[31].

Como foi a passagem da legalidade para a clandestinidade, isto é, quais os efeitos imediatos dessa mudança para o Partido?

A gente sabe que sempre tem que atuar de uma maneira, como a gente diz, de pé atrás, fazer coisas que possam dar respaldo e não fazer coisas que possam nos comprometer – é o caso da luta armada do Partido. Nessa época da Operação Marumbi tentaram fazer com que o Partido assumisse a questão da

[30] Em março de 1980, Prestes denunciou a falência da direção do Partido Comunista no documento intitulado *Carta aos brasileiros*. Em maio, o Comitê Central demitiu-o da Secretaria-Geral do PCB e nomeou para seu lugar Giocondo Dias. Prestes então se afastou do Partido. Cf. PRESTES, LUIS CARLOS. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM. Pode-se ler a Carta na íntegra em: CARONE, Edgard. *O PCB*: (1943-1964). São Paulo: Difel, 1982, v. III. p. 319-331.

[31] José Rodrigues Vieira Netto obteve nessa eleição 775 votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 122. Tabela 110.

luta armada. Realmente, naquela conferência municipal e na conferência estadual o Partido tinha dúvida se ia para a luta armada ou se ia para a linha pacífica. No momento em que foi feita a *Declaração* havia essa dúvida no Partido, tanto que naquele escrito havia uma parte que estava incentivando, declarava que a guerra tinha sido iniciada, que nós tínhamos que nos defender da repressão, inclusive usando a autodefesa armada. A decisão foi tomada a favor da luta de massas das ruas, que a turma chama de "caminho pacífico". Colocar a luta de massas na rua é que deu resultado, através das Diretas-Já[32].

Depois de 1947, o Partido continuou atuando politicamente através de mandatos exercidos pelos comunistas sob outras legendas. Quem foram esses parlamentares? Quais foram as posições políticas do Partido no Legislativo no exercício desses mandatos?

No Paraná nós tínhamos aliados eleitos, então não adotamos a tática de embutir comunistas em outros partidos, pelo menos inicialmente. Nós tivemos essa tática mais tarde, mas inicialmente nós apoiamos aliados, simpatizantes do Partido, para deputado estadual e para deputado federal. Para estadual não era [membro] do Partido, era um elemento do PTB, muito progressista, lutador de primeira e que nós apoiávamos, que era o Waldemar Daros. O Waldemar Daros era do PTB, nós estivemos sempre na luta com ele, lado a lado. Mas ele não era filiado ao Partido. Era um amigo, um aliado, um combatente, que nós apoiávamos[33]. Assim como apoiamos outro. Apoiamos também para deputado federal o Manuel de Oliveira Franco Sobrinho, que não era mais do PTB, era do PSD[34]. Esse não era tão combatente, mas era progressista. E nós [o] apoiávamos. Nós escolhíamos os candidatos. Apoiamos um outro nome do PTB – agora não me lembro do nome, me foge a memória. Combativo, também progressista, muito bom, que nós apoiávamos e lutávamos e trabalhávamos para ele. Demos apoio também ao hoje já falecido Sebastião Rodrigues, que foi do Banco do Brasil.

[32] Movimento político suprapartidário em defesa do retorno das eleições diretas para a Presidência da República, que numa série de comícios realizados no início de 1984 mobilizou milhões de pessoas. As eleições diretas foram restabelecidas, contudo, somente em 1989.

[33] Waldemar Daros foi eleito deputado à Assembléia Legislativa do Paraná em 1958 com 4.145 votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 131, Tab. 113. Em 1962 ficou como primeiro suplente do PTB-PR (Ibid., p. 136).

[34] Partido Social Democrático (criado em 1945). Manuel de Oliveira Franco Sobrinho foi eleito deputado federal pelo PSD em 1954 e reeleito em 1958.

Apoiamos também um que depois foi candidato a governador. Não eram do Partido, mas eram pessoas que, pela sua dignidade, pela sua luta e posicionamento político, nós apoiávamos e lutávamos por eles.

O Paraná não chegou, dentro do Partido, a projetar uma pessoa, porque sempre as discussões e as idéias eram tomadas de forma coletiva. Nós tínhamos a fração comunista no Congresso [do PCB], que lá discutia e apresentava as propostas. Aqui no Paraná, nós tivemos a atuação, que tem que analisar melhor, do Vieira Netto e depois a campanha muito importante contra a Companhia Força e Luz do Paraná, que mais tarde veio a redundar, ao longo do tempo, na criação da Copel, com a desapropriação da Companhia de Força e Luz, uma empresa americana. E aí nós tivemos um aliado, que era o Waldemar Daros, que lutava, e por isso demos nossa simpatia e nosso apoio a ele. Ele conseguiu. Fez uma campanha que conseguiu, através do cálculo, reduzir em 1 centavo o quilowatt da luz. Se somada toda a energia elétrica que era distribuída em Curitiba, quanto era a energia que estavam roubando? Vamos dizer assim: estavam cobrando a mais, tendo um lucro extra!

Em outras cidades, eram outras companhias. Em Ponta Grossa, por exemplo, era a Prada. Era uma exploração de todo o povo de Curitiba. Tanto é que nós estamos inseridos na luta da defesa da Copel, contra a venda da Copel[35]. Nossa participação não é preponderante, mas é atuante.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

Nós tínhamos Partido em Curitiba, Londrina, nas principais cidades, Ponta Grossa, Guarapuava, Paranaguá, que sempre foi um baluarte do Partido. Lá [em Paranaguá] havia um grupo muito forte de estivadores na década de quarenta. Entre 1945 e 1950, era conhecida no refrão popular como "a pequena Moscou". O Partido mostrou-se muito grande lá no porto de Paranaguá. A maioria dos prefeitos era apoiada por nós, a gente tinha influência na Prefeitura. Algumas

[35] Movimento político ocorrido na década de noventa em função da derrubada de um projeto popular na Assembléia Legislativa do Paraná que proibia o governador Jaime Lerner (1995-2002) de privatizar a Companhia Paranaense de Energia Elétrica. Envolveu diversos partidos e representantes da "sociedade civil".

eleições nós perdemos, mas sempre o Partido era procurado por outros partidos para fazer alianças. A gente procurava o mais progressista e fazia aliança com eles. Uma vez trabalhando juntos, eles sempre davam uma posição de destaque para um ou outro comunista. Nós fizemos um candidato, um prefeito, que foi eleito com nosso apoio e o chefe de gabinete dele foi indicado pelo Partido. Não gostaria de citar nomes porque muitas pessoas são vivas ainda, e talvez não gostassem de que citasse o nome deles. Mas em Londrina tínhamos o Manuel Jacinto, o pai da Elza, que era uma pessoa de destaque. Havia um outro rapaz que foi vereador também, que era mecânico. Eu não lembro o nome dele agora. Mas havia outros mecânicos. Nós tínhamos uma base boa. Havia médicos, um deles era muito famoso [doutor Newton Câmara, em Londrina]. Nós tínhamos – até não sei se era simpatizante ou se era militante – um juiz. Tínhamos Partido em Ponta Grossa, em Guarapuava, mais para cima, para o lado de São Paulo. O Partido-sede era em Ourinhos (SP), mas se irradiava para todo o Norte do Paraná. A cidade de Ourinhos, apesar de ser ponta de ferrovia, coordenava o movimento dos comunistas de todo o Norte Velho, Tomazina, Santo Antônio da Platina, essa região toda ali... Agora, fica ruim a gente citar nomes. Por que a gente não sabe da disposição dessas pessoas de falar ou não. E muitas vezes a gente pode criar um constrangimento para a pessoa. A gente não sabe o dia de amanhã, cai na mão da polícia, serviço secreto do Exército, qualquer coisa assim. Podem querer tirar na marra outras informações dessas pessoas, através de tortura.

Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

Os comunistas atuavam em vários sindicatos. Atuavam no Sindicato dos Metalúrgicos, Sindicato dos Condutores de Veículos, naquele tempo parece que era de carroceiros, uma coisa assim. Influíram na criação do Sindicato dos Bancários, no qual tiveram uma participação mais efetiva. Ajudamos a criar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito, criando uma federação aqui no Paraná. Para criar uma federação no Paraná foi preciso cinco sindicatos no interior e para criar a CONTEC necessitamos também de uma determinada quantidade, se não me engano cinco também,

cinco ou nove. Faltava uma Federação para criar a CONTEC e faltavam um ou dois sindicatos para criar a quinta federação, que era a do Paraná, que nós queríamos. Então fomos para o interior. Eu naquele tempo não era bancário, mas do Partido, onde criamos três sindicatos. E esses sindicatos do interior permitiram criar a federação e a federação permitiu criar a CONTEC. Isso foi na época em que o sindicalismo teve um grande desenvolvimento. Quanto aos ferroviários, tínhamos uma posição muito firme, muito sólida. Na Rede Ferroviária Paraná-Santa Catarina, nós tínhamos o Miguel Pan, que era Presidente da União dos Ferroviários, e tivemos os Batistas.

E a relação da Juventude com o Partido? Como era? Quem eram os dirigentes da Juventude? E quem eram nessa época [década de 1950] os dirigentes do Partido?

A juventude tinha uma direção nacional própria e aqui no Paraná também, que obedecia a uma estrutura mais ou menos idêntica à do Partido: direção nacional, estadual, municipal e as bases. Nessa época eu fazia parte do grupo de jovens do bairro do Seminário e adjacências, que era uma praça que nós tínhamos. Havia as bases estudantis, cada faculdade tinha um agrupamento. Mas nós não tínhamos muito contato. Tínhamos também o problema da segurança, da clandestinidade, que era respeitado. A gente só ficava conhecendo pessoas das outras "células" do Partido quando ia fazer um trabalho desses em conjunto.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

Houve aqui no Paraná uma época, na década de cinqüenta, em que a imprensa cresceu muito. Nós tínhamos um jornal próprio, a "tribuninha", apelido da *Tribuna do Povo*, que era impressa na gráfica do [Orlando] Ceccon. Inicialmente era feito pelo diretor, o [Joaquim Rodrigues] Mochel, depois foi reformulado, alugaram uma sede no edifício Mauá. Era um conjunto e ali os diretores eram o Hermógenes [Lazier], o Odílio [Cunha Malheiros Jr.] e o Hugo [Mendonça] Sant'ana. O Odílio saiu do Partido em 1962 e foi ajudar a fundar o PC do B. Mas na década de cinqüenta ele era uma pessoa de grande influência no jornal. Assim

como a Regina, que já morreu. Ela trabalhava no jornal e foi mulher do Alcy Xavier, também do jornal.

Existiam várias bases de bairros e algumas de profissão. A mais importante era a dos ferroviários, a dos bancários, e também a dos químicos, de que o Espedito [Oliveira da Rocha] fazia parte. Havia a base da construção civil, que era uma base muito importante, também. Várias pessoas atuavam como dirigentes. O Nascimento, por exemplo, foi um dirigente sindical da construção civil. O Meirelles também era da construção civil. Eu posso falar melhor da base dos bancários, que era onde eu atuava, já na década de sessenta.

As finanças eram sempre conseguidas de três formas. A primeira era o pagamento das mensalidades dos militantes. Os militantes pagavam sua mensalidade de acordo com a sua capacidade de pagamento: um percentual de 2% ou 3% sobre o que ganhava, o que recebia. É claro que isso não era uma determinação fixa. O sujeito fazia o cálculo, se ele não estivesse em condições de pagar tanto, ele estipulava a mensalidade, "não posso pagar 10, mas pago 5". Mas era obrigado a pagar mensalmente, pontualmente, o valor é que era flexível, o valor era estabelecido como um princípio, mas sempre era flexível. Se podia pagar mais pagava mais, se podia pagar menos pagava menos. Outro tipo de mensalidades, que nós chamávamos de "F2", eram os "amigos do Partido". Os amigos do Partido eram pessoas que tinham condições de pagar uma mensalidade do Partido, embora não fossem militantes. Nesse caso também procurávamos estabelecer uma mensalidade fixa e um dia certo para o pagamento.

Um dos principais arrecadadores dessa modalidade era o Jorge Karam, que sempre foi tesoureiro do Partido. Hoje já posso falar isso, posto que ele foi preso e torturado. Barbaramente torturado para dar nomes e citar os contribuintes do Partido. Nós achamos que ele não entregou ninguém. Mas a polícia diz que ele entregou nomes, que ele entregou um relatório para a Operação Marumbi. Os tipos de torturas que ele sofreu são terríveis: choques elétricos, introdução de fio elétrico no canal do pênis, o qual era ligado no gerador de eletricidade que giravam. Com isso aí o cara confessa até que matou a mãe. Ele sofreu este tipo de tortura, eu tenho certeza de que sofreu.

Havia o "F3", que eram festas. Fazíamos festas de aniversários do Partido, ou de algum militante. Eram festas tradicionais, churrascadas num bosque do Ahú, em Curitiba. Um camarada nosso, o Adolfo, é que fazia o churrasco. Na

década de quarenta, eu e minha família tínhamos uma casa que também era num bosque no Seminário. E ali era tradicional: jogo de futebol, brincadeiras e churrasco. Meu pai era o churrasqueiro. Até hoje eu tenho a fórmula do churrasco dele, que é segredo de família!

Nós tínhamos uma célula a que o meu pai pertencia, célula "Olga Benário Prestes", lá no Seminário. Leocádia Prestes era a mãe de Luís Carlos Prestes e Olga Benário era mulher dele. Meu pai pertencia à célula Olga Benário. Quando tinha uma reunião mais ampla, eu ia junto com ele. Eu era piazão [adolescente] e ficava lá sentadinho no cantinho, escutando o papo do pessoal.

A questão financeira era uma questão primordial e hoje ainda é. O Partido precisa de dinheiro, [pois] tem suas despesas e tem os seus gastos. Antigamente dizia-se que a União Soviética mandava dinheiro. Mandava não sei quanto milhões e que o Prestes gastava. Olha, eu não sei se mandava ou não mandava porque eu não era da direção do Comitê Central. Mas esse dinheiro nunca apareceu por aqui. Se vinha, é como disse uma vez Aparício Torelli, o Barão de Itararé, que foi eleito vereador no Rio de Janeiro: ele ia entrar com uma ação contra o Diretor da Empresa de Correios e Telégrafos, que recebia o dinheiro da União Soviética e não entregava para eles. Hoje não se pode dizer o mesmo do Fidel [Castro], porque os sindicatos não têm dinheiro, estão em dificuldades. Volta e meia você ouve: "Fidel Castro manda dinheiro para os comunistas", "manda dinheiro para o PT". Tudo bobagem, tudo mentira. Ele não tem nem para ele, com o cerco capitalista, com o cerco americano. Ele não tem condições e vai mandar dinheiro! Tudo provocação da reação. [...]

O jornal *Tribuna do Povo* era um semanário impresso na gráfica do Ceccon. Todo domingo nós saíamos com os membros do Partido para fazer o que chamávamos na época de "comando", "comando de jornal". O "comando" era a venda de jornal nos bairros. Nós distribuíamos para os grupos em vários bairros, cada um ia para um local vender o jornal do Partido. Claro que ao vender surgiam as discussões, as perguntas e o debate com as pessoas que queriam comprar e aqueles que também não queriam, os que eram contra esse tipo de atividade. Todo domingo tinha um debate com as pessoas. Porque, apesar de termos aqueles que já compravam – eram chamados fregueses de compra do jornal –, nós batíamos de casa em cada, de porta em porta. E às vezes as pessoas tinham idéias diferentes, o que nós chamávamos de "falsos conceitos" a respeito dos comunis-

tas. Por isso debatíamos com eles. Isso na década de cinqüenta.

Quando a ditadura veio [1964], o nosso jornal foi fechado e nós tivemos um período sem jornal. Só os de nível nacional, que eram impressos clandestinamente. É muito difícil fazer jornal clandestino. Primeiro lugar: manutenção, compra de papel, redatores, tudo isso. E o mais importante, a gráfica. Hoje já é um pouco diferente, um xerox, um computador, com tudo isso você consegue fazer um jornal. Mas naquela época não tinha isso. E a polícia via o surgimento do jornal. Procurava interceptar, prender e dissolver. Mas nós tínhamos uma coisa com que a polícia tinha certa dificuldade. Embora não nos lançássemos com o nome do Partido, com as palavras de ordem interna do Partido, nós usávamos as palavras de ordem e de luta das massas, que eram os jornais sindicais. Sempre que nós tínhamos influência nos sindicatos, nós nos aproximávamos da redação. No Sindicato dos Bancários, em 1966, eu não poderia ser eleito porque era fichado [como membro do] Partido. Mas nós elegemos uma diretoria padrão, dentro do que a lei permitia, e eu colaborava. O Sindicato dos Bancários tinha uma característica toda própria: o Diretor de Imprensa não era eleito, era escolhido. E eu fui escolhido. Então, nessa época, eu dirigi o jornal do Sindicato dos Bancários. Boletins, jornaizinhos, tudo isso era eu que fazia. Não colocávamos o nome do Partido, não colocava PCB, mas nas palavras de ordem a política do Partido estava inserida. Não só nos Bancários, mas em todos os sindicatos a nossa tática era essa. A palavra de ordem de luta e de trabalho era toda levada nesses jornais. Nunca ficamos sem transmitir nossa opinião ao povo, de uma forma ou de outra.

DEPOIMENTO 4:

O JORNAL DO PARTIDO, A *TRIBUNA DO POVO*

Hermógenes Lazier

HERMÓGENES LAZIER nasceu em 19 de abril de 1931 em União da Vitória, no Paraná. Filho de Pantaleão Lazier e Luiza Maria Lazier, começou a militar no Partido em 1950. Foi Secretário de Agitação e Propaganda, Secretário Político, Secretário Sindical, Secretário de Organização, Secretário de Finanças e diretor do jornal do Partido, a *Tribuna do Povo*. Jornalista e professor aposentado de História, era considerado "desligado da produção". Em 1992 ingressou no Partido Popular Socialista (PPS). Entrevista realizada em 19 e 20 de julho de 2001.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Meu vínculo com a ideologia comunista de igualdade começou em 1944. Eu tinha treze anos quando li o livro de Jorge Amado, *O cavaleiro da esperança*[1]. A leitura daquele livro, que tratava da trajetória de Luís Carlos Prestes, marcou a minha vida. Daí em diante eu comecei a caçar coisas sobre o comunismo.

Em 1946, quando eu tinha 15 anos, comecei a trabalhar na empresa Madeirense Rutherberg, em União da Vitória (PR), onde conheci Osvaldo Ferreira, que era o foguista da fábrica e que tinha vínculos com o PCB. Ele conseguiu para mim jornal e livro do Partido. É lógico que eu estava doido para atuar no Partido.

[1] A obra *O cavaleiro da esperança* – a vida de Luís Carlos Prestes foi publicada em 1944, e censurada pelo regime do Estado Novo (1937-1945).

Marcou-me muito a leitura da atuação da bancada federal do PCB, principalmente uma discussão feita no Congresso Nacional pelo deputado Gregório Bezerra, em que ele mostrava que os cachorros dos ricos eram muito melhor tratados e atendidos que muitos habitantes das favelas do Rio de Janeiro. Em meados de 1951, quando saí do Exército, mudei-me de União da Vitória para Curitiba com o propósito de filiar-me ao Partido. Imediatamente ao chegar à capital liguei-me ao PCB, na época dirigido por Ari Steckman, um médico. Um tio meu era do Partido. Até era meio funcionário do Partido e por causa e através dele eu entrei no Partido. Tinha de passar por um crivo. Tinha que ver quem era a pessoa e tal. Participei de reuniões desde o começo. Mas eu procurei o Partido porque eu *queria* entrar no Partido. Eu abracei a causa porque eu estava com vontade de abraçar a causa.

Assumi, em seguida, a direção do jornal *Tribuna do Povo*, e passei a atuar em todas as frentes de luta do Partido. Fui preso várias vezes: a primeira foi em 3 de setembro de 1951, quando estava angariando assinaturas de casa em casa nos bairros de Curitiba para o Apelo de Estocolmo, em favor da paz. A segunda foi em 8 de agosto de 1952, após uma reunião do Movimento de Partidários da Paz, realizada em Curitiba. Em 24 de setembro de 1952 fui levado à força para a prisão em razão de um artigo no jornal *Tribuna do Povo*, em que acusava arbitrariedades cometidas contra operários na empresa ervateira Leão Júnior. Eu nunca aceitei a prisão, me levavam à força. Dois tiras do DOPS me convidaram para falar com o Miguel Zacarias, mas eu sabia que era para me prender, então disse assim: – "Só vou com meu advogado". Viemos pela Rua XV de Novembro até a [Rua] Barão do Rio Branco, onde ficava o escritório do [José Rodrigues] Vieira Netto. Quando chegamos a essa esquina, próxima também da delegacia, agarraram-me e disseram: "Agora você vai na marra!". Foi tão grande a proporção do escândalo que fiz, que o trânsito parou. Levaram-me erguido, pois não conseguiram me colocar dentro do carro. Quando cheguei todo rasgado à delegacia, atrás de mim entraram o Viera Netto e o Izaurino [Gomes Patriota], ambos advogados, que ouviram meus berros do sétimo andar. O Izaurino era pequenino, pegaram ele e botaram no xadrez.

Outra vez eu estava distribuindo um panfleto. Ali onde é o Museu [Paranaense] era a Prefeitura antigamente. E os funcionários da Prefeitura se encontravam lá em frente. De manhã os operários se encontravam ali para depois sair para

o serviço. E eram centenas de operários que se reuniam ali, para depois sair para o serviço. Então, nós fizemos um boletim para distribuir para eles. De manhã nós fomos lá para entregar o boletim para eles. E alguém nos denunciou. Nós chegamos para entregar o boletim e a polícia já estava lá. Outro escândalo. Eu gritava: – "Viva o Partido Comunista!, viva Luís Carlos Prestes!". Dessa vez conseguiram me colocar no camburão. E eu me lembro que tinha um papel com nomes de outros [companheiros] que eu tive que comer no caminho (risos). Porque o papel poderia cair na mão deles e poderia comprometer os outros. E no ínterim de lá até a delegacia eu tive que comer papel... Eu era famoso na delegacia, porque nunca eles conseguiram me prender sem eu reagir.

Várias outras vezes fui preso, como quando distribuía o jornal na porta da empresa Aquiniagen [*inaudível*], no bairro do Portão. E na Praça Tiradentes, quando distribuía panfletos aos funcionários municipais da Prefeitura de Curitiba. Em 9 de setembro de 1954 fui preso mais uma vez quando vendia rifas para a campanha eleitoral dos candidatos do povo. Em 7 de abril de 1964 fui preso na Faculdade de União da Vitória, onde freqüentava o último ano de História, tendo sido conduzido algemado até Curitiba, para a Penitenciária do Ahú, onde fiquei até 8 de junho de 1964. Fui condenado pela auditoria militar no dia 29 de abril de 1969, ficando preso na Penitenciária do dia 29 de abril de 1969 até 27 de fevereiro de 1970.

Quando eu fui preso depois do golpe de 64, quando eu vim para cá [Curitiba], que eu vim algemado, fui preso na Faculdade. Eu passei o dia inteiro lá, discutindo com o tenente. Pois eu conhecia todos eles e eles me conheciam. Sabiam que não tinha nada, que não fiquei com nada. Mas, de qualquer maneira, eles tinham que cumprir ordens. Eles me entregaram para a polícia e me levaram para Curitiba. Daí, quando eu cheguei ao presídio do Ahú encontrei o Otto Bracarense, o [Nelson Torres] Galvão etc. Tinha mais de cem pessoas lá. E uma coisa interessante: todo dia chegava uma leva de presos. A maior parte do Norte do Paraná. Muita gente que não sabia nem o que era comunismo. É que muitos fazendeiros se aproveitavam para se ver livres de alguns empregados. Então, muita gente chegava lá. Sabe, essa época era começo de maio, junho, era frio. E muitos vinham com a roupa do corpo. Nós fizemos uma campanha em Curitiba para conseguir roupa para esse pessoal.

Como foi sua trajetória política no período 1945-1964?

Durante nove anos atuei no Partido como revolucionário profissional ou "quadro". Ocupei todos os cargos: Secretário de Agitação e Propaganda, Secretariado de Organização, Secretariado Sindical, entre outros. Quando eu entrei na direção do Partido, eu entrei no lugar do Vieira Netto. Durante algum tempo dirigi o Partido na Ferrovia. Viajava realizando reuniões com Miguel Pan[2], que era Presidente da União dos Ferroviários. Ajudava como Secretário nas reuniões da União dos Ferroviários e dirigia as reuniões do PCB ao longo do RVPSC[3], principalmente nos municípios de Ponta Grossa, Wenceslau Braz, Apucarana, Londrina, Piraquara, Paranaguá e União da Vitória. Durante todo esse período eu era o Diretor do jornal *Tribuna do Povo*. Portanto, um dos mais visados pela polícia.

Participei ativamente nos movimentos pela paz, como já falei, e da campanha "O Petróleo é Nosso"[4]. Tive também, a certa altura, participação sindical. Em setembro de 1953 fui um dos que ajudou na organização do V Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Curitiba, assim como na organização do I Congresso Nacional dos Servidores Públicos do Paraná, realizado entre os dias 22 e 28 de outubro de 1953. Ambos os congressos aconteceram no Centenário de Emancipação Política do Paraná.

O Partido era stalinista, eu fui stalinista. Agora, pensando bem, hoje eu vejo o absurdo do stalinismo, mas eu fui. O sujeito que dirigia o Partido no município, no estado, era um Stálin em dimensões diferentes, não dá para culpar só o Stálin... Em 1959, entretanto, junto com o Jorge Karam e Laélio Andrade, comecei a divergir dos métodos stalinistas. Aplicando o "centralismo democrático", o dirigente do Partido no Paraná sempre vinha de fora, indicado pela Direção Nacional. Quando o Partido era dirigido pelo [Mautílio] Muraro, cujo nome de guerra era "Gustavo", a situação ficou séria. Até mesmo Jorge Karam, que era o Tesoureiro do PCB, foi ao Rio de Janeiro explicar ao Prestes que a continuação do Gustavo destruiria o Partido no estado. Ele conseguiu ter uma conversa com

[2] Miguel Pan foi candidato do PCB nas eleições de 1947 para a Assembléia Legislativa. Obteve 283 votos e ficou como último suplente. José Rodrigues Vieira Netto foi eleito e posteriormente teve o mandato parlamentar cassado. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989, p. 122, Tabela 110.

[3] Rede de Viação Paraná-Santa Catarina.

[4] Movimento que reunia militares, estudantes, trabalhadores, técnicos, parlamentares e intelectuais, surgido em decorrência das conferências do general Horta Barbosa no Clube Militar, em julho e agosto de 1947, em favor do monopólio estatal do petróleo.

o Valério Konder, mas sem resultado. Foi, portanto, em 1959 que resolvi me afastar da direção do Partido e voltar à União da Vitória, onde continuei atuando e organizando o PCB.

Tive a felicidade de participar, juntamente com os comunistas de vários estados e também do Chile, do *Curso Lênin*, com duração de 100 dias. O curso foi em Niterói, para onde fomos todos de olhos vendados. O curso tratou principalmente de Economia Política. Tivemos palestra com o Carlos Marighella, que tinha vindo do Vietnã e transmitiu algumas experiências dos asiáticos. Participaram do curso como docentes, também, João Amazonas, Maurício Grabois, [Diógenes] Arruda Câmara e outros. Esse curso foi um marco na minha vida. Organizei em Curitiba o *Curso Stálin* e cursos sobre estatutos e programas do PCB, em que também atuei como docente. Fui até mesmo indicado para fazer um curso de dois anos na URSS. Tirei o passaporte em Florianópolis e no momento de embarcar a Direção Nacional mudou de idéia achando que eu era muito jovem. Em meu lugar enviou o companheiro "Ciro" [Francisco Lima Otero], que dirigia o Partido no Paraná naquela época.

Eu, o ferroviário Zenóbio Karpowicz e o professor e advogado Ciro Costa construímos o PCB em União da Vitória, principalmente no setor ferroviário e na indústria de compensados em madeira. Quando houve o golpe em 31 de março de 1964, eu e vários outros companheiros fomos processados pela auditoria militar, condenados e enviados à Penitenciária do Ahú.

Desde criança só pensei no PCB. Desde meus treze anos eu assimilei essa ideologia comunista. Logo que pude entrei no Partido, onde até hoje continuo. Eu era do PCB e atuava no PMDB. Essa é outra questão. Eu fui filiado legalmente ao PMDB, mas era do PCB. Essa minha passagem pelo PMDB foi apenas para efeito tático. Todo partido fez isso. Tínhamos que atuar legalmente de alguma forma.

Eu tive fases ideológicas. Quando entrei no Partido, era stalinista, dogmático. Sempre digo que eu era "marxista dogmático". Eu era apaixonado pelo Stálin, pelo que havia na União Soviética, por Cuba – vi a Revolução Cubana. Eu fui lá... eu fui lá porque eu já sabia o que era. O reduto do stalinismo é Cuba e a Coréia do Norte, onde tudo é planejado, partido único, não tem alteração do poder, fiquei assustado. Eu estive em Cuba uma semana em visita oficial e uma semana por conta; fomos em vinte e poucos do Paraná, tivemos reunião com

ministros e depois eu fiquei sozinho, solto em Havana. Daí eu fui ver o que era Cuba. O outro lado.

Eu vou contar uma coisa, para mostrar como era essa história do tal do stalinismo. Eu estava no *Curso Lênin*. Então chegou a notícia que ia chegar o todo poderoso Diógenes Arruda, que ele ia lá. Todo mundo tremia. Isso não é brincadeira rapaz. Ele era o ditador, ele era o Stálin.

Depois fui evoluindo, como é natural. Posso dizer que por volta de 1959 comecei a romper com o stalinismo, até por força da questão estadual daqui. Normalmente o Presidente do Diretório, algo como o Secretário Político do Partido, era indicado pelo Comitê Central, trocava sempre e nós não tínhamos direito de escolha. É lógico que muitos desses que vieram para cá eram arbitrários, tinham nas mãos o poder de determinar, e nós tínhamos que obedecer ao chamado "centralismo democrático". Veio, então, meu rompimento com o stalinismo, que foi fruto também dos acontecimentos que estavam chegando da URSS, como o relatório do Kruschev [de 1956]. As coisas não acontecem isoladamente, existe um contexto maior que envolve o mundo inteiro. Finalmente voltei para União da Vitória e reiniciei a faculdade. No fim do ano de 1984 fui o primeiro colocado do curso de História. É claro que nesse tempo todo eu comecei a trabalhar, fiz concurso para trabalhar no antigo IAPI[5], fui escriturário, além de ter organizado o Partido lá.

Minha condenação se deu logo depois do AI-5[6]. Imagine como estava complicado o ambiente. Assim, me deram a pena máxima de dois anos, porque achavam que eu era um cara perigoso. Deram um monte de argumentos. Éramos três de União da Vitória: eu, o Geraldo Carpotti, que era ferroviário, e o Ciro, que era professor e advogado. Nós dirigíamos o Partido e nós três fomos condenados – os dois a um ano e eu a dois anos. Depois eu entrei com um recurso – o René [Ariel] Dotti foi meu advogado – na Justiça Militar e baixaram para um ano, pois eu era perigoso, mas nem tanto... Quando saí da prisão fui para Francisco Beltrão, começar nova vida. Lá fui Secretário de Prefeitura durante quatro anos e comandei a implantação da Faculdade, da qual fui líder e professor. Aí começou

[5] Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

[6] O Ato Institucional n. 5 foi baixado pelo governo Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Significou uma virada no regime ditatorial-militar e um aprofundamento do autoritarismo e da repressão política. Sobre seu significado para a evolução da ditadura, ver, entre outros, CODATO, Adriano Nervo. O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas. *História – Questões e Debates*, v. 40, p. 11-36, 2004.

minha carreira. Quando vim para Curitiba fazer o mestrado, eu me vinculei ao PPS, que era o PCB de depois de 1992. Vim para cá em 1978, 1979. Meu mestrado terminou em 1980 e meu livro saiu em 1986[7]. O meu livro é sobre a revolta dos posseiros. É um trabalho extraordinário de um grupo que discorreu sobre o assunto por onze anos. Era um grupo executivo para as terras do Sudoeste do Paraná, um órgão mestiço entre o Estado e a União, que foi criado para legalizar as terras, pois lá havia 50 mil posseiros.

Em Francisco Beltrão o Prefeito me nomeou Secretário da Prefeitura. Ofícios do DOPS e do SNI questionaram [a decisão] porque eu havia sido nomeado para um cargo de confiança, uma pessoa que respondia ao Ato Institucional! O Prefeito respondeu que me colocou porque eu era competente, e que ia me manter enquanto eu cumprisse minhas funções.

Vou contar outro fato: quando eu estava em União da Vitória eu fiz concurso para o INPS e trabalhei dez anos na Previdência Social. Criaram, então, o FUNRURAL e me convidaram para ser o responsável pela região toda. Como eu estava desempregado, organizei uma firma e vim para Curitiba tomar posse, mas quando desembarquei meu nome havia sido riscado. Perguntaram sobre mim ao SNI, se acovardaram e no meu nome colocaram "não recomendável", só isso. Houve muitos problemas técnicos por causa da minha situação política. Na Faculdade houve outra coisa que mostra que muito do que os militares fizeram foi por covardia dos civis: fui chamado para tomar posse na diretoria da instituição, mas o Major de lá mandou um ofício confidencial ameaçando fechar a Faculdade. Veja o caso do Prefeito: ele podia me mandar embora por causa do SNI, mas me manteve. A mesma coisa aconteceu na Faculdade: eu era vice-diretor da Faculdade. Não podia ser Diretor porque era comunista e isso podia atrapalhar. Nós reunimos um grupo da faculdade e respondemos ao ofício dizendo que mantínhamos a Faculdade, usando as questões regimentais e etc. Nunca mais nos incomodaram. Depois que começam as explorações, montavam-nos como cavalos. Foram esses três momentos: um mostra covardia e dois mostram que quando se firmava o pé, mostrava posição, os militares não vinham incomodar.

Certa vez eu estava na Prefeitura, na Secretaria de Administração, da qual um dos líderes era o Coronel Wolf, militar. Eu fui visitá-lo e, almoçando com o

---

[7] Ver LAZIER, Hermógenes. *Análise histórica da posse da terra no Sudoeste paranaense*. Curitiba: SECE/BPP, 1986.

Diretor do Colégio de Itaipu, fui convidado a dar aula em Foz do Iguaçu. Na época eu lecionava no CEFET[8] e na Faculdade Espírita, ambos em Curitiba. Eu me entusiasmei, saí das duas instituições e fui para Foz do Iguaçu. Quando eu cheguei lá, apresentei a minha carteira profissional e eles disseram: "Não há mais vaga". Depois soube que, como era um colégio particular, fronteiriço e estratégico, havia um [*inaudível*] do Secretário de Educação, e quem o ocupava era o mesmo Secretário do governo de Haroldo Leon Peres[9]. Quando eu estava em Francisco Beltrão para dar aula e me afastaram por causa do DOPS, pedi uma audiência e foi esse sujeito da Secretaria da Educação que me recebeu. Tivemos uma discussão boa e séria. Ele disse: – "Se fosse Física eu deixava você dar aula, mas História não dá! Você vai falar contra os militares". Ele foi franco comigo, mas me marcou. Em Foz de Iguaçu a minha carteira caiu na mão dele e eu fiquei um ano pastando na cidade.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Tenho a impressão de que na época do racha não houve muita coisa que mexesse com o Partido. Comparando a criação do PC do B em 1962 com a criação do PPS em 1992, foi muito maior o baque agora do que naquela época. Naquela época o movimento foi pequeno, dá para contar nos dedos, agora foi um bloco.

Havia aqui no Paraná a AP[10], que foi forte. O [Euclydes] Scalco e seu irmão, que foram da AP, escondiam guerrilheiros em Francisco Beltrão. No Paraná, a hegemonia do PC do B no movimento estudantil está ligada à AP.

Na década de 60 defendi a posição oficial. Eu sempre digo: o Partido mudou e eu mudei junto. Ou, eu mudei e o Partido mudou junto. Eu tenho de

[8] Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

[9] Governador do Estado do Paraná entre 15 de março e 23 de novembro de 1971.

[10] Ação Popular. Organização política de âmbito nacional, fundada em Belo Horizonte em um congresso realizado 1962 por membros da Juventude Universitária Católica e da Juventude Estudantil Católica de orientação socialista.

ficar sempre a favor da maioria, nesse processo eu não podia ficar a favor do PC do B, não tinha sentido. Minha posição foi sempre essa e eu tinha muita clareza em relação a isso.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro Governo Vargas (1930-1945); a Intentona Comunista (1935); o Estado Novo (1937-1945); o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

Com Getúlio o governo teve três fases: a fase provisória [1930 a 1934], que não foi tão provisória assim. A que foi eleito pelo Congresso em 1934. E a fase da ditadura [de 1937] até 1945. Como professor de História eu posso falar sobre o governo do Getúlio, o "pai dos pobres" e "mãe dos ricos". Quando Prestes foi preso, durante a presidência de Getúlio [em 1936], sua mulher, Olga Benário Prestes, foi capturada e mandada para a Alemanha, onde foi queimada na fogueira. Prestes ficou mais de dez anos na cadeia e mesmo assim, depois da abertura política, apoiou o Getúlio. Ele não tinha sentimento de ódio pessoal, acima de tudo estava a política do Partido – o stalinismo. Na época em que Getúlio seria candidato, de início o PCB o apoiou-, até Prestes o apoiou. Mas o golpe em Getúlio [em outubro de 1945] foi também contra nós, essa é a grande verdade. O Getúlio estava fazendo a abertura, o Prestes foi solto, mas a direita do Exército não via com bons olhos essa abertura e sua rapidez. Então deram o golpe e tomaram o poder. Getúlio foi uma figura extraordinária, a carta-testamento dele é um documento de alto valor, em que ele denuncia as multinacionais e faz denúncias sérias que merecem reflexões. [...]

Em 1964 em União da Vitória, Francisco Beltrão, São Paulo, houve a Passeata por Deus, pela Família e pela Liberdade[11]. O golpe teve apoio popular, não dá para negar isso nunca. Ligado ao Jango, ao Brizola e ao próprio Partido Comunista – Brizola, a meu ver, foi um dos grandes culpados pelo golpe de 1964.

[11] Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Movimento organizado no início de 1964 por setores do clero e por entidades femininas e empresariais, temerosos do "perigo comunista" e favoráveis à renúncia do Presidente João Goulart. A primeira marcha ocorreu em 19 de março de 1964 em São Paulo e foi, segundo os organizadores, uma resposta ao comício realizado no Rio de Janeiro em 13 de março no qual o Presidente anunciou seu programa de reformas de base. Para uma comparação das atividades dos setores reacionários no Paraná e em São Paulo, v. CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

Quando o Brizola criou o famoso Grupo dos Onze[12], nós fomos contra. Por quê? Porque se o estudante tivesse interesse e quisesse lutar, tinha a UNE[13], a UPE[14]. Se o operário queria brigar pelos seus interesses, tinha o sindicato, tinha o CGT[15], tinha a entidade.

Eu tenho uma tese, que pode ser aplicada mundialmente: a extrema esquerda é aliada à extrema direita. Os dois querem a mesma coisa, que é a democracia. Não se constrói jamais um mundo melhor sem democracia e liberdade. Ditadura, nem de esquerda nem de direita vai a lugar algum no mundo. Eu estou de acordo com o [Roberto] Freire, num artigo que ele fez, dizendo que democracia não é adjetivo, é substantivo: não existe "democracia proletária", "democracia burguesa". Democracia é *democracia* e ponto final.

A ditadura foi um golpe terrível na caminhada do país, pois o que ocorreu no Brasil durante o governo Jango [1961-1964] foi um avanço na história da democracia. Era o povo na rua. Eu escrevi quando pipocou greve na ferrovia, greve na saúde pública, no transporte coletivo, escrevi um artigo alertando: "Vocês não sabem o que estão fazendo". Em 1964 a maior parte das greves era na saúde pública – greve contra quem? Contra o povo, contra o miserável, uma greve no transporte coletivo é contra o povo, pois o rico tem carro. As greves do INAMPS, da escola pública, são contra o povo. E foi por esse tipo de greve que, em 1964, junto com outros problemas, o povo apoiou o golpe. O povo estava fatigado de greve. Daqui a pouco o povo apóia a privatização do ensino, pois esse setor vive em greve. É uma esquerda meio burrinha, em minha opinião: a greve nem sempre está do lado do povo. Pode ser um instrumento revolucionário como pode ser contra-revolucionário.

O golpe de 1964 desestruturou completamente o PCB, prenderam todo mundo. Os que não foram presos caíram fora, como o Carlos Espedito, que foi

---

[12] A idéia do grupo dos onze foi lançada por Leonel Brizola em outubro de 1963. Como o próprio nome descreve, cada grupo era formado por onze pessoas, uma das quais comandava. Onze grupos compunham uma unidade-distrito, 22 distritos compunham uma província e 11 províncias formariam uma região. Porém, na prática o movimento nunca funcionou e suas atividades se restringiam à venda e divulgação de um semanário nacionalista, *O panfleto*. Foi desarticulado após o movimento político-militar de 31 de março de 1964.

[13] União Nacional dos Estudantes.

[14] União Paranaense dos Estudantes.

[15] Comando Geral dos Trabalhadores. Organização intersindical de trabalhadores, de âmbito nacional e não reconhecida pelo Ministério do Trabalho, criada durante o IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, realizado em São Paulo em agosto de 1962, com o objetivo de orientar, coordenar e dirigir o movimento sindical brasileiro. Foi desarticulado após o movimento político-militar de 31 de março de 1964.

para o Mato Grosso. Os que ficaram aqui foram aos poucos sendo presos, e logo todo mundo estava na penitenciária, qualquer pessoa que tinha alguma projeção no meio sindical, estudantil e no meio político. Então veio a grande conseqüência: a divisão da esquerda. Surgiram duzentas facções da luta armada, e aí acabou tudo[16].

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

Entrevistando, anos atrás, os companheiros Jorge Karam, Jacob Schmidt e Jorge Herlein Filho consegui as seguintes informações: Jorge Herlein foi um dos fundadores do PCB em 1930. O primeiro Presidente foi Valdemar Reikdhal, que foi um líder sindical metalúrgico. Participaram da vida do PCB: João [Quirilo] Licinda, do setor ferroviário, Alfredo Petroski, que era ferreiro, Átila da Silva, estudante. Depois entraram no Partido os irmãos Dário e Arpad Prinz, também Júlio Manfredini, o "Vovô Manfredini" e Claudemiro Batista, chefe de trem.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Depois da Conferência da Mantiqueira[17], assumiram a direção do PCB: Walfrido Soares de Oliveira, Alfredo Petroski, Jacob Schmidt, Claudemiro Batista Lopelis. Jacob Schimidt era gráfico e iniciou-se na Juventude Comunista em São Paulo, em 1931. Em 1934 veio para o Paraná. Jorge Karam entrou no Partido por volta de 1948. Dirigiram também o Partido: Joaquim Mochel, agrônomo, Ari Steckman, médico, Adersin, engenheiro. Em 1947 o advogado e professor José

[16] Sobre o tema da divisão das esquerdas ver, por exemplo, RIDENTI, Marcelo S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP/FAPESP, 1993. Sobre a luta armada: MORAES, João Quartim de. *Dictatorship and Armed Struggle in Brazil*. Londres/Nova Iorque: New Left Books, 1971.

[17] Segunda Conferência Nacional do PCB realizada entre 28 e 30 de agosto de 1943, na localidade de Engenheiro Passos, no município de Resende (RJ). Nessa conferência foram aprovadas as resoluções que serviriam de linha condutora do partido de 1945 a 1947. Pode-se consultar documentos desse período em: CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 13.

Rodrigues Vieira Netto foi para a direção e foi eleito deputado estadual pelo PCB na Assembléia Legislativa em 1947. O Partido elegeu também os vereadores: Maria Olímpia Carneiro em Curitiba, Manuel Jacinto Corrêa em Londrina e João Batista Teixeira em Paranaguá. A principal atuação do Partido era na ferrovia e na estrada em Paranaguá. Karam informou que muitas vezes o secretariado se reuniu em seu carro. Em União da Vitória o Partido se reunia em uma lancha às margens do rio Iguaçu.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Até 1946 existia apenas um Partido de esquerda, que era o PCB – o antigo *do Brasil* – e foi nesse Partido que eu entrei em 1950. Hoje eles falam PC do B[18], mas era o Partido [Comunista] do Brasil – "PCB". Havia o movimento anarquista, mas eles não eram muito estruturados. No tempo de Dom Pedro II um grupo de anarquistas da Itália, chefiados pelo [Giovanni] Rossi, o líder anarquista, disse que faria uma experiência anarquista no mundo. Através da intermediação do Carlos Gomes, eles conseguiram do Dom Pedro II receber terras aqui no Paraná [em Palmeira] para servir a essa experiência anarquista. Claro que depois veio a República, as terras devolutas passaram a pertencer ao Estado e não mais à União. Mas, de qualquer maneira, ela foi instaurada. Era a Colônia Cecília. Agora, o principal disso foi que os que estiveram nessa caminhada, que foi destruída pela Revolução Federalista, espalharam-se pelo Paraná. Se analisar as lutas sindicais de Curitiba e das ferrovias, muitos dos líderes eram originários da Colônia Cecília. Era uma formação anarquista, portanto. Claro que alguns deles vieram ricos para cá e ficaram milionários depois, mas uma grande parte daqueles da Colônia Cecília entraram na luta sindical porque tinham uma formação ideológica extraordinária. Essas pessoas vieram trabalhar nas ferrovias e nas [*inaudível*] urbanas, principalmente. Lá ficaram líderes e foram se organizando.

A criação do Partido foi uma mudança qualitativa no espírito de luta da esquerda no Brasil. Agora, a grande mudança mesmo aconteceu em 1945, para

[18] Partido Comunista do Brasil. Partido político de âmbito nacional criado em fevereiro de 1962 por ex-dirigentes do PCB, afastados em decorrência da crise provocada pelo debate em torno das resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em 1956.

poder legalizar o Partido. Os tribunais diziam: "Partido Comunista do Brasil". Dava-se a impressão de que era um partido internacional. Há o do Brasil, o da Argentina, o do Uruguai. Sendo internacional não pode ter vida legal. Diante disso, resolveu-se em um Congresso do Partido trocar o nome: em vez de Partido Comunista "do Brasil", colocar "Brasileiro". O objetivo qual era? Permitir sua legalização de acordo com a lei brasileira[19]. Mas ocorreu que nem todo mundo aceitou essa mudança de nome. Uma minoria que foi derrotada no Congresso recriou o PC do B em 1962.

Em 1992, houve um Congresso em que o PCB virou PPS[20], e mais uma vez um grupo discordou e recriou o PCB. Então, trigêmeos, todos começaram no dia 22 de março. Na prática não é verdade, não nasceram os três, nasceu um só. E o que tem possibilidades históricas é o PPS, porque com ele todo o patrimônio e os filiados continuaram. Eu era filiado ao PCB, e fui uma vez candidato a vereador pelo PPS sem fazer nova ficha, por que era uma continuidade histórica. Os partidos políticos existem para aplicar uma linha política, e não para outra coisa. Essa linha política é montada de acordo com a realidade. Assim como a realidade é dinâmica, a linha política também é. Mexer no interior do Partido, portanto, é normal da própria dialética.

Mas mudar não foi fácil. No Congresso no Rio de Janeiro havia um escritor que chorava ao falar que ia mudar para "PPS". Muita gente chorava quando se falava em troca de nome, naquela época em que houve a queda do muro de Berlim, da foice e do martelo. O Jorge Amado estava em Paris, ele era apaixonado pela União Soviética. Abraçava o comunismo como o paraíso. Nós todos nos dávamos, fazíamos horrores em favor dos trabalhadores e do povo tentando construir esse mundo bonito. Dali a pouco, aquelas coisas caem na cabeça. Diz o Jorge Amado que muita gente no mundo se suicidou, não entendeu. O mundo até hoje não entende ainda. Como pode aquela coisa política que era o paraíso, de repente se esvair no ar?!

---

[19] Na Conferência Nacional do PCB, em agosto de 1961, ficou decidido que o Partido passaria a ser denominado "Partido Comunista Brasileiro" a fim de permitir seu registro no Tribunal Superior Eleitoral. "O grupo que fora afastado do CC [Comitê Central] durante o V Congresso se opôs a essa decisão e nesse momento a direção do Partido decidiu expulsá-lo. Em fevereiro de 1962, o grupo liderado por Amazonas, Grabois e Pomar convocou uma conferência nacional extraordinária de oposição ao 'partido prestista' e fundou uma nova organização com o nome de Partido Comunista do Brasil, adotando a sigla PC do B". Cf. PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

[20] Partido Popular Socialista. Partido político de âmbito nacional fundado em 1992 durante o X Congresso do Partido Comunista Brasileiro, que foi rebatizado e sofreu uma ampla reformulação do seu conteúdo programático.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

O Partido aqui no Paraná teve uma atuação mais marcante na estiva de Paranaguá e na Rede Ferroviária, setores nos quais houve as maiores lutas sindicais, e [foi] aí que o Partido formou seus quadros. Fora da estiva e da ferrovia, ele não tinha muita força. Nunca esteve nos bairros. Nas associações de moradores, por exemplo, a atuação do Partido era muito fraca, um problema. Íamos fazer a festa do aniversário do Stálin, mas nunca fazíamos nada com relação à nossa realidade. Vamos festejar, soltar foguetes porque o Prestes fez aniversário. Assim era o stalinismo.

Quando eu entrei no Partido, em 1950, a principal bandeira de luta era pela paz. Naquela época, no mundo inteiro assinaturas eram coletadas para o Apelo de Estocolmo, de casa em casa, contra a guerra e pela paz. Essa foi uma das lutas que mais empolgava, havia o perigo de guerra no mundo, a luta era decisiva para o Paraná e até para a humanidade, devido ao perigo de uma nova hecatombe. Participei junto do Partido na época da luta pelo "Petróleo é Nosso". Eram campanhas nacionais e, logicamente, o Partido aqui, dentro da disciplina partidária do centralismo democrático, obedecia e as seguia.

Na atuação do Partido também foram importantes as lutas camponesas. Tenho um livro que eu e um agrônomo escrevemos, *Os comunistas e a reforma agrária no Paraná*. Foi editado em São Paulo, só que não saiu o nome dos autores[21]. Nesse livro não só abordo a questão da revolta do Sudoeste[22], de 1957, como a comparo com a revolução de Porecatu, de 1952[23]. Eu procuro opor a atuação do Partido em ambas as rebeliões: em Porecatu a revolta camponesa foi comandada pelos comunistas, o Partido teve uma participação direta e objetiva. Inclusive o Manuel Jacinto, que era vereador em Londrina, foi um dos líderes e era um incentivador. Eu tenho até um tio meu que era emissário que levava material para os guerrilheiros lá em Porecatu. Esse romance, que eu lancei agora, *Terra vermelha*,

[21] *Os comunistas e a reforma agrária no Paraná*. São Paulo: Novos Rumos, 1986. 23 p.

[22] Revolta ocorrida em outubro de 1957 por seis mil colonos que invadiram a cidade de Francisco Beltrão (PR). Tinham como motivo principal a luta pela posse da terra. Após as promessas de regularização das terras os colonos se desmobilizaram. Alguns conflitos se estenderam até 1961.

[23] Os conflitos de Porecatu, ocorridos no norte do Paraná em 1950 e 1951, embora mais isolados e com menor repercussão social e política, eram um fenômeno idêntico às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do país com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

também trata do assunto. Há um trecho que trata do assunto e menciona o Manuel Jacinto, claro que com um outro nome, porque é um romance. Enquanto que no Sudoeste sua atuação foi nula, só acompanhou. O Partido não teve atuação nenhuma. Quem comandou este levante foi o PTB[24] e a UDN[25]. Inclusive um irmão meu que era do Partido, na época foi lá, só para saber das coisas. Esta luta do Sudoeste era de massas. A outra foi mais radical. Há diferenças tremendas entre as duas.

O Partido Comunista comandou a criação dos sindicatos de agricultores. Era extraordinário o trabalho do Partido. Logo depois veio o golpe de 64. Eu cansei de ter discussões violentas com os colegas do PT sobre isso, pois a impressão que se tem é de que só nascemos depois de 1964! Esquece-se de toda aquela fase extraordinária de lutas sindicais que foi puxada pelo Partido Comunista. Fizemos Congresso Estadual em Londrina e outro em Maringá para a organização da Federação dos Trabalhadores na Agricultura. Tudo sob a hegemonia do Partido Comunista. Nós tínhamos as lideranças do setor bancário aqui no Paraná, através do Otto Bacarense da Costa e de vários outros. Nós tínhamos hegemonia na estiva, nós tínhamos hegemonia na ferrovia, nós tínhamos hegemonia no Sindicato dos Bancários, uma forte hegemonia, no Banco do Brasil, muita gente no Banestado. O Jair Freire era do Banco do Brasil. Do Sindicato dos Bancários. Ele pode colocá-lo a par de muita coisa no setor sindical. Ele esteve na União Soviética depois. Quando ele aposentou no Banco do Brasil, ele esteve viajando por aí. Joga o xadrez dele. Famoso por jogar xadrez. Tínhamos também hegemonia no setor de construção civil. O Meireles era um dos líderes. Fizemos grandes greves na ferrovia, naquela época.

As atuações mais importantes foram no campo sindical, nas lutas camponesas e no campo geral da paz e do "Petróleo é Nosso" – coisas gerais e coisas específicas.

Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

Por causa do centralismo democrático, o dirigente do Partido era indicado

[24] Partido Trabalhista Brasileiro.
[25] União Democrática Nacional.

pelo Comitê Central e normalmente era um cara de fora. Agliberto [Vieira de Azevedo] veio após a passagem do "Gustavo", que era autoritário e stalinista. Falava, tinha de ser obedecido. O tal Gustavo começou a fazer certas coisas que não eram normais: fazia todos os que moravam no aparelho – que era uma casa toda fechada, onde se faziam reuniões, plenárias e cursos – passarem fome enquanto ele tinha seus privilégios. Eu cansei de ter discussões sérias com ele. Fiz até um documento, que eu lembro que eu escrevi na época, descrevendo tudo que ele estava fazendo. Mas infelizmente o problema não foi solucionado. Agliberto então veio para tentar consertar as divergências causadas por seu antecessor. Conseguiu, porque ele era um cara muito simpático. E o Agliberto era uma figura fabulosa, foi muito bom a vinda dele, ele era dinâmico. Era Capitão da Aeronáutica, aposentado, e foi afastado do Exército por ter participado da Intentona Comunista [em 1935].

Em uma das circunstâncias em que fui preso aconteceu algo muito curioso: eu dirigia o Partido em União da Vitória e Agliberto no estado do Paraná. Mandei para ele uma carta prestando conta do nosso trabalho no Partido de lá. A carta foi enviada um pouco antes do golpe e chegou aqui depois dele. Em vez de cair na mão do Agliberto, caiu na mão da polícia. Quando eu estava preso no [presídio do] Ahú, em maio de 1964, me levaram para um cubículo de madrugada, onde estava o delegado de polícia, do DOPS. Nesse interrogatório queriam poder punir o prefeito, Domício Scaramella para poder colocar o vice-prefeito, que era do partido do governador[26]. Eu disse a verdade, o depoimento do Domício me acusava de tudo. Enfim, nesse encontro eles estavam com a tal carta na mão. Porém, quando passaram tudo que era da polícia para o Exército, a carta sumiu. Eu tenho a impressão de que havia na polícia alguns amigos nossos que sumiram com a carta.

Como era a organização do PCB?

Havia dois partidos comunistas no Paraná, o do Sul e o do Norte, o que era muito complicado, pois havia duas direções. Dois diretórios regionais, com estruturas regionais. Teve um papel destacado no Norte o João Amazonas e o famoso João Saldanha. Mas não me recordo o período em que houve essas duas

[26] Ney Braga, do PDC.

direções. A partir de 1945, toda a produção do café do Norte do Paraná, ao invés de ir para o porto de Paranaguá trazer dinheiro para o estado, embarcava para o porto de Santos. A coisa é tão séria nessa briga entre São Paulo e Paraná que a estrada de ferro, que vinha de Apucarana a Curitiba, que poderia ser construída em cinco anos, levou vinte, devido à inúmeras sabotagens. Em uma época o Parigot de Souza[27] trouxe à tona isso. Como havia isso na vida política, na economia do Paraná, talvez o próprio Partido tivesse contribuído para isso... Há um vínculo em relação à realidade econômica e social de uma região, a estrutura é complicada e, inclusive, em uma época nós tínhamos vínculos com Santa Catarina. É uma coisa complicada ainda. Eles não tinham uma relação direta, a regional do Norte relacionava-se mais com São Paulo do que com o pessoal daqui.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

No estado do Paraná, o PCB estava organizado em Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa, Maringá, União da Vitória, Londrina, Piraquara, Wenceslau Braz. O Partido estava sempre organizado ao longo das estradas nos entroncamentos ferroviários. O Partido não tinha muito ambiente estadual, nunca foi muito forte no Paraná.

Na época, Jacob Schmidt, Jorge Karam, Vieira Netto, os irmãos Prinz tiveram atuação muito forte e importante no Partido. O Vieira Netto foi uma das figuras realmente extraordinárias na história política do Paraná e na história política do Partido Comunista do Paraná. Foi ele que criou a Ordem dos Advogados aqui em Curitiba. Foi seu primeiro presidente. Ele era o maior tribuno que passou pelo Paraná até hoje. Ele era professor universitário. Doutor pela Faculdade de Direito. No ano do golpe de 1964 ele foi escolhido paraninfo dos formandos de Direito e não pôde comparecer. Ele escreveu um discurso. Foi editado o discurso que ele fez. Eu tenho lá em casa comigo o discurso dele. Era muito perigoso, ele não podia aparecer em público, fazer um pronunciamento como aquele que ele escreveu.

[27] Pedro Viriato Parigot de Souza (1916-1973) foi governador do estado do Paraná entre 1971 e 1973. Sucedeu Haroldo Leon Peres, do qual era vice, e que renunciou.

Os Previde também eram muito bons. O Luis Fernandes também teve uma atuação muito boa. Depois ele foi para o exílio. O Arnaldo Capotis, que era ferroviário. O Dante Leonelli. O Dante foi inclusive da direção do Partido aqui no Paraná. Contávamos também com o [Joaquim Rodrigues] Mochel, Maria Olímpia [Carneiro], Laélio Andrade, uma figura extraordinária, digna, séria e tranqüila. Mas fizemos uma burrada com ele: nós o tiramos do Banco do Brasil para que fosse funcionário do Partido e não conseguimos bancá-lo financeiramente. Levamos para Paranaguá, para cuidar do Partido em Paranaguá. O próprio Wilson Previde, nós tiramos uma época para ser liderança do Partido. Hugo [Mendonça] Santana também teve uma atuação de destaque nessa época. Era uma pessoa muito boa. Tem às vezes alguns caras que são do Partido mas não são amigos seus. O Jair Freire. O Jair era uma figura também. Ele é outro que nós tiramos da produção para atuar no Partido. Tínhamos um monte de funcionários, era uma loucura. Isso é uma coisa séria viu. Nós tínhamos aquela teoria do "Partido de quadros", achávamos que tinha que ter um monte de gente para cuidar do Partido. Cem por cento para o Partido. Tiramos da produção um monte de gente e não podíamos bancar. Em vez de o PCB crescer, houve muita revolta, porque suas famílias passavam necessidades. Perdemos muita gente que estava conosco. Uma audácia nossa fazer crescer ligeiro, tendo "quadros"... Como eu fui Diretor, eu também vivia como esse pessoal aí, mas eu era sozinho, não tinha problema nenhum ficar comendo só na casa dos outros, eu não tinha família aqui. Agora, se fez isso com quem tinha família constituída. Isso foi um erro que depois se avaliou. Chegamos a ter aqui mais de dez funcionários do Partido que eram desligados da produção.

No Norte do Paraná havia o fabuloso Flávio Ribeiro, que era médico. Mas há muitos mais de quem eu não consegui guardar os nomes. O Manfredini, figura extraordinária... Em Paranaguá tinha o Antônio [Araújo] Rocha. Ele era sapateiro e sua sapataria era o centro do Partido, onde tudo acontecia. Ele era um sujeito muito sozinho. Lia todo o tempo. Nunca vi um cara assim. Mas todo mundo sabia que o Partido era lá, a sapataria ficava bem perto do cais. Quando eu vim para Curitiba, em 1951, fiquei na casa do meu tio. E estava lá um preto, um estivador que foi baleado e estava lá para se recuperar. Ele ficava fechado, não saia. Já deu até morte lá em Paranaguá. Havia a família dos Leandro. O Zé Rodrigues. O Nelson [Torres Galvão], que começou o Partido em Londrina. A Mimi Batista, Durvalina Batista, que era parente do Nelson Galvão. O Orlando Ceccon, que

era o dono da gráfica em que rodávamos o jornal. Ponta Grossa tinha a Olga, uma japonesa, ela e o marido dela, o Antônio, uma figura extraordinária.

Pelo pouco que se conhece da história do Partido no Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e financeira. Em sua opinião como funcionaram esses três setores?

Lênin é que tinha razão: a imprensa é de valor extraordinário na luta política, até no que diz respeito à organização. Nós tínhamos a imprensa operária, *Classe Operária* e a *Tribuna do Povo,* da qual fui Diretor. Meu nome ficou no jornal até o golpe de 1964, período em que eu já não estava mais na direção. Lembro-me de que em Paranaguá a *Tribuna* era esperada, pois enquanto os outros jornais não chegavam, o nosso chegava às centenas. Havia uma equipe que passava de casa em casa no porto, dizendo: "Olha a *Tribuna do Povo*, olha a *Tribuna do Povo*". Os artigos funcionavam da seguinte maneira: numa semana escrevíamos sobre uma empresa. Na semana seguinte, estávamos na porta da fábrica distribuindo o jornal para os operários. Vinha então a polícia e nos prendia.

Entre 1945 e 1947 o PCB viveu um curto período de legalidade. De novo na clandestinidade, o Partido conseguiu manter diversos órgãos da imprensa comunista. Como esses órgãos de imprensa eram sustentados?

A coisa mais difícil do mundo era bancar o jornal. Tínhamos um grupo de pessoas chamadas "amigas do Partido" que contribuíam financeiramente. O jornal era feito na gráfica do Orlando Ceccon, Editora Lítero-Técnica, que mais tarde pegou fogo. Como era Diretor do periódico, eu que o escrevia e distribuía. Era composto à mão, letra por letra, por tipografia. O grande captador de dinheiro era o doutor Jorge Karam, que era o Tesoureiro. Da venda não apurávamos coisa nenhuma, uma vez que o semanal era gratuito. A empresa tem que ter anúncio, o que não era o nosso caso. Podia ter um ou outro, mas não pesava nada. De vez em quando fazíamos campanhas de imprensa, campanhas de 10 mil réis para fazer rifas, pois mesmo com o dinheiro que entrava dos amigos do Partido, sempre havia um buraco. As campanhas pretendiam cobrir esse buraco.

A questão financeira é a coisa mais difícil, sempre, sempre. Aquela história que nós recebíamos "ouro de Moscou"! Aquilo era revoltante, porque nós nunca tínhamos condições de tocar o Partido, o dinheiro que entrava era sempre mínimo. O que sustentava o Partido eram os simpatizantes. Nós tínhamos uma relação com um círculo de amigos, era isso que mantinha o Partido, um empresário simpatizante do Partido. Usávamos muito o nome do Prestes para isso. A contribuição mensal dos militantes não pesava muito. Então eram esses amigos que na prática mantinham o Partido e o jornal. E a as campanhas financeiras que nós fazíamos. As campanhas financeiras eram feitas em função do jornal. Campanhas pela imprensa popular. Fazíamos rifas, fazíamos festas. Era uma forma também de aglutinar o povo. Fazíamos muitas festas.

Uma vez fecharam o jornal porque fiz uma reportagem denunciando a indústria Bettega que havia no Portão. Eles entraram com uma ação contra o jornal e o juiz deferiu. Fecharam o jornal por três meses. Quando eu soube que os Bettega tinham uma serraria em Porto Amazonas, que era um campo de concentração, eu fui lá e tirei fotografia. Então eu publiquei a manchete no jornal. Já que eles tinham entrado com uma ação contra nós e iam fechar mesmo, eu fiz um negócio violento. Na serraria Bettega acontecia algo muito comum às serrarias: vendem caro as mercadorias do armazém e o cliente, que é o trabalhador da serraria, nunca tem dinheiro para quitar a dívida. Ele é obrigado a comprar no armazém, mas o que ele ganha não cobre o que come. É um escravo. Denunciei isso no jornal. Enquanto o fecharam, nós tiramos outro jornaleco mimeografado. Mas nunca ficamos sem jornal. Na clandestinidade, a forma do Partido aparecer legalmente era a imprensa. E a *Tribuna do Povo* era a imprensa do Partido, era o órgão do Partido, todo mundo sabia que o jornal era do Partido, era lá que estavam as idéias do Partido, os documentos do Partido e não só os comunistas acompanhavam o Partido pelo jornal como a reação também. Era por ele que se tomava conhecimento das reuniões, das decisões, dos documentos.

O jornal era sagrado para nós. Tinha de sair toda semana. Porque muitos esperavam o jornal. Era esperado, apesar de não ter grande tiragem; era a única voz do Partido, era a única voz da esquerda que tinha aqui, outra não tinha. Era a única voz de contestação do capitalismo. Então ele era esperado pelas pessoas que eram contra o capitalismo. Olha, não podia falhar.

Depoimento 5:

a história da revolta do Sudoeste

Odílio Cunha Malheiros Jr.

ODÍLIO CUNHA MALHEIROS JR. nasceu em Lajes (Santa Catarina) em 4 de fevereiro de 1932. Filho de Odílio Cunha Malheiros e Rita da Costa Ávila Malheiros, foi militante do Partido entre 1949 e 1968 (de 1962 até 1968 no PC do B). Obteve o segundo grau e tornou-se técnico judiciário. No Partido foi Secretário de Agitação e Propaganda e Secretário Geral da Juventude Comunista. Também trabalhou no jornal do PCB do Paraná, a *Tribuna do Povo*. Entrevista realizada em 19 e 20 de julho de 2001.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Eu vim de Florianópolis para Curitiba em 1950, por volta de fevereiro ou março. Naquela época, o Comitê Nacional do PCB havia decidido fazer a unificação dos comitês estaduais do Paraná e de Santa Catarina criando o Comitê Regional. Só ficou fora o Norte do Paraná, que tinha um comitê independente. Os militantes mais destacados daquela época vieram para cá "reforçar o time" paranaense. Vim com o companheiro Aldo José Sagaz, com quem tinha um jornaleco que se chamava *Unidade*, em Florianópolis. Fazíamos desde a redação até a composição gráfica, a impressão e a distribuição. Nós fazíamos o jornal num porão.

Há até um fato interessante: eu estava em Porto Alegre e, quando cheguei de volta a Florianópolis, já encontrei o Aldo fazendo o jornalzinho, mas mimeografado. Ele usava papel duplo ofício, então tinha que imprimir um lado, virar e

imprimir o outro lado. Aquele aparelho era um mimeógrafo da Stefner, um que usava matriz em papel zerado. Então, de vez em quando, tínhamos que pegar o papel e encher de dureza. Nós chegávamos a tirar mil cópias por dia, coisa que era um recorde, pois a recomendação era de duzentas folhas. Ele chegava a repetir [o processo] até completar o total de exemplares que queríamos. Mais tarde nós resolvemos comprar de um delegado do DOPS, que tinha uma gráfica e fez o favor de morrer, uma máquina mais moderna. A viúva vendeu-nos todo o material, muito barato e cheio de baratas. Era uma pequena impressora manual tamanho ofício também, com uma série de caixas, que tínhamos de desmontar. Nós não sabíamos nada sobre isso. Assim, compramos um livro – eu não me lembro do nome, era da editora Left – que era o manual das artes gráficas. Aprendemos como fazer composição. Até nos tornarmos bem capacitados. O jornal tinha uma divulgação local em Florianópolis. Aliás, tinha uma penetração interessante em um grupo de intelectuais, inclusive entre desembargadores e juízes.

O senhor poderia indicar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

O [Orlando] Ceccon pertencia ao Partido, participou até mesmo do Comitê Estadual durante um tempo. No final da década de 1950 começamos a reorganizar o jornal. Deram-me o título de Editor-chefe, pois o Diretor do jornal era o Hermógenes Lazier, que era o camarada "Branco" e que está em Francisco Beltrão (PR). Era ele o Diretor responsável porque tinha carteira do Sindicato dos Jornalistas. Nessa época o Comitê Regional tinha aqui um cargo que chamavam de "*Agit e Prop*" [Agitação e Propaganda]. Então nós fizemos uma equipe que era formada por Alcy Xavier, Regina Milder, Vasco, que era um lituano Secretário-Geral do Comitê daqui e estava sendo perseguido por seu segundo processo [com base] na Lei de Segurança Nacional[1], porque tinha liderado uma greve na Votorantin. Estava com prisão preventiva e fazia uma coluna humorística em que assinava "Trovão". E os outros era o seguinte: a Regina cuidava da corres-

[1] A expressão "Segurança Nacional" apareceu no Direito Brasileiro com a Constituição Federal de 1934 que, no seu título VI, criou o Conselho Superior de Segurança Nacional (art. 159), com as atribuições que se relacionavam com a defesa e a segurança do país. "Crimes contra segurança nacional" eram crimes políticos ou contra a segurança do Estado.

pondência – nós tínhamos muitas correspondências de diversos municípios do estado. Alguns permaneceram muito tempo. Mudamos a cara do jornal, o Alcides fez um tipo muito bonito, *Tribuna do Povo*, muito bem-feito. Ele fazia direto em madeira. A gente não tinha dinheiro para o clichê. Fazia ilustrações também. Agora ele não quer mais nada com política.

Durante um tempo, eu fui responsável pela organização da Juventude Comunista aqui. E depois nós conseguimos convencer o Ubaúna Bismayer a assumir essa função. Finalmente consegui me dedicar exclusivamente ao jornal.

Quando vim para Curitiba o Secretário Geral era o Vasco. Naquela época o Comitê Central mandava uma espécie de "interventor". E depois foi o "Ciro", que era o Francisco Lima Otero. Havia dois Diretórios do Partido, o "D1" e o "D2", onde tivemos como Secretário Político, que, aliás, era um ótimo militante, porque era uma pessoa, como se diz, bem "antenada", o João Saldanha, do futebol e também jornalista. Ele deu nova vida à direção, do ponto de vista popular. Em Londrina o Partido tinha uma boa penetração, mas era muito sectário. O João Saldanha gostava de festa e os outros eram meio fechadões. Ele ficou lá muito tempo. Antes dele havia aquele pernambucano, que ficou cego porque foi amarrado e puxado por cordas em 1964, o Gregório Bezerra.

Existiram dois levantes que o Partido dirigiu: o do Sudoeste[2] também, não só o de Porecatu [em 1952]. O Sudoeste foi uma tragédia, porque quando recebemos a notícia já estava levantado. Então me mandaram para lá fazer reportagem, e eu fui. Tentei contato, encontrei lá um comunista que era vereador – não sei se era Brollo ou Prollio, uma coisa assim, de origem italiana. Eu não tenho essas anotações. Não sou historiador e é tudo de memória.

Gostaria de fazer um relato especial dessa parte do Sudoeste. O que aconteceu foi o seguinte: o governo federal tinha feito ali uma colônia chamada CANGO[3]. Aquelas terras pertenciam, desde os tempos do Império, ao Estado brasileiro. Eram chamadas as glebas do rio Piquiri. O Moysés Lupion era o go-

---

[2] Revolta ocorrida em 1957 tendo como motivo principal a luta pela posse da terra. Francisco Beltrão foi a localidade em que se realizou a maior mobilização de colonos (camponeses) seguindo-se os municípios de Pato Branco, Santo Antônio e Capanema. O movimento decorreu do antagonismo entre os interesses de posseiros e de pequenos proprietários rurais e os interesses especulativos de diversas companhias de colonização ou de terras.

[3] Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO). Entidade federal encarregada pela colonização no Sudoeste do Paraná, na região de Francisco Beltrão.

vernador[4] e bolou um golpe: havia terras de propriedade do Estado do Paraná e um cidadão chamado José Houp, que fornecia madeira para a estrada de ferro e nunca cobrava. Nunca o pagavam e o contencioso foi sendo acumulado, até que foi feita uma troca. Como pagamento foi dada a terra, como dação em pagamento – todas aquelas terras. Mas todas elas eram habitadas por posseiros intitulados, porque a CANGO já tinha encaminhado toda a titulação das terras. O que o Lupion fez? Criou em Clevelândia um cartório que registrou uma empresa chamada CITLA – Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. O cartório foi criado de manhã e fechado à tarde! Esse cartório regularizou as terras do José Lupion. Na CITLA eram dois os sócios, Moysés Lupion e José Houp. O que a CITLA fez durante um tempo? Não fazia nada, até que começou a criar subsidiárias. Como é que ela criava subsidiárias? Eu me lembro de que uma delas era em Arapongas. Ela chegava a você e dizia: – "Você quer participar de um negócio de terras? Você faz o seguinte: eu vou entrar com não sei quantos alqueires e você entra com tantos cruzeiros". A CITLA entrava com a terra e as pessoas entravam com o dinheiro. Foram pegando todos os políticos e pessoas influentes do estado daquele período, até que as pessoas começaram a dizer: "E o meu dinheiro? Como é que eu vou reaver?" A CITLA dizia: "Venda as terras". Começaram a vender, tentar vender para quem já estava morando lá há 15 anos, com a sua família e tudo mais. Então alguns começaram a dizer: "Não, eu não pago, eu já tenho o título". Os caras começaram então a ser chamados de "resistentes". Convocaram um exército de jagunços para vender para quem não queria comprar. Comprar na marra. Alguns aceitaram e foram bem tratados. Os que não aceitaram tiveram suas plantações queimadas, casas queimadas etc. Era a CITLA que organizava esse exército e cedia para os outros, para as subsidiárias. "Maringá", um jagunço que eu conheci pessoalmente, pegou um dos resistentes, um italiano que tinha um monte de filhos, pegou uma das netas, de um ano, um ano e pouco, jogou para cima e aparou na arma só para pressionar as pessoas. Ele fugiu e um dia correu um boato em Engenheiro Beltrão que tinham prendido o Maringá. Lá há um rio e do outro lado desse rio havia, justamente, a sede da CANGO, que naquela época estava ocupada por uma missão do Exército brasileiro. Era um capitão que comandava. Foi aquele mundaréu de gente naquela descida, naquele morro. Precisava ver que coisa impressionante! O Maringá vinha preso por um grupo de

[4] Moysés Lupion exerceu o segundo mandato como governador do estado entre 31 de janeiro de 1956 e 31 de janeiro de 1961.

oficiais e o pessoal dizia: "Não bate nele não, não pode machucar". O povo não deixou. Essa era a preocupação deles com a legalidade!

Nessa época resolveram fazer uma eleição, porque o prefeito havia fugido para Curitiba. O delegado tinha vindo para cá também, até os agentes do correio tinham fugido – todo mundo que era autoridade fugiu. Daí resolveram fazer uma eleição para escolher uma autoridade. Só que escolheram o Delegado de Polícia para cuidar de nós! Eu estava na região como jornalista e fiquei responsável por fazer os contatos com o pessoal, pois lá não havia ninguém destacado do Partido. Era eu que fazia tudo: o informe, atuava politicamente para organizar o povo e até mesmo as reportagens – quando havia reportagem. Quando o jornal era tablóide, nós tínhamos estabelecido enaltecer a grande reportagem da semana colocando-a no centro.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

O Partido Republicano, que era dominado pelo Lupion na época, dominava todas as prefeituras – talvez com a exceção de uma ou duas, em todo o Paraná. A Assembléia Legislativa também. O PTB tinha alguma influência – teve até candidato. O principal dirigente desse partido aqui era o Souza Naves. Ele foi candidato a governador do estado e foi senador[5]. Então fez um negócio com o Lupion para não ser candidato de novo a governador, um negócio que o João Saldanha e eu testemunhamos. Foi o seguinte: fomos entrevistá-lo onde ele morava, na Avenida Nossa Senhora da Luz [em Curitiba]. Estávamos conversando em uma sala quando ele pediu licença e atravessou a porta de correr. Eu fui atrás e observei pela fresta: o Lupion estava chegando. Ficaram em outra sala conversando, e é claro que eu ouvi. Naquele dia, à noite, eu coloquei uma manchete no jornal: "Souza Naves renuncia", na *Tribuna do Povo*. Então eu falei para o Partido: – "Não se comprometa muito porque esse candidato não vai sair, não". Eles disseram: – "Como é que o senhor sabe?" Eu disse: – "Aconteceu isso e isso... Eu já pus até no jornal. Vai sair amanhã, no sábado de manhã". Na *Tribuna do Povo*

[5] Souza Naves (PTB-PR) não concorreu ao governo do estado. Foi eleito senador no pleito de 3 de outubro de 1958.

já estava assim: "Souza Naves renuncia à candidatura. Alegou que tinha um enfarte. O enfarte Lupion". Eu sabia que ele ia renunciar, pois o Lupion queria um tal Mário [Batista de Barros], que era deputado do PTB, dirigente do Serviço do Socorro Urgente, Serviço de Remoções Urgente, não sei bem. Foi indicado, mas não tinha prestígio. Então o Souza Naves saiu [da disputa], entrou esse Mário e o Lupion ganhou estourado[6].

Nós tínhamos muito contato com uma ala do PTB daquela época: com o Julio Rocha Xavier, que era deputado estadual, depois foi deputado federal[7]. Com o [Vidal] Vanhoni, que é pai desse Vanhoni de hoje[8], e havia um deputado que era muito amigo dele, que foi até Secretário do Trabalho, e que contribuía com artigos no jornal. Não se consideravam apoiadores do Partido. Consideravam-se apoiadores da *Tribuna do Povo*. Era uma espécie de tergiversação, para não abalar o compromisso deles com a burguesia. Eram uns caras bem legais.

Logo nesse processo em que o Lupion foi candidato a governador, para ser eleito – pois no primeiro [governo] ele havia sido nomeado[9] – ele entrou como candidato do Prestes aqui. E a coisa mais trágica é a seguinte: eu tinha ido para Paranaguá para ajudar na eleição de um candidato nosso a deputado estadual, que era péssimo do ponto de vista de representação popular. Embora fosse um cara muito trabalhador, não tinha carisma. O Cominese foi candidato a prefeito lá. Eu fui para ajudar na campanha, fazer discurso e essas coisas todas. Quando eu saí daqui eu tinha deixado uma edição do jornal pronta. O Alcy Xavier tinha feito uma página inteira, gravado o Moysés Lupion com a cara do Lampião e escrito assim: "Moysés Lampião". Essa era a primeira página, e na página de trás do jornalzinho ele com um chicote e o povo embaixo sendo chicoteado. Nós distribuímos a edição em Paranaguá. No sábado seguinte nós fomos esperar a outra edição. Quando chegamos estava assim: "Moysés Lupion, candidato do povo". Venderam o apoio por um jipe com alto falante – que até hoje o Lupion

---

[6] Moysés Lupion, que já era senador, foi eleito governador em 1955 pela coligação PSD/PDC/PTN com 40,8% dos votos. O candidato do PTB fez 28,9% dos votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 11. Tabela 3.

[7] Julio Rocha Xavier foi eleito deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro em 1947, com 1.144 votos, e em 1950 com 3.029 votos. Em 1962 foi eleito, mas como suplente, para a Câmara Federal com 2.725 votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 114, 122, 124.

[8] Ângelo Vanhoni. Candidato à Prefeitura de Curitiba nas eleições de 1996, 2000 e 2004 pelo Partido dos Trabalhadores. Deputado estadual em várias legislaturas. Foi eleito deputado federal em 2006.

[9] Na verdade, Moysés Lupion foi eleito governador do estado em 1947 pelo PSD com 59,1% dos votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 11, Tabela 3.

não pagou – e mais alguns trocados. Foi praticamente o fim do Comitê Municipal de Paranaguá, pois como justificar uma coisa dessas?!

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Em 1962 eu militava no PCB, no Comitê Municipal de Novo Hamburgo (RS). Nós éramos três: havia o Secretário Político, o Secretário de Organização e o terceiro era o Guido – ele eu não lembro qual Secretário era. Nós fomos a Porto Alegre para participar da reunião com o João Amazonas e com outros comitês. Lá surgiu a idéia: o PC do B já tinha mudado o nome para PCB (Partido Comunista Brasileiro), o que justificava a renomeação e dava uma conotação nacionalista. Nós éramos contra a mudança do nome porque achávamos que era oportunismo. Então veio a proposta: Partido Socialista Revolucionário, e nós rejeitamos. O Comitê de Novo Hamburgo já tinha feito uma resolução: "Já que eles mudaram o nome, nós ficamos com o antigo. Eles é que mudaram. Nós não mudamos. Vamos colocar PC do B" [10]. Então nessa reunião ficou estabelecido isso. Por várias vezes tentou-se fazer "Partido *socialista de alguma coisa*". Essas pessoas [que propuseram esse nome] foram depois saindo do movimento. Uma vez eu quase levei uma porrada porque fiz um artigo no jornal dizendo o seguinte: – "Este artigo é para todos os comunistas, que pertencem ou não ao Partido". O Comitê Central dizia que não pode existir comunista fora do Partido. É condição fundamental que ele seja militante. Eu disse: – "Não! Ele pode ter uma consciência comunista até melhor que a sua e não estar militando no Partido". Foi um dos primeiros choques com a direção.

Depois de 1962 eu saí do PCB. Saí do Partido, mas não saí da política. Inclusive naquela época a gente tinha muito contato com o PTB[11] – que tinha uma ala mais à esquerda. Eu trabalhava nos Correios e Telégrafos em um departamento, e lá o Diretor era o Bismark, que era do PTB. O principal [cargo]

[10] Partido Comunista do Brasil. Partido político de âmbito nacional criado em fevereiro de 1962 por ex-dirigentes do PCB, afastados em decorrência da crise provocada pelo debate em torno das resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em 1956.

[11] Partido Trabalhista Brasileiro. Partido político de âmbito nacional fundado em 15 de maio de 1945, e extinto em outubro de 1965 em decorrência do Ato Institucional n. 2.

hierárquico era chamado de Chefe de Tráfego Telegráfico, que era o Guarilla, ou coisa parecida. Eles resolveram criar um comitê do PTB no Correio e eu aderi a esse comitê. Um pouco por oportunismo, porque naquela época íamos escolher um candidato a vereador. Aí o Guaranha, cujo nome eu esqueci, propôs que eu fosse o candidato. Mas como eu não quis me comprometer demais com uma linha que não era exatamente a que eu seguia, eu sugeri um cidadão que depois foi até governador, o Alceu Collares, que era um cara pessoalmente muito bom, mas politicamente inapto. Eu propus o Collares e fizemos uma campanha muito boa para ele.

Aqui no PCB do Paraná formalmente só ocupei o cargo de Secretário de Imprensa e Propaganda e Secretário Geral da União da Juventude Comunista. Mas naquela época a Juventude Comunista era uma entidade à parte do Partido.

Como era a organização do PCB?

A organização do Partido aqui foi feita pelos estudantes, o [Joaquim Rodrigues] Mochel e o [Ângelo] Cajatore. O Mochel era maranhense e o Cajatore era gaúcho. Aqui havia uma pensão que era de uma senhora chamada Maria, acho que era Pacianini. Ela foi formadora de muita gente dessa parte de esquerda, a pessoa chegava aqui e ela começava a doutrinar. Essa pensão foi um centro de grande proliferação desse "vírus". E havia aqui uma outra família que era Bismayer: o marido era Capitão do Exército e a Nair, esse era o nome dela, era comunista. Ele participou das eleições do Clube Militar[12] e o filho dele, depois, foi Presidente da União da Juventude Comunista aqui. Eles foram os primeiros hospedadores do Prestes, quando ele veio aqui pela primeira vez. Todo mundo falava da *casa da Nair*, não do Capitão. O Capitão era secundário nisso. Havia uma loja de ferramentas na Rua André de Barros, em Curitiba, ao lado da casa onde morava o Bismayer. O dono dessa loja também era simpatizante e nosso contribuinte. Depois ele fez um supermercado que ainda existe, mas mudou de nome. Era um cara muito legal. Era capitalista, porém tinha consciência do que passava o proletariado na sociedade. A mulher dele, a [Berta] Lea [Jugend], dava guarida para quase todo mundo que viesse perseguido de outro estado para cá. E como

[12] O Clube Militar foi fundado em 26 de junho de 1887, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro. É a única entidade militar que abriga oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

havia o Capitão, o fugitivo ficava protegido. A Nair – eu estive com ela há pouco tempo – está bem velhinha. Eu ia fazer uma entrevista com ela, que acabei não fazendo, quando morreu o filho dela, o Ubaúna. O Ubaúna foi um dos fundadores da Casa Brasil-Cuba. Há, inclusive, em Cuba, uma sala com o nome dele.

Enfim, o que eu gostaria de destacar é que naquela época a penetração do Partido era muito pequena, porque começou aqui com um grupo na sua maior parte intelectualizada. Quase todos estudantes, médicos, engenheiros e outras profissões desse tipo. Por conta disso o Comitê Central mandou para cá o Arnaldo Assunção, que era um mineiro muito tímido. Também não conseguiu fazer contato com praticamente ninguém. Não tínhamos qualquer penetração entre os artesãos. Tínhamos apenas o pessoal que era dono de pequenas gráficas – quase todos do Partido, inclusive o Leão Roxine, marido da Lea, que ao mesmo tempo em que tinha contato com esse tipo de profissão, por ser judeu, organizou o contato com o pessoal de origem judaica. A Lea era muito ativa, só tinha um defeito: cortava o queijo muito fininho – a gente ia fazer lanche lá e brincava que dava para ver através do queijo. Ela depois foi para Israel, para os *quibutz*.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

O Partido em Paranaguá era muito forte. Foi formado praticamente pelo movimento dos marítimos que vinham do Norte para cá. Nós tínhamos dois grandes vetores de comunistas aqui no Paraná. Três, aliás: um, o movimento estudantil, sobre o qual eu já falei um pouco. Outro, os ferroviários, da rede ferroviária, que era a Sorocabana, na época. E os marítimos. Dos ferroviários havia o Miguel Pan, os irmãos Batistas, entre outros. Dos marítimos, os fortes que vieram ao Paraná eram o Ângelo Cajatore, em Cornélio Procópio, que era um estudante que veio para Curitiba e depois foi para Jaguapitã. Em Antonina, Adão Aghar Toledo de Nascimento, que foi vereador e candidato a prefeito. Em Paranaguá, Manuel Leandro da Costa Júnior, Ângelo Maria Patitucci e um sapateiro chamado Toninho, Antônio Manuel Gonzaga. Aliás, o Partido lá ficou durante muito tempo só sustentado pelo Toninho. O próprio Manuel se afastou e o Patitucci foi embora para São Paulo, se não me engano.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

Aqui em Curitiba o Partido tinha uma gráfica que usava e que, aliás, pertencia a um militante do movimento, o Orlando Ceccon. É a Editora Lítero-Técnica, na Rua Alferes Poli. Ainda existe a editora, mas a filha do Orlando vendeu-a. A primeira coisa que o comprador fez foi jogar fora um monte de material, inclusive a coleção de jornais que a gente fazia.

Quando cheguei a Curitiba encontrei a edição da *Tribuna do Povo*. Era um jornalzinho que, apesar de impresso graficamente, era muito modesto na maneira de se apresentar, inclusive tipograficamente. O nível da redação era muito baixo, além de não conter uma linha editorial que se pudesse acompanhar. Tinha sido criado por um grupo de estudantes que havia começado a organização do Partido Comunista aqui em Curitiba por volta de 1946 liderados por um maranhense, o Mochel, que era de família de comunista, e o Cajatore, que era um gaúcho. Eu não me lembro bem do nome dele. Creio que era Cajatore. Eles que começaram o jornal aqui e o faziam lá no Ceccon, onde havia uma impressora, uma rotoplana grande, que pegava um A1 inteiro.

O jornal era semanal, em formato tablóide, e abrangia temas diversos. Tinha uma linha editorial que era do Partido, e até uma seção de cinema. Na quinta-feira eu ia assistir a cinco sessões de cinema, para na sexta à noite escrever a crítica, pois toda quinta-feira se trocava o filme de todos os cinemas. Todo sábado separávamos a quantia de vinte exemplares do nosso jornal e levávamos à Biblioteca Pública, para deixar arquivado. Mas não era exigido o recibo, então, quando eu fui procurar, não achei sequer um exemplar. Não há nada. Eu fazia questão de levar pessoalmente, por volta das 10 horas da manhã. Passava na Companhia Pan-americana e deixava os exemplares de Paranaguá, que eram cinco mil, num pacote grande.

Quando nós chegamos aqui, a tiragem da *Tribuna do Povo* era de 200, 300 exemplares. Nós começamos a tirar vinte e cinco mil exemplares. Cinco mil para Paranaguá, mil para Ibaiti e uma outra quantidade grande para Londrina. Esses números variavam. A sustentação do jornal era feita por uma Comissão de Finanças, que naquela época era formada pelo Nelson [Torres] Galvão, Simão

[Iteimbreich] Nikolaievski, Isaac Milder, Jorge Karam, e mais alguns apoiadores – por exemplo, o Nilo Previde, que era um pintor muito bom que sumiu das pinacotecas. Ele era um pintor proletário. Apesar de ser de esquerda, Loio Pérsio fazia uma pintura mais "bonitinha". O Nilo não: ele usava o que a mulher chamava de kuduco. Era pintor de carro do Departamento de Estradas e Rodagens, e usava tintas kuduco para pintar uns quadros grandes. Muito bonitos. Mas ele foi muito boicotado pelo *establishment*.

Entre 1945 e 1947 o PCB viveu um curto período de legalidade. De novo na clandestinidade, o Partido conseguiu manter diversos órgãos da imprensa comunista. Como esses órgãos de imprensa eram sustentados?

Na *Tribuna do Povo* nós tínhamos o seguinte: a redação e a impressão eram feitas na gráfica do Orlando Ceccon. A gente participava, às vezes, colaborando um pouco na paginação, mas o resto era pago pelo Ceccon. Não éramos nós que fazíamos o trabalho: era feito por simpatizantes, mas todos eles profissionais. Depois a gente fechava o jornal, na sexta-feira à noite, e sábado pela manhã estava pronto. Então, fazíamos a distribuição, como eu falei. A distribuição era feita igualmente para os correspondentes dos diversos municípios, para onde mandávamos os exemplares em ônibus. Os nossos principais pontos naquela época eram Paranaguá, Ibaiti e Londrina. Selecionávamos os correspondentes e organizávamos com eles um pequeno comitê de apoio – em alguns casos viraram comitês municipais, em outros não. Em Ibaiti nós tínhamos três bases, três sustentáculos, que eram o João Cresqui, o Mário Pinner e um rapaz que morreu no ano passado.

O Partido desenvolveu-se muito em Ibaiti, no meio dos trabalhadores rurais. Em determinada época foi até trágico, porque o Comitê Central lançou [em 1950] um daqueles [manifestos], o *Manifesto de Agosto*, que preconizava a criação do Exército Revolucionário[13]. Em Ibaiti nós levamos aquelas diretrizes a sério e discutimos o que fazer com elas. Havia mil agricultores numa fazenda do Watanabe. Era um vale. Quando nós estávamos com uma mobilização aqui e no Norte do Paraná (o João Saldanha fez uma série de grupos lá, que já estavam

[13] O *Manifesto de Agosto* representou uma virada radical na linha política do PCB. O documento ratificava a nova orientação segunda a qual os comunistas deveriam preparar a luta revolucionária de massa. Para ler a íntegra do documento, v. CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. II. p. 108-112.

armados, inclusive. Mal armados, mas armados), então veio um emissário do Comitê Central e mandou desarmar todos, porque ia ser uma provocação. Porque a gente quis fazer um levante armado e depois, o que ia fazer com isso? Eles não tinham perspectivas políticas.

Política, na verdade, é a luta pelo poder. Essa era a definição. Entretanto não detínhamos este conceito. Nós tínhamos uma atividade diletante, e eu não sei o porquê.

Depoimento 6:

romantismo e militância nos anos 1950

Iraci Soares de Oliveira

IRACI SOARES DE OLIVEIRA nasceu em Canoinhas (Santa Catarina) em 21 de setembro de 1922. Filha de José Pedro da Silva e Maria Alves da Silva, fez o antigo curso primário e foi operária da indústria do café em Alvorada, no Norte do Paraná. Militante do Partido de 1945 até 1960, ocupou os seguintes cargos: Dirigente de Célula, Secretária de Massas da Executiva do Diretório Municipal de Curitiba e foi da direção estadual do PCB do Paraná. Entrevista realizada em 31 de agosto e 5 de setembro de 2001.

A senhora participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pela senhora até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições a senhora ocupou?

Conheci meu marido trabalhando no teatro da Sociedade do Batel[1], e ali mesmo ele começou a catequizar a namorada. Foi questão de semanas para eu entrar no Partido. Creio que eu já tinha um espírito lutador antes de ser catequizada, já gostava do Sindicato do Comércio e fazia teatro, que abre portas para essas coisas. Naqueles tempos quem dirigia o grupo de teatro era o doutor Coronato, que tocava piano. Depois a direção foi entregue ao "seu" Teixeirinha, que fazia parte do SESI[2]. Fizemos muitas peças do García Lorca, sempre com a casa cheia.

Gostei muito de entrar no PCB, pois suas causas eram parte do nosso cotidiano: nós trabalhávamos e éramos explorados. Não era só eu. Quantos brasi-

[1] Sociedade Beneficente dos Operários do Batel. Fundada em 21 de maio de 1910.
[2] Serviço Social da Indústria. Órgão subordinado à Confederação Nacional da Indústria (CNI).

leiros naquela época estavam nessa situação?! Surgiu, então, o salário mínimo do Getúlio [em julho de 1940]. Nós fizemos um alvoroço na nossa fábrica, porque queríamos aumento. O patrão disse: "Vocês não queriam o salário mínimo? Pois agora vocês o têm e acabou, não adianta reclamar até que o governo o eleve de novo".

O Partido entrou na legalidade [em 1945] e houve a formação das "células", que foram escolhidas no Comitê Estadual. Todos os assuntos eram primeiramente discutidos nas células, depois se levava para o Comitê Municipal e ainda outra vez voltava para as células. Tudo era de baixo para cima, da base para o topo. Naquela época o "centralismo democrático" funcionava. Discutíamos, mandávamos para o pessoal de cima analisar, aprovar ou recusar. Algumas coisas eles achavam que não dava certo, porque na base éramos mais audaciosos, enquanto eles eram mais cautelosos. Eu fazia "trabalho de massa" na célula. A Secretária da base era a Odete [Soares de Oliveira], que escrevia as atas, ou a irmã dela, a Carmen, que hoje está em uma cadeira de rodas. Militei efetivamente no Partido de 1945 até os anos 60. Apesar de eu ter sido esposa do Walfrido [Soares de Oliveira], minha parte da militância foi muito pouca. O que eu fazia era arrecadar fundos para o Partido, porque ninguém dava nada pra gente. Então fazíamos festas, organizávamos bailes, convidávamos pessoas, fazíamos comícios, essas coisas.

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando a senhora tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

Conheci o comunismo durante a revolução de 1930, quando o Getúlio entrou. Eu era muito criança naquela época, tinha uns oito anos e morava em Rio Vermelho com a minha madrinha [em Santa Catarina]. Lá era uma estação e o restaurante. Ela era dona do restaurante, chegavam os maquinistas que vinham pela estrada de ferro e ficavam comentando sobre todas essas coisas do Partido e sobre o comunismo que vinha da Rússia. Eu cansei de ouvir a *conversarada* daqueles homens a respeito. Àquela altura já havia alguma coisa organizada, havia um movimento comunista. Depois, quando eu tinha 15 anos, eu vim para Curitiba. Por

volta dos 18 comecei a tomar a cor da política. Quando cheguei a Curitiba o PCB já existia ilegalmente. Mas eles já lutavam, organizavam-se, faziam reuniões.

A senhora poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Os nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias eram o de Dário Prinz, que fazia parte do núcleo do Partido, da cabeça do Partido. Flávio [Ribeiro], que era jornalista. Walfrido, meu marido, que era ferroviário desde a década de 1930. Ele trabalhou na estrada de ferro até entrar no Partido. Jorge Herlein Filho teve muito destaque porque doutrinou praticamente todo o Partido, ainda que fosse muito jovem. O advogado [José Rodrigues] Vieira Netto foi grande no Partido, chegou a ser eleito deputado [estadual]. Nos comícios ele empolgava as massas. Eu me lembro dele dizendo assim: "Constituinte, Constituinte, Constituinte". O "Vovô Manfredini" [Júlio Manfredini] era um camarada muito bacana, funcionário do Banco do Brasil. "Vovô Manfredini" era um dos mais antigos do Partido, era um grande conselheiro do resto da turma. Todos o respeitavam muito, a palavra dele era como uma palavra de ordem. Ele sempre participou dos trabalhos que fazíamos para arrecadar fundos. Mais tarde o filho dele participou do Partido, durante a segunda ilegalidade. Os Paciornik contribuíam muito com o Partido. As irmãs dos Paciornik, aliás, hospedavam o pessoal que vinha da cúpula do Rio para fazer reuniões, saber como estava o Paraná e tudo que estava acontecendo. Elas hospedavam, davam almoços, e nós acompanhávamos, ficávamos na casa delas. Financeiramente também elas contribuíam muito com o Partido.

Havia um simpatizante do Partido, o Jorge Arpade Neto, que era do PTB. Luiz Geraldo Mazza, que escrevia na *Folha de S. Paulo,* também era simpatizante nosso, mas agora está a favor do [Jaime] Lerner. O jornalista João Amazonas veio para cá certa vez dar força, orientação e parte de instruções. A Zeca [Maria José], esposa do Carlito Previde, militou bastante tempo na ilegalidade. Ela vinha aqui nos buscar para irmos às reuniões. Havia ainda no Partido o Jorge Karam, que já é falecido, Luiz Massa, advogado e comunista do movimento nacionalista, Aristides [Oliveira] Vinholes, Clemenceau Rodrigues de Oliveira, operário, Nilo

[Isidoro] Biazetto, bancário, Dário Prinz, comerciário e também ferroviário, Flávio Ribeiro, advogado e que atuava no jornal do Partido.

Manuel Jacinto Corrêa, de Londrina, era suplente de vereador. Adão Aghar de Toledo [de Nascimento] era um comerciante de Antonina, na casa de quem nos hospedávamos quando íamos fazer comícios. Severino Francisco Ribeiro era operário. Doutor Coronato era trotskista e somente simpatizante, pois o Partido não se concatenava com as idéias dele. Aquele [Joaquim Rodrigues] Mochel, que se casou com a Maria Olímpia, também era trotskista. Havia também aquele que se casou com a irmã da Maria Olímpia, o Legareth [Consolmagno], que era do Acre e estudava em Curitiba.

No início, quando o Walfrido entrou, Parigot de Souza era o governador[3]. Lembro que meu pai dizia que Parigot e seus colegas eram só estudantes de engenharia, os chamados "filhinhos de papai". Jacob Schmidt é um que foi preso tanto na primeira quanto na segunda ilegalidade. Ele sofreu muito. Foi durante a primeira ilegalidade que meu marido assumiu a Secretaria Geral no Estado, e que eu entrei. Na época da ditadura nós entramos na ilegalidade de novo, e gradualmente eu e Walfrido fomos nos afastando do Partido, até que não houvesse mais militância alguma. Na verdade, quando Nelson [Torres] Galvão, que continua militando até hoje, começou a comandar o Partido em Curitiba, Walfrido parou de atuar definitivamente, pois eles tinham idéias divergentes.

Em 1937, Getúlio Vargas deu um golpe de Estado e implantou uma ditadura denominada Estado Novo (1937-1945), que desmontou a estrutura organizacional e política do PCB no Brasil. No Paraná, quais foram os reflexos desse golpe para o Partido?

As prisões foram o mais forte reflexo provocado pela implantação do Estado Novo. Éramos perseguidos pelos tiras toda vida, mas eu nunca fui presa. Meu marido, que sofreu o período da segunda ilegalidade, também não foi preso. Agora, no fechamento do Partido houve aquela correria grande, aquele tal de queimar documentos aqui e ali. A gente conseguiu queimar muitas coisas das sedes estaduais e das sedes municipais. Aqui em casa não vieram, mas nós está-

[3] Há aqui um lapso da entrevistada já que Pedro Viriato Parigot de Souza foi vice-governador de Haroldo Leon Peres e assumiu o governo quando este último foi cassado. Administrou o Paraná de 23 de novembro de 1971 a 11 de julho de 1973 como "governador substituto", indicado pelo Presidente Médici (1969-1974).

vamos apavorados. Escondemos, enterramos, queimamos, fizemos de tudo. Se viessem não iam achar nada. Qualquer dia ainda vão achar alguma coisa que não apodreceu. Edgar Rocha Costa é um dos que tiveram a casa invadida. Tiraram tudo do lugar. Ele, então, mudou a cabeça completamente: ficou a favor de tudo que o governo fazia.

Em sua opinião, quais foram os fatos políticos e partidários mais relevantes que merecem destaque na história política do PCB no Paraná, no período 1945-1970?

Aqui no Paraná as principais bandeiras levantadas pelo Partido foram a Força e Luz, a luta pela paz, por melhorias na educação, afinal, todas as pessoas queriam ver seus filhos indo à escola. Exigia-se muito isso do governo. As décadas de quarenta e cinqüenta foram um período importante, pois o Partido contribuiu com muitas lutas. Foi justamente nesse período que o Paraná começou a crescer, que suas indústrias foram criadas. E agora tentam vender tudo...

A nossa grande luta foi contra a Força e Luz daqui. Acontecia o seguinte: não podiam vir indústrias para o Paraná porque a Força e Luz dizia que não tinha eletricidade suficiente para abrir mais companhias. A luta foi muito grande, muitos comícios, muitas assinaturas foram feitas em protesto. Daí surgiu a Copel. Esses temas, tal qual a reforma agrária, eram abordados nos discursos para as massas, para poder fazer as cabeças, comandar. Tentávamos também influenciar a massa politicamente, elegendo deputados, vereadores. Nas escolhas de governadores, por exemplo, se não tínhamos candidato próprio, analisávamos e discutíamos na tentativa de acatar o que de mais próximo houvesse [das posições] do PCB. Quando Getúlio se candidatou novamente [em 1950], por exemplo, nós o apoiamos. Naquela época, por causa da guerra, tornou-se um homem diferente do que era no Estado Novo [1937-1945] e cercou-se de gente mais democrata, diferentemente do primeiro governo, em que era mais autoritário, ditador.

Nós estivemos envolvidos no processo de eleição da Maria Olímpia [em 1947, para vereadora de Curitiba]. Mais adiante, eu fui até candidata a deputada. Foi na época em que elegeram o Vieira Netto: fizeram a chapa, colocaram a gente na fogueira e fomos à luta. Fomos fazer comício por esse Paraná afora. Certa vez estive em Antonina para fazer um discurso em benefício de minha candidatura.

Peguei algumas coisas do povo e fui fazer o comício. Eu estava com o papel pronto na mão quando o Vieira Netto e o Flávio Ribeiro o arrancaram de mim e eu tive que falar tudo de improviso. Falei sobre a febre amarela, pois naquela época não havia saúde pública, não se tomava conta disso. Enfim, aproveitávamos as negligências do governo. Havia muita sinceridade, muita honestidade acerca de tudo isso, em comparação com o que se vê hoje com os políticos.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Além do movimento de esquerda liderado pelo Partido aqui no Paraná, existia o que eu conhecia por "trotskistas". Eles entraram no Partido, mas logo as divergências se iniciaram, pois tinham um jeito de pensar e nós outro. Então eles foram se dispersando. Os simpatizantes ficaram no Partido, mas não se davam muito bem com a gente. O PTB[4] estava em cima do muro. O Getúlio era do partido e estava na Presidência [1951-1954], era um páreo duro entre os comunistas e o PTB. Havia os integralistas, mas esses eram direitistas. Eu era menina na época dos camisas-verdes. Nesse período minha mãe ficou de luto muito tempo pela morte de meu pai. Nós íamos habitualmente ao cemitério e depois à casa da minha tia. Certa vez, quando voltávamos de noite, nos deparamos com um comício integralista. O Walfrido preso e os galinhas verdes [integralistas] ali... Eu mandei a maior vaia. Agora, até a cisão do Partido [em 1962] não havia nenhuma concorrência de esquerda disputando a hegemonia do PCB.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

Nessa época em que eu militava, o governador do Paraná era o Munhoz da Rocha[5]. Havia muita briga com esse governo, pois quando falávamos em "reforma agrária" para essa gente achavam que íamos roubar tudo o que eles tinham. O Partido, naquela época, além dessas lutas locais, tinha algumas campanhas

[4] Partido Trabalhista Brasileiro.
[5] Bento Munhoz da Rocha Netto foi governador do Paraná entre 1951 e 1955.

nacionais, por exemplo, o abaixo-assinado pelo Apelo de Estocolmo, pela paz, e a questão do "Petróleo é nosso". Todos esses movimentos tinham manifestações do Partido, ele organizava e introduzia [essas idéias] na massa, no seu povo. Era feito assim: o Partido discutia [as questões] em [suas] reuniões. Reunia a parte estadual e a parte municipal. Sempre nos dirigíamos à parte estadual para saber o que fazer em Curitiba. Eles, então, davam carta branca para lançar os programas aqui.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

As influências que o Partido sofria do Comitê Central, da própria Internacional Comunista, sempre vinham trazidas por alguém de fora, como o João Amazonas, que mais tarde foi morto, Diógenes [Arruda Câmara] e até mesmo por Luís Carlos Prestes, que veio escondido em 1946, ano em que me candidatei [juntamente] com o Walfrido e o Vieira Netto[6]. Nessa ocasião, Prestes se hospedou na casa da Nair [Bismayer]. Estávamos em um comício na Praça Osório quando de repente desceu o Vieira Netto, o Flávio [Ribeiro], desceram todos. Vieram no meu ouvido e disseram: "O velhinho está aí". A gente já sabia que o velhinho era ele, o Luís Carlos Prestes, ainda que não fosse tão velho assim. E continuaram: "Depois, todos lá na casa da Nair". Foi a única vez em que eu estive com ele pessoalmente. Conversamos um pouco e depois fomos para casa. Nessa circunstância ele explicitou o que a gente tinha que fazer nas reuniões, mas ele não participou de nenhuma.

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

No Paraná, os candidatos pelo PCB em seu período de legalidade fomos eu e o Vieira Netto para deputados estaduais, o Flávio Ribeiro, que era jornalista e advogado, e se não me engano uma das irmãs da Maria Olímpia. Tínhamos que inscrever uma chapa completa, por isso eu entrei. A minha campanha era secundária, uma vez que todo peso foi jogado na campanha do Vieira Netto[7].

---

[6] Essas candidaturas foram, na verdade, em 1947.

[7] O PCB elegeu em 1947 no Paraná somente José Rodrigues Vieira Netto, com 775 votos. Os deputados estaduais suplentes foram: Manuel L. do Costa Jr., Antonio Carlos Raimundo, Nelson Torres Galvão, Mozart de Oliveira Valim e Miguel Pan. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, s.c.p., 1989, p. 122, Tabela 110.

Como era a organização do PCB?

As células do Partido se organizavam da seguinte maneira: o bairro tinha uma necessidade, nós nos reuníamos, levávamos a questão ao municipal e depois então para o estadual.

Gostaríamos que a senhora mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes a senhora considera mais destacados nessa época?

Curitiba sempre foi o primeiro pólo do PCB no Paraná. Em segundo lugar vinha Londrina, mas todos os municípios tinham um diretório, ainda que pequeno. Havia em Ponta Grossa, Antonina, Paranaguá, tanto é que quando Vieira Netto foi candidato a deputado estadual, ele andou por todos esses municípios fazendo comícios. Os nomes dos representantes de cada município, porém, eu não consigo lembrar.

A senhora se lembra de qual era a composição dos diretórios regionais quando fazia parte deles? E os que o sucederam?

No período em que militei, na seção estadual do Partido o Presidente era o meu marido. No Comitê Municipal era Presidente o Flávio Ribeiro. Éramos cinco: eu, Dário Prinz, Flávio, Arpad Prinz e a Maria Olímpia. Do Diretório Municipal faziam parte esses estudantes, o [Joaquim Rodrigues] Mochel, Legareth [Consolmagno], Maurício Schulmann, que é judeu, eu e a Maria Olímpia, que era um tipo de secretária. Na cúpula havia o Flávio, o Walfrido, o Dário Prinz, um outro irmão do Prinz e o Vieira Netto.

Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

Dentro do Sindicato dos Bancários havia bastante "comuna". Os ferroviários também seguiam a orientação política do Partido. Tanto em Antonina quanto

em Paranaguá o Partido era forte, era grande, tinha um eleitorado muito bom. Nessa época havia porto em Antonina também, um porto menor, do Matarazzo.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

O que saía na imprensa comunista era anteriormente discutido na base. Então, a cúpula da imprensa tirava os artigos vetados. Quando alguma célula precisava de qualquer coisa no seu bairro, ou quando acontecia algo prejudicial, a questão era discutida e posta na *Tribuna do Povo*. Quem controlava o jornal na época era o Flávio, que administrava tudo. Izaurino [Gomes] Patriota também foi Diretor da *Tribuna*, um grande sujeito, bom companheiro. Quanto à questão financeira, apesar dos delegados dizerem que nós recebíamos dinheiro da União Soviética, era o povo mesmo quem tinha que sustentar o jornal. Havia o jornal que a gente vendia, livros que ganhávamos e podíamos vender, enfim, [os recursos vinham] daí e das festas. Esse era o dinheiro que a gente tinha, não vinha ajuda financeira de Moscou, não tinha nada disso. Uma das maneiras de angariar financiamentos era por meio dos churrascos no bosque dos Previde. Lá e no bairro fazíamos o trabalho de massas. A [responsabilidade pela] promoção das festas aqui no bairro era da célula "Olga Benário Prestes", encarregada da região Sul.

Depoimento 7:

a comunidade judaica e o PCB

Chaim Israel Jugend

CHAIM ISRAEL JUGEND nasceu em 13 de janeiro de 1924 em Sokal, Levov-Lemberg, na Polônia. Filho de Isak Jugend (relojoeiro) e Berta Lea Jugend, foi militante do Partido desde a segunda metade dos anos 1940, embora nunca tenha se filiado formalmente. Atuou na área de arrecadação de recursos e finanças. Obteve o diploma do ensino médio e, como seu pai, foi relojoeiro e comerciante. Entrevista realizada em 13 e 27 de abril de 2002.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Eu sou judeu, meu pai era judeu, judeus poloneses. Então meu pai, junto com outros amigos do grupo de esquerda, montou sociedades judaicas com tendência esquerdista, porque naquela época ser judeu e comunista no Brasil era inviável. Vários comunistas enrustidos viveram assim, praticando a sua ideologia dentro de um clube judaico. Meu pai me levava a esse clube o tempo todo, e eu ficava ali assistindo a todas as conversas, a todas as discussões. [...]

Eu vim ao Brasil com seis anos de idade. Quando houve a revolução de Getúlio Vargas aqui no Brasil, em 1930, meu pai se assustou pensando que revolução no Brasil era no estilo das revoluções européias, em que não fica nada de pé. Mandou, então, eu, meus dois irmãos e minha mãe de volta para a Europa, enquanto a revolução ocorria. Depois ele percebeu que a revolução no Brasil era

feita na base de flores (naquela época, é lógico...) e aí nós voltamos. Eu já tinha ficado cinco anos na Europa, com dez anos e pouco, logo em seguida comecei a participar dessa comunidade judia, em que devagar fui formando minhas idéias e, lentamente, conforme a Guerra [1939-1945] fui evoluindo, me tornei um militante auxiliar ativo. Não comandava reuniões, nem determinava contatos, nem nada. [...]

A guerra começou em 1939, eu tinha 15 anos e já sabia tudo relativo ao Partido Comunista, organizado principalmente por causa do meu pai, que era comunista também. Os setores comunistas judaicos já vieram da Europa organizados. Eles funcionavam como comunistas que tinham como foco principal de abordagem a problemática da imigração judaica e da situação judaica aqui no Brasil.

Eu não tive uma trajetória política alguma anterior ao PCB. Somente as leituras que fiz me puseram a par da problemática social mundial. A partir daí, naturalmente, desenvolvi o sentimento de querer resolver esses problemas, não só aceitá-los, mas procurar orientações do Partido Comunista. Se seria solução a curto, médio ou longo prazo não se sabia, mas enxergávamos o comunismo como a única solução viável para os problemas humanitários, sociais que enfrentávamos em relação às populações. [...]

Minha mãe era uma mulher que tinha cursado universidade na Europa, mas ainda que fosse uma pessoa mais evoluída que meu pai, era muito amarrada à religião judaica. Ela não tinha nenhuma conexão com o Partido, nem com sua ideologia. Bem pelo contrário: ela não queria que nenhum de nós se envolvesse. Meu pai era relojoeiro formado na Europa e formou a mim relojoeiro também. Eu era relojoeiro, acabei virando comerciante e tivemos um estabelecimento[1]. No restante ele era autodidata, assim como nós que nos tornamos autodidatas também.

Comecei a me desligar da atividade política propriamente dita em 1961, mas nunca me desliguei do aspecto financeiro, o qual eu ajudava a organizar. Eu telefonava para quem achava que podia ajudar e arranjava o dinheiro. Aos poucos eu fui me desvinculando, mas mantive a amizade com todos, sempre. Aquela amizade forjada na luta, no sofrimento, na honestidade, na confiança. Isso até hoje existe.

---

[1] A Relojoaria Progresso, no centro de Curitiba.

De quais associações de classe o senhor participou nesse período (1946-1964)?

No início da Guerra eu era um simpatizante, não ativista do Partido. Mais para o fim desse período comecei a ajudar fazendo campanhas nas ruas em prol dos expedicionários. Nesse tempo eu já participava inclusive de reuniões, já lia bastante, já tinha um conhecimento muito adiantado da teoria marxista, mas nunca trabalhei como dirigente, porque logo entrei no programa da comunidade, fui Presidente da Sociedade Cultural Israelita Brasileira do Paraná durante toda sua existência. Esse cargo me tomava muito tempo, porque nós tínhamos que nos contrapor, dentro da comunidade, à direita judia, mais fascista. Havia uma luta muito acirrada entre a sociedade progressista dirigida por nós e a sociedade conservadora, religiosa e muito atrasada para a época.

O charão[2] era um tipo daquela época que existia aos montes aqui. O nosso trabalho era reduzido à ação dentro das comunidades judias para abrir os olhos no sentido mais laico, objetivo, aberto. Então eu não tinha tempo de pertencer à direção do Partido Comunista. Agora, nós realizamos reuniões de comunistas judeus. Dentro do Partido Comunista Brasileiro existia o setor judaico. Nossa sociedade não era toda de comunistas, era de simpatizantes, [indivíduos] mais progressistas. Mas nós, os dirigentes comunistas, promovíamos reuniões específicas, claro que de portas fechadas, de modo a não pôr em risco as sociedades legais.

O trabalho começou a desaparecer quando os ativistas judaicos, de dentro da comunidade judaica, começaram a desertar. "Desertar" entre aspas, pois desertar era *morrer*. No lugar deles vieram os novos comunistas, os novos simpatizantes progressistas e os novos esquerdistas que já não tinham mais essa chama judaica, tinham a chama brasileira. Eram judeus progressistas, mas nascidos aqui. O problema do imigrante já não estava presente. Então, essas entidades foram acabando aos poucos. A nossa, aqui em Curitiba, acabou até mais rápido, bruscamente, porque eu não pude mais dirigi-la. Há 41 anos nasceu o meu quarto filho, uma criança com síndrome de down, em péssimas condições. E para salvá-lo tive que abrir mão de inúmeras tarefas, dentre elas a direção da Sociedade. Comecei a cuidar do meu filho excepcional e a partir daí acabei me tornando um dos cinco

[2] Literalmente: "vermelho". De acordo com o dicionário Houaiss, derivação por metonímia: diz-se de ou indivíduo ou instituição da ex-URSS. Ou ainda, derivação por extensão de sentido: comunista, socialista ou esquerdista.

fundadores da APAE, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais no Brasil. Existia uma APAE no Rio criada por um casal de americanos de nome Bines, que vieram dos Estados Unidos com o filho excepcional e não tiveram condições de atendimento nenhum, então eles fundaram a primeira *celula mater* da APAE. Mas ela era exclusiva, não tinha atividade em outra cidade. Quando meu filho nasceu, em 1960, eu fui procurar recursos para ele, abandonei todos os movimentos de que eu fazia parte, comunista, sociedade judaica, para atendê-lo. A partir daí eu fundei a APAE de Curitiba, as APAEs do Brasil, a federação das APAEs, enfim, fiquei 30 anos dirigindo as APAEs.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

No correr dos anos, durante a Segunda Guerra Mundial, foi que de certa forma eu comecei a me posicionar e a perceber o que esse tema significava de ruim para a humanidade, para o Brasil e para os judeus em especial. Sobre a Intentona [Comunista] ou o governo Vargas nada tenho a dizer, a não ser o que a história sabe, porque na minha idade eu nem estava envolvido ainda nesses problemas. Quanto aos problemas que se seguiram, analisando sob o ponto de vista de hoje é que eu posso dar uma opinião, mas na época havia um defeito violentíssimo de todos nós comunistas: nós éramos sectários incondicionais. A verdade é que nós não analisávamos. Só engolíamos os escritos de todas as linhas da direção do Partido. Líamos no máximo 10%. Os outros 90% nem prestávamos atenção porque era difícil mastigar tudo que era escrito naquela época. Hoje eu vejo que, de certa forma, nós não éramos participantes do Partido no sentido de lutar objetivamente, mas sim no sentido de seguir o que a direção determinava, pois não havia problemática, a gente discutia entre nós uma coisa ou outra. Toda demagogia, de certa forma, era baseada em considerações estrangeiras, não eram considerações nacionais. Por conta disso tudo que depois me insurgi contra uma série de problemas, contra uma série de determinações que não tinham nada que ver conosco, brasileiros, judeus dentro da cultura brasileira. Por exemplo, o problema do Stálin, a revisão em redor do Stálin: ele era o "Stálin paizinho" na Rússia e também era "paizinho" para nós aqui. Nem admitíamos que abrissem a

boca e falassem mal dele. Hoje eu não sei se ainda é o caso de falar contra ou não, pois onde ele estava certo e onde ele estava errado eu não sei. Eu sei que os líderes que vieram depois cometeram uma série de barbáries, que de certa maneira levaram à dissolução da União Soviética. Os erros eram de Stálin e dos que vieram depois dele, que começaram a se interessar por si mesmos, pelos grandes líderes do mundo socialista, que viviam nos iates, viviam nas estrelas. Um fazia até coleção de automóveis e mulheres. Quer dizer, às vezes se transformavam em piores que burgueses em defesa própria, para roubar dinheiro, pintar, bordar e usar o poder. Então, a doutrina máxima do marxismo foi completamente extirpada na União Soviética.

Quando se iniciaram as discussões sobre a cisão do partido [entre 1960 e 1962] havia dois PCBs. Eu na mesma hora vi que aquilo não tinha sentido, imaginei que a luta era muito difícil, que o fundamental era modificar o homem. Sem modificar o homem não se trabalha com objetivo nenhum. Só que esta mudança vai levar ainda séculos, milênios, milhares de anos. Eu comecei a me afastar porque não via mais objetividade no trabalho do PCB, não havia absolutamente nada que me entusiasmasse, além de nesse ínterim ter nascido meu filho excepcional. Então, afastei-me fisicamente e praticamente da atividade. A realidade é que eu nunca me afastei ideologicamente, mas, daquela batalha de tentar modificar o mundo, de tentar modificar a situação social, disso sim me afastei completamente.

Em verdade, o ponto final para afastar-me do Partido foi quando o Roberto Freire esteve em Curitiba [em 1992]. Ele já estava com aquelas fantasias de fazer um Partido novo, essa bobajada inteira que ele continua fazendo até hoje. Fizeram uma homenagem aqui para ele, eu estava até com o pé quebrado, mas mesmo assim peguei um táxi e fui com muletas e tudo assistir ao Roberto Freire. Quando chegou a vez dele falar, só não fui embora porque estava de muleta. Eu cheguei à conclusão de que o idealismo e o sacrifício não valeram de nada, absolutamente. Então, aquilo foi a gota d'água para eu me afastar definitivamente. As cisões do lado da esquerda, do centro ou da direita são todas iguais. Dou-me bem, dei-me bem com todos eles. A nossa amizade era profunda, e por isso as coisas não chegaram a pesar de forma nenhuma, a não ser [no caso de] novas figuras políticas, gente que se aproximou para poder ser eleito pela sigla.

Na época do racha que criou dois Partidos [em 1962] nós lutávamos muito, tínhamos muitas brigas internas dentro da sociedade judaica porque os nossos líderes, escritores e intelectuais judaicos na União Soviética, começaram a

ser perseguidos violentamente e muitos foram exterminados. Então, aqui, muita gente começou a se afastar em função dos nossos líderes intelectuais judaicos desaparecerem de cena. As revistas que nós recebíamos de lá já não traziam nada sobre eles, ou quando traziam eram ataques violentos. Nós, que os conhecíamos, achávamos que não mereciam isso. Isso já promoveu o racha na comunidade judaica progressista. Quando começou então o movimento de divisão dos Partidos aqui eu já estava longe da idéia, sem me arrepender de nada do que fiz, sem me arrepender do risco de vida.

Dentro da orientação do Partido, naquela época, existia uma linha chamada "internacionalismo". Sonhávamos com o Comunismo no mundo todo, onde não haveria fronteiras nem nada, seria uma coisa só. Muito bonito ideologicamente, intelectualmente lindo, mas, praticamente, um zero à esquerda. Por exemplo: nós tínhamos o setor progressista comunista na comunidade judaica no Brasil e produzíamos um jornal bilíngüe chamado *Nossa Voz*. Esse semanal era publicado em português e judaico, orientado especificamente para o problema judaico. Uma das atitudes básicas que nós tínhamos que ter era combater a proclamação do Estado de Israel, pois dentro da orientação internacionalista do Partido aqui no Brasil e dentro da concepção comunista, a instalação do Estado não deveria ser o objetivo. Instalaria somente um regime de burgueses exploradores. Naquela época eu comecei a debater-me muito, porque afinal eu não era sionista, no sentido de lutar pelo Estado de Israel, mas de repente vi-me em uma posição de inimigo: 90% dos judeus do mundo todo dando dinheiro, sangue e suor para conseguir esse Estado e eu, dentro das diretrizes do Partido, pondo-me contra! Era uma posição política do Partido contra a instalação do Estado de Israel que eu tinha que acatar. E o *Nossa Voz*, jornal com o qual eu cooperava e distribuía por toda a comunidade judia, publicava, um atrás do outro, artigos combatendo violentamente o Estado de Israel. Manifestações essas que acabaram se tornando falsas, levantávamos argumentações falsas para defender nossos pontos de vista.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Um fato de destaque que considero fundamental foi o fim da Guerra e os comícios feitos pela vitória. Os nossos líderes comunistas (como o José [Ro-

drigues] Vieira Netto, que era um tribuno fantástico) pronunciavam discursos fabulosos, que eram aceitos pelas massas. Outro momento importante foi quando partimos para a defesa do casal Rosenberg[3] e nos momentos mais ou menos idênticos a esse, em que nos permitiam aparecer e fazer manifestações. No clube que liderava, por exemplo, nós fazíamos exposições sobre Cuba, que já naquela época era violentamente combatida. Houve também um comício quando o Prestes foi libertado[4], no estádio do Pacaembu, em São Paulo, até onde fomos num ônibus da delegação comunista de Curitiba caindo aos pedaços. Eu sofri longas reprimendas da minha mãe, na época já viúva, que não queria de jeito nenhum que eu me expusesse. Eu já era noivo na época do comício de Luís Carlos Prestes em São Paulo, minha mãe tentou convencer minha noiva a impedir minha ida, pois ela tinha muito medo. Eu falei: – "Mas o comunismo agora é aberto e legal". E ela dizia: "Não quero saber. Aqui no Brasil eles matam a torto e a direito". Já em São Paulo fizemos comícios nos bairros com o doutor João Bier Neto, que era um tribuno fora de série, com Jorge Amado e outros, para levar gente para o estádio do Pacaembu. Lá eu conheci Pablo Neruda, que veio do Chile especialmente para o comício. Esse foi mais um dos fatos relevantes. A minha situação na época me favoreceu, porque não tinha vínculo direto com o Partido, uma vez que não era legalmente filiado. A única coisa que havia é que prendiam as pessoas e chegavam a saber que havia reuniões na casa de um judeu, que era eu, mas ninguém denunciou. Consegui me manter incólume.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

O Integralismo estava bastante organizado aqui em Curitiba. Eles faziam desfiles que o pessoal percorria com os pés no chão, a camisa verde e as saudações hitleristas enquanto Plínio Salgado, da sacada lá em cima, acenava para eles. Quem estava também muito organizado aqui em Curitiba eram os nazistas.

[3] Em julho de 1950, o FBI prendeu o engenheiro elétrico Julius Rosenberg e sua mulher, Ethel Rosenberg, suspeitos de espionagem a favor da União Soviética sobre a bomba atômica. O casal foi condenado à morte e executado em 19 de junho de 1953.

[4] Luís Carlos Prestes foi libertado pelo decreto de anistia aos presos políticos do regime do Estado Novo (1937-1945) assinado a 18 de abril de 1945. Em 15 de julho falou no comício realizado no estádio do Pacaembu em São Paulo a favor das eleições para Presidente e da convocação de uma assembléia constituinte, mas com Getúlio Vargas na Presidência da República.

Quando eu era criança e eles faziam treinamento militar no [bairro do] Bacacheri, tinham até uniforme nazista. Durante a Guerra a organização, que era fechada e escondida, foi descoberta e seu chefe alemão fugiu.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

Eu me lembro da luta pela FEB, quando ela foi enviada à Itália [em 1944]. Procuramos organizar movimentos populares para mandar cigarro, alimentos. Nós participávamos dos movimentos, mas não os capitaneávamos. Dizer que existiram bandeiras que defenderam coisas especificas, não. Nós vivíamos a reboque, a verdade é essa.

Na sociedade judia, a bandeira internacionalista que defendia a União Soviética era o Estado de Israel. Não era um problema a discussão sobre se a orientação que nos davam era certa ou não. Eles diziam, estava dito e acabou. Era a "Bíblia Sagrada". Na sociedade civil sim, nós participávamos e capitaneávamos muitos movimentos, geralmente os internacionais. Mas problemas daqui, como o saneamento ou a questão do petróleo, não. Os problemas que combatíamos eram vindos de fora. Uma luta que pode ser considerada uma bandeira do Partido, por ter sido um trabalho belíssimo e bem feito, foi o combate ao Integralismo. Na época do Vargas, esse regime começou a se instalar no Brasil inteiro, inclusive aqui em Curitiba. Então, nós, as forças progressistas, comunistas e outras, partimos para luta nacional.

Sobre o levante do Sudoeste a única coisa que eu sei é que eu dava cobertura ao Capitão Siqueira, que foi assassinado aqui em Curitiba, para o Mendonça e para mais alguns. Eu ajudava no que podia, dentro das minhas limitações. Mas conhecimento do fato em si não tive, pois não participei.

Aconteceu uma coisa muito curiosa depois que me afastei do PCB: o mentor da repressão anticomunista aqui em Curitiba era um Coronel, que foi o Secretário de Educação do governo Haroldo León Peres[5], mas cujo nome não me recordo. Por uma coincidência, o carniceiro do Exército, que vivia torturando os meus companheiros para saber quem era o judeu dono da casa em que se faziam

[5] Foi governador do Paraná entre 15 de março a 23 de novembro de 1971. Renunciou após um escândalo de corrupção.

as reuniões [do Partido], tinha um filho excepcional. Por isso começou a freqüentar as APAEs e, finalmente, me conheceu. Então, quando começou na Secretaria da Educação, ele me escolheu como braço-direito do problema do excepcional do Paraná. Eu instalava os congressos, conseguia verbas e dirigia as APAEs com ele. As companhias comunistas diziam: "Como é que você consegue trabalhar com ele?" E eu dizia: – "Vejam bem, eu não estou trabalhando com ele, ele é o Secretário da Educação, eu cuido das APAEs. Eu não posso tocar ele para fora e dizer: 'eu sou o judeu que você está procurando'". Foi uma coincidência, mas o que eu podia fazer? APAE é APAE, comunista é comunista. Eu não misturava as coisas.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB e o golpe de Estado de 1964.

O que aconteceu no golpe de 1964 é que a parcela que dirigia o Partido, aqui em Curitiba e no interior, praticamente desapareceu da noite para o dia. E nós, os soldados propriamente ditos, tivemos que começar a tomar atitudes e atividades para ajudar os companheiros que estavam em risco de vida. Na época eu estava ainda muito envolvido e fiz de tudo o que era possível para contribuir com o pouco que pude ajudar. Ajudei com remédios, ajudei com atendimentos ao pessoal nas penitenciárias, na medida do possível, ajudei levando companheiros fugitivos dentro do meu carro até a divisa com São Paulo, onde os deixava na mão de outras pessoas para já serem levados para frente.

O rádio transmissor e receptor do Major Siqueira veio parar em minhas mãos, certa vez. O pessoal estava apavorado de medo que fosse descoberto. Eu guardei-o no meu estabelecimento durante anos, até que o doaram. Demos fim também na motocicleta de um dos cobradores do Partido. Então, eu e outros companheiros éramos os "soldados rasos", fazíamos trabalho de amparo e auxílio aos que estavam sendo violentamente cassados pelas forças da repressão. Tudo o que esteve ao nosso alcance nós fizemos, para amenizar. Não havia nenhuma ação organizada de proteção aos perseguidos, nem mesmo verticalizada. À medida que as coisas apareciam, íamos fazendo. O dinheiro sim eu tentava arranjar habitualmente, todos os dias, a fim de comprar alimentos e mandar para a penitenciária, principalmente. Quando veio o Exército me procurar aqui em

casa, por uma felicidade danada eu tinha viajado para São Paulo meia hora antes. Depois eles continuaram a me procurar, mas eu fiquei incólume.

Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

Entre 1945 e 1970 era comum de repente vir um sujeito e dizer: – "Eu fui designado pelo Comitê para ser Secretário de vocês". Dali a pouco vinha outro e dizia: – "Eu fui designado pelo Comitê para ficar no lugar de fulano". Um deles foi o Agliberto [Vieira de Azevedo], grande companheiro! Depois ele ficou do outro lado, com o Prestes, e veio para cá convencer-nos a aderir ao campo do Prestes. Eu lembro que disse que nunca sequer saímos do campo do Prestes. Ele é que saiu do Partido e por isso queria vê-lo acabar. Foi uma confusão que eu não consegui entender. Brigas e picuinhas sem pé nem cabeça, que não levavam a nada. E nem o Partido era uma força tão grande que tivesse que ter essa série de coisas.

Como era a organização do PCB?

Meus contatos mais significativos dentro do Partido eram com o [Jorge] Karam, menos com o Vieira Netto, com quem mantinha uma relação mais subjetiva. Eu seguia pistas dele, pois o admirava muito. Havia também o [Nelson Torres] Galvão e um cidadão gaúcho que morou muitos anos aqui, o Simão [Iteimbreich] Nikolaievski, já falecido. Ele tinha muito entrosamento com o Prestes e com toda a direção, e era o elemento de ligação de mais atividade entre nós e o Partido. Uma pessoa que, assim como eu, trabalhava muito com o setor de finanças era o doutor Jorge Karam, que era o tipo de pessoa que eu não sei se vai nascer outra igual em algum tempo, era fora de série e muito respeitado. E era para ele que eu entregava tudo que eu arrecadava, pois ele era o Tesoureiro do Partido. Como algumas pessoas de profissões liberais, pessoas de alto nível, ele sacrificava sua vida pelo Partido. O Jorge Karam poderia ter sido um milionário se tivesse ficado na dele, mas com o Partido ele descalçava inclusive na atividade profissional.

Tive muito contato com o Espedito [Oliveira da Rocha], pois quando ele começou o trabalho de sindicalista fazíamos muitas reuniões juntos na Sociedade Judaica. Minha ligação com ele foi sempre baseada na amizade profunda que existe até hoje, e na admiração que reservo por ele. Gente como o Espedito merece estátuas: vindo do analfabetismo, do zero à esquerda e se tornar um intelectual? Hoje, para se discutir com ele, precisa ter nível.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

Quanto à questão financeira, eu recebia o dinheiro ou donativo que o Partido mandava cobrar e pronto. A aplicação do dinheiro, o que faziam com ele não era nada comigo. Esse setor era bem organizado e necessário, pois tinha que ter o dinheiro para o jornal, para movimentação, para viagens, instalar núcleos no Norte do Paraná, que estava começando a se desenvolver violentamente, entre outros gastos.

O Partido aqui no Paraná tinha um jornal que funcionava regularmente, que era a *Tribuna do Povo,* que como tudo que era comunista naquela época, era chato como o diabo. O jornal só publicava resoluções, e aquelas de conteúdo marxista, quer dizer, não era vibrante, nem objetivo. Eu não me lembro bem, eu não lia, eu não gostava dele, pois o sectarismo era muito violento. Era também um informativo sobre quem estava na direção e essas coisas. Havia artigos, às vezes, que explicavam certas coisas, em relação às potências da Europa, por exemplo. Daí a coisa era boa. Ruim era quando começava a explicar as teorias. [Assumia um tom] sectário que era [o tom] da maioria dos artigos do jornal. O jornal era o que todos os jornais comunistas eram: trazia aqueles pontos de vista já conhecidos, era cópia, não havia isenção nenhuma, era fac-símile de tudo que se fazia no mundo. Mas trabalhava-se intensamente nisso. Havia uma estrutura pequena, mas funcionava bem. Para se discutir com as bases, por exemplo, tínhamos que ir para a reunião em automóveis pré-determinados e com olhos vendados, para não denunciar onde era o "aparelho". Havia uma série de cuidados. [...]

Não conseguimos grandes sucessos como Partido, nem como ideologia, e tanto menos grandes sucessos práticos. Mas os homens que lutaram todos

esses anos, como eu inclusive, sacrificando não só a vida particular, como a vida comercial, são homens que já não existem mais. São homens de outro gabarito os comunistas daquela época. E os que existem e estão vivos até hoje tiveram um gabarito moral, intelectual e uma alta formação. Por exemplo, o Espedito [Oliveira da Rocha] era um ignorante de pai e mãe. A gente tinha até medo de chegar perto dele, pois vinha sempre sujo de cal do trabalho. No entanto, ele é um intelectual. Todos nós, mais ou menos como o Espedito, viemos do nada, nos formamos por conta própria, somos autodidatas, e chegamos a um ponto moral de solidariedade humana que não se encontra em outros lugares. Esses remanescentes são de tirar o chapéu pela sua alta condição humana. Tenho críticas a fazer sobre centenas de coisas que aconteceram, mas tenho um enaltecimento fantástico por ter sido premiado com a amizade dessa gente que atingiu alturas que poucos homens atingem. Porque todos eles lutaram contra o desfavor total da sociedade e da autoridade. Desfavor também das condições sócio-econômicas, sempre dentro de uma competência moral que pouca gente hoje em dia tem. O que de mais brilhante apareceu em tudo isso foi a formação de todos os comunistas, como eles eram. O Mendonça, por exemplo, que mora em Mato Grosso, ele até hoje não sabe escrever direito, quando me manda um cartão eu imediatamente identifico. Mas quando falo com ele, tenho um respeito imenso pela altura mental e moral que um indivíduo desses, que veio do zero, atingiu.

Depoimento 8:

o mito do ouro de Moscou

Nelson Torres Galvão

NELSON TORRES GALVÃO nasceu em Ourinhos (São Paulo) em 24 de janeiro de 1923. Filho de Jorge Torres Galvão e Maria Amélia de Souza Galvão, formou-se em Economia e foi administrador de empresas. Militante do Partido desde 1945, foi Secretário de Organização, Tesoureiro e Secretário Político do Comitê Regional Norte, em Londrina. Faleceu em Curitiba em 8 de outubro de 2004. Entrevista realizada em 19 e 20 de julho de 2002.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Minha trajetória política começou quando eu era jovem e trabalhava na estrada de ferro em Sorocaba (SP). Tive algum contato com um militante do Partido Comunista, que na época era um partido fechado. Tive alguns contatos também com o Sindicato dos Ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana, na época fechado também. Eu morei em Sorocaba de 1937 a 1943. Meu pai foi ferroviário, telegrafista, assim como meu avô. Eu fui também trabalhar na Estrada de Ferro Sorocabana. Eu fui de Ourinhos para Sorocaba para estudar à noite, fiz o curso comercial preparatório para o concurso, entrei para o Banco do Brasil e saí de Sorocaba.

Nesse período de Sorocaba eu morava na casa de um primo do meu pai, que era funcionário da Sorocabana, militante do antigo Partido Comunista no

estado de São Paulo durante a ilegalidade anterior a 1945[1]. A escola do comércio, onde eu estudava, certa vez resolveu fazer uma comemoração pelo Primeiro de Maio. Eu perguntei ao meu primo o que era o tal Primeiro de Maio e ele me trouxe um [exemplar do] jornal *A Classe Operária* antigo[2]. Li aquelas coisas e preparei meu discurso e falei lá na escola. No dia seguinte a freira me chamou e perguntou onde eu tinha visto aquilo. Fiquei meio cismado: "Foi meu primo que me contou". Não falei muito em jornal. Ela me disse: – "Você tome cuidado, isso tem um aspecto político muito perigoso". Depois disso, meu primo me convidou para uma reunião do Sindicato dos Ferroviários da Sorocabana, no tempo da ilegalidade. Estava quase no fim da Guerra quando fui à tal reunião e conheci uma porção de gente. Ali veio a minha iniciação política.

Depois, a serviço do Banco do Brasil fui para São Paulo, onde me liguei de novo ao Sindicato dos Bancários, que não era ilegal, mas estava sob intervenção, o que não o deixava funcionar. Participei de alguns comícios na Praça da Sé quando ela ainda era uma praça limpa, não tinha os problemas que tem hoje. Ali não tive ligações com o Partido Comunista, com o pessoal que lutava pela democratização do país.

De São Paulo voltei para Curitiba, para terminar a faculdade – meu pai tinha se transferido de Ourinhos e consegui uma transferência para o Banco do Brasil de Curitiba. Meu primeiro contato aqui no Paraná foi com o pessoal da esquerda do Banco do Brasil, com o Nilo [Isidoro] Biazetto. A gente tinha também algum contato no Banco do Estado [do Paraná]. Ele participou de uma célula do [bairro] Bigorilho, na Rua Saldanha Marinho. Lá que eu o conheci. Ficamos muito amigos. As células de bairro nunca foram grandes, mas funcionavam com reuniões de dez ou doze pessoas. Sempre o mesmo pessoal, muitos deles jovens, embora houvesse as células universitárias. Cada curso tinha uma célula: Engenharia, Medicina, e assim por diante.

---

[1] Após a revolta armada conhecida pejorativamente como "Intentona Comunista", que eclodiu a 23 de novembro de 1935 em Natal (RN) e foi controlada, alguns dias depois, o movimento comunista foi alvo de grande repressão. Durante o ano de 1936 foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo e o atestado de ideologia passou a ser requerido a todos que exercessem cargos públicos e cargos sindicais. Com a queda do Estado Novo em 1945 o PCB voltou à legalidade. Sobre o levante comunista ver, entre outros, o Manifesto de Natal (24 novembro de 1935). Cf. BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto. (Orgs.). *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília: Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996. v. 5. Uma análise do processo pode ser lida em: MORAES, João Quartim de. *A esquerda militar no Brasil:* da coluna à comuna. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 159-166.

[2] Jornal publicado no Rio de Janeiro a partir de maio 1925. Criado a partir da decisão do II Congresso, foi o órgão oficial do Partido até 1952. Cf. CLASSE OPERÁRIA, A. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro governo Vargas (1930-1945), o Levante Comunista (1935), o Estado Novo (1937-1945), o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esse período?

Na fase da ditadura do Getúlio eu era muito jovem, não acompanhei. Eu acompanhei mesmo o PCB a partir de 1945, a partir da primeira legalidade. Em 1964 creio que o Partido ilusoriamente pensou ter força demais. Quinze dias antes do golpe, Luís Carlos Prestes fez uma visita a Curitiba e jantou na minha casa com uma porção de autoridades: dois secretários de Estado e outros tantos deputados de outros partidos. Às vezes Luís Carlos Prestes se hospedava comigo, às vezes não. Almoçava com a gente. Na véspera do jantar a gente ficou conversando e eu lhe perguntei quais eram as perspectivas, porque os jornais já noticiavam a preparação da Intentona, estava no ar para o Exército se levantar. Ele me disse: – "Ah, companheiro! Antes do fim do ano a gente vai ter grandes soluções, grandes acontecimentos". Quinze dias depois estava todo mundo em cana. [Prestes] estava confiando nas Forças Armadas, no Presidente da República... Quando na verdade as forças de direita eram muito poderosas, são sempre muito poderosas. Nesse período eu já estava no processo de retaguarda, não participava mais das reuniões.

Como foi sua trajetória política no período 1945-1964?

Com o fim da Guerra, em 1945, o ditador Getúlio Vargas, que vinha desde a Revolução de 1930, foi deposto e veio a liberação dos partidos. O Partido Comunista tornou-se legal rapidamente, e quando anunciou que seríamos instalados no Paraná procuramos o CNOP – Comitê Nacional de Reorganização Provisória[3], que era dirigido por um senhor já falecido, cujo nome não me recordo agora. Nesse final de Guerra houve uma certa liberação de presos políticos e o CNOP destacou elementos locais para fazer uma organização regional dos principais estados da época. Eu participei das primeiras reuniões oficiais, assinei ata de fundação e tive um cargo na Direção Estadual no Paraná.

[3] Na primeira metade da década de 1940 o Comitê Central do PCB foi desarticulado. O Partido teve suas principais lideranças presas e sua estrutura desmantelada, o que propiciou por outro lado a organização de comitês regionais com linhas de atuação independentes. No Rio de Janeiro havia sido formada a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) dirigida por Amaurílio Vasconcelos e Maurício Grabois e ligada a Luís Carlos Prestes.

No começo de 1946 houve uma movimentação nacional dos bancários, que foi a primeira greve nacional desse setor. Fomos adicionados ao movimento por um dirigente do Partido e funcionário do Banco do Brasil, onde eu também trabalhava, que veio a Curitiba. Para acionarmos a greve fechamos os bancos todos, na época, durante quinze dias. Logo em seguida o Banco do Brasil me transferiu para Londrina, em parte como punição pelas atividades políticas que estava tendo, onde assumi o Comitê Regional como Secretário Político. Fiquei na cidade durante dois anos – a atividade política era pesada na época em que Londrina não tinha luz elétrica. Havia uma concessão, uma concessionária que tinha uns "tomatezinhos" pendurados. Em uma ocasião, depois de um comício, não conseguimos segurar o povo, derrubaram os postes a machado, atearam fogo e no dia seguinte eu estava em cana. Fiquei três dias e me soltaram. Como era do Banco do Brasil eu era, de certa forma, respeitado. Nas eleições fui candidato a deputado estadual. Quando foi eleito o [José Rodrigues] Vieira Netto [em 1947] eu fui segundo suplente[4]. O primeiro suplente não pôde assumir por alguma razão e eu fui convocado. Vim para Curitiba assumir, mas nesse ínterim o Partido Comunista foi fechado[5]. Em 1948 fui chefe do PCB em Londrina, trabalhei no Banco do Brasil e participei da Comissão Pró-Imprensa Popular, que foi a responsável pela fundação do jornal, *Tribuna do Povo*.

Nesse período houve também a resistência de Porecatu, região limítrofe com São Paulo, na margem esquerda do rio Paranapanema. Nos anos 1920, quando a Estrada de Ferro Sorocabana foi construída, toda a massa operária, que era muito grande – naquela época trabalhava-se com carrocinha, com burro, não havia trator, absolutamente nada disso – ia sendo despedida, sem lei social, e acabava ficando na região, formando família. Muita gente atravessou o rio, e nas terras do Paraná, terras roxas, se instalaram, criaram família, formaram pequenas fazendas, plantaram café.

No governo do [Moysés] Lupion[6] as terras que eram consideradas devolutas de toda a região entre Londrina e Porecatu, Bela Vista do Paraíso, São Miguel do Ivaí, começaram a ser tituladas. No entanto, quando o titular chegava à sua fatia, encontrava as terras ocupadas. O governo, então, deu à polícia o encargo da desocupação. Mas como o pessoal começou a resistir, o Partido se aliou a

[4] Nelson Galvão fez 289 votos e tornou-se o terceiro suplente do PCB na Assembléia Legislativa. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 122. Tabela 110.

[5] O registro do PCB foi cancelado em 7 de maio de 1947.

[6] Moysés Lupion foi governador do estado do Paraná entre 1947-1951 e entre 1956-1961.

eles. Nós tínhamos Comitê em Porecatu, o PCB era muito organizado. Eu dava assistência pessoal nessa época, o Manoel Jacinto Corrêa, já falecido, era militante do Partido e foi para o campo atender e organizar o pessoal. Ele dirigia também a resistência armada. Nessa época o João Saldanha, jornalista, que foi do futebol, era militante do Partido e dava assistência na região. Hospedava-se na minha casa em Londrina e fazia transferência de equipamentos de São Paulo para Porecatu. Esteve conosco, simultaneamente, o Gregório Bezerra, que começou na região a resistência. Depois eu o recebi baleado no braço esquerdo, em Curitiba. Foi atendido na minha casa, pelos médicos ligados ao Partido.

Em 1948, o Banco do Brasil me transferiu de volta, pois o circo estava armado. Vim preso de trem no mês de julho. Um dia e uma noite de viagem. Viemos eu e meus companheiros e, já em Curitiba, dormimos no chão na delegacia do DOPS, na Rua Barão do Rio Branco. Nesse entrementes Tânia, minha filha, já havia nascido e estava com um ano de idade. Em 1954 me mandaram um pacote de jornais mal-embrulhados, a embalagem arrebentou e o representante da VASP chamou a polícia. Foi uma noite em cana. Na outra vez dormi uma semana.

Depois, então, eu voltei para o Comitê Estadual e dei muita assistência em Santa Catarina: Florianópolis, Criciúma, toda a região mineira de Santa Catarina, para onde se ia de trem naquela época.

Nunca tive uma militância ostensiva, uma vez que sempre fui um elemento de apoio do Partido. No período legal [1945-1947] eu tive uma atuação aberta e franca. Na ilegalidade não me expus, mas mantive constância no que se refere ao apoio ao PCB, como ajuda na transferência de pessoal quando eram liberados, por exemplo. Durante a ilegalidade as reuniões eram feitas em lugares escolhidos com mais cautela, menos visados, geralmente em lugares chamados de "aparelhos", a que os militantes iam sem saber exatamente onde estavam.

Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

Eu só tomei conhecimento da existência do Partido em 1945, portanto desconheço a data de sua fundação. Sei que seu primeiro "Secretário Geral" foi

o Walfrido Soares de Oliveira, que era o delegado do CNOP – Comitê Nacional de Organização Provisória – no Paraná. O Walfrido foi também o delegado do Paraná para a Conferência da Mantiqueira[7] em 1943, na qual a orientação foi a formação de comissões provisórias nos estados. Mas, enfim, dessa fase eu não participei, pois eu morava no estado de São Paulo. Alguns outros que participaram comigo do Comitê foram o Vieira Netto, o Walfrido Previde, o [Joaquim Rodrigues] Mochel, que foi Secretário Político da Regional Sul, o Jorge Karam e o Espedito [Oliveira Rocha], que veio bem depois. [No período] da ilegalidade o Paraná sempre foi orientado por militantes vindos de fora.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

Os movimentos de excelência, sob o olhar do Partido, eram as atividades reivindicatórias salariais, de necessidades de bairros e semelhantes. Trabalhávamos muito nessas linhas, os sindicatos tornaram-se legais na época. Na fase de ilegalidade eu não participei da militância de base. Quando fechou o Partido em maio de 1947, a gente continuou mantendo aquelas células, aquelas bases que tinham, mas com reivindicações de bairro: água, luz – telefone nem se falava nessa época –, arruamentos. Enfim, questões locais. [...]

A estrutura do diretório do Partido era: Secretário Político, de Organização, de Finanças, Agitação e Propaganda, Sindical. Essa organização que tivemos aqui era o Comitê Estadual. Em Curitiba [era] representado pelo Mochel, inicialmente. O Chaim Israel Jugend, da Relojoaria [Progresso], e seus colegas conseguiram organizar um núcleo judeu do Partido. Havia um número muito grande de militantes de origem judia, de famílias russas ou polonesas que vieram para cá. Eram muitos os polacos, os Paciornik, por exemplo. Havia uma Paciornik com uma militância muito intensa, ela e uma irmã, que morreu moça. E os estudantes oriundos da Polônia eram muito chegados. Mimi [Durvalina] Batista era minha sogra, militante também. Em 1964 eu fui preso aqui, e ela em São Paulo. Ela

[7] Trata-se da II Conferência Nacional do PCB realizada entre 28 e 30 de agosto de 1943 em Engenheiro Passos, no município de Resende (RJ). Nessa conferência foram aprovadas as resoluções que serviriam de orientação ao partido no período de 1945 a 1947.

tinha muita atuação. Uma atuação mais ostensiva. Era mais um trabalho aberto, ela hospedou os filhos do Prestes, em uma época em que o pau quebrou lá por São Paulo, depois da "Revolução de 64". Jacob Schmidt é do meu tempo, foi da direção municipal. Nesse meu período de militância no PCB, de 1945 a 1970, militavam ainda Aristides [Oliveira] Vinholes, que não sei se foi da fundação, acho que, na verdade, veio do Rio Grande [do Sul] um pouco depois do Partido ser legalizado aqui no Paraná. Aparecido Moralejo não era dessa primeira fase do Partido aqui. Era lá do Norte. Flávio Ribeiro sim, era da primeira fase. Havia um outro advogado, com muita militância também nessa fase da fundação aqui em Curitiba. Ele foi fundador, instalou o Comitê de Londrina, no Norte, quando nós instalamos o Comitê aqui no Sul. Era de Jataizinho, mas não lembro seu nome. Francisco Batista era meu sogro. O casal atuava, embora meu sogro nunca tenha sido militante filiado. Ele não aceitava muito a linha do Partido, mas a minha sogra sim. Milton Ribeiro Menezes foi fundador do Partido junto com Newton Câmara lá em Londrina, e foi prefeito posteriormente. Maria Olímpia Carneiro foi vereadora aqui em Curitiba. Ela fazia parte da célula do Juvevê onde morava, ali perto do campo do Coritiba Football Club. O Mochel veio nessa época para cá como estudante. Orlando Ceccon também foi um dos fundadores do Partido. Dono da gráfica Lítero-Técnica onde se rodava o jornal e militante. Havia o Nilo Previde, o pintor. Jorge Karam, que foi o responsável pelas finanças do Partido, médico. Eduardo Rocha Virmond no tempo de estudante foi militante em Curitiba. Aldo Moacir Machado foi juiz em Londrina, e cassado em 1964. Nilo Biazetto era do Banco do Estado. Havia o "vovô Manfredini", um militante cuja casa funcionava como a base do [Partido no] Bigorrilho. Aliás, alugamos uma sala do lado. Ele deixou uma saudade muito grande, porque tinha uma visão muito grande das coisas que a gente não conseguia conceber na época. Houve um dia em que nós tivemos que tomar uma posição e ele disse: – "Não se apresse, não se afobe muito com posições, nesse caso muito esquerdistas, porque você ainda vai ver governos com rei e governo socialista sob a direção de Presidente da República não eleito". E eu não conseguia aceitar isso. Era inconcebível. Mas você viu na Espanha um rei e um governo socialista comandando o país.

Na eleição de 1947 a gente teve vereadores em várias cidades do estado. Em função do final da Guerra, com aquela força da União Soviética, a posição dela na Guerra, vitoriosa, como foi em Berlim. Então o Partido foi relativamente poderoso na época, chegou a ter 10% ou mais do eleitorado, elegendo em sete

cidades – Campinas, Sorocaba, Santos –, a maioria de vereadores do PCB. Curitiba teve também dois vereadores, Londrina teve um vereador, que foi o Manuel Jacinto. Foi uma fase de muita influência do Partido Comunista. Mas sempre foi um partido fechado, em função da ilegalidade, que lançava manifestos de vez em quando: o problema agrário sempre latente, abertura democrática, porque dentro de uma democracia não tinha sentido um Partido Comunista fechado.

De 1960 e pouco para cá eu já não tive atuação, e os quadros já eram poucos. O Partido recrutava com cuidado e precisava ter cautela mesmo porque volta e meia entrava um tira lá. Na legalidade em 1945 houve um caso assim, um japonesinho que freqüentava uma célula, em 1945 ou 1947.

Em 1947 eu me afastei daqui, fui para Londrina, voltei em 1949 já com o Partido na ilegalidade. Na ilegalidade os contatos que você tinha eram muito reduzidos, eram limitados ao seu grupo de trabalho, àquela célula. Então você não sabia muito. Além do Secretário Político, que dava assistência à sua base, à sua célula, você não conhecia os demais. Só ia a uma conferência – mas então ia um delegado de cada base, sempre trabalhando com codinome. O meu era "Antônio".

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Até 1962, 1964 não havia outros setores que disputavam a hegemonia da esquerda com o Partido. Havia os chamados trotskistas, que eram os que não seguiam a orientação que vinha do Comitê Central sem muita discussão. Os integralistas se movimentavam muito. Chegaram a ter alguma força com a eleição do Plínio Salgado[8]. Ele veio aqui no final da Guerra fazer um comício ali na [Rua] João Pessoa[9], e na saída deu um quebra-quebra, o povo quebrou tudo. Ele era considerado nazista.

Quando o Getúlio formou o PTB, logo depois de ter sido deposto, após ter formado o PTB ele foi eleito Presidente da República pelo mesmo Partido [em 1950]. Não era de confronto com a linha do Partido Comunista, dava-se bem

[8] Plínio Salgado foi eleito deputado federal pelo Paraná, na sigla do PRP, em 1958. Teve 50.628 votos. Cf. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, s.c.p., 1989, p. 113, Tabela 103.

[9] Durante sua campanha à presidência da República, em 1955.

com ele, embora se considerassem de esquerda na época. O pessoal de 1945 também formou o Partido Socialista Brasileiro (PSB), em uma dissidência que houve. Mas não elegia ninguém, não tinha atuação nos sindicatos. Não tinha força.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

Houve a campanha em que o Partido levantou uma bandeira muito forte que foi a luta pela paz, porque havia, no final da Guerra, uma tendência de confronto muito séria das forças ocidentais com a União Soviética. Houve, também, a campanha do "Petróleo é nosso". Quanto a bandeiras regionais, posso citar a reforma agrária, e a Força e Luz. A questão da terra se iniciou no Norte, na região de Porecatu[10]. O [conflito no] Sudoeste[11] foi alguns anos depois, em 1957.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

Existia uma influência muito grande do Partido nacional no Paraná, especialmente no que diz respeito às bandeiras que o pessoal do Partido levantava, como a do "Petróleo é nosso", que envolveu uma camada muito grande de intelectuais, e a Campanha pela Paz, também muito forte. O Partido tinha também forte ligação com a questão internacional, com a questão da ditadura do proletariado. Hoje nós sabemos o que ocorreu na União Soviética. Ditadura é sempre ditadura, não importa a origem que ela tenha, ela apodrece no tempo. A ditadura soviética agüentou uma guerra, perdeu trinta ou quarenta milhões de homens, venceu uma guerra, mas não se manteve na paz por ser ditadura. Então hoje a gente sente aquilo que o velho [Júlio] Manfredini dizia, que o socialismo teria um caminho aberto.

---

[10] Os conflitos de Porecatu ocorreram no Norte do Paraná em 1950 e 1951. Embora fosse um fenômeno mais isolado e com menor repercussão social e política, era semelhante às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do país com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

[11] Revolta ocorrida em 1957, tendo como motivo principal a luta pela posse da terra. Francisco Beltrão foi a localidade em que se realizou a maior mobilização de colonos seguindo-se os municípios de Pato Branco, Santo Antônio e Capanema. O movimento decorreu do antagonismo entre os interesses de posseiros e de pequenos proprietários rurais e os interesses especulativos de diversas companhias de colonização ou de terras.

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

Nessa época, em 1947, o Partido elegeu o Vieira Netto deputado. Eu fui suplente dele, como eu já mencionei. Além do Vieira, o Partido elegeu dois vereadores – Manuel Jacinto, vereador em Londrina, e a Maria Olímpia Carneiro, em Curitiba. Eu fui candidato por Londrina a deputado estadual. É possível que houvesse uma necessidade de suplência na época. Isso é muito vago. Por exemplo, quando o Vieira Netto saiu e eu fui acionado para assumir: cheguei a vir para Curitiba, mas durante minha viagem o Partido foi fechado, o pau começou a quebrar na Assembléia. O Vieira não se licenciou e eu não assumi.

Como era a organização do PCB no estado?

Dentro do Partido havia uma direção estadual e outras duas regionais. Eu fui, em uma certa época, Tesoureiro do Comitê Estadual. Participava das reuniões nacionais onde conheci toda aquela direção antiga do "Partidão", onde conheci pessoalmente o Prestes. E havia ainda as regionais, que eram a do Norte e a do Sul.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

Dei muita assistência [ao Partido] em Paranaguá. O Partido estava organizado, também, em Ponta Grossa, Londrina, Jataizinho, Maringá, Cambé, Rolândia, Arapongas. Aqui no Sul em Paranaguá, Antonina e Morretes. [...]

[Mautílio] Muraro foi assistente aqui no Paraná. Adão, que era estivador, foi vereador e suplente [de candidato] a deputado estadual. Em Paranaguá, havia o Manoel Leandro da Costa Júnior, também estivador. Ângelo [Maria] Patitucci era ferroviário. Em Bandeirantes, havia José Maria Contador, em Cornélio Procópio, Júlio Lemos. Em Apucarana, Lázaro Góes Ribeiro. Em Porecatu, Miguel Garcia. Em Jaguapitã, Ângelo Cajatore e em Jataizinho era Mário Urias de Melo.

O senhor se lembra de qual era a composição dos diretórios regionais quando o senhor fazia parte deles? E os que o sucederam?

Na direção geral do diretório regional estava o Walfrido Previde. Um dos dirigentes foi Dário Prinz, que foi preso com Graciliano Ramos. É citado em um dos livros do Graciliano, *Memórias do cárcere*. O Walfrido Soares de Oliveira parece que ficou dois ou três anos só na direção política, era um dos militantes da época. Parece que foi sucedido por Vieira Netto e posteriormente pelo Mochel, Joaquim Rodrigues Mochel. Depois do Mochel veio o Agliberto [Vieira de Azevedo], que ficou uns dez anos. Morou comigo. Quando o Vieira Netto assumiu como deputado quem assumiu [a direção] foi o Mochel, não o Agliberto. Não sei se o cargo dele era de Secretário Político na época, mas era o representante do Comitê Central. Antes do Agliberto veio o [Mautílio] Muraro, o "cabelo de fogo". Ele foi deputado por São Paulo muito jovem, durante uns dois anos[12]. Depois veio para cá. Izaurino [Gomes] Patriota, meu cunhado, teve militância na época, no jornal, era estudante de advocacia, fazia parte do Comitê Municipal.

Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

A atividade sindical aqui era muito fraca, fraquíssima. Em Curitiba, o Sindicato dos Bancários era praticamente o único sindicato. Havia os irmãos Batista, dois irmãos que foram fundadores do Sindicato dos Ferroviários. No porto de Paranaguá, a direção era muito chegada ao Partido. O PCB sempre teve muita influência na área da estiva, mas eu não tive atuação com eles. Quanto às entidades estudantis, [no curso de] Engenharia era muito forte. Agronomia e Direito também. Havia as células de base, que eram as células de bairros, em Curitiba, pois havia poucas fábricas. Havia células na fábrica de fósforos Pinheiros, parece-me. Havia uma na [fábrica] Müeller & Irmãos.

[12] Como já foi mencionado, Mautílio Muraro, eleito pelo PCB à Assembléia Legislativa de São Paulo em 1947 com 10.041 votos. Cf. CALIMAN, Auro Augusto (Coord.). São Paulo (ESTADO). Assembléia Legislativa. *Legislativo Paulista:* Parlamentares, 1835-1998. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998. p. 139.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

A gente tinha um quadro de militância que pagava mensalidade, havia os deputados que pagavam uma parte do que recebiam, como o PT ainda faz hoje. Havia as contribuições do pessoal que não era militante, mas era "socializante", de um caminho socialista e dava um certo apoio ao PCB. Com esses recursos a gente tocava a imprensa e mantinha os assessores que chamávamos de "desligados da produção" – profissionais do Partido, como hoje o PSDB[13] tem os seus funcionários. Lá na sede [do Comitê Estadual do PCB] nós tínhamos os "desligados da produção". Não havia condições de ter muitas pessoas. Normalmente um assistente nacional, que na legalidade era quem tocava o Partido, e às vezes um jornalista ou outro.

As finanças do Partido eram baseadas nas arrecadações que fazíamos de pessoas próximas a nós, com quem discutíamos a situação do momento, o que o Partido estava fazendo. Mas nessa área não se cita nomes. Não havia ouro de Moscou, nem [financiamento] nacional. Nós baseávamos [a arrecadação] no contato pessoal.

[13] Partido da Social Democracia Brasileira, partido político de âmbito nacional criado em junho de 1988.

Depoimento 9:

o "cara do jornal"

Hugo Mendonça Sant'ana

HUGO MENDONÇA SANT'ANA nasceu em Canoinhas (Santa Catarina) em 25 de março de 1936. Filho de Antônio Bernardo Sant'ana e Cidália Mendonça Sant'ana, militou no Partido Comunista Brasileiro de 1954 a 1959. Jornalista, foi Secretário de Agitação e Propaganda. Era considerado "desligado da produção". Entrevista realizada em 9 e 17 de outubro de 2002.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

Meu pai nasceu em Portugal e veio guri para o Brasil em 1926 ou 1927, de navio, como tantos outros portugueses. Quando eu era pequeno, sei que ele teve um envolvimento com o Partido em Vitória (ES). Minha mãe era de Florianópolis, foi ser professora em Canoinhas (SC), onde conheceu meu pai. Ele estava fugindo da polícia política de Vitória, era o único comunista de Canoinhas. Na verdade era meio anarquista. Nunca teve contato com um núcleo, com uma célula.

Eu não tive uma trajetória política até entrar no PCB, a não ser em Florianópolis. No ano de 1952, quando eu morava em Canoinhas e fui para Florianópolis, fiz o primeiro [ano do curso] científico[1] e tive contato com o doutor José do Patrocínio Galotti, com quem participei do movimento "O Petróleo é

[1] Atual ensino médio, com ênfase em Ciências Exatas.

Nosso". No início de 1953 eu vim para Curitiba. No primeiro ano não tive participação política – eu estudava e trabalhava – mas, logo no início de 1954, fiz os primeiros contatos com o pessoal do Partido. Iniciei a militância trabalhando no semanário *Tribuna do Povo*, que era o órgão oficial do Partido no Paraná. Eu era muito jovem, tinha 18 anos. Em função desse trabalho no jornal eu militava numa base de quadros e intelectuais no Centro de Curitiba. Logo fui promovido à condição (parece-me que na hierarquia era o terceiro homem) de Secretário de Agitação e Propaganda. Pelo que me lembro, essa estrutura era a estadual, mas as ramificações eram muito reduzidas.

Nesse cargo de Secretário de Agitação e Propaganda fiquei praticamente todo o tempo em que militei, uns três anos e pouco. Creio que o meu primeiro contato aqui em Curitiba foi com o Odílio [Cunha Malheiros Jr.] ou o Hermógenes [Lazier], já naquele embalo da campanha do petróleo, embora ela já estivesse no final. Eu não sei precisar os detalhes, mas uma das pessoas de quem me aproximei foi o Wilson Previde. Até cheguei a morar na casa dele.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Estive fora de todas as crises internas do Partido. Acompanhei o racha que sucedeu em função da queda [*sic*] do Stálin como outro cidadão qualquer. No entanto, como antigo militante, achei que era um absurdo aquela divisão [de 1962 em dois partidos comunistas diferentes no Brasil], e até hoje acho que não há muito sentido nisso.

O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

No período da minha militância, a meu ver, não aconteceram fatos políticos relevantes. O regime democrático restabeleceu-se depois da Guerra. Em 1945, 1950 e 1954 realizaram-se eleições no país inteiro, os presidentes sucederam-se normalmente. Aqui no Paraná, quando eu entrei no Partido, o Bento [Munhoz da

Rocha Netto] era o governador [de 1951 a 1955], depois veio o [Moysés] Lupion [de 1956 a 1961], o Ney Braga [de 1961 a 1965] e em seguida a Revolução[2]. Um período de certa normalidade, não só aqui como em todo o país.

A participação do PCB na vida política se desenovelava principalmente por meio da *Tribuna do Povo* e do trabalho junto às fábricas. Eu lembro que o Wilson Previde foi trabalhar numa fábrica envernizando móveis única e exclusivamente para organizar uma base. O jornal, eu acredito que era o principal instrumento da época. Eu o escrevia e o Ceccon encartava os exemplares para distribuir pelos bairros [de Curitiba]. Praticamente todo o pessoal da direção do Partido tinha essa incumbência de confiar determinada cota do [jornal] semanal à população.

Vou tentar lembrar o nome dos quadros da minha época: havia o Aristides Oliveira Vinholes, com quem nunca tive muito contato, mas sei que era um simpatizante dono de uma livraria que colaborou muito, financeiramente, com o Partido. Na família Previde havia o Virgílio, o Carlos, o Wilson, o Guido, o Nilo e o Nilson. O Virgílio era pai do Wilson. O Nilo era um intelectual, um pintor – que, por sinal, teve destaque aqui em Curitiba. Eram todos simpatizantes. Agora, o Virgílio atuou intensamente, não era um intelectual, mas era dedicado. Acho que o Wilson herdou isso dele. O Guido já tinha menos interesse. O Carlos Previde, por coincidência, era sogro do meu irmão. E o Nilo é um de quem eu gostava muito. O Virgílio é também o pai de Walfrido, que tinha uma atuação como simpatizante, apenas.

Eu me relacionava muito bem também com o doutor Jorge Karam, pois havia morado com a Olga e até com o Wilson. Nilo [Isidoro] Biazetto eu conheci depois, foi do Banco do Estado [do Paraná], mas me parece que era só simpatizante. Nelson Torres Galvão conheci já em Curitiba. Eu fazia refeições na casa dele. Foi o único militante do Partido, colaborador, que nunca deixou de se inserir fora do Partido, talvez pela atividade de corretor – primeiro trabalhou no Banco do Brasil e logo em seguida passou a ser corretor de imóveis. Se perguntar quem era o maior comunista daquela época, responderia: o Galvão. Era um cara conhecido, tinha trato com todos os setores[3].

---

[2] "Revolução de 1964": movimento político-militar deflagrado em 31 de março de 1964 que depôs o governo constitucional de João Goulart (1961-1964).

[3] Nelson Galvão foi fundador do Sindicato de Corretores de Imóveis, do Conselho Federal de Corretores de Imóveis e do Creci 6ª Região/PR. Em 1952 assumiu seu primeiro cargo como Secretário da Associação Profissional de Corretores de Imóveis do Paraná. Participou da regulamentação da profissão em 1962 e 1978 e ajudou a criar o primeiro curso de formação profissional no estado.

O Walfrido Soares de Oliveira foi um dos fundadores do Partido, segundo consta. Posso citar o Jacob, que já faleceu. O Izaurino Gomes Patriota, o Hermógenes, o Odílio, o Previde, a Olga, o marido dela, de quem não me recordo o nome, mas acho que foi dirigente do Partido. O Juca, que depois foi para Santos (SP). No tempo em que trabalhei na *Tribuna do Povo* eu fazia inclusive a cobertura [dos trabalhos] da Assembléia Legislativa. Eu tive um contato muito rápido com o doutor Vieira Netto, que foi deputado naquela época. Participei de uma ou duas reuniões com ele. Outra pessoa com quem convivi e tive uma grande amizade foi o Orlando Ceccon. Eu trabalhei na gráfica dele dois ou três anos, até julho de 1958. Meus pais morreram e eu saí da gráfica.

Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Se sim, quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

Naquela época existiam três grandes partidos: o PSD[4], a UDN[5] e o PTB[6], que foram os que tiveram uma grande atuação na primeira eleição logo após a redemocratização.

O PTB era único partido de centro-esquerda, todos os outros eram ou de direita ou centro-direita. Era o partido que ficou conhecido como o partido do Getúlio, que se intitulava o dono da Consolidação das Leis do Trabalho, e de uma série de melhorias estabelecidas para os trabalhadores do Brasil. Digamos que o PTB era um concorrente, uma vez que a população, o povo brasileiro, os trabalhadores iam para o PTB, não para o PCB, que nunca conseguiu se articular junto às massas brasileiras. Naquele momento em que eu ainda militava havia algumas pessoas do PTB que eram mais próximas da gente. Havia, por exemplo, o Waldemar Daros[7], que era um nacionalista, e o Júlio Rocha Xavier. Mas o máximo que o "Partidão" tinha era o contato com aquele pessoal getulista.

O PSB[8] ainda não estava organizado na época, ao contrário dos integralistas, que já estavam reunidos, mas não sei até que ponto. Eu tenho dois grandes amigos

[4] Partido Social Democrático.
[5] União Democrática Nacional.
[6] Partido Trabalhista Brasileiro.
[7] Waldemar Daros era do Partido Socialista Brasileiro. Representou a delegação do Paraná na IV Convenção do PSB em 1949 no Rio de Janeiro.
[8] Partido Socialista Brasileiro.

que eram integralistas, o Danilo Cortes e o Airton Batista. Eles eram militantes, passavam adiante o jornal e sempre foram convictos. Chegou uma época em que o Integralismo extinguiu-se, mas as pessoas continuaram com posições de direita.

Quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

A influência internacional que o Partido sofria vinha da divulgação do sucesso que fazia na União Soviética, onde o socialismo estava implantado. Chegavam aqui publicações, como *A Classe Operária* e outros jornais. Acompanhavam-se as atividades dos outros partidos, principalmente o Partido Comunista Francês, que era relativamente forte. Mas esse período em que eu militei foi um período morno.

Havia a ingerência direta do Comitê Central na direção estadual, em função de o Secretário Geral ser um enviado do Comitê Nacional. Eu sei que com o Vasco e com o "Cabelo de Fogo", o [Mautílio] Muraro, foi assim. O Agliberto [Vieira de Azevedo] também veio – eu não sei de onde – enviado pelo Comitê Central. A coisa era mais ou menos centralizada lá em cima, era tudo organizado.

Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

No Brasil, a maioria dos parlamentares eleitos pelo PCB foi cassada. Sobreviveram alguns que foram eleitos por outras legendas. Mas esse não foi o caso de José [Rodrigues] Vieira Netto, por exemplo, que em 1947 foi eleito pela legenda do Partido durante sua legalidade. Quando eu assumi, não lembro se ele era deputado, mas, de qualquer forma, Vieira Netto era um homem de grande projeção no Partido, muito eloqüente[9]. Eu ouvia seus discursos na Assembléia. Naquela época havia grandes oradores. A pessoa votava nos legisladores pelos dotes oratórios que eles possuíam. Havia também o Oscar Lopes Munhoz [PSD-PR], que era muito reacionário, o Helio Setti [PSD-PR], todos bons oradores.

[9] José Rodrigues Vieira Netto foi eleito deputado estadual à Assembléia Legislativa do Paraná em 1947 com 775 votos. V. IPARDES. *Resultados eleitorais:* Paraná 1945-82. 2. ed. Curitiba, 1989. p. 122. Tabela 110.

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná? Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

Havia em Paranaguá, que era o município com mais atividade em função do porto, havia em Ponta Grossa. Eu me lembro agora que, além de Paranaguá, havia alguma coisa de organização em Antonina. Antonio, que foi Secretário Político, era o principal nome que tinham quando eu estive lá. Havia ainda outro Antônio, o Araújo Rocha, que era sapateiro.

Quanto a essa organização aqui no Paraná, tenho quase certeza de que era um Comitê do Norte [do estado] e outro do Sul. Ambos exerciam funções distintas e independentes e, além disso, o Norte sofria grande influência de São Paulo. Eu acho que esse é um fenômeno facilmente explicável pela dificuldade de comunicação da época, uma vez que a viagem tinha que ser feita pela Estrada do Cerne, pelo Norte Pioneiro. Não era como hoje. Naquele tempo, o Norte do Paraná era muito distante. Assim, a economia cafeeira, que foi o que alavancou toda a economia do Norte do Paraná, era vinculada diretamente a São Paulo. A grande maioria da produção destinada à exportação embarcava do porto de Santos, não havia integração econômica no Paraná. Parece-me que o Partido refletia isso.

Eu, apesar da pouca idade, cheguei a ser o terceiro na escala da composição do Partido: eu era Secretário de Comunicação, Agitação e Propaganda. Além desse cargo, o PCB era composto do Secretário Político, Secretário de Organização, Secretário Geral, [Secretário de] Finanças, que se não me engano era representado pelo [Nelson Torres] Galvão, e havia outros cargos naquele nível no Diretório [estadual]. O corpo era bem enxuto, composto por no máximo dez pessoas, dentre elas o doutor Jorge Karam, que era médico e também trabalhava, e era responsável pelo setor de finanças. Havia o Meirelles – que morreu há muito tempo – mas não me lembro da sua função. Mas ele tinha certo destaque.

O Espedito [Oliveira da Rocha] era um dos poucos líderes operários. Na verdade acho que de operário só havia ele. Os outros eram pessoas de formação intelectual. Eu entendo um partido político assim: ele só deve existir se tiver perspectiva de poder, senão vira uma sociedade de estudos filosóficos e sociológicos. Por isso acho que o PPS está no caminho certo, embora com o apoio do Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), da Roseana Sarney. É um partido que tem

perspectiva de poder. O PC hoje, o "Partidão", e o PC do B, na minha opinião, estão voltados para dentro de si mesmos. Eu não vejo perspectiva desses partidos chegarem ao poder. Já o PT é um partido muito corporativista. Ele não atinge os intelectuais, não atinge os grandes empresários, nem os médios empresários, e também acaba não atingindo a massa. Virou um partido de funcionários públicos. A minha filha é meio petista e às vezes discuto com ela esse aspecto. Se você fizer um levantamento, no PT 90% é funcionário altamente remunerado, muito bem remunerado.

Entre 1945 e 1947 o PCB viveu um curto período de legalidade. De novo na clandestinidade, o Partido conseguiu manter diversos órgãos da imprensa comunista. Como esses órgãos de imprensa eram sustentados?

A Tribuna do Povo, pelo que sei, era bancada pelo Setor de Finanças. Não sei se vinha alguma contribuição do Comitê Central, mas mensalidades eram arrecadadas entre os militantes que tinham empregos ou eram empresários. O Vieira Netto eu sei que contribuía, o Nelson Galvão também, e os simpatizantes, como por exemplo o [Chaim Israel] Jugend, da Relojoaria Progresso. A *Tribuna do Povo* ficava no edifício Mauá, o Diretor era o Hermógenes Lazier, que hoje está no PPS[10] e afirma que é o único que não mudou de Partido. Ele era o Diretor do jornal e eu era o Redator. Ele e eu fazíamos todo o jornal, e o Odílio colaborava.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

A *Tribuna do Povo* era o único órgão de imprensa do "Partidão" aqui no Paraná. Eu me lembro que em um período ele circulou religiosamente toda semana. O jornal era distribuído para todas as pessoas do Partido, para o pessoal das células e para os simpatizantes. Em muitas edições eu fiz esse trabalho de distribuição na Vila Guairá, onde havia uma favela. Eu distribuía o jornal e conversava com as pessoas. Quando eu entrei para o jornal ele já existia e em formato

[10] Partido Popular Socialista: partido político de âmbito nacional fundado em 1992 durante o X Congresso do Partido Comunista Brasileiro, que foi rebatizado e sofreu uma ampla reformulação em seu conteúdo programático.

tablóide, como continuou sendo nesse período de dois a quatro anos que militei. O semanal abordava as questões da cidade e do estado, sempre na perspectiva do Partido. A cobertura na Assembléia Legislativa e na Câmara de Vereadores era relatada em função da atividade do PCB. As propagandas, se não me engano, eram apenas de pessoas ligadas ao Partido, como por exemplo anúncios do doutor Jorge Karam. Nessa época o Hermógenes era diretor do jornal, ainda que não fosse jornalista. Havia muitas colaborações, mas eu era praticamente um faz-tudo. Depois que fui trabalhar com o Ceccon, eu fazia paginação, dobrava o jornal, escrevia e distribuía. Eu lembro que o Odílio e o doutor Jorge Karam escreviam uns artigos.

A tiragem mínima do jornal, se não me engano, era de mil exemplares, os quais eram distribuídos não só em Curitiba, mas em outras cidades tais como Paranaguá, onde o Partido era forte. Eu fui várias vezes a Paranaguá como "o cara do jornal", e me hospedava na casa do Toninho Sapateiro. Esse era um sujeito de cultura. Era sapateiro, na Rua do Porto, perto do mercado, e o pessoal que ia daqui para fazer o trabalho de distribuição do jornal lá no porto ficava em um apartamento em cima da sapataria.

Quanto à aceitação do jornal, a impressão que eu tenho é que, como um microcosmo do Partido, nunca conseguiu um maior envolvimento com a sociedade. Esse é um dos motivos pelo qual eu abandonei a militância. Para começar, eu entrei muito jovem e logo chegou um momento em que tudo aquilo começou a parecer uma seita, uma coisa fechada, voltada para um grupo de pessoas. Era o tempo do Stálin, em que tudo vinha de cima para baixo e não havia discussão. Lembro-me disso quando eu entregava os jornais: não havia uma repercussão na sociedade. Mas era um reflexo também do Partido, que era clandestino, voltado para ele mesmo.

Pelo fato de passar muito tempo na ilegalidade, o Partido construiu uma timidez da qual não conseguiu se desfazer nos tempos de abertura política. O PCB não crescia e nem seguia o mundo à sua volta. Por isso que hoje, se eu tivesse que voltar à militância em um desses três partidos, o PCB, o PC do B e o PPS, eu ficaria no PPS, que é um dos partidos que está mais engajado na realidade, é mais aberto. Eu sempre achei que era um erro um partido, que já era fraco, se subdividir. Hoje, por exemplo, se eu estivesse disposto a voltar a militar em um partido político, seria em um Partido Comunista unificado. Eu não vou entrar no

partido do Ciro [Gomes], ou no PCB ou no PC do B. O Wilson Previde, a última vez que eu o encontrei, faz um mês e pouco, disse: – "O quê? Ciro Gomes foi um traidor". O Roberto Freire foi um traidor. Eu acho um cara meio esquisito, mas pelo menos ele montou um esquema que está dando certo. Se não for unificado, acaba sendo um partido como esse do [Jamil] Nakad, um partido de aluguél[11]. Por exemplo: um partido lança um candidato e é ligado ao Álvaro Dias, mas não está na coligação do Álvaro Dias; se o [Roberto] Requião começar a meter o pau no Álvaro, o cara vai lá e mete pau no Requião. Pode parecer um absurdo da minha parte, mas eu sou até favorável à lei que restringe o número de partidos. Se o partido não consegue empolgar 5% do eleitorado, ele se transforma em uma "sociedade filosófica".

[11] Jamil Nakad foi candidato a governador do Paraná pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) em 2002.

Depoimento 10:

o PCB e a mensagem de esperança

Izaurino Gomes Patriota

IZAURINO GOMES PATRIOTA nasceu em 10 de dezembro de 1925 em Angelim, Pernambuco. Filho de Leodegário Gomes Patriota (comerciante) e Julia Salgado Patriota (dona de casa), formou-se em Direito e tornou-se advogado. Atuou no Partido de 1945 a 1953. Foi suplente e depois Secretário de Agitação e Propaganda. Foi fundador e diretor-geral do jornal *Tribuna do Povo*. Entrevista realizada em 20 de maio de 2003.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre suas origens, sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB e, dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

O primeiro contato que tive com o Partido foi por meio dos colegas de faculdade. Até mesmo antes, na verdade, pois quando ingressei no Partido, em 1945 ou 1946, eu fazia o curso Clássico[1] no colégio. A minha primeira militância teve início na célula "Presidente Roosevelt". Parece estranho esse nome, mas à época existia uma tolerância maior com relação aos Estados Unidos, notadamente porque era um dos aliados contra o nazismo. Em uma das conferências estaduais a que atendi, fui indicado para a suplência do Comitê Estadual. Depois, já por volta de 1950, fui indicado para Secretário de Agitação e Propaganda, cargo em que seria responsável pelo jornal e publicidade. Fui fundador e primeiro editor do jornal *Tribuna do Povo*. Na época chegamos a registrar outros nomes de jornais, mas o jornal que saiu mesmo foi a

[1] Atual ensino médio. No caso, com ênfase na área de Humanidades.

Tribuna do Povo. Eu saí da direção do jornal porque deixei de ser militante do Partido. Mas quando deixei o PCB não saí automaticamente do jornal. O processo demorou algum tempo, pois eu era Diretor do jornal e do Partido.

Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro governo Vargas (1930-1945), o Levante Comunista (1935), o Estado Novo (1937-1945), o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

Quanto à Intentona Comunista[2], tenho informações só por meio da literatura. De fato havia um movimento da Aliança Nacional Libertadora[3] que não era um movimento exclusivamente comunista. A ANL era integrada por muitas personalidades não comunistas. Pelo que li a respeito, houve certa precipitação no Nordeste, onde um quartel se rebelou e fez com que, antes do tempo certo, o Rio de Janeiro também tivesse que se rebelar. O que eu sei também a partir de literatura é que o castigo fornecido aos comunistas e aos participantes da Aliança Nacional Libertadora de um modo geral foi terrível. Nessa época o Prestes foi preso e ficou nove anos na cadeia[4]. O advogado dele foi o Sobral Pinto. As condições de vida no cárcere eram tão drásticas que ele invocou a Lei de Proteção aos Animais para melhorar o tratamento que Prestes vinha recebendo. A mulher dele [Olga Benário] estava grávida e mesmo assim foi deportada [para a Alemanha nazista]. Isso consta até como uma ilegalidade, pois, haja vista que ela estava grávida, sendo o filho gerado no Brasil e o pai sendo brasileiro, ela não poderia ser deportada para a Alemanha, onde morreu no campo de concentração. A filha que nasceu nesse campo [Anita Leocádia Prestes], depois de muita luta, foi entregue à mãe da mãe, que seria a avó alemã que havia se refugiado no México. Não veio aqui para o Brasil, porque por um tempo houve uma inclinação do país pelo Eixo[5]. As simpatias do Getúlio eram grandes pela Alemanha, e por pouco não chegou a se bandear completamente para o lado da Alemanha.

---

[2] Movimento Armado deflagrado a 23 de Novembro de 1935 em Natal (RN) pelos sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. Os levantes ocorridos em Natal, Rio de Janeiro e na periferia de Recife (PE) foram contidos, entretanto, pelas tropas do Exército a 27 de Novembro de 1935.

[3] Organização política de âmbito nacional fundada em 12 de março de 1935. Reunia representantes de diferentes correntes políticas – socialistas, comunistas, católicos e democratas – e de diferentes setores sociais – proletários, intelectuais, profissionais liberais e militares – atraídos por um programa de combate ao fascismo, imperialismo, latifúndio e miséria.

[4] Prestes ficou preso de março de 1936 a abril de 1945.

[5] Aliança dos Países que apoiaram a Alemanha Nazista na segunda Guerra Mundial.

Quando houve o golpe de 1937, eu era estudante secundário em Londrina (PR) e não tinha maior esclarecimento político, era muito novo. No entanto, quando o Brasil foi forçado a entrar na Guerra, eu já tinha mais consciência política, fui então capaz de discursar em uma manifestação que foi feita no único cinema que existia em Londrina, junto com muitas personalidades. O afundamento dos navios é que incitou a população a uma indignação muito grande, houve um movimento extraordinário.

Nessa parte o Partido, clandestinamente, teve uma atividade exaustiva, com o auxílio – pouca gente sabe disso – da Maçonaria. Como na Independência do Brasil, a Maçonaria teve sua influência nessas manifestações em 1942. Uniu-se ao Partido Comunista clandestino, movimentou o povo e colocou-o na rua. Isso pressionou o governo e o fez dar meia-volta, para se posicionar ao lado dos Aliados. Daí o Presidente Roosevelt veio ao Brasil, à uma base área dos Estados Unidos no Pará[6] e criou-se um clima de colaboração. Daí o fato da célula do Partido em que eu militei chamar-se "Presidente Roosevelt".

O Partido se enganou muito sobre a sua condição e a situação da democracia no ano de 1964. Havia uma euforia muito grande e o Partido acreditava estar na iminência de [tomar] o poder. O Jango fez umas declarações apoiando manifestações de sargentos, os generais não gostaram e veio a sublevação. O Partido não avaliou corretamente a situação do país. Acreditavam que o governo tinha o controle da situação. Não tinha. As organizações de informação do governo falharam completamente. Em 1964 Prestes não estava bem informado, não estava com os pés no chão. Era um idealista, e por ser um idealista foi pego de surpresa. Se ele estivesse lúcido, acredito que teria tomado providências para organizar a resistência no país. Mas não, ficava só o [Leonel] Brizola gritando na Rádio da Legalidade[7], do Rio Grande do Sul. Foi a única voz que se levantou. Mas estava sozinho quando devia existir uma organização pesada, segura, sustentando o governo. O governo não tinha fontes de informação. Isso abriu espaço para a possibilidade de um golpe, que efetivamente começou em Minas Gerais. Mas os generais do Rio de Janeiro tomaram a frente em um movimento que começou em

[6] Na verdade, no Rio Grande do Norte.

[7] Um dos pontos altos de defesa da posse de João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros (em agosto de 1961), a "cadeia da legalidade" foi instaurada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, que ocupou militarmente as emissoras das rádios Guaíba e Farroupilha, comandando 104 emissoras gaúchas, catarinenses e paranaenses, mobilizando a população em favor da posse do vice-presidente.

31 de março e terminou no 1º de abril, ironia. Terminou em um 1º de abril. Foi um movimento relâmpago. O General que comandou as tropas em Minas Gerais [Olympio Mourão Filho], por incrível que pareça, não teve maior influência no resto da história do país. Os outros passaram a ser donos da revolução. Pessoas que eram revolucionárias, como Carlos Lacerda, Adhemar de Barros, que eu me lembro, outros que eram revolucionários da primeira hora, terminaram por ser cassados porque divergiram da condução que se dava ao movimento.

Depois se sucederam os governos militares. Houve assim certa liberdade, digamos, no princípio. A coisa começou a se tornar mais pesada com aquele que faleceu em um acidente de avião, o Castello Branco, e com seu sucessor, Costa e Silva [1967-1969]. No governo Médici [1969-1974] o arrocho foi terrível, com muita perseguição, muita morte, muito desaparecimento de gente, inclusive aqui no Paraná.

Não conheci ninguém que tenha sofrido torturas, pois nessa época eu já estava afastado do Partido. Mas eu era Conselheiro da Ordem[8] e tomava mais conhecimento que o resto da população, porque a Ordem sempre foi também um organismo de resistência. Nesse combate, naturalmente, a gente lutava pela legalidade e o que se estava fazendo não era uma ilegalidade, era um *terror*. Então eu tive conhecimento e participei de muitas manifestações, atos e incumbências a respeito de presos políticos e desaparecidos.

O senhor poderia mencionar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias, assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

O fato que eu acho mais relevante na história política do Paraná foi um que não teve divulgação maior, porque a censura não permitiu: a revolta de camponeses de Porecatu[9]. Um movimento sério, que deu trabalho ao governo para poder vencer. Ali se revelaram líderes camponeses que lutavam pelos seus ideais,

[8] Ordem dos Advogados do Brasil – seccional do Paraná.

[9] Os conflitos de Porecatu, ocorridos no Norte do Paraná em 1950 e 1951, foram ações que, embora mais isoladas e com menor repercussão social e política, possuíam natureza idêntica às Ligas Camponesas, associações de trabalhadores rurais criadas em várias regiões do país com intensa atividade no período que se estendeu de 1955 a 1964.

pela terra e essa coisa toda. Foi um levante armado e, como muitas outras revoluções históricas no mundo inteiro, foi abafado e esmagado. Esse levante foi dirigido pelo Partido, por aquele deputado de Pernambuco, Gregório Bezerra, e também pelo João Saldanha. Eu já não militava mais no Partido nessa época, mas eu os conheci porque trabalhava no escritório do [José Rodrigues] Vieira Netto. O Vieira Netto continuava no Partido, nunca saiu. Ficou doente, teve que ir a São Paulo fazer um tratamento melhor do que se podia fazer aqui. Já estava bom, mas ainda não tinha tido alta. Resolveu sair, passear uma tarde em São Paulo. E como acontece aqui em Curitiba, o tempo mudou bruscamente. Ele pegou um resfriado que seguiu como pneumonia. Como a doença primária dele era câncer, as defesas do organismo estavam baixas, então a pneumonia tomou conta e ele morreu por volta de 1966.

Outro homem de muita importância dentro do Partido foi o Agliberto [Vieira de Azevedo], que participou inclusive da Intentona Comunista em 1935. Esteve preso muito tempo. Não tenho certeza, mas parece que foi solto com a anistia que veio em 1945. Ele era um dirigente nacional, andou por todo o país dando assistência aos comitês estaduais. Sempre estava presente e instruindo, pedindo contas das tarefas que eram dadas, se tinham sido cumpridas ou não.

Quais eram, nesse período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda?

Aqui na capital havia o problema do transporte coletivo. A Força e Luz chegou a fazer uma proposta de vender os bondes e a fortuna que havia em trilhos por um conto de réis. Eles davam tudo isso por um conto de réis! O Partido achava que era uma cama-de-gato, que a Força e Luz vendia os bondes e ficava com a força e a luz, quer dizer, o que ia tocar os bondes ficaria em mãos estrangeiras que podiam tarifar como bem entendessem os custos dessa energia. O Partido acreditava que a empresa deveria ser encampada: se estavam dando por um conto de réis, o Estado para encampar não gastaria nada e ainda organizava o transporte. Mas um particular se interessou e começou a organizar o transporte coletivo, dispensou os bondes e passou a usar ônibus. Durou algum tempo, não sei se por causa de má administração, mas o fato é que foi à falência. Veio uma fase de lotações, pois não tinha quem substituísse ordenadamente o transporte

coletivo. Vários motoristas uniram-se e puseram lotações para atender o povo. Dessa união surgiram várias companhias que assumiram legalmente, com contrato com a Prefeitura, o serviço de transporte. Compraram ônibus e originaram as linhas do [bairro] Água Verde, Bacacheri etc. Um dos líderes desse movimento foi Erundi Silvério, que a URBS[10] acabou encampando.

Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

O Agliberto era um dos emissários do Comitê Central que estiveram aqui em Curitiba. Seu antecessor, o [Mautílio] Muraro, cometeu falhas na vida político-partidária, na vida comercial e na vida pública. O Agliberto veio para apagar o fogo, para não deixar a coisa desandar. Isso ele faria em qualquer lugar em que houvesse necessidade. Era um mensageiro do Comitê Central. Nesse período o Partido precisava de pessoas que estivessem à disposição 24 horas por dia, que pudessem viajar para qualquer lugar e lá ficar até que pudessem findar a tarefa para a qual estavam incumbidos. Havia então esses políticos digamos "profissionais", que eram funcionários do Partido. Eles recebiam uma ajuda de custo e faziam as refeições na casa de algum militante, algum amigo. A casa do Nelson [Torres Galvão] vivia cheia. Sempre havia pessoas que iam lá almoçar, jantar, e até dormir. O capitão [Agliberto], por exemplo, ficou hospedado na casa do Nelson muito tempo. Parece que ele chegou a fazer um quarto que ficou sendo o aposento do capitão Agliberto, que era um homem muito respeitado pelo seu passado e pela sua atuação. Era extremamente dedicado, tinha amor ao Partido.

Como foi a passagem da legalidade para a clandestinidade, isto é, quais os efeitos dessa mudança para o Partido?

No período de passagem da ilegalidade para a liberdade [em 1945], uma das mudanças que sucederam foi a quebra dos cuidados em relação às reuniões.

[10] Urbanização de Curitiba S.A. Empresa responsável pelo gerenciamento do trânsito e do sistema de transporte público de Curitiba.

Marcava-se uma reunião e naturalmente todos compareciam na casa de alguém, como se estivessem fazendo uma visita. Ali era feita a reunião da célula. Agora, quando veio a clandestinidade mesmo, aí foi preciso tomar cuidados especiais, como no governo Garrastazu Médici [1969-1974]. Quando entrou o Ato [Institucional] n. 5[11], teve-se que tomar cuidados especiais. Os militantes tiveram que adotar nomes de guerra. Não se conhecia todos: geralmente um conhecia mais um ou dois, e esse um, dois é que conheciam outros, não havia conhecimento total. Quando tínhamos que fazer uma reunião estabelecia-se que fulano ia encontrar-se com sicrano na esquina tal. Esse sicrano era o convocado para ir a uma reunião, mas não ficava sabendo onde era. A pessoa que o levava também não sabia. Esses dois primeiros encontravam um sujeito na rua final que era quem dizia: – "Nós vamos a tal lugar". Não é que não houvesse confiança nos companheiros: é que a tortura faz com que a pessoa fale. E se a pessoa não sabia, não tinha como falar.

Mas entre 1947 e 1963 houve relativa liberdade. Na verdade, o Partido legalmente não podia assumir mandatos. Era "semilegal", pois mantinha certa estrutura, como os veículos de comunicação, a *Tribuna* [*do Povo*].

Depois de 1947 o Partido continuou atuando politicamente através de mandatos exercidos pelos comunistas sob outras legendas. Quem foram esses parlamentares? Quais foram as posições políticas do Partido no Legislativo no exercício desses mandatos?

Nesse período de semilegalidade o Partido chegou a lançar candidatos por outras legendas. Como foi o caso da Maria Olímpia [Carneiro][12]. O Vieira Netto não, ele foi eleito pelo PCB mesmo, e por isso foi cassado. Assim que o doutor Vieira Netto foi eleito deputado, em 1947, eu passei a ser secretário parlamentar dele. Eu o acompanhava à Assembléia, assistia a todos os trabalhos e revisava os discursos dele, que eram taquigrafados. Nem sempre a taquigrafia pegava com clareza o que ele estava dizendo, então eu tinha de ajustar a taquigrafia a um discurso normal. Só depois que eu os revisava é que eles eram publicados no

[11] O Ato Institucional n. 5 explicitava o caráter abertamente autoritário da ditadura militar brasileira (1964-1985), autorizando o Presidente a, entre outros poderes, decretar o recesso do Congresso Nacional, cassar mandatos, bem como suspender a garantia do *habeas corpus*. Para a história do Ato 5, v. GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Para uma crônica política detalhada dos episódios desse ano de 1968, v. BRANCO, Carlos Castello. *Os militares no poder*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. v. 5.

[12] Na verdade, Maria Olímpia foi eleita vereadora em Curitiba pelo Partido Comunista em 1947.

Diário da Assembléia. Quando o Vieira Netto foi cassado, nós acompanhamos um grupo de parlamentares à casa dele. Foi um momento traumatizante e de muito desgosto. Todos os partidos fizeram discursos homenageando-o e lamentando a saída dele da Assembléia, porque era um homem que estava dando grande contribuição, inclusive para a elaboração da Constituição Estadual. Depois eu deixei a secretaria parlamentar do doutor Vieira Netto e fui trabalhar no escritório dele, já como acadêmico de Direito. Fiquei no escritório dele até 1961, porque fui fazer uma prestação de serviços exclusiva. Não podia ter nenhum tipo de advocacia, a não ser aquela que seria para o grupo Mappin.

Além da Maria Olímpia tivemos candidatos a deputados estaduais por outras legendas, mas que não foram eleitos. Em outros estados, onde o Partido era forte, chegamos a eleger o Diógenes Arruda [Câmara] e o Pedro Pomar[13]. Quando o Partido foi cassado esses quadros continuaram com os mandatos, pois "pertenciam" a outras legendas. No entanto, recebiam as orientações do Partido sem interferência alguma [dos partidos em que estavam abrigados].

Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná. Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

O PCB estava organizado nos principais municípios do Paraná: Curitiba, Londrina, Ponta Grossa, Maringá, Paranavaí etc. Se não tinha um Comitê Municipal, tinha pelo menos uma célula, que ia se desenvolver para um Comitê Municipal. Em Londrina havia o Manuel Jacinto [Corrêa], o Newton [Leopoldo] Câmara, que era um médico. Em Ponta Grossa havia o Felipe Chede, que foi o impulsionador do Partido na cidade. Flávio Ribeiro era advogado e trabalhava em Arapongas. Ari Steckman era um estudante de Medicina e um dos dirigentes estaduais na clandestinidade. O Clemenceau [Rodrigues de Oliveira] era um ex-ferroviário, um operário que por muito tempo atuou, se não me engano era dirigente das finanças. Nilo [Isidoro] Biazetto era bancário, Dário Prinz, era do co-

[13] "Em janeiro de 1947 [Pomar] candidatou-se às eleições suplementares para a Câmara dos Deputados, apoiado por uma coligação entre o Partido Social Progressista (PSP) e o PCB. Nesse pleito teve como companheiro de chapa Diógenes Arruda Câmara, também lançado candidato a deputado federal". Cf. POMAR, PEDRO. In: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCHI, Israel. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2000. CD-ROM.

mércio, Esmeraldo Blasi Júnior era professor e Nilo Previde era pintor. Aureliano Matos Moura foi médico na saúde pública, especialista em doenças da pele. Havia o Nelson Torres Galvão, que era bancário e depois largou o banco e entrou no comércio de imóveis. Homero Calvacanti de Quadros, advogado e funcionário público. Adão Aghar Toledo de Nascimento era de Antonina e foi vereador pelo Partido. Joaquim [Rodrigues] Mochel foi dirigente (Secretário Político), Maurício Goldsfeld também. Raul Dias era dentista e um ativista responsável. Estava sempre à frente dos movimentos. O irmão dele, que era barbeiro, também. Nabi Paraná Filho era dirigente na Lapa. Legareth Consolmagno eu confirmo que foi atuante. Formou-se em Medicina e foi não sei para que cidade. Orlando Ceccon era o dono da gráfica. Dona Mimi [Durvalina Batista] era uma ativista extraordinária, o marido era o [Francisco] Batista. O Hermógenes Lazier foi quem me substituiu na direção da *Tribuna*.

O senhor se lembra de qual era a composição dos diretórios regionais quando o senhor fazia parte deles? E os que o sucederam?

No tempo em que militei, o Secretário Político era o Walfrido Soares de Oliveira. Era um militante tradicional que veio da clandestinidade. É preciso que se faça um esclarecimento: o Partido Comunista foi nacionalmente fundado em 1922, e desde então nunca parou no Paraná. Então esse Walfrido veio da clandestinidade. Como era um dos elementos principais, passou a exercer a Secretaria Política, que era quem determinava a política do Partido. Eu não me lembro de nomes do Comitê Estadual, mas ele seria o Secretário Político. Dos militantes mais destacados eu citaria Adão Aghar Toledo do Nascimento, doutor Jorge Karam, Jacob Schmidt, os irmãos ou a família Previde. Era a família toda, eles tinham uma oficina de automóveis, borracharia, coisa assim. Ali também era um ponto de encontro, quando se queria fazer um contato, ia-se lá e dali saíam as notícias. No campo estudantil havia o [Joaquim Rodrigues] Mochel, que depois passou a ser o dirigente principal do Partido aqui no Paraná, apesar dele ser nordestino. A essa altura já se estava na clandestinidade. A mulher do Mochel, a Maria Olímpia Carneiro Mochel, havia sido eleita vereadora pela legenda do PCB. A Maria Olímpia, não sei se porque ela estava grávida e ia ganhar nenê, foi substituída pelo Hedel [Jorge Azar], que era estudante – e a força do eleitorado dele foram justamente os estudantes. A Maria Olímpia era uma das figuras mais

influentes do Partido, principalmente entre as mulheres.

Na época de 1945 exercia a liderança entre os estudantes um estudante de Medicina chamado Castelutti. Ele era Presidente do Diretório Acadêmico Nilo Cairo, DANC[14]. Foi ele que fomentou a formação da UPES, União Paranaense dos Estudantes Secundaristas, de cuja primeira diretoria eu participei. O primeiro Presidente era, na época estudante, o doutor Luiz Gastão Lopes Bório.

Como era a organização interna do Partido?

As organizações primárias eram as "células". As células deviam ter uns seis ou oito membros; mas podia até existir células de três membros. Existia a direção, que teria um Secretário para convocar e definir os assuntos a serem discutidos. Esse Secretário depois levava a opinião da célula a um organismo superior. Esse organismo superior podia ser regional, como [organizações] de bairros; juntavam [membros de] vários bairros e eram rediscutidos os assuntos de cada bairro. Levado a um Comitê Municipal, o Comitê Municipal transmitia isso ao Comitê Regional. Quando havia os plenos – chama-se "pleno ampliado" –, nos plenos ampliados discutia-se o geral, dando destaque a este ou aquele assunto de maior importância. Mas havia um conhecimento e um controle geral, do Comitê Estadual até à célula.

Quanto às células, existiam algumas que eram muito grandes. Por exemplo, a célula "Olga Benário" tinha mais de cem pessoas. No caso dessas que eram grandes, participava todo mundo. Fazia-se isso numa casa ou num espaço que pudesse acolher a todos. Quando o Partido estava na legalidade éramos convocados pelos jornais para as reuniões. E cada célula tinha um secretário também. Se era uma célula minúscula, bastava um secretário, um coordenador melhor dizendo, que levava as resoluções aos organismos superiores. Já quando a célula era um pouco maior – como a do porto de Paranaguá, que era gigantesca – havia "setorizações": certo grupo ficava encarregado disso e outro daquilo. Dividiam as tarefas. Todo mundo participava e cobrava-se a presença, a presença e a mensalidade.

[14] Diretório Acadêmico Nilo Cairo, entidade representativa dos estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

Só tive conhecimento do racha do Partido pela imprensa. Não participei de nenhuma reunião, de nenhuma discussão. Mas o que eu posso dizer é que a disciplina no Partido se degenerou um pouco, talvez por influência da doutrina stalinista, por alguns desmandos, por alguma prepotência pessoal. Há um ditado que diz que quando se quer conhecer uma pessoa põe-se na mão dela a corda de um sino, para daí ver como ela vai se comportar. A pessoa quando chega ao poder, seja de um clube, de uma entidade ou de um partido, mostra quem é. O Prestes esteve afastado. Os stalinistas é que estavam na chefia do PCB, na época. O comando estava nas mãos daquelas pessoas oriundas da Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). O que sobressaía no stalinismo era o culto à personalidade. E isso acabou se repetindo um pouco aqui com o Prestes. Isso tudo é que levou a essa discordância. Aqui no Paraná estava o [Joaquim Rodrigues] Mochel, que tinha mania de tirar o sentido democrático da discussão, porque ele dominava e terminava sendo a voz dele que predominava.

Hoje em dia existe um PCB com pouca expressão e existe o Partido Comunista do Brasil, que seria, digamos, a continuação do de 1922. O destino dessas duas correntes é um dia se unirem, pois os objetivos são os mesmos.

Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Em sua opinião, como funcionaram esses três setores?

A imprensa foi o meio de divulgação das atividades do Partido, não somente para os comunistas, mas para o povo em geral: se não existisse essa divulgação o movimento comunista ficaria circunscrito a um grupo de filiados. A intenção era fazer a maior publicidade possível das idéias do Partido, e para isso a imprensa era fundamental. Em todos os estados existia algum jornal estadual. O jornal de São Paulo era o mais abrangente, tinha uma importância maior, porque existia um poder financeiro maior.

A *Tribuna do Povo* tinha uma circulação estadual. Nós empacotávamos e mandávamos pelo correio ou por mão própria, conforme a disponibilidade dos viajantes a caminho das localidades. Ele era vendido normalmente nas bancas que aceitavam o jornal. Aqui na Rua XV de Novembro, havia a banca de jornal do Saci, cujo principal responsável era o Dário Prinz, que era o Secretário Municipal do Partido em Curitiba. Eu trabalhei na Saci, ia ao correio pegar os pacotes de jornal que vinham dos Partidos de São Paulo e do Rio de Janeiro. O que tinha mais penetração era o do Rio de Janeiro. *A Classe Operária* era um jornal doutrinário de circulação interna do Partido. Havia um jornal de muita penetração, muito bem-feito, que contava com a colaboração dos intelectuais do Rio de Janeiro que se chamava *Tribuna Popular*. Depois de certo tempo alguns intelectuais, divergindo de certas atitudes do Partido, deixaram de participar. Mas mesmo assim era um jornal muito bem dirigido, da importância de um *O Globo*.

O público da *Tribuna do Povo* era o mesmo do dos outros jornais que seguiam mais ou menos a mesma linha. Nós distribuíamos tantos exemplares, conforme a absorção que podia acontecer no município, e os militantes do município faziam a distribuição para o povo em geral. Não havia uma rivalidade entre a imprensa daqui ou de outro estado. Havia uma empresa de notícias, acredito que comandada pela *Imprensa Popular*, que mandava notícias do mundo inteiro, como os jornais normalmente recebem. Nós recebíamos e aquilo que achávamos importante para o Paraná, publicávamos. Desprezávamos o que achávamos que não era importante e fazíamos os editoriais e as notícias locais. Havia muita reprodução de manifestos, cartas do Prestes e documentos – isso duplicava as publicações ordinárias. Fazíamos encartes em que eram impressos discursos do Prestes, por exemplo, que eram chamados "informe", "informe do Comitê Central". Fazia-se um impresso e distribuía esse impresso, ou avulsamente ou encartado no jornal. Eu mesmo editei, não somente em folhas, mas em pequenos livretos, discursos que traziam uma linha, uma nova perspectiva. Isso era até vendido – eu era do departamento de publicidade e divulgação.

O jornal recebia as diretrizes do Comitê Estadual. E naturalmente faziam críticas: "O jornal está mal feito", "O jornal precisa melhorar". Nós fazíamos o máximo para aperfeiçoar o material. Mesmo no tocante a questões triviais, como produzir uma coluna de cinema, o aval quem dava era o Comitê. A matéria em si não, essa era redigida a partir da consciência de quem escrevesse, mas a permis-

são para existir não dependia só do jornal. O jornal era um modo de se noticiar o que se estava fazendo em todo o estado, e isso entusiasmava, animava de um local para outro. Uma festividade, um evento que fosse, uma coisa que desse certo, digamos em Londrina, podia ser feita em Cascavel, em Foz do Iguaçu. Criava entusiasmo, um gosto pelo serviço. Ele tinha esse significado, essa função.

Surgiu, então, a campanha financeira. Todo mundo se empenhava e, naturalmente, a célula se reunia, discutia os assuntos e dizia como e por que nós agiríamos. Tirava as resoluções, havia o pedido de colaboração popular. Eu tenho no meu arquivo selos de valores variados: o colaborador comprava um selo de determinado valor. Quando era necessário vinha alguém do alto escalão para fazer uma visita a capitalistas mais importantes e que não eram, vamos dizer, "opositores militantes", tinham alguma simpatia pelo movimento, já com um valor para fazer um pedido. Muita gente importante colaborava. O principal "instrumento" de arrecadação de finanças na época era o Jorge Karam, pois tinha um prestígio muito grande e uma penetração também muito grande na sociedade. Anunciavam o nome dele e era recebido. A arrecadação que partia dos amigos do Partido era feita normalmente por empresários. Por exemplo: o Nelson [Torres] Galvão era da alta cúpula dos construtores, dos condomínios. Então ele tinha facilidade de conversar com grandes empresas para fazer a colaboração e era difícil haver uma negativa frente a frente. As pessoas davam. É claro que tudo isso ficava em sigilo, não se espalhava. Mas gente importantíssima fazia doações altas, quando o Partido precisava de dinheiro.

Essas finanças ajudavam a manter o jornal, que não tinha autonomia. Era vendido, mas era insignificante a venda. O jornal era impresso na gráfica do [Orlando] Ceccon. O Ceccon é um dos militantes tradicionais, um dos fundadores do Partido aqui no Paraná. Ele suportava a ausência de pagamento durante meses, até que se fizesse uma campanha para cobrir. Quando ele estava sufocado, a gente tinha que se mexer para dar um alívio a ele. Houve ocasião em que a gente fazia arrecadações menores só para comprar uma ou duas resmas de papel, só para o jornal sair no dia. E sempre saía. Ele nunca deixou de ser impresso.

Acredito que o Partido tenha tido grande importância no esclarecimento dos trabalhadores e dos operários, porque ele ia às portas de fábricas e fazia preleções a respeitos dos problemas principais do país e dos problemas locais. Cada militante, no seu local de trabalho, também ia conversando, ia divulgando a idéia

do Partido, o que se pretendia fazer. Eu acho que essa influência foi positiva, pois o PCB trouxe uma mensagem de esperança, de melhoras e de combatividade, de que é preciso lutar para se conseguir alguma coisa. Se ficar de braços cruzados as coisas não caem do céu. A atuação do deputado Vieira Netto tinha então uma repercussão muito grande.

Eu penso que a atuação do Partido foi positiva, mas infelizmente não houve uma grande organização, não houve condições de organizar o Partido como no Rio de Janeiro e em São Paulo, que são duas cidades em que o Partido tinha mais força e até hoje tem.

Posfácio

Este *Velhos vermelhos*, de Adriano Codato e Márcio Kieller, é daquelas obras que certamente ajudam a preencher um dos vários e enormes vazios ainda existentes na história político-partidária da esquerda no Brasil e servem de estímulo a que o trabalho avance solidamente. Além disso, deixa abertas várias sendas a serem percorridas pelos pesquisadores e que desembocarão no caminho de uma história da classe operária do Paraná. Isto não é pouco.

Se o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo aparenta lhe dar uma orientação geral homogênea – mas que, na verdade, dá a cada segmento seu uma especificidade –, é no seu caráter desequilibrado que se podem encontrar muitas das respostas para suas diversidades. Reside nisto justamente a importância das histórias regionais e locais da classe trabalhadora.

Como observaram os autores no capítulo um, o novo tipo de partido surgido na cena política brasileira, de caráter nacional e de direção verticalizada, acabou involuntariamente estimulando uma historiografia que pouca atenção deu às suas estruturas regionais e locais. Na verdade, a este fenômeno é necessário agregar um outro: *o da transformação dos estudos regionais da zona predominante política e economicamente do Brasil, em particular Rio de Janeiro e São Paulo, em obras de caráter nacional ou globalizante*, como o bem já observou Silvia Petersen[1]. Felizmente, as novas perspectivas da historiografia da classe operária brasileira têm conseguido

[1] PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (Org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997. p. 85-103.

superar este quadro e têm conseguido dar um impulso renovador aos seus estudos regionais e locais, dos quais *Velhos vermelhos* é mais um indubitável índice.

Pelas vozes dos combatentes e defensores dos anseios da classe trabalhadora paranaense, brasileira e mundial aqui reunidas por Adriano Codato e Márcio Kieller, acompanhadas por um aparato crítico que não deixa o leitor desamparado em momento algum, nos encontramos e reencontramos com episódios e personagens da história da classe trabalhadora brasileira que ganham vida e novas faces.

Pessoalmente, até aqui, os comunistas do Paraná haviam sido para mim uma ponta de um novelo que se desenrolou em outro sentido. São inevitáveis o relato e algumas reflexões daí decorrentes.

Quando realizava a pesquisa para um capítulo de minha dissertação de mestrado sobre uma cisão que varreu de alto a baixo o então Partido Comunista do Brasil (PCB), durante a segunda metade dos anos 1930, também tive um pequeno contato com a história dos comunistas do Paraná[2]. Eu procurava descobrir como a polícia política da ditadura varguista reunira as informações sobre a cisão, o que lhe permitiria mais tarde reprimir duramente as facções que se digladiavam. Embora o epicentro dessa luta fracional tivesse ocorrido em São Paulo, debaixo do nariz do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP), foi a partir da prisão de parte da direção do Comitê Regional do PCB do Paraná (CR-PR) que a polícia política paulista despertou de sua letargia.

No início de dezembro de 1937 foram presos em Curitiba vários dirigentes do CR-PR: Altair Zubaran Menna Barreto (de acordo com a Polícia, ele seria o Secretário do Comitê Regional e também usaria o nome de Adalberto Rodrigues Netto), Jacob Schmidt, Max Laszek, Jorge Herlein e Arthur Heladio Neves (o qual havia fugido do presídio do Paraíso, em São Paulo, em fevereiro daquele ano). Com eles a Polícia apreendeu importante documentação que fez chegar às mãos da repressão elementos de informação sobre a cisão no interior do Partido Comunista.

Mas este primeiro contato e compreensão da cisão só ocorreriam com a ida a Curitiba do encarregado da Seção de Investigações da Delegacia de Ordem

[2] Ver KARAPOVS, Dainis. *Nos subterrâneos da luta:* um estudo sobre a cisão no PCB em 1937-1938. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 1996.

Social de São Paulo, Luiz Apollonio. Acreditando ter obtido possíveis informações sobre a realização de uma conferência nacional do PCB no Rio ou em São Paulo, o delegado de Ordem Política e Social do Paraná, Mario Augusto de Queiroz, em 14 de dezembro de 1937 solicitou ao seu colega de São Paulo elementos para a identificação de "Maurício", que teria enviado um telegrama cifrado de São Paulo no qual ele estaria pedindo a suspensão de envio de relatório do Comitê Regional do PCB de São Paulo (CR-SP), também apreendido em Curitiba. Além disso, o delegado Queiroz também pediu a identificação de outros militantes paranaenses refugiados em São Paulo. Sem ainda saber exatamente do que se tratava, o delegado de São Paulo enviou Luiz Apollonio a Curitiba no dia 16 de dezembro.

A partir do exame da documentação, das informações colhidas pela Polícia do Paraná e do interrogatório realizado com Adalberto Barreto, Apollonio, ao voltar a São Paulo, redigiu um relatório de três páginas dando conta do que havia ali visto. Depois de historiar como se dera a prisão dos dirigentes comunistas paranaenses, Apollonio, em seu relatório de 23 de dezembro, detalhando seu conteúdo, destacou a importância da documentação apreendida, pois ela dava conta de uma "séria divergência na direção nacional do PCB tendo motivado, até, uma cisão"[3]. Além de estabelecer a identidade do enviado do CR-PR a São Paulo, "Maurício", como sendo o estudante Attila Medeiros Rodrigues Silva, o encarregado da Seção de Investigações paulista obteve informações sobre um suposto sistema de ligação entre os comunistas do Paraná e São Paulo. Apollonio concluiu seu relatório constatando que o PCB agia nacionalmente e não regionalmente e, por isso, lançou um apelo em prol de "um perfeito intercâmbio entre as polícias dos vários estados".

Entre os documentos apreendidos e arquivados no DEOPS-SP havia um relatório, datado de dezembro de 1937, em que o CR-PR informava que, até o envio de José Stachini e Arthur Heladio Neves pelo Comitê Regional de São Paulo para orientar o trabalho dos comunistas paranaenses – o que, de acordo com o relatório, teria resultado em um incremento das suas atividades –, "praticamente não existia um Partido organizado, pois este se limitava ao Comitê Regional e a alguns grupos aliás sem vida partidária e quase em completa inatividade". Além

[3] APOLLONIO, Luiz. *Relatório da viagem efetuada em Curitiba, Estado do Paraná, pelo Encarregado da Seção de Investigações desta Delegacia.* São Paulo, [23-12-1937]. p. 1 (Arquivo do Estado de São Paulo – Fundo DEOPS-SP).

da informação sobre a inoperância do CR-PR, chama aqui a atenção a relação existente entre os comitês regionais do PCB de São Paulo e do Paraná.

A explicação para este fato aparece em outro relatório dirigido à Internacional Comunista, preservado em Moscou. Nele, o dirigente comunista Honório de Freitas Guimarães, sob o pseudônimo de Martins, então em Paris, aguardando o visto de entrada para a então União Soviética, apresentou informações sobre o PCB, com dados relativos a maio de 1937[4]. De acordo com tal balanço, embora faltassem dados referentes a dez estados, havia pelo menos 2 160 militantes em todo o país, dos quais quase metade localizados no estado de São Paulo. Entre os comitês regionais do partido, quatro eram classificados como os mais fortes pela direção: São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. São Paulo contava com mais de 1 000 militantes, dos quais 200 situavam-se na sua capital. O CR-SP dirigia nove comitês locais e cuidava das ligações e do crescimento de outros três CRs: Triângulo Mineiro, Mato Grosso e Paraná. Nesta informação nota-se que – como resultado da intensa repressão movida contra os comunistas por conta do "putsch" de novembro de 1935 e que ocasionou dificuldades de comunicações entre a direção nacional e as regionais – a ação de comitês regionais mais fracos era tutelada e filtrada por comitês mais fortes, o que ajuda a compreender o poder de nomear dirigentes exercido pelo Comitê Regional de São Paulo sobre o do Paraná, poder usualmente atribuído ao Comitê Central. Tal situação, aliás, repetia-se entre vários outros comitês regionais.

A compreensão para esta fraca implantação, além da permanente perseguição promovida pelo Estado brasileiro aos grupos de esquerda, advém de vários motivos, que estão no aguardo de pesquisas a serem realizadas. Alguns deles, aliás, encontramos nos depoimentos de *Velhos vermelhos*. Outras razões, além da incipiente industrialização do Paraná naquela época[5], podem ser encontradas nas dificuldades resultantes da orientação dos comunistas. *A mais notável era a débil inserção dos comunistas no campo, em contraposição a uma prática que privilegiava o operariado urbano como seu interlocutor central.* Quando relatórios como os acima citados são esmiuçados, percebe-se uma forte implantação dos comunistas em grandes

[4] "MARTINS" [Honório de Freitas Guimarães]. *Situation de l'organisation du Parti communiste du Brésil* (Section de l'I.C.). Paris, 22 jun. 1937. 6 p.

[5] Em 1940, a indústria do estado do Paraná tinha empregado cerca de 5% de sua população economicamente ativa maior de 18 anos, ao passo que a agricultura abrangia cerca de 40% dos paranaenses – enquanto em 1920 este índice era da ordem de 77%.

centros urbanos e em regiões com certo patamar de industrialização e, por oposição, dificuldades de implantação e crescimento no campo. Exceção feitas a casos isolados, a falta de ligação do Partido com o campo sempre foi ressaltada por seus dirigentes e pela Internacional Comunista de maneira recorrente ao longo dos anos 1920 e 1930, evidenciado sua fraca ou quase inexistente atuação neste segmento. Tal quadro somente começou a ser revertido pelos comunistas a partir dos anos 1940, ainda que de modo lento. *Inclusive no Paraná*, como avulta claramente das memórias dos *Velhos vermelhos*. Todavia, ainda é necessário destacar, nelas ainda aparece a maior ênfase do trabalho dos comunistas nos centros urbanos, decorrente da aceleração do desenvolvimento econômico do estado na época em que se centram os depoimentos.

Apenas recentemente é que a organização dos trabalhadores do campo constituiu-se em um elemento efetivo e de peso no quadro da luta de classes no Brasil. Justamente neste aspecto é que ressalta de seus depoentes um dos pontos altos de *Velhos vermelhos*: o processo de construção dessa organização, na qual o Paraná detém até hoje um papel de destaque e na qual os comunistas tiveram uma importante contribuição, tendo isso ficado marcante no caso de Porecatu, nele se destacando a figura de Manuel Jacinto Corrêa, e no da criação de uma série de entidades de classe no campo.

Aos que aqui chegaram ficam estas reflexões e o prazer compartilhado na leitura dos depoimentos desses extraordinários velhos vermelhos.

Dainis Karepovs[6]

Pesquisador colaborador do Departamento de História
da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

São Paulo, fevereiro de 2007.

[6] Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Autor de KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea:* o PCB em 1937-1938. São Paulo: Hucitec/Ed. da Unesp, 2004; _____. *A classe operária vai ao Parlamento:* o bloco operário e camponês do Brasil (1924-1930). São Paulo: Alameda, 2006.

Cronologia Política do Paraná (1945-1965)

1945, novembro	Seguindo a tendência de transferir o governo ao Judiciário durante a transição do Estado Novo para o novo regime – Getúlio Vargas havia sido afastado em outubro depois de um golpe e o então presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro José Linhares assumira a Presidência da República –, Manoel Ribas transmite a Interventoria Federal ao desembargador Clotário de Macedo Portugal, presidente do Tribunal de Justiça do Paraná.
1946, fevereiro	Realizadas as eleições gerais de dezembro de 1945 (presidente da República, senadores e deputados federais) e empossados os eleitos, passou-se à indicação do substituto do desembargador Clotário Portugal no cargo de Interventor Federal. O Ministro da Justiça do governo Dutra solicitou ao PSD paranaense uma lista de quatro nomes, tendo sido indicados Carvalho Chaves, Alô Guimarães, Brasil Pinheiro Machado e Moysés Lupion. O escolhido foi Brasil Pinheiro Machado, na expectativa de que pudesse pacificar a política paranaense e atrair o apoio dos outros partidos na sucessão governamental. O Interventor inicia a campanha pela extinção do Território do Iguaçu.
1946, outubro	Brasil Pinheiro Machado nomeia um secretariado claramente pessedista; esse fato, combinado à utilização da máquina governamental para a realização de sua campanha eleitoral, leva a que seja substituído pelo tenente-coronel Mário Gomes da Silva.
1946	Reintegração da região Sudoeste do Paraná, que em 1937 havia sido desmembrada para formar o Território Federal do Iguaçu.
1947	Criação da Fundação Paranaense de Colonização e Imigração e do Departamento Administrativo do Oeste.

1947, fevereiro	Após as eleições para deputado estadual em 19 de janeiro, Mário Gomes da Silva reassume suas funções na Siderúrgica de Volta Redonda e Antonio A. de Carvalho Chaves é nomeado Interventor do estado do Paraná, cargo que ocupa até a posse do futuro governador.
1947, 23 de março	Nas eleições complementares para governador, Moysés Lupion torna-se o primeiro governador indicado pelo sufrágio direto e secreto no Paraná. Candidato pelo Partido Social Democrático (partido a que pertencia o ex-Interventor Manoel Ribas, falecido em janeiro de 1946), obtém dois terços dos votos (91 251 votos) e vence Bento Munhoz da Rocha Neto, candidato da coligação formada pela União Democrática Nacional, pelo Partido Trabalhista Brasileiro e pelo Partido da Representação Popular, tendo recebido os votos de apenas um terço dos eleitores (44 809 votos). No mesmo pleito o Partido Comunista do Brasil (PCB) elege José Rodrigues Vieira Netto deputado à Assembléia Constituinte do Paraná com 775 votos. O PSD conquista dezesseis cadeiras no Parlamento estadual.
1950, 3 de outubro	Bento Munhoz da Rocha Neto é eleito governador do estado do Paraná, apoiado pelas Oposições Coligadas (formada pelo PR, UDN, PST, PRP e PL), além de uma parcela do PTB e uma dissidência do PDS. Recebe 62,9% dos votos (172 586 votos), derrotando o engenheiro Ângelo Lopes, candidato do governador Lupion e apoiado apenas pelo PSD, que obteve 30,7% da votação (84 324 votos). O candidato Carlos Amoreti Osório, do PSB, recebe apenas 210 votos.
1950, 10 de outubro	Tem início a revolta camponesa em Porecatu, no Norte do Paraná, havendo inclusive choques armados entre as partes em conflito e a ocupação de cidades pelos lavradores. Em 15 de março de 1951, sob a pressão dos posseiros, o governo do estado declara as terras em litígio como de utilidade pública para desapropriação, o que ocorre pela primeira vez no Brasil.

1952	Iniciada em Curitiba a construção do Centro Cívico, que concentraria os edifícios das principais instâncias político-administrativas do Paraná (Palácio do Governo, Residência do Governador, Edifício das Secretarias, Assembléia Legislativa, Prefeitura Municipal de Curitiba, Palácio da Justiça, Tribunal do Júri, Tribunal Eleitoral), firmando a posição da cidade como centro administrativo do estado.
1954, 3 de outubro	Ney Amintas de Barros Braga é o primeiro prefeito eleito de Curitiba, apoiado por uma coligação entre PSP e PR, com 18 327 votos. Vence os candidatos Wallace Tadeu de Mello e Silva (do PST, 11 576 votos), Alfredo Pinheiro Junior (do PSD, 11 070 votos), Estevam Ribeiro de Souza Neto (do PTB 8 007 votos), Amâncio Moro (do PL, 5 213 votos), João Cid Macedo Portugal (do PDC, 4 567 votos), Roberto Barroso (do PTN, 1 307 votos), e Manoel de Freitas Valle Aranha (da UDN, 1 101 votos).
1954	Criação da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL).
1955, 3 de abril	O governador Bento Munhoz da Rocha Neto se torna Ministro da Agricultura do governo Café Filho, sendo substituído interinamente por Antônio Anibelli.
1955, 1º de maio	Adolpho de Oliveira Franco é eleito pela Assembléia Legislativa para substituir definitivamente Bento Munhoz da Rocha Neto no governo do estado do Paraná.
1955, 3 de outubro	Moysés Lupion é reeleito, por uma aliança entre PSD, PDC e PTN, ao governo do estado do Paraná, com 184 384 votos. Vence os candidatos Mario Baptista de Barros (PTB-PR, 130 388 votos), Othon Mader (UDN, 65 886 votos), Luiz Carlos Pereira Tourinho (PSP, 45 525 votos) e Carlos Amoreti Osório (PSB, 407 votos).
1957	Os governos federal e estadual alienam terras situadas na região Sudoeste do Paraná a empresas particulares. Os posseiros, colonizadores e grileiros

que lá se encontravam resistem violentamente à ocupação, tornando a região uma zona de intensos conflitos fundiários. As desordens só terminam quando o Ministro da Guerra, general Teixeira Lott, recomenda que as empresas colonizadoras deixem a região e uma junta governativa de colonos assuma o controle da situação, sob pena de intervenção federal. Cinco anos depois, em março de 1962, seria constituído o Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná – GETSOP, com a tarefa de executar a titulação das terras.

1958, 3 de outubro Iberê de Mattos, candidato do PTB, é eleito prefeito de Curitiba com 32 313 votos. Vence o candidato de Ney Braga, Felipe Aristides Simão (PL-PDC, 26 691 votos), além de Luiz Carlos Pereira Tourinho (PSP-UDN, 16 690 votos), Wallace Tadeu de Mello e Silva (PSD-PST, 11 554 votos) e João Pereira de Macedo (PRT, 2 435 votos).

1959 Um atrito entre um lojista e um de seus fregueses provoca um quebra-quebra que durará três dias no centro de Curitiba, e que seria conhecido como a "Guerra do Pente".

1960, 3 de outubro Ney Amintas de Barros Braga é eleito governador do estado do Paraná, apoiado pelo Partido Democrata Cristão e pelo Partido Libertador, com 255 328 votos. Vence Nelson Maculan (PTB, 223 696 votos) e Plínio Franco Ferreira da Costa (PSD, 194 328 votos).

1962, 7 de outubro Ivo Arzua Pereira, apoiado por uma coligação entre PDC, UDN e PL, é eleito prefeito de Curitiba com 51 511 votos. Vence Carlos Alberto Moro (PTB, 40 187 votos) e Abílio Ribeiro (PSD, 17 023)

1963, outubro Uma greve de jornalistas pára a imprensa por quatro dias, em Curitiba.

1965, 17 de novembro O governador Ney Braga é nomeado Ministro da Agricultura, sendo provisoriamente substituído por Antonio Ferreira Rüppel.

1965, 3 de outubro

Algacir Guimarães é eleito pela Assembléia Legislativa governador do estado do Paraná. Ficará no cargo até 30 de janeiro de 1966, quando é substituído por Paulo Pimentel.

Cronologia Política do Brasil (1945-1964)

1945, 28 de fevereiro	Ato Adicional de Getúlio Vargas anuncia eleições para Presidente da República, governadores dos estados, para a Assembléia Constituinte e para as Assembléias estaduais.
1945, 22 de maio	Primeira reunião da direção do PCB na legalidade desde 1935.
1945, 13 de agosto	Primeira manifestação "queremista", em favor da Constituinte sob a Presidência de Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.
1945, 29 de outubro	Com o apoio da ala fiel do Exército sob o comando do Ministro do Exército, General Góes Monteiro, e com a concordância dos dois candidatos – Marechal Eurico Gaspar Dutra e Brigadeiro Eduardo Gomes –, o presidente Getúlio Vargas é afastado do governo e "exilado" em sua fazenda em São Borja (RS), na fronteira com o Uruguai. A Presidência da República é então confiada ao presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro José Linhares, que deveria supervisionar a realização das eleições em todo o país.
1945, 10 de novembro	O Tribunal Superior Eleitoral reconhece a legalidade do PCB.
1945, 2 de dezembro	O Marechal Eurico Gaspar Dutra, candidato do PSD, é eleito Presidente da República com o apoio do PTB e de Getúlio Vargas. Toma posse em 31 de janeiro de 1946. Obteve 55% dos votos, ficando o Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN, com 35% dos votos. Nas eleições para o Congresso Nacional o PSD obtém 151 cadeiras; a UDN, 77; o PTB, 22. O PCB elege 14 deputados e 1 senador (Luís Carlos Prestes). Vargas se elege senador por São Paulo e pelo Rio Grande do Sul. No Paraná, Dutra faz 70% dos votos.

1946, 18 de setembro	Promulgada a nova Constituição do Brasil.
1947, 7 de maio	O Tribunal Superior Eleitoral cassa o registro do PCB, que volta a atuar na ilegalidade.
1947, 21 de outubro	O Brasil rompe relações com a União Soviética.
1948, 5 de janeiro	Decretada a prisão preventiva de Luís Carlos Prestes.
1948, 10 de janeiro	Cassados os deputados comunistas, sob a alegação de que o PCB seria um partido "internacionalista" e não brasileiro.
1948, 21 de abril	Fundado no Rio de Janeiro o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo.
1948, 18 de outubro	Primeira Convenção Nacional de Defesa do Petróleo (início da campanha "O Petróleo é Nosso").
1949, 20 de agosto	Criada a Escola Superior de Guerra, nos moldes do National War College norte-americano.
1950, 5 de agosto	O PCB dá uma guinada à esquerda com o *Manifesto de Agosto*, em que Prestes propõe a formação de um Exército de Libertação Nacional e o abandono da via de atuação política institucional.
1950, 3 de outubro	Getúlio Vargas recebe 49% dos votos e é eleito Presidente da República com o apoio de uma coligação entre PTB, PSP e uma ala do PSD (que durante a campanha abandonara seu candidato oficial, Cristiano Machado). Vence o Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN, que questiona o resultado do pleito por não ter havido maioria absoluta. No estado do Paraná, Vargas alcança 61,6% dos votos.
1953, 3 de outubro	Sancionada a Lei 2 004 (Eusébio Rocha), que cria o monopólio estatal do petróleo, confiado à Petrobrás, coroando a campanha "O Petróleo é Nosso".

1954, 8 de fevereiro	81 oficiais do Exército enviam ao Ministro da Guerra o memorial que ficaria conhecido como *Manifesto dos Coronéis*, em que protestam contra o governo Vargas.
1954, 16 de junho	Moção de impedimento encaminhada pelo deputado Afonso Arinos (UDN) contra o presidente Getúlio Vargas é derrotada por 136 votos contra 35.
1954, 5 de agosto	O jornalista Carlos Lacerda sofre um atentado na Rua Tonelero, em Copacabana no Rio de Janeiro, acompanhado de seu filho e do seu segurança, o Major Rubens Florentino Vaz. Lacerda é atingido por um tiro no pé e o Major Vaz morre. Climério Euribes de Almeida, membro da guarda presidencial, é citado como envolvido no crime. Ao ser capturado, em 18 de agosto, confirma ter sido contratado por Gregório Fortunato, chefe da guarda presidencial, para assassinar Lacerda.
1954, 22 de agosto	Brigadeiros exigem, no Clube da Aeronáutica, a renúncia de Vargas.
1954, 24 de agosto	O Presidente Getúlio Vargas, sentindo-se abandonado pelos militares e pelos políticos, se suicida com um tiro no peito. Café Filho é empossado presidente.
1955, 1º de janeiro	Criada no Brasil a 1ª Liga Camponesa, em Pernambuco.
1955, 3 de outubro	Juscelino Kubitschek é eleito Presidente da República pelo PSD, vencendo o General Juarez Távora, além de Adhemar de Barros e Plínio Salgado, que também eram candidatos. No Paraná o candidato mais votado é Adhemar de Barros, com 28,1% dos votos. Plinio Salgado (PRP) é o candidato presidencial mais votado em Curitiba.
1955, 3 de novembro	O Presidente Café Filho é hospitalizado.
1955, 8 de novembro	O Presidente Café Filho se afasta e o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, assume interinamente o governo.

1955, 11 de novembro	O Ministro da Guerra, General Henrique Teixeira Lott, dá um golpe preventivo e toma o Rio de Janeiro com 25 000 soldados para garantir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Nereu Ramos, vice-presidente do Senado, assume a Presidência da República.
1955, 25 de novembro	Nereu Ramos decreta Estado de Sítio, que vigora até a posse de Juscelino Kubitschek.
1956, 31 de janeiro	Juscelino Kubitschek e João Goulart tomam posse.
1956, 11 de fevereiro	Ocorre a revolta de Jacareanga, em que dois oficiais da Aeronáutica tomam um avião em base militar no Rio de Janeiro e o desviam para Jacareanga, no Pará, em tentativa de golpe contra Juscelino Kubitschek. A revolta termina em 29 de fevereiro.
1959, 28 de junho	Juscelino Kubitschek rompe relações com o Fundo Monetário Internacional.
1959, 3 de outubro	Nova tentativa de golpe contra JK, organizada por 13 oficiais da Aeronáutica. A revolta começa com o seqüestro de um avião comercial que iria do Rio de Janeiro a Belém, mas é desviado para Aragarças, em Goiás. Sufocada pelo governo.
1960, 21 de abril	Inauguração de Brasília, que se torna a capital do Brasil.
1960, 3 de outubro	Jânio Quadros é eleito Presidente da República pela UDN, com 5,6 milhões de votos, contra 3,8 milhões do Marechal Teixeira Lott, candidato do PSD. No Paraná, Jânio faz 51,2% dos votos contra apenas 16,9% de Lott.
1961, 30 de julho	O vice-presidente João Goulart viaja à China em visita oficial.
1961, 19 de agosto	Jânio Quadros condecora Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, gerando uma crise política.

1961, 25 de agosto	O Presidente Jânio Quadros renuncia. O vice João Goulart se encontra na China, e os ministros militares vetam sua posse na Presidência da República. O presidente da Câmara, Ranieri Mazzili, assume provisoriamente o governo.
1961, 2 de setembro	Com a emenda constitucional n. 4, João Goulart assume a Presidência em regime parlamentarista, solução de compromisso encontrada para superar a crise política gerada com a renúncia de Jânio Quadros.
1961, 7 de setembro	Tropas legalistas organizadas por Leonel Brizola garantem a posse de João Goulart e do Primeiro-ministro Tancredo Neves.
1961, 20 de novembro	O Brasil restabelece relações com a URSS.
1962, 18 de fevereiro	Conferência extraordinária organiza uma dissidência do Partido Comunista, o Partido Comunista do Brasil, que adota a sigla PC do B, lança Manifesto-programa revolucionário e se alinha à China. Isso gera uma cisão no Partido.
1962, 26 de junho	Renúncia do gabinete Tancredo Neves. San Tiago Dantas é indicado para Primeiro-ministro, mas seu nome é vetado pelo Congresso.
1962, 30 de junho	Jovens católicos de esquerda fundam a Ação Popular (AP).
1962, 3 de julho	Auro de Moura Andrade é indicado para Primeiro-ministro, mas renuncia.
1962, 5 de julho	Greve geral nacional pela antecipação do plebiscito que decidiria se o Brasil continuaria um país parlamentarista ou retornaria ao presidencialismo.
1962, 13 de julho	Brochado da Rocha é empossado Primeiro-ministro.
1962, 14 de setembro	O gabinete de Brochado da Rocha renuncia.
1962, 14 de setembro	Segunda greve geral pela antecipação do plebiscito.

1962, 18 de setembro	Hermes Lima é empossado Primeiro-ministro.
1963, 6 de janeiro	Em plebiscito a população opta pela volta ao presidencialismo, com 9,4 milhões de votos, contra 2 milhões de votos a favor da manutenção do parlamentarismo.
1963, setembro	Começa em Brasília rebelião de sargentos da Marinha e da Aeronáutica.
1963, 4 de outubro	João Goulart envia ao Congresso pedido de Estado de Sítio, retirado três dias depois.
1964, 13 de março	Comício da Central do Brasil pró-reformas reúne 300 mil pessoas. Goulart anuncia nacionalização das refinarias de petróleo.
1964, 19 de março	Ocorre a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, que prepara o golpe militar.
1964, 26 de março	Revolta dos Marinheiros, no Rio de Janeiro, chefiada pelo cabo Anselmo.
1964, 30 de março	Assembléia dos sargentos na sede do Automóvel Clube, no Rio de Janeiro. João Goulart comparece e fala em defesa das reformas de base.
1964, 31 de março	Tem início o golpe militar. O General Mourão Filho conduz suas tropas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. O fator-surpresa dificulta a resistência.
1964, 1º de abril	Triunfa o golpe militar.
1964, 2 de abril	João Goulart parte de Brasília para Porto Alegre e Ranieri Mazzili assume provisoriamente a Presidência da República.
1964, 4 de abril	João Goulart se exila no Uruguai.
1964, 9 de abril	É editado o AI-1, que depõe o Presidente e inicia as cassações a políticos fiéis ao governo deposto.

Cronologia Política do Comunismo no Mundo (1945-1964)

1945, 8 de maio	O Marechal Keitel assina a rendição incondicional da Alemanha, em Berlim, ocupada desde 22 de abril pelo Exército Vermelho.
1945, 28 de junho	A Polônia se torna República Socialista.
1945, 28 de agosto	Ho Chi-minh proclama a independência do Vietnã.
1946, 11 de janeiro	A Albânia proclama a República Popular.
1946, 5 de março	Discurso de Winston Churchill em Fulton contra a "cortina de ferro" que separa os países socialistas do restante da Europa marca o início da Guerra Fria.
1947, 1º de julho	As tropas nacionalistas chinesas são mobilizadas para combater os comunistas.
1947, 7 de outubro	A França emprega todos os meios para combater o Viet-Minh, a liga pela independência do Vietnã.
1948, 3 de abril	Os Estados Unidos iniciam o Plano Marshall, destinando 5 bilhões de dólares à reconstrução de 16 países europeus, com a intenção de afastar da Europa a "ameaça comunista" no pós-guerra.
1948, 14 de maio	É criado o Estado de Israel, na região da Palestina.
1948, 15 de agosto	A Coréia do Sul, apoiada pelos EUA, declara independência.
1948, 9 de setembro	A Coréia do Norte, apoiada pela URSS, proclama sua independência.
1948, 9 de setembro	Início da Crise de Berlim, que dura até 12 de maio de 1949, quando se oficializa a divisão da Alemanha em dois estados hostis.

1949, 22 de janeiro	As tropas comunistas entram em Pequim, na China.
1949, 4 de abril	Criada em Washington a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).
1949, 1º de outubro	Vitória da Revolução Chinesa, liderada por Mao Tsetung, que proclama a República Popular da China.
1949, 8 de dezembro	O governo contra-revolucionário chinês foge para a ilha de Taiwan, onde se mantém com o auxílio dos Estados Unidos.
1950, 9 de fevereiro	O senador americano Joseph McCarthy anuncia que tem uma lista de 205 comunistas infiltrados no Departamento de Estado.
1950, 25 de março	O comitê permanente do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, reunido em Estocolmo, lança o "Apelo de Estocolmo". Subscrito por 4,2 milhões de pessoas, o apelo conclamava as nações do mundo a destruírem e renunciarem à fabricação de armas atômicas. Os comunistas brasileiros têm participação destacada no movimento.
1950, 25 de junho	Os comunistas norte-coreanos atacam a Coréia do Sul, com o objetivo de reunificar o país. Tem início a Guerra da Coréia.
1950, 23 de setembro	Aprovada nos Estados Unidos a Lei McCarthy, que dá início à "caça às bruxas" anticomunista.
1952, 10 de março	Golpe de Estado em Cuba leva ao poder o General Fulgêncio Batista.
1953, 5 de março	Morre Joseph Stálin, após uma hemorragia cerebral.
1953, 14 de março	Nikita Kruschev é nomeado primeiro-secretário do PCUS.
1953, 27 de julho	O armistício de Panmunjon põe fim à Guerra da Coréia, e os dois estados continuam divididos pelo paralelo 38.

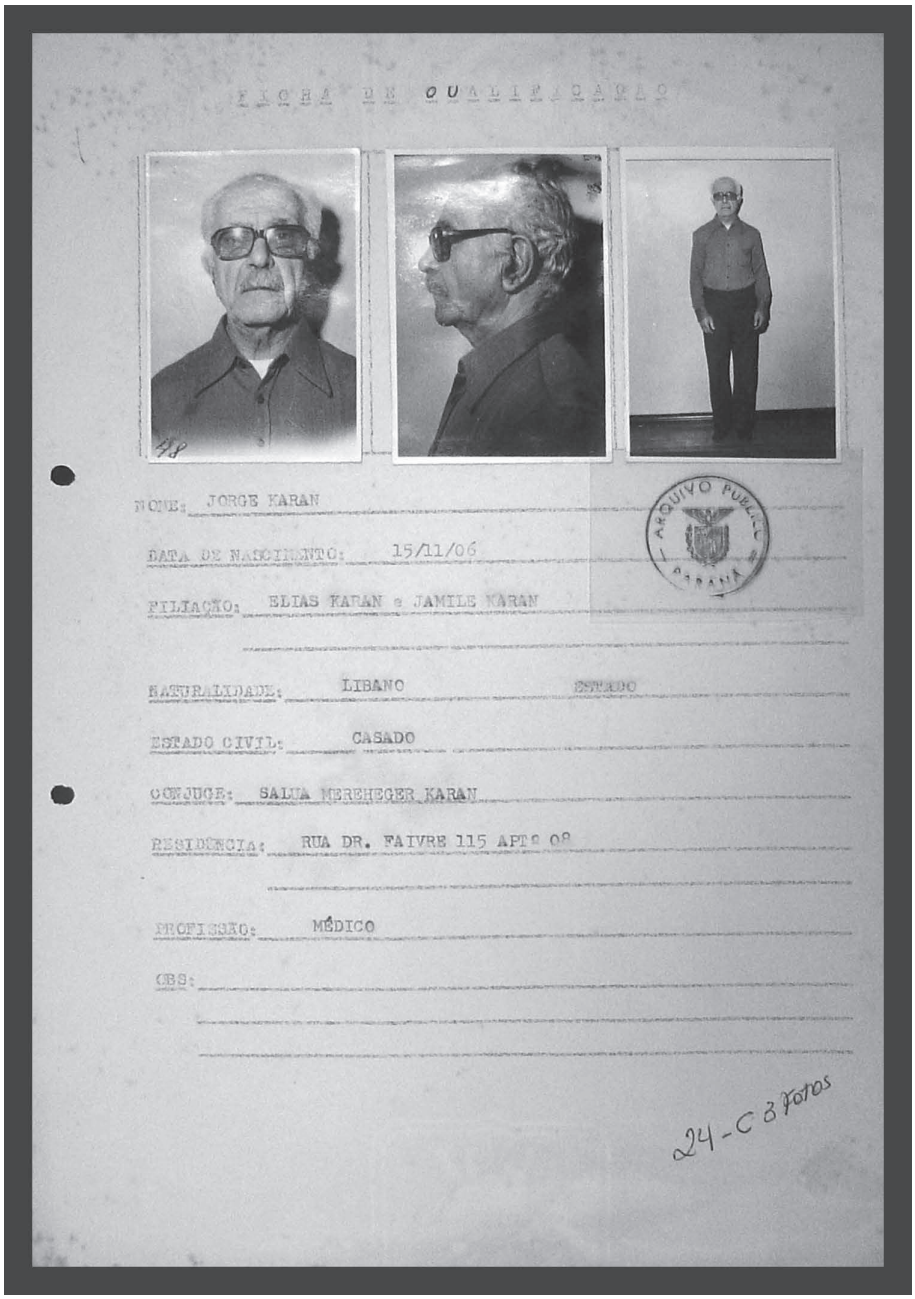
1954, 7 de setembro	A França perde a Guerra da Indochina para o Viet-Minh. O Vietnã é dividido em dois: o Norte, comunista, com sede em Hanói, e o Sul, uma monarquia capitalista, com sede em Saigon.
1955, 14 de maio	O bloco comunista assina o Pacto de Varsóvia.
1956, 24 de fevereiro	Kruschev denuncia os crimes de Stálin durante o XX Congresso do PCUS.
1956, 26 de outubro	Levante anti-soviético na Hungria. A insurreição é sufocada em novembro do mesmo ano.
1956, 2 de dezembro	Fidel Castro desembarca em Cuba com 82 militantes para iniciar a guerrilha de Sierra Maestra.
1959, 1º de janeiro	Os rebeldes liderados por Fidel Castro tomam a capital, Havana; é a vitória da Revolução Cubana. Fidel se torna Primeiro-ministro do país em 16 de fevereiro.
1959, 10 de junho	Cuba e EUA rompem relações diplomáticas.
1960, 1º de julho	Cuba nacionaliza as empresas de capital norte-americano.
1960, 16 de julho	Cisão ideológica sino-soviética. A URSS retira toda ajuda à China.
1960, 26 de outubro	Violentos combates entre as tropas americanas e os vietcongs, no Vietnã do Sul.
1961, 4 de janeiro	EUA impõem embargo econômico a Cuba.
1961, 17 de abril	Crise da Baía dos Porcos (Playa Girón). Anticastristas treinados pela CIA e financiados pelos EUA tentam invadir Cuba a partir de Miami, fracassando diante das milícias cubanas.
1961, 1º de maio	Fidel Castro declara Cuba uma República Democrática Socialista.
1961, 16 de maio	Golpe militar na Coréia do Sul.
1961, 13 de agosto	A Alemanha Oriental ergue o Muro de Berlim.

1962, 26 de março	Em Cuba, o Movimento 26 de Julho e o Partido Socialista Popular se unem no Partido Comunista Cubano.
1962, 14 de outubro	Tem início a Crise dos Mísseis, em Cuba. Avião norte-americano detecta um míssil balístico na ilha, e fotos aéreas detectam plataformas de lançamento de mísseis sendo instaladas pela URSS. Dias depois, os EUA decretam bloqueio naval ao país. Nikita Kruschev recua e, em novembro, John Kennedy anuncia o fim da crise dos mísseis, em função do fechamento das bases de lançamento soviéticas.
1964, 14 de outubro	Nikita Kruschev cai, na União Soviética. Será substituído mais tarde por Leonid Brejnev, que assumirá o cargo de secretário-geral do PCUS em 29 de março de 1966.

Álbum fotográfico

Imagens do Fundo Dops do Arquivo Público do Paraná

Fotografia 1. Walfrido Soares de Oliveira, Primeiro Secretário-Geral do PCB-PR em 1945. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 081, tomo 277.



FICHA DE QUALIFICAÇÃO

NOME: JORGE KARAN

DATA DE NASCIMENTO: 15/11/06

FILIAÇÃO: ELIAS KARAN e JAMILE KARAN

NATURALIDADE: LIBANO ESTADO

ESTADO CIVIL: CASADO

CONJUGE: SALUA MEREHEGER KARAN

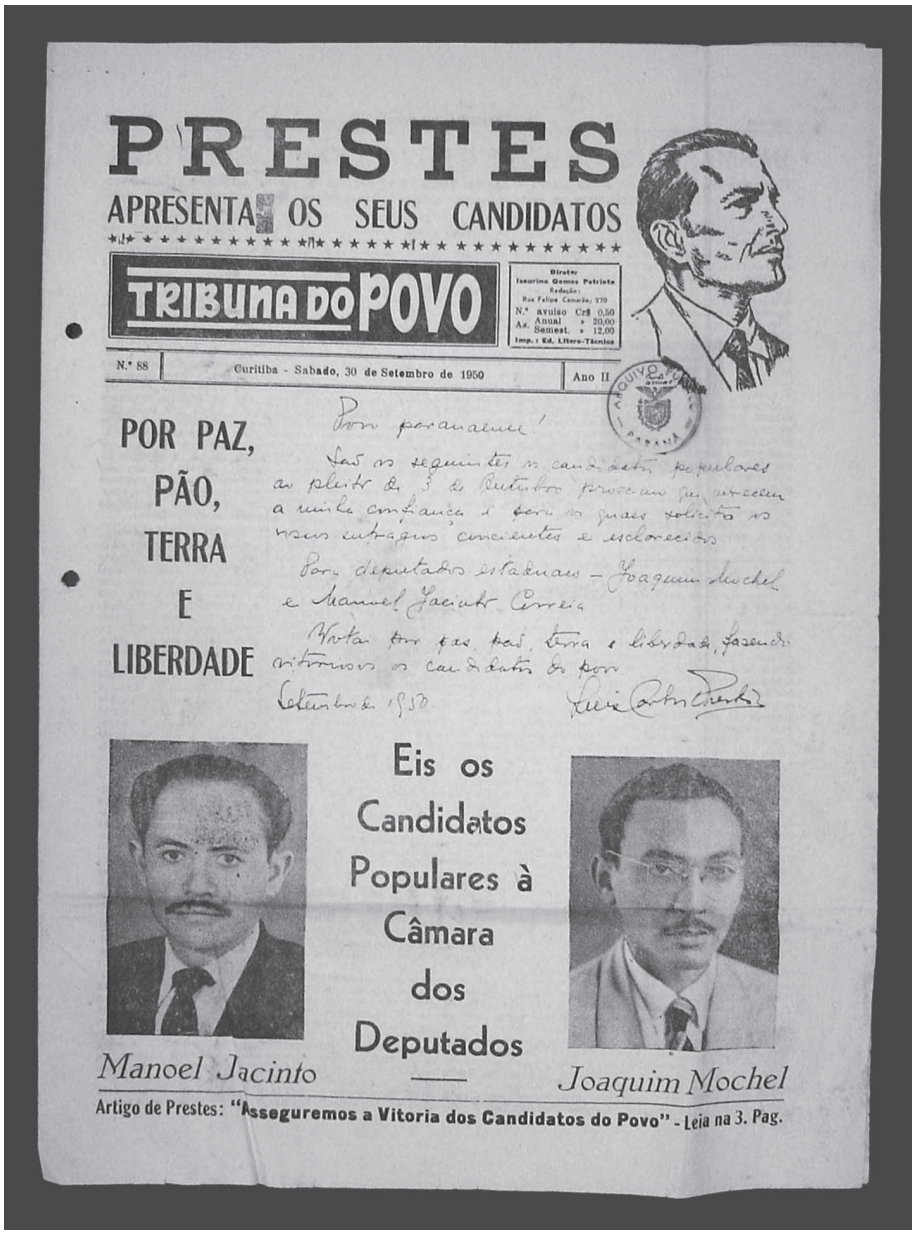
RESIDÊNCIA: RUA DR. FAIVRE 115 APTº 08

PROFISSÃO: MÉDICO

OBS:

24-C 3 Fotos

Fotografia 2. Ficha de Qualificação de Jorge Karam, Tesoureiro do PCB-PR entre 1947 e 1964. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.961, tomo 386.



PRESTES

APRESENTA OS SEUS CANDIDATOS

TRIBUNA DO POVO

Diretor: Isaurino Gomes Patriota
Redação: Rua Felipe Camarão, 370
N.º avulso Cr$ 0,50
Ass. Anual » 20,00
Ass. Semest. » 12,00
Imp.: Ed. Litero-Técnica

N.º 88 | Curitiba - Sabado, 30 de Setembro de 1950 | Ano II

POR PAZ, PÃO, TERRA E LIBERDADE

Eis os Candidatos Populares à Câmara dos Deputados

Manoel Jacinto

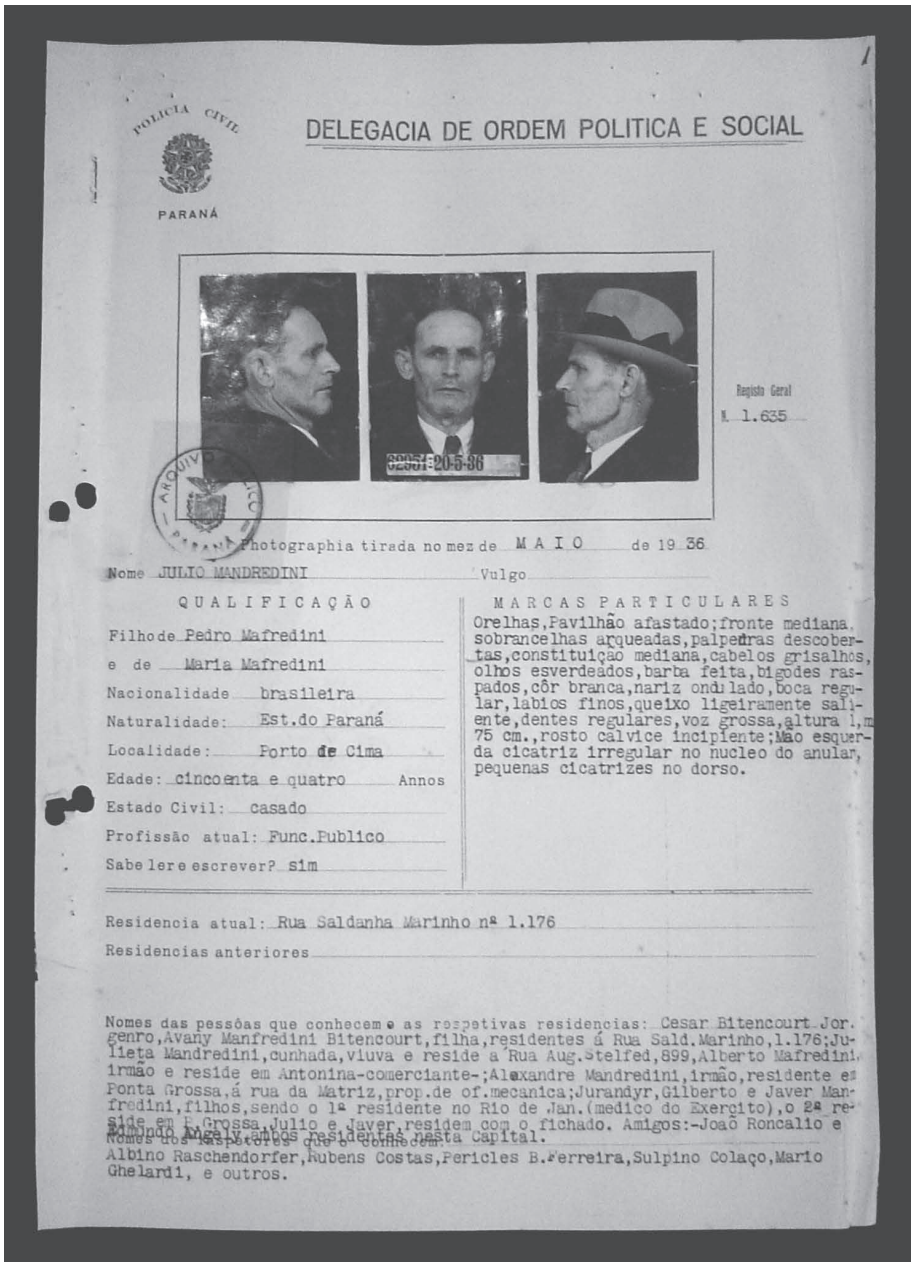
Joaquim Mochel

Artigo de Prestes: "Asseguremos a Vitoria dos Candidatos do Povo" - Leia na 3. Pag.

Fotografia 3. Capa do jornal *Tribuna do Povo* apresentando os candidatos de Prestes às eleições de 1950, Joaquim Mochel e Manoel Jacinto Corrêa. No desenho, Luís Carlos Prestes. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.256, tomo 255.

Fotografia 4. Reunião do Sindicato dos Ferroviários da Rede Ferroviária Paraná-Santa Catarina. Da direita para a esquerda: Miguel Pan, Esmeraldo Blasi Jr. (em pé), Elias Neves de Miranda e Tadeu Walace de Melo e Silva. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 30.493, tomo 2.746/343.

Fotografia 5. Cédulas emitidas pela Frente Democrática de Libertação Nacional em homenagem aos trinta anos do Partido Comunista do Brasil. Arquivo Público do Paraná/ Fundo DOPS. Pasta 2.746, tomo 434.



POLICIA CIVIL
PARANÁ

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

Registo Geral
N. 1.635

Photographia tirada no mez de MAIO de 19 36

Nome JULIO MANDREDINI Vulgo

QUALIFICAÇÃO

Filho de Pedro Mafredini
e de Maria Mafredini
Nacionalidade brasileira
Naturalidade: Est.do Paraná
Localidade: Porto de Cima
Edade: cincoenta e quatro Annos
Estado Civil: casado
Profissão atual: Func.Publico
Sabe ler e escrever? sim

MARCAS PARTICULARES

Orelhas,Pavilhão afastado;fronte mediana, sobrancelhas arqueadas,palpebras descobertas,constituição mediana,cabelos grisalhos, olhos esverdeados,barba feita,bigodes raspados,côr branca,nariz ondulado,boca regular,labios finos,queixo ligeiramente saliente,dentes regulares,voz grossa,altura 1,m 75 cm.,rosto calvice incipiente;Mão esquerda cicatriz irregular no nucleo do anular, pequenas cicatrizes no dorso.

Residencia atual: Rua Saldanha Marinho nº 1.176
Residencias anteriores

Nomes das pessôas que conhecem e as respetivas residencias: Cesar Bitencourt Jor. genro,Avany Manfredini Bitencourt,filha,residentes á Rua Sald.Marinho,1.176;Julieta Mandredini,cunhada,viuva e reside a Rua Aug.Stelfed,899,Alberto Mafredini irmão e reside em Antonina-comerciante-;Alexandre Mandredini,irmão,residente em Ponta Grossa,á rua da Matriz,prop.de of.mecanica;Jurandyr,Gilberto e Javer Manfredini,filhos,sendo o 1º residente no Rio de Jan.(medico do Exercito),o 2º reside em P.Grossa,Julio e Javer,residem com o fichado. Amigos:-João Roncalio e Raimundo Mazzy,ambos residentes nesta Capital.
Nomes dos Respectivos que o conhecem:
Albino Raschendorfer,Rubens Costas,Pericles B.Ferreira,Sulpino Colaço,Mario Ghelardi, e outros.

Fotografia 6. Ficha de Qualificação de Julio Manfredini, conhecido entre os comunistas como "Vovô Manfredini". Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.258, tomo 404.

SALVE O 35.º ANIVERSARIO
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
AO PROLETARIADO E AO POVO DO PARANÁ!
Aos militantes, simpatizantes e amigos do Partido Comunista do Brasil em nosso Estado!

Recebemos, com pedido para publicação, o seguinte documento:

"Dia 25 de Março transcorrerá mais um ano de vida e de luta do glorioso Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922 pelos melhores filhos da classe operária e do povo brasileiro.

São 35 anos de lutas e vitórias em defesa das reivindicações econômicas, políticas e sociais de nosso povo e dos mais sagrados interêsses do Brasil.

Nosso Partido, fiel aos ensinamentos do marxismo-leninismo, tem sabido, com honra, apesar da mais dura clandestinidade, propagar no país as idéias do socialismo, já vitoriosas na União Soviética — onde foi eliminada para sempre a exploração do homem pelo homem —, na China Popular e nas Democracias Populares.

O Partido Comunista do Brasil sempre soube conduzir bem alto a bandeira do internacionalismo proletário, como o demonstram as inúmeras manifestações de nosso Partido, de apôio firme e ativo à União Soviética, à China Popular, às Democracias Populares e aos demais povos que em todo o mundo lutam por sua liberdade e independência nacional.

O Comitê Regional do Paraná do Partido Comunista do Brasil saúda e solidariza-se inteiramente com o Comitê Central do Partido, pela justa orientação marxista-leninista que vem imprimindo ao nosso Partido, principalmente no momento atual, em que os imperialistas norte-americanos, embora sem nenhum êxito, tentam dividir o movimento comunista mundial e o nosso Partido. O Comitê Regional do Paraná, por outro lado, aproveita a oportunidade para hipotecar a sua mais irrestrita solidariedade aos camaradas do Comitê Central especialmente ao querido camarada Prestes, na luta que travam contra os elementos divisionistas e oportunistas que tudo farem para ferir o que há de mais caro em nosso Partido, a sua unidade monolítica em tôrno do Comitê Central.

Ao ensejo do 35.º aniversário de nosso Partido, conclamamos a todos os militantes do Partido a festejar de tôdas as formas possíveis e com o mais redobrado vigor essa importante data de nosso povo, pois assim daremos uma prova da unidade férrea de nossas fileiras, tão odiada pelos nossos inimigos externos e internos.

Conclamamos, também, as massas trabalhadoras e o povo em geral a se unir cada vez mais em tôrno das palavras-de-ordem de nosso Partido, reforçando sua unidade e organização, para deter a ofensiva feroz do imperialismo norte-americano em nossa Pátria, pôr um paradeiro na carestia de vida e defender as liberdades democráticas e sindicais.

Todo nosso apoio aos povos que constroem o socialismo, particularmente à União Soviética, baluarte da Paz no mundo inteiro!

Viva o Comitê Central de nosso Partido!

Viva o camarada Prestes, Cavaleiro da Esperança do povo brasileiro!

Salve o 35.º aniversário do Partido Comunista do Brasil!

O COMITÊ REGIONAL DO PARANÁ DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Cavaleiro da Esperança

ARQUIVO PÚBLICO PARANÁ

Tribuna do Povo

DIRETOR: HERMÓGENES LAZIER

ANO VIII ★ CURITIBA, 24 DE MARÇO DE 1957 ★ Número 493

Artigos da Página Comemorativa do 35.º Aniversário do PCB
O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, LUIZ CARLOS PRESTES E O CULTO À PERSONALIDADE.

35 ANOS DE SERVIÇOS INESTIMÁVEIS À CLASSE OPERARIA

SETE LUSTROS DE LUTAS E VITÓRIAS

Fotografia 7. Primeira página da *Tribuna do Povo*, jornal que ocupou o lugar do antigo *Jornal do Povo*, Manchete do XXXV aniversário do Partido Comunista do Brasil. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.276, tomo 255.

Fotografia 8. Fundação da Liga Camponesa de Água do Monjolo, movimento dirigido por Newton Câmara e Manoel Jacinto Corrêa, entre outros, do comitê do PCB no Norte do Paraná. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.282, tomo 150.

ATENÇÃO ELEITORES

VOCÊ PROPRIETARIO!
quer ficar sem as suas terras?

Você TRABALHADOR!
quer ficar sem a sua familia?

Vota no Partido Trabalhista, que está junto com o **Partido Comunista,** que acaba com o **lar,** a **liberdade** e a **religião.**

Votar com ADALBERTO é votar com o comunismo.

Muito cuidado, com eles.

Fotografia 9. Panfleto com propaganda anticomunista contra o candidato Adalberto (PTB-PR), no qual se denuncia sua aliança com o PCB-PR. Arquivo Público do Paraná/ Fundo DOPS. Pasta 1.468a, tomo 174.

MUNICÍPIO DE CURITIBA

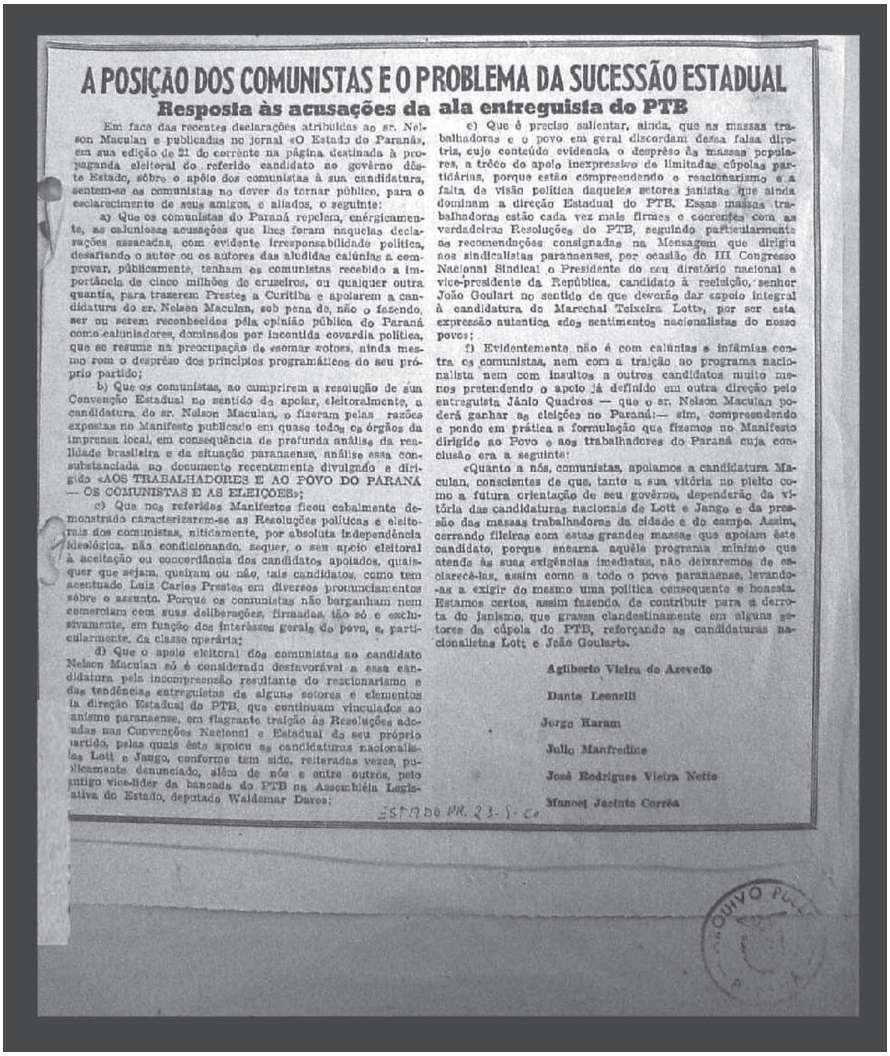
Partido Social Trabalhista

Para Vereador

Maria Olimpia Carneiro

Fotografia 10. Panfleto de campanha de Maria Olímpia Carneiro para a Câmara Municipal de Curitiba em 1947. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.630, tomo 427.

Fotografia 11. Pichação em Curitiba em apoio à Constituição da Frente Democrática de Libertação Nacional criada em 1950 e que tinha Prestes à frente. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.468a, tomo 174.



A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS E O PROBLEMA DA SUCESSÃO ESTADUAL

Resposta às acusações da ala entreguista do PTB

Em face das recentes declarações atribuídas ao sr. Nelson Maculan e publicadas no jornal «O Estado do Paraná», em sua edição de 21 do corrente na página destinada à propaganda eleitoral do referido candidato ao govêrno dêste Estado, sôbre o apôio dos comunistas à sua candidatura, sentem-se os comunistas no dever de tornar público, para o esclarecimento de seus amigos, e aliados, o seguinte:

a) Que os comunistas do Paraná repelem, enérgicamente, as calunioseas acusações que lhes foram naquelas declarações assacadas, com evidente irresponsabilidade política, desafiando o autor ou os autores das aludidas calúnias a comprovar, pùblicamente, tenham os comunistas recebido a importância de cinco milhões de cruzeiros, ou qualquer outra quantia, para trazerem Prestes a Curitiba e apoiarem a candidatura do sr. Nelson Maculan, sob pena de, não o fazendo, ser ou serem reconhecidos pela opinião pública do Paraná como calunidores, dominados por incontida covardia política, que se resume na preocupação de esconder autores, ainda mesmo com o desprêzo dos princípios programáticos do seu próprio partido;

b) Que os comunistas, ao cumprirem a resolução de sua Convenção Estadual no sentido de apoiar, eleitoralmente, a candidatura do sr. Nelson Maculan, o fizeram pelas razões expostas no Manifesto publicado em quase todos os órgãos da imprensa local, em consequência de profunda análise da realidade brasileira e da situação paranaense, análise essa consubstanciada no documento recentemente divulgado e dirigido «AOS TRABALHADORES E AO POVO DO PARANÁ — OS COMUNISTAS E AS ELEIÇÕES»;

c) Que nos referidos Manifestos ficou cabalmente demonstrado caracterizarem-se as Resoluções políticas e eleitorais dos comunistas, nitidamente, por absoluta independência ideológica, não condicionando, sequer, o seu apoio eleitoral à aceitação ou concordância dos candidatos apoiados, quaisquer que sejam, queiram ou não, tais candidatos, como tem acentuado Luiz Carlos Prestes em diversos pronunciamentos sôbre o assunto. Porque os comunistas não barganham nem comerciam com suas deliberações, firmadas, tão só e exclusivamente, em função dos interêsses gerais do povo, e, particularmente, da classe operária;

d) Que o apoio eleitoral dos comunistas ao candidato Nelson Maculan só é considerado desfavorável a essa candidatura pela incompreensão resultante do reacionarismo e das tendências entreguistas de alguns setores e elementos da direção Estadual do PTB, que continuam vinculados ao anismo paranaense, em flagrante traição às Resoluções adotadas nas Convenções Nacional e Estadual do seu próprio partido, pelas quais êste apoiou as candidaturas nacionalistas Lott e Jango, conforme tem sido, reiteradas vezes, publicamente denunciado, além de nós e entre outros, pelo antigo vice-líder da bancada do PTB na Assembléia Legislativa do Estado, deputado Waldemar Daros;

e) Que é preciso salientar, ainda, que as massas trabalhadoras e o povo em geral discordam dessa falsa diretria, cujo conteúdo evidencia o desprêso às massas populares, a trêco do apoio inexpressivo de limitadas cúpolas partidárias, porque estão compreendendo o reacionarismo e a falta de visão política daqueles setores janistas que ainda dominam a direção Estadual do PTB. Essas massas trabalhadoras estão cada vez mais firmes e coerentes com as verdadeiras Resoluções do PTB, seguindo particularmente as recomendações consignadas na Mensagem que dirigiu aos sindicalistas paranaenses, por ocasião do III Congresso Nacional Sindical o Presidente do seu diretório nacional e vice-presidente da República, candidato à reeleição, senhor João Goulart no sentido de que deverão dar apoio integral à candidatura do Marechal Teixeira Lott», por ser esta expressão autentica dos sentimentos nacionalistas do nosso povo;

f) Evidentemente não é com calúnias e infâmias contra os comunistas, nem com a traição ao programa nacionalista nem com insultos a outros candidatos muito menos pretendendo o apoio já definido em outra direção pelo entreguista Jânio Quadros — que o sr. Nelson Maculan poderá ganhar as eleições no Paraná:— sim, compreendendo e pondo em prática a formulação que fizemos no Manifesto dirigido ao Povo e aos trabalhadores do Paraná cuja conclusão era a seguinte:

«Quanto a nós, comunistas, apoiamos a candidatura Maculan, conscientes de que, tanto a sua vitória no pleito como a futura orientação de seu govêrno, dependerão da vitória das candidaturas nacionais de Lott e Jango e da pressão das massas trabalhadoras da cidade e do campo. Assim, cerrando fileiras com estas grandes massas que apoiam êste candidato, porque encarna aquêle programa mínimo que atende às suas exigências imediatas, não deixaremos de esclarecê-las, assim como a todo o povo paranaense, levando-as a exigir do mesmo uma política consequente e honesta. Estamos certos, assim fazendo, de contribuir para a derrota do janismo, que grassa clandestinamente em alguns setores da cúpola do PTB, reforçando as candidaturas nacionalistas Lott e João Goulart».

Agliberto Vieira de Azevedo

Dante Leonelli

Jorge Karam

Julio Manfredine

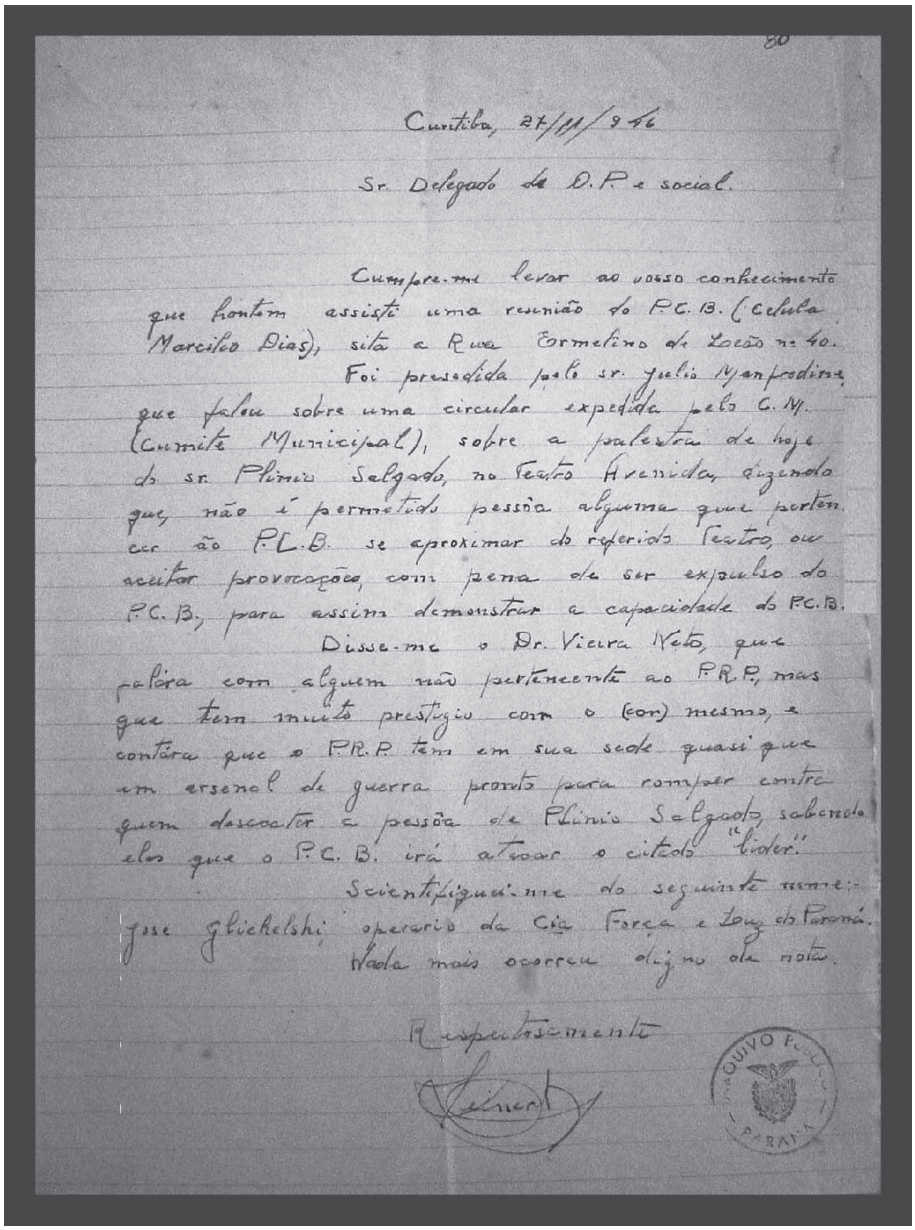
José Rodrigues Vieira Netto

Manoel Jacinto Corrêa

ESTADO PR. 23-1-62

Fotografia 12. Posição dos comunistas em relação às eleições estaduais de 1961 e suas críticas ao PTB. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.477, tomo 177.

Fotografia 13. Reunião da Comissão Executiva do Partido Comunista no Paraná. Da esquerda para a direita: José Rodrigues Vieira Netto, Elias Neves de Miranda (parcialmente encoberto), Dario Prinz (em pé), Walfrido Previde, Aureliano Matos Moura e a esposa do Doutor Coronato. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.746, tomo 434.



80

Curitiba, 27/11/946

Sr. Delegado da D.P. e social.

Cumpre-me levar ao vosso conhecimento que hontem assisti uma reunião do P.C.B. (Celula Marcilio Dias), sita a Rua Carmelino de Leão nº 40.

Foi presedida pelo sr. Julio Manfredina que falou sobre uma circular expedida pelo C.M. (Comite Municipal), sobre a palestra de hoje do sr. Plinio Salgado, no Teatro Avenida, dizendo que, não é permetido pessoa alguma que pertencer ao P.C.B. se aproximar do referido Teatro, ou aceitar provocações, com pena de ser expulso do P.C.B., para assim demonstrar a capacidade do P.C.B.

Disse-me o Dr. Vieira Neto, que palôra com alguem não pertencente ao P.R.P., mas que tem muito prestigio com o (eor) mesmo, e contára que o P.R.P. tem em sua sede quasi que um arsenal de guerra pronto para compor contra quem descontar a pessôa de Plinio Salgado, sabendo eles que o P.C.B. irá atacar o citado "lider".

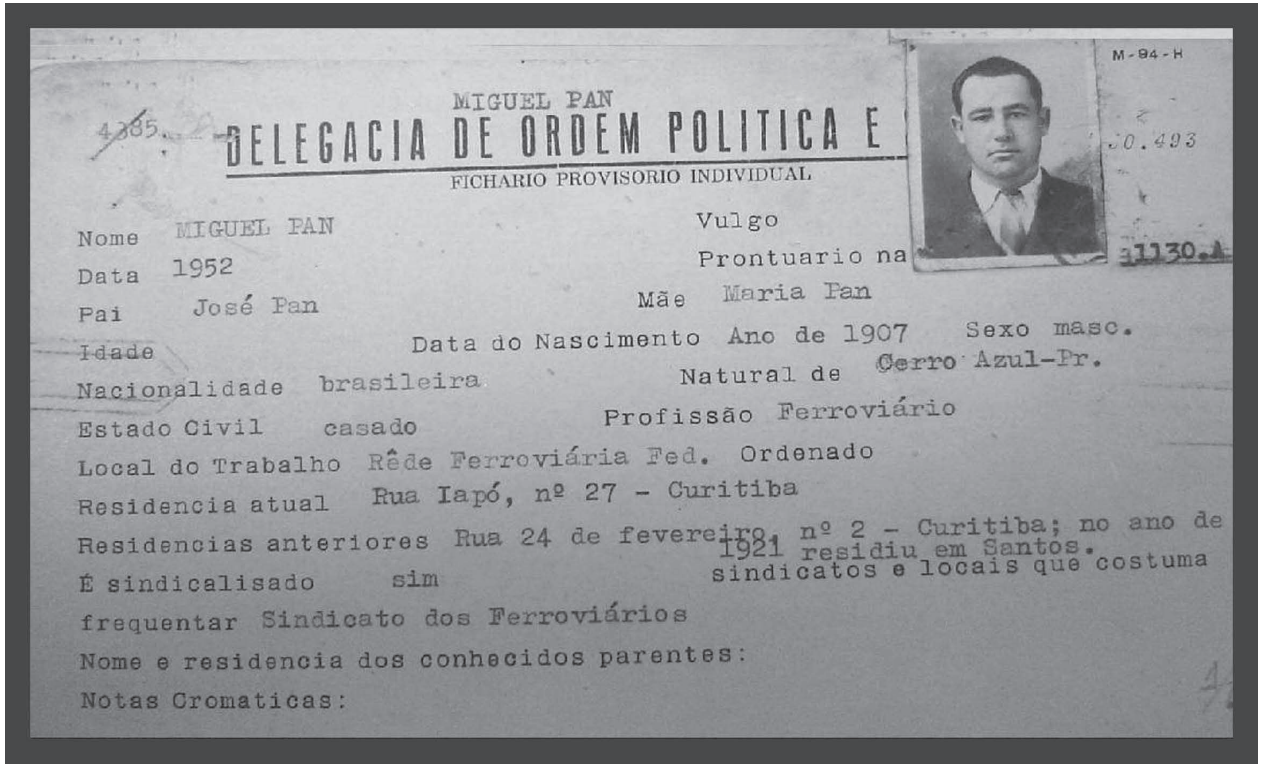
Scientifiquei-me do seguinte nome: Jose Glichelshi operario da Cia Força e Luz do Paraná.

Nada mais ocorreu digno de nota.

Respectosamente

ARQUIVO PÚBLICO PARANÁ

Fotografia 14. Carta de um agente infiltrado na reunião de célula do Partido, já legalizado, em novembro de 1946. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.468e, tomo 175.



MIGUEL PAN

4385.

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E

FICHARIO PROVISORIO INDIVIDUAL

M-94-H

30.493

31130.A

Nome MIGUEL PAN Vulgo

Data 1952 Prontuario na

Pai José Pan Mãe Maria Pan

Idade Data do Nascimento Ano de 1907 Sexo masc.

Nacionalidade brasileira Natural de Cerro Azul-Pr.

Estado Civil casado Profissão Ferroviário

Local do Trabalho Rêde Ferroviária Fed. Ordenado

Residencia atual Rua Iapó, nº 27 - Curitiba

Residencias anteriores Rua 24 de fevereiro, nº 2 - Curitiba; no ano de 1921 residiu em Santos.

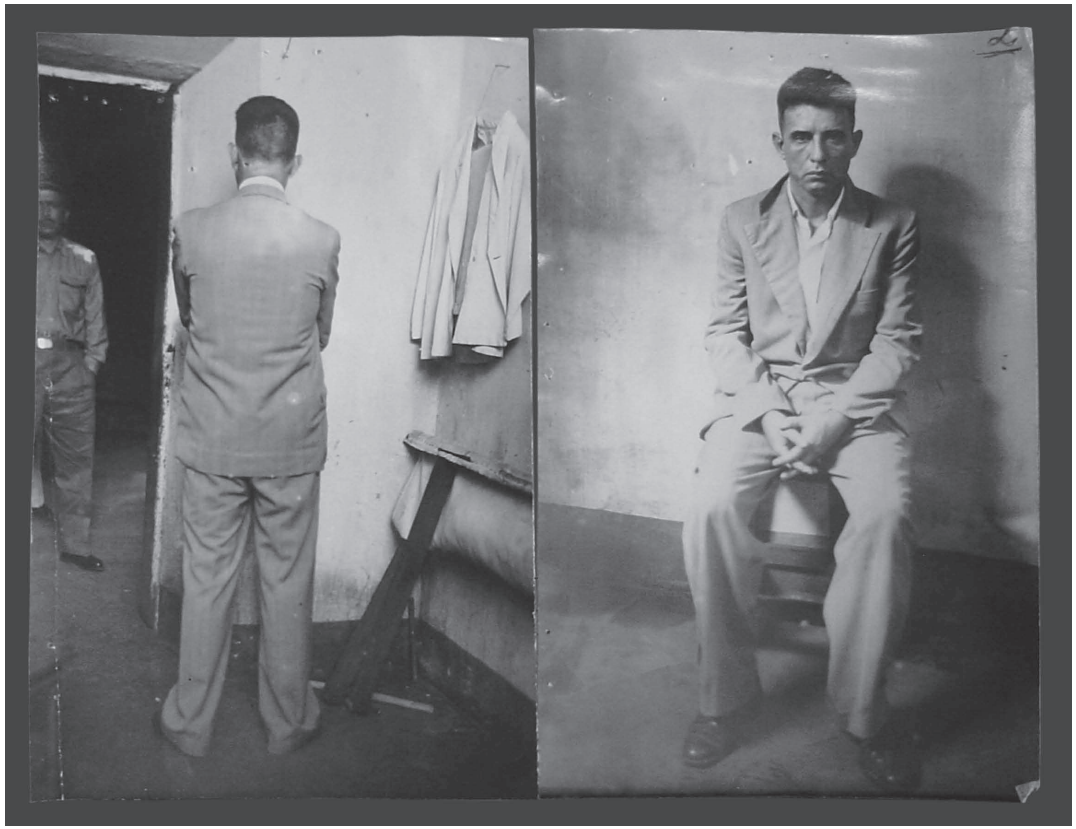
É sindicalisado sim sindicatos e locais que costuma

frequentar Sindicato dos Ferroviários

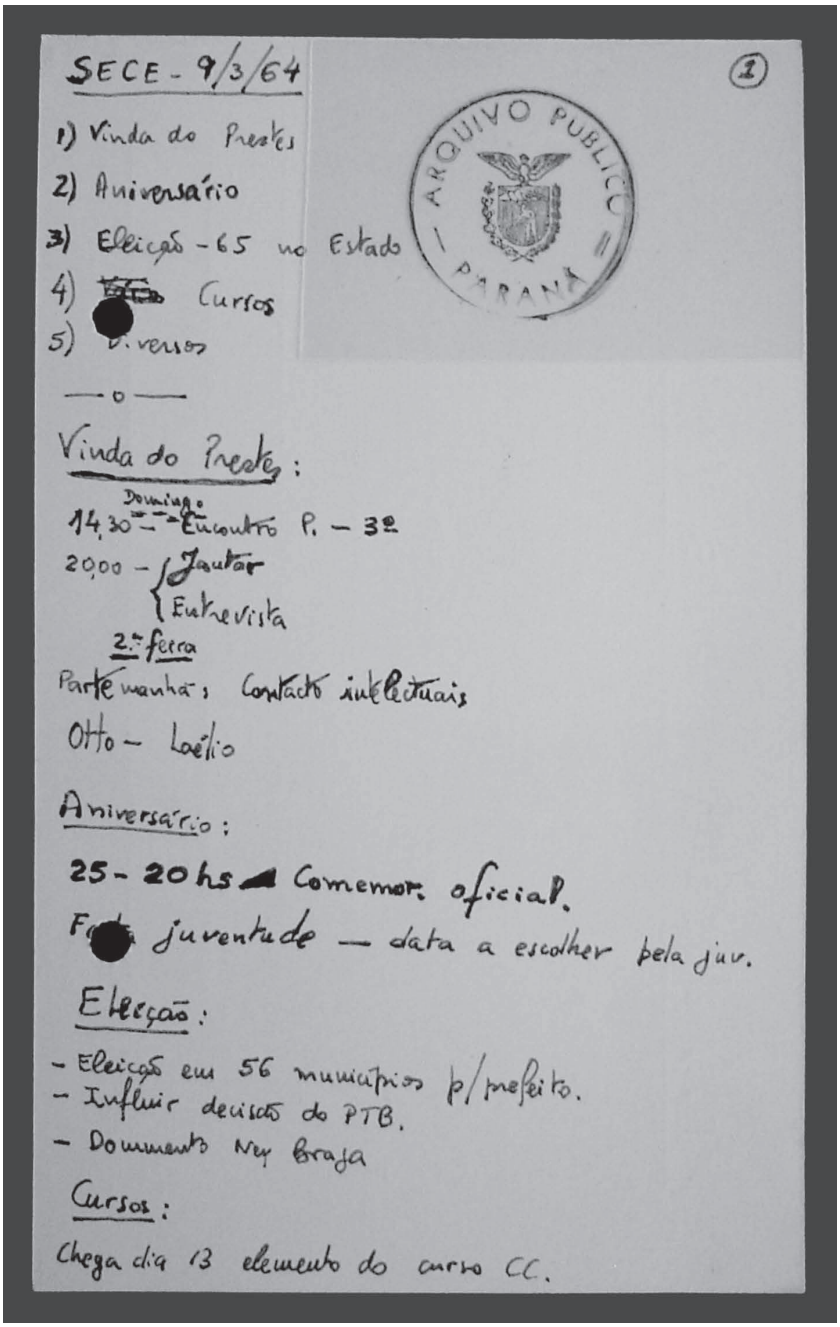
Nome e residencia dos conhecidos parentes:

Notas Cromaticas:

Fotografia 15. Ficha de Registro na Delegacia de Ordem Política e Social n. 30.493 do ferroviário Miguel Pan, dirigente da Associação dos Ferroviários do Paraná e Santa Catarina e membro da direção no PCB-PR na década de 1950. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.746, tomo 434.



Fotografia 16. Agliberto Vieira de Azevedo em uma cela do presídio do Ahú (em Curitiba - PR) em 1964. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 081, tomo 277.



SECE - 9/3/64 (1)

1) Vinda do Prestes
2) Aniversário
3) Eleição - 65 no Estado
4) Cursos
5) Diversos

— o —

Vinda do Prestes:

Domingo
14,30 — Encontro P. — 3ª
20,00 — Jantar / Entrevista

2ª feira
Parte manhã: Contacto intelectuais
Otto — Laélio

Aniversário:

25 - 20 hs Comemor. oficial.
Festa juventude — data a escolher pela juv.

Eleição:

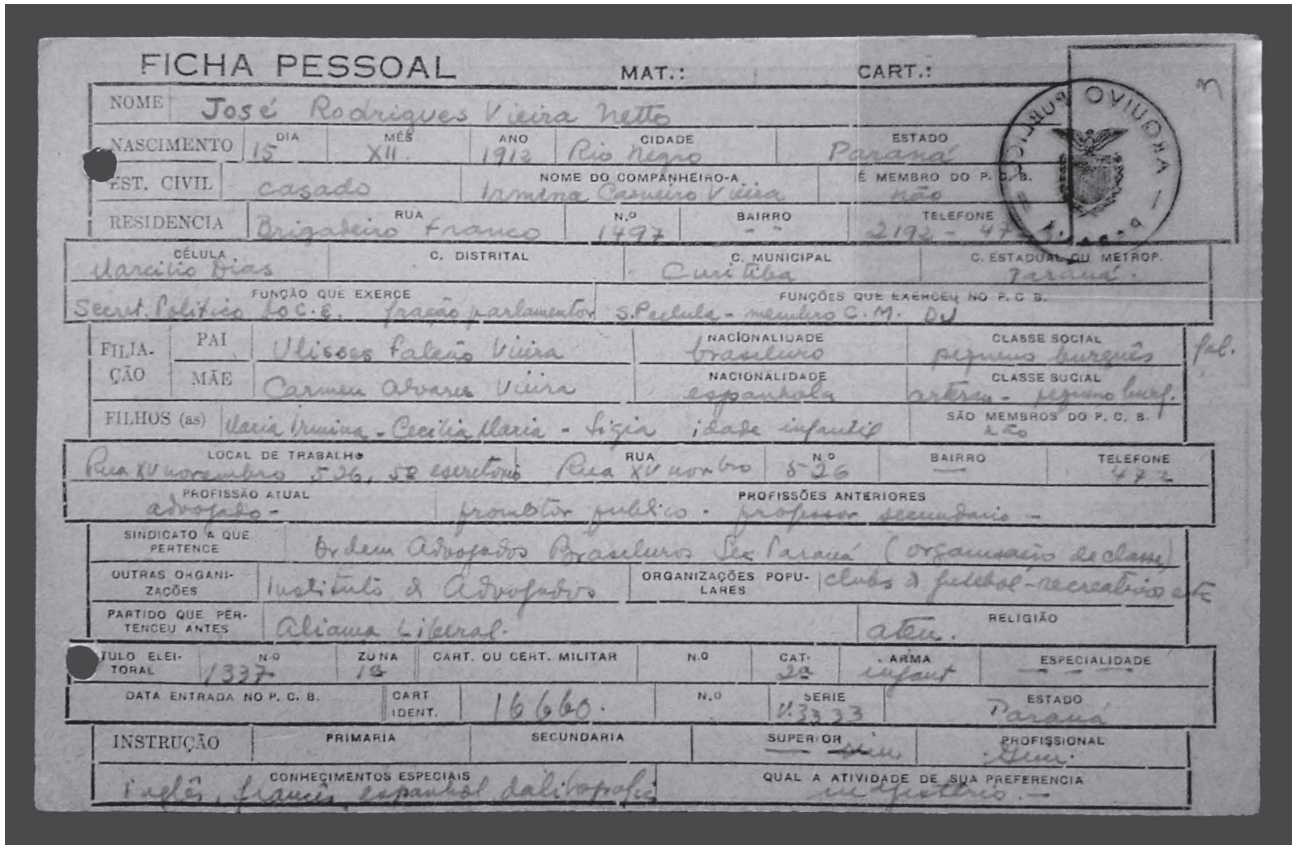
- Eleição em 56 municípios p/prefeito.
- Influir decisão do PTB.
- Documento Ney Braga

Cursos:

Chega dia 13 elemento do curso CC.

ARQUIVO PÚBLICO PARANÁ

Fotografia 17. Página da caderneta pessoal de José Rodrigues Vieira Netto que trata, dentre outras coisas, da vinda de Prestes ao Paraná dias antes do golpe de 1964. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.193 e 94, tomo 400.



FICHA PESSOAL MAT.: CART.:

NOME: José Rodrigues Vieira Netto

NASCIMENTO: DIA 15 | MÊS XII | ANO 1912 | CIDADE Rio Negro | ESTADO Paraná

EST. CIVIL: casado | NOME DO COMPANHEIRO-A: Irmina Carneiro Vieira | É MEMBRO DO P. C. B.: não

RESIDENCIA: RUA Brigadeiro Franco | N.º 1497 | BAIRRO - - | TELEFONE 2192 - 47

CÉLULA: Narcilio Dias | C. DISTRITAL | C. MUNICIPAL: Curitiba | C. ESTADUAL OU METROP.: Paraná

FUNÇÃO QUE EXERCE: Secret. Político do C.E. fração parlamentar | FUNÇÕES QUE EXERCEU NO P. C. B.: S. Célula - membro C.M. DU

FILIAÇÃO — PAI: Ulisses Falcão Vieira | NACIONALIDADE: brasileiro | CLASSE SOCIAL: pequeno burguês

MÃE: Carmen Alvares Vieira | NACIONALIDADE: espanhola | CLASSE SOCIAL: artesã - pequeno burg.

FILHOS (as): Maria Irmina - Cecília Maria - Sigia idade infantil | SÃO MEMBROS DO P. C. B.: não

LOCAL DE TRABALHO: Rua XV novembro 526, 5º escritório | RUA: Rua XV novembro | N.º 526 | BAIRRO | TELEFONE 472

PROFISSÃO ATUAL: advogado - | PROFISSÕES ANTERIORES: promotor público - professor secundario -

SINDICATO A QUE PERTENCE: Ordem Advogados Brasileiros Seção Paraná (organização de classe)

OUTRAS ORGANIZAÇÕES: Instituto de Advogados | ORGANIZAÇÕES POPULARES: clubes de futebol-recreativos etc

PARTIDO QUE PERTENCEU ANTES: Aliança Liberal | RELIGIÃO: ateu.

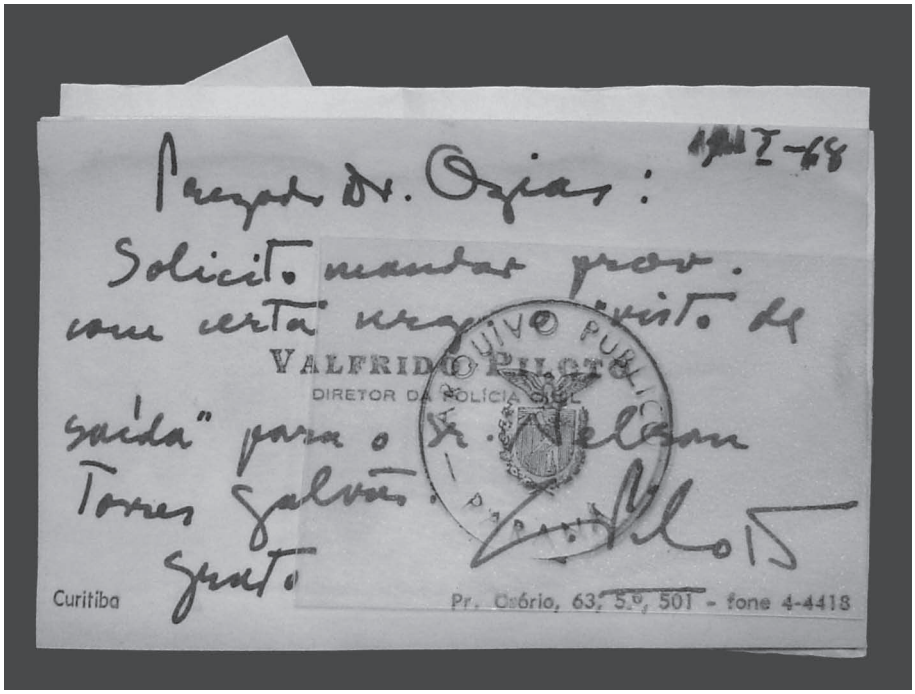
TÍTULO ELEITORAL: N.º 1337 | ZONA 18 | CART. OU CERT. MILITAR | N.º | CAT. 22 | ARMA infant | ESPECIALIDADE

DATA ENTRADA NO P. C. B. | CART. IDENT. 16660. | N.º | SERIE 43333 | ESTADO Paraná

INSTRUÇÃO | PRIMARIA | SECUNDARIA | SUPERIOR Sim | PROFISSIONAL Sim.

CONHECIMENTOS ESPECIAIS: inglês, francês, espanhol dactilografia | QUAL A ATIVIDADE DE SUA PREFERENCIA: escritório.

Fotografia 18. Ficha de filiação de José Rodrigues Vieira Netto ao PCB-PR. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.193 e 94, tomo 400.



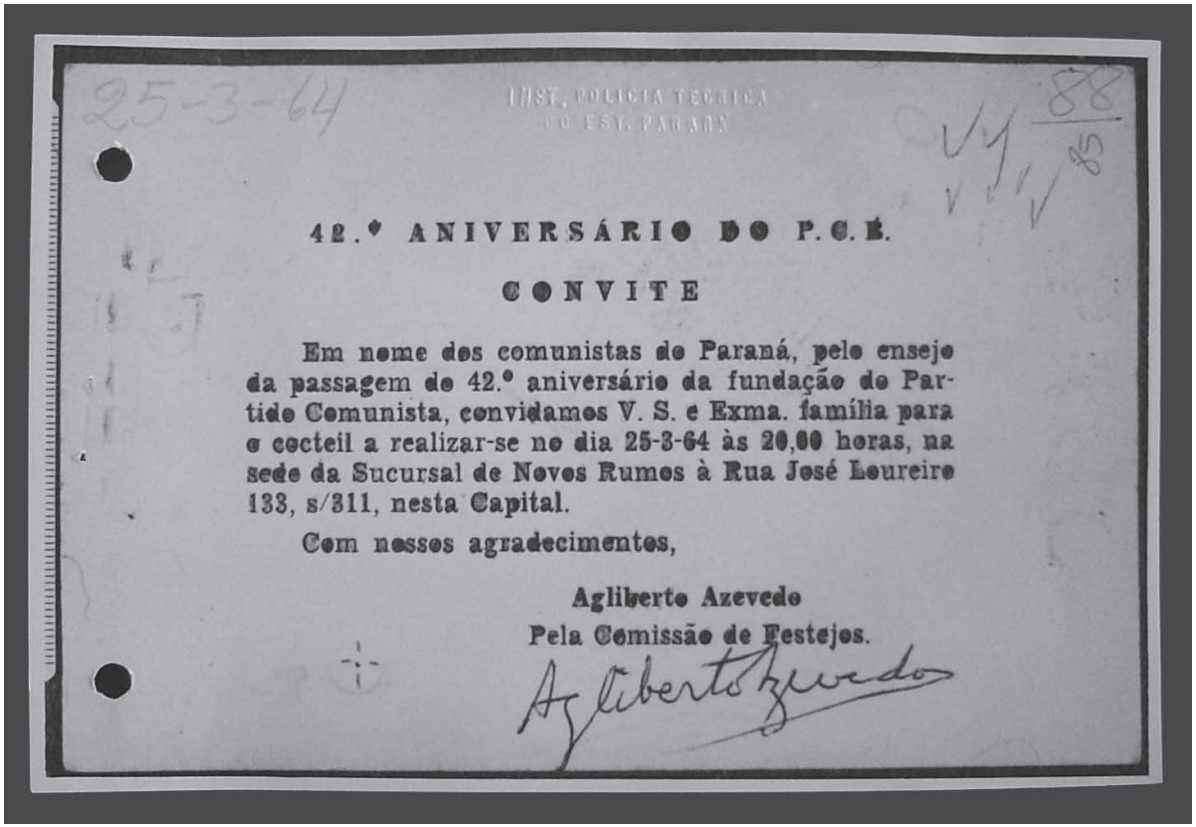
Fotografia 19. Bilhete do Diretor de Polícia Valfrido Piloto, solicitando visto de saída do País para Nelson Torres Galvão. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 15.566-a/15.566-2-a/02.

Fotografia 20. Dirigentes estaduais do Partido Comunista no Paraná, Joaquim Moschel e Manoel Jacinto Corrêa, candidatos a deputados estaduais nas eleições de 1950 pela Frente Democrática de Libertação Nacional. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.802, tomo 437.

Fotografia 21. Manoel Jacinto Correia, dirigente comunista e vereador em Londrina – PR. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.544, tomo 422.

Fotografia 22. Flávio Ribeiro, advogado que atuou no PCB do Paraná entre os anos de 1945 e 1970, um dos comunistas de mais longa trajetória dentro do Partido. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 1.216, tomo 341.

Fotografia 23. Trabalhadores da Editora e Gráfica Lítero-Técnica, de propriedade do dirigente comunista Orlando Ceccon, onde era rodado o semanário do Partido *Tribuna do Povo*. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.958, tomo 447.



25-3-64

INST. POLICIA TECNICA DO EST. PARANÁ

88

42.º ANIVERSÁRIO DO P.C.B.

CONVITE

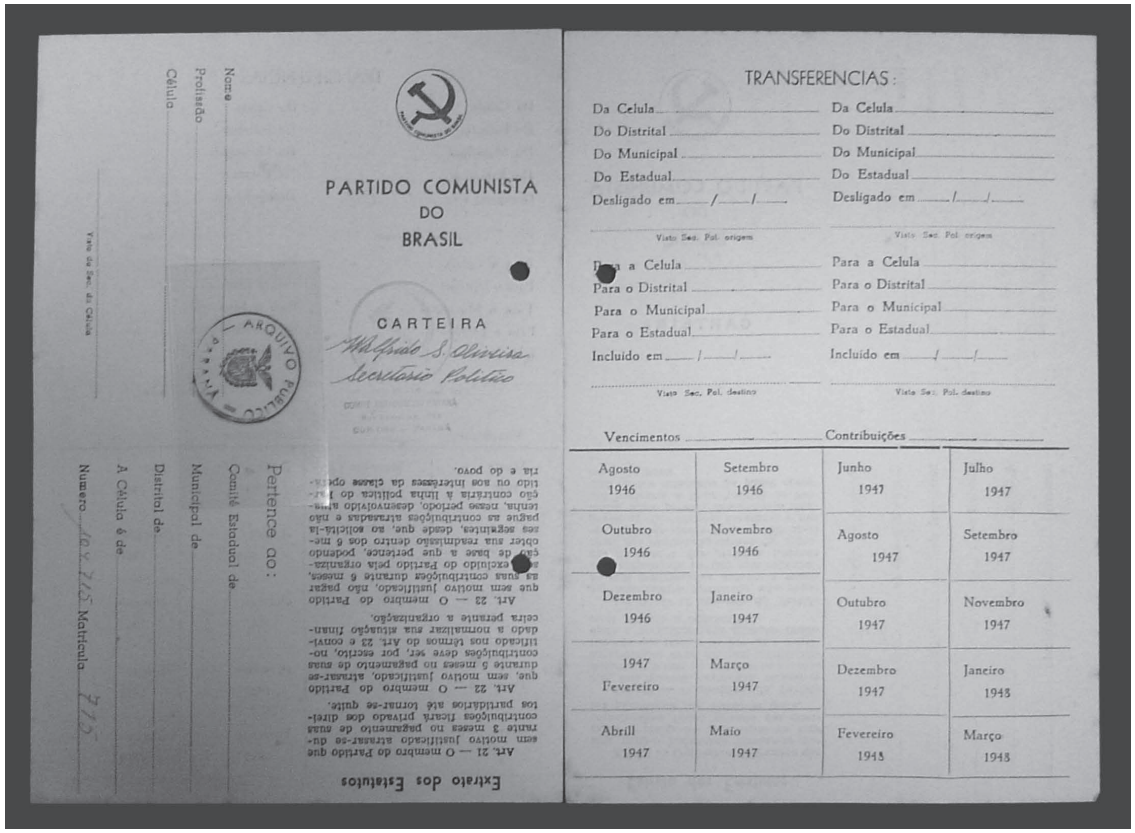
Em nome dos comunistas do Paraná, pelo ensejo da passagem do 42.º aniversário da fundação do Partido Comunista, convidamos V. S. e Exma. família para o cocteil a realizar-se no dia 25-3-64 às 20,00 horas, na sede da Sucursal de Novos Rumos à Rua José Loureiro 133, s/311, nesta Capital.

Com nossos agradecimentos,

Agliberto Azevedo
Pela Comissão de Festejos.

Agliberto Azevedo

Fotografia 24. Convite para a comemoração dos 42 anos de existência do PCB assinado pelo Secretário Geral do Partido, Agliberto Vieira de Azevedo. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 081, tomo 277.



PARTIDO COMUNISTA
DO
BRASIL

CARTEIRA

Secretario Político

Extrato dos Estatutos

Art. 21 — O membro do Partido que sem motivo justificado atrasar-se durante 3 meses no pagamento de suas contribuições ficará privado dos direitos partidários até tornar-se quite.

Art. 22 — O membro do Partido que, sem motivo justificado, atrasar-se durante 5 meses no pagamento de suas contribuições deve ser, por escrito, notificado nos têrmos do Art. 23 e convidado a normalizar sua situação financeira perante a organização.

Art. 23 — O membro do Partido que sem motivo justificado, não pagar as suas contribuições durante 6 meses, será excluido do Partido pela organização de base a que pertence, podendo obter sua readmissão dentro dos 6 meses seguintes, desde que, ao solicita-la pague as contribuições atrasadas e não tenha, nesse período, desenvolvido atividade contrária à linha política do Partido ou aos interesses da classe operária e do povo.

Pertence ao:

Comité Estadual de

Municipal de

Distrito de

À Célula é de

Nuzero Matricula

Nome

Profissão

Célula

Visto do Sec. da Célula

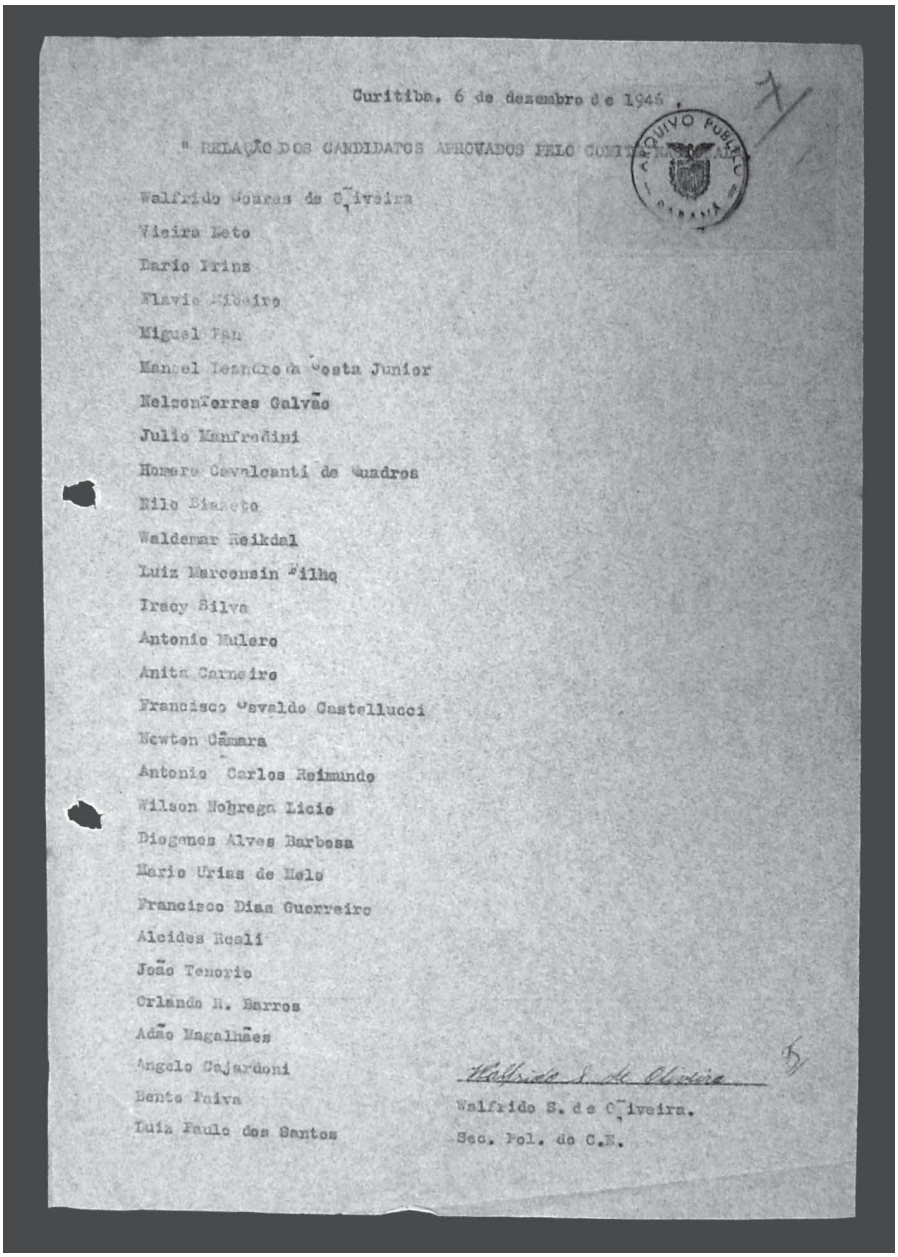
TRANSFERENCIAS:

Da Celula	Da Celula
Do Distrital	Do Distrital
Do Municipal	Do Municipal
Do Estadual	Do Estadual
Desligado em / /	Desligado em / /
Visto Sec. Pol. origem	Visto Sec. Pol. origem
Para a Celula	Para a Celula
Para o Distrital	Para o Distrital
Para o Municipal	Para o Municipal
Para o Estadual	Para o Estadual
Incluido em / /	Incluido em / /
Visto Sec. Pol. destino	Visto Sec. Pol. destino

Vencimentos Contribuições

Agosto 1946	Setembro 1946	Junho 1947	Julho 1947
Outubro 1946	Novembro 1946	Agosto 1947	Setembro 1947
Dezembro 1946	Janeiro 1947	Outubro 1947	Novembro 1947
1947 Fevereiro	Março 1947	Dezembro 1947	Janeiro 1948
Abrill 1947	Maio 1947	Fevereiro 1948	Março 1948

Fotografia 25. Relação dos candidatos do Paraná à eleição para a Assembléia Constituinte de 1946, apresentada pelo Comitê Estadual do PCB e aprovada pelo Comitê Central do Partido. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.193 e 2.194, tomo 400.



Curitiba, 6 de dezembro de 1945.

" RELAÇÃO DOS CANDIDATOS APROVADOS PELO COMITÊ

Walfrido Soares de Oliveira
Vieira Leto
Dario Prinz
Flavio Vieira
Miguel Pan
Manoel Leandro da Costa Junior
Nelson Torres Galvão
Julio Manfredini
Homero Cavalcanti de Quadros
Nilo Bizzeto
Waldemar Reikdal
Luiz Marconsin Filho
Iracy Silva
Antonio Mulero
Anita Carneiro
Francisco Osvaldo Castellucci
Newton Câmara
Antonio Carlos Reimundo
Wilson Nobrega Licio
Diogenes Alves Barbosa
Mario Urias de Melo
Francisco Dias Guerreiro
Alcides Reali
João Tenorio
Orlando R. Barros
Adão Magalhães
Angelo Cajardoni
Bento Paiva
Luiz Paulo dos Santos

Walfrido S. de Oliveira
Walfrido S. de Oliveira.
Sec. Pol. do C.E.

Fotografia 26. Ficha de controle de filiados e das finanças do PCB. Arquivo Público do Paraná/Fundo DOPS. Pasta 2.193 e 2.194, tomo 400.

Roteiro

Questões para os dirigentes do Partido Comunista do Brasil no Paraná.

O senhor participou dos quadros de dirigentes do Partido Comunista, aqui no Paraná, desde a segunda metade da década de 1940. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a sua história e a história do Partido no período que vai de 1945 até o golpe político-militar de 1964.

[BLOCO 1]

A trajetória política

1. Qual foi a trajetória política seguida pelo senhor até sua entrada no PCB, e dentro dele, quais posições o senhor ocupou?

2. Como foi sua trajetória política no período 1945-1964?

3. De quais associações de classe o senhor participou nesse período?

4. O PCB viveu, entre 1945 e 1964, várias crises internas. No início da década de sessenta, houve uma divisão importante no PCB. Aqui no Paraná essas cisões também se reproduziram? Que grupos resultaram dessas divisões? Com que grupo o senhor mais se identificava?

[BLOCO 2]

A organização do Partido Comunista no Paraná

[O PCB em âmbito nacional]

1. Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre o PCB nas seguintes fases da política brasileira: o primeiro Governo Vargas (1930-1945); a Intentona Comunista (1935); o Estado Novo (1937-1945); o golpe de Estado de 1964. Como os comunistas viveram esses períodos?

[O PCB em âmbito estadual]

[História]

2. Não existem, na literatura especializada, registros documentais ou análises muito extensas sobre a história do movimento comunista no estado. Desde

quando o senhor tem conhecimento da existência da organização dos comunistas e, especificamente, do Partido Comunista no Paraná?

3. O senhor poderia destacar alguns nomes que tiveram maior destaque nas fileiras partidárias assim como certos eventos que considera mais importantes para ajudar a reconstruir a história do Partido Comunista no Paraná?

4. Em 1937, Getúlio Vargas deu um golpe e implantou a ditadura do Estado Novo que desmontou a estrutura organizacional e política do PCB no Brasil. No Paraná, quais foram os reflexos desse golpe para o Partido?

5. Entre 1945 e 1964 existiam aqui no Paraná outros setores que disputavam a hegemonia dos movimentos de esquerda com o PCB? Quais eram eles e quem eram suas principais lideranças?

6. Quais eram, neste período, as principais bandeiras regionais levantadas pelos setores progressistas e de esquerda? E quais as influências externas (tanto nacionais como internacionais) que o Partido aqui no Paraná sofria?

[Organização/atuação do Partido]

7. Gostaríamos que o senhor mencionasse em que cidades o PCB estava organizado aqui no Paraná? Quais eram os principais dirigentes municipais do PCB no estado? Que militantes o senhor considera mais destacados nessa época?

8. O senhor se lembra qual era a composição dos diretórios regionais quando fazia parte deles. E os que o sucederam?

9. Entre 1945 e 1964 foram destacados, pelo Diretório Nacional, diversos dirigentes para comandar o Partido aqui no Paraná. Por que esses dirigentes foram indicados? Qual a importância desses dirigentes vindos pelas mãos do Comitê Central?

10. Com a legalidade, o PCB elegeu pela primeira vez seus representantes no estado. Quem foram eles?

11. Depois de 1947 o Partido continuou atuando politicamente através de mandatos exercidos por comunistas sob outras legendas. Quem foram esses parlamentares? Quais foram as posições políticas do Partido no legislativo no exercício desses mandatos?

12. Quais eram as entidades e sindicatos, além de certos movimentos sociais organizados, que seguiam a orientação política do PCB no Paraná? E quais faziam parte do campo de influência do Partido?

13. Pelo pouco que se conhece da história do PCB do Paraná, dava-se bastante ênfase a três questões: imprensa, organização das bases e questão financeira. Na sua opinião, como funcionaram esses três setores?

14. Entre 1945 e 1947 o PCB viveu um curto período de legalidade. De novo na clandestinidade, o Partido conseguiu manter diversos órgãos da imprensa comunista. Como esses órgãos de imprensa eram sustentados?

Editora UFPR

Este livro foi composto em Garamond, corpo 21, 18, 16, 11, 9 e 8, impresso em off-set, em papel pólen soft 80 g/m² para o miolo, e papel cartão supremo 250 g/m² para a capa, pela Gráfica Graciosa (Curitiba - PR), para a Editora UFPR, em janeiro de 2009.